

FRANCISCO TEIXEIRA DE QUEIRÓS

CARTAS ÍNTIMAS  
DE  
ANTÓNIO FEIJÓ

COIMBRA — 1961

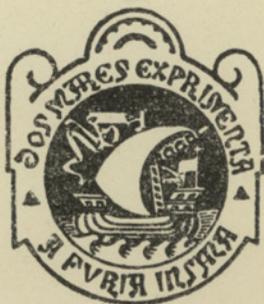




CARTAS ÍNTIMAS  
DE  
ANTÓNIO FEIJÓ



CARTAS INTIMAS  
ANTONIO FELLO



Separata de O INSTITUTO, vol. 123.º

---

Tip. da Coimbra Editora, Limitada  
COIMBRA

FRANCISCO TEIXEIRA DE QUEIRÓS

CARTAS ÍNTIMAS  
DE  
ANTÓNIO FEIJÓ

COIMBRA - 1961



~~22~~  
16649

B. N. L.  
DEPOSITO LEGAL  
270760 \*12.VIII.63

CARTAS ÍNTIMAS  
DE  
ANTÔNIO FEILLO

Composição e impressão  
COIMBRA EDITORA. LDA

## CARTAS ÍNTIMAS DE ANTÓNIO FEIJÓ

*As cartas que o poeta António Feijó, entre 1880 e 1892, dirigiu a seu irmão José Joaquim de Castro Feijó, notável advogado, primeiro nos auditórios de Ponte de Lima, depois nos de Viana do Castelo, vão, por graciosa concessão dos seus descendentes, preencher este número de O Instituto e constituir a segunda colectânea das cartas do Poeta que nos tem sido dado arquivar na letra de forma e assim concorrer para que se não percam documentos preciosos para a Pequena História de uma época de latente e activa fermentação de paixões políticas e de positivas e progressivas transformações sociais. Por isso, apesar de familiar e muito íntima, deve prender a atenção do leitor.*

*Dessa actividade do Poeta perdeu-se já há muito a correspondência que dirigira a Mgr. Pereira Lima, o venerando sacerdote limiano seu constante amigo, pelos escrúpulos da parente mais próxima do eminente eclesiástico e sua herdeira a levarem a destruir pelo fogo, mesmo sem dela tomar conhecimento, a numerosa colecção de cartas que encontrara.*

*Obedecendo certamente a uma disposição natural do seu temperamento affectuoso e comunicativo e ainda por um poder espontâneo de síntese para retratar as pessoas e apreciar os acontecimentos, o Poeta foi — como várias vezes temos accentuado já — um epistológrafo admirável, sedutor pela comunicabilidade fácil do pensamento, pela viveza da forma acessível, pela clareza e simplicidade e fluência da maneira despretençiosa do dizer.*

*Desde sempre as suas cartas tiveram tal encanto que muitos dos seus correspondentes, além deste irmão, entenderam*

dever dar-lhes as honras de arquivo. É que desde cedo, para António Feijó, escrever aos amigos não era a fútil tarefa de preencher com banalidades laudas de papel. Logo numa das primeiras cartas que nos vem do começo do seu perpétuo exílio de diplomata, ele nos diz: «Li com o mais vivo prazer a sua carta. É extremamente agradável para nós, tristes exilados nestes países longínquos, entre gentes várias, com requintes de civilização e lances de barbárie ver que o coração das pessoas que estimamos e estremecemos, apesar da imensa distância, ainda palpita por nós com o mesmo ardor. Creia, meu amigo, que a diplomacia não consegue matar a saudade, como o contacto dos homens estúpidos e prevertidos não logra apagar na nossa alma os instintos bons com que nasceu. Posso afirmar-lhe sinceramente<sup>1</sup> que são para mim de uma volúpia quase sagrada os momentos em que posso conversar com os meus amigos queridos, por intermédio de meia folha de papel praquete, já que o oceano que marulha ali em frente da minha janela é largo demais para lhes estender os braços.»

Malbaratando as potencialidades da sua alma grande e da sua inteligência invulgar por essas longínquas e alheias terras, por fim sempre «perto da Ursa Maior», passou o Poeta sem deixar lembrança perdurável no seu País, sem ter iluminado ao tempo o pensamento dos seus pares, sem ter marcado rumo na cultura da civilização portuguesa de então, quem para tudo isso tinha sobeja envergadura.

Ficou apenas — Ele que conviveu com muitos dos homens eminentes do seu tempo num período efervescente de intensa actividade política e de vivo ressurgimento nacional como poeta

*perfeito. Esperemos que ainda ao menos fique também como epistológrafo notável se a mim ou a outrem for permitido coligir e passar à letra de forma a vastíssima correspondência íntima que nos ficou disseminada e submersa nos espólios sagrados dos seus amigos e que para as longas noites polares era grata ocupação.*

*Nas que recebeu e cuidadosamente arquivou havia, à margem a cópia da resposta que lhes dera. Uma volumosa coleção, depois que o Poeta faleceu, foi entregue por quem a recolhera, aos seus herdeiros quando estes chegaram à idade da razão e seria hoje um precioso documentário se fosse possível trazê-la ao conhecimento geral.*

*A esta série conservou-se a ordem cronológica mas distribuímos-las pelos períodos em que a vida do seu autor decorreu mais ou menos diferenciadamente. Dispensam comentários; apenas convém acentuar aos leitores brasileiros que, ao tempo, assim eram designados os portugueses — em geral homens de letras gordas — que se fixavam quase exclusivamente no Rio de Janeiro.*

F. Q.



## AS CARTAS

### DE COIMBRA

Confidencial

Jose Não tenho respondido á tua carta porque desejava dar-te parte da resposta do Julio. Ahi vai ; pelo conteudo parece-me que poderá fazer pouco.

Eu não escrevi ao Moura (administrador de Penafiel e amigo do Jose Guilherme) porque estou á espera d'elle por estes dias, e acho preferivel o ataque de viva voz. O Luis de Magalhães pouco pode fazer. Os homens desde que se viram livres *da palavra* do Pae, voltaram-lhe as costas, nem sequer respondendo ás cartas da Mãe. No entanto este pede de alma e coração. Ora eu nos ultimos dias fiz uma descoberta importante. Descobri que um rapaz que é immensamente meu amigo, é sobrinho do Thomaz Ribeiro. Fallei-lhe e está prompto a ir comigo a Lisboa e com o pai d'elle fallar ao homem. Dize-me portanto o que queres que faça deste ariete. Sabes que sou de uma inexperiencia n'estas cousas verdadeiramente lastimosa. O Pae é o juiz de Direito Liz Teixeira, pessoa importante pela posição, parentesco e *fidalgua*. Com relação aos A. e M. sou da tua opinião, — a gente não morre de fome. E entre uma curvadella de espinha diante d'uns pelintras e mais algum tempo na excavação das batatas, é preferivel a segunda hypothese. Entendo que não os devemos occupar com negocio que nos diga respeito, nem mesmo indirectamente. Tu farás aquillo que te aconselhar a tua razão. Mas sempre te digo que te acautelles dos coices, porque usam ferraduras áingleza.

Corre aqui como certo que o ponto é no dia 12 em todas as faculdades por causa da excitação em que eles suppoem andar os animos da Academia. Por consequencia d'aqui a poucos dias estou ahi e mais de perto poderemos tratar d'este assumpto. Agora outro, sobre que já fallei a meu Pae quando ahi estive. Preciso de dinheiro para pagar umas dividas que pôr aqui tenho, comprar roupas e outros aprestes indispensaveis. Meu Pae disse-me que me não dava nem mais cinco reis, e faz bem porque cinco reis só não queria. Mas disse-me que arranjasse eu o dinheiro que ele que me fiava. Eu posso arranjal-lo aqui mesmo sem o concurso de ninguem mas desgraçam-me e quero fugir destes lobos. Tambem to não peço a ti porque não podes estar a fazer sacrificios. Peço te porem para mo arranjares, porque eu talvez o possa conseguir em outubro proximo e paga-se então. Eu mandei pedi-lo ao Julio mas respondeu-me com o que lerás na sua carta. A casa absorve-lhe tudo. Manda-me dizer se podes fazer-me mais este favor, mediante uma percentagem favoravel, para eu te mandar uma letra, com a quantia que não é muito grande mas que tambem não é muito pequena. Com isto fazes-me o maximo favor: conseguir que eu deixe o meu nome sempre honesto e honrado por onde passar. Recados a todos, e especialmente ao pequeruchinho a quem deves por o nome de Maximo. É bonito e fica bem com Feijó a diante. Teu irm. e am.º

Antonio

## II

Jose Não tenho respondido a tua carta porque estou hesitante no que deva fazer relativamente á minha ida a férias de ponto. Eu faço acto no 3º dia e reparando n'isto não vale a pena sair d'aqui; mas, como sabes o ponto foi posto pelo governo com receio de novos e mais graves conflitos, sendo geral, o que nunca aconteceu, e não se

sabe quando serão os actos. Correm versões encontradissimas, pois nem o Vice Reitor (Dr. Menezes) tem informações a este respeito, chegando alguém a afirmar que só serão em outubro. Amanhã ou depois devo estar melhor informado, porque hontem partiu para Lisboa a Comissão executiva da Academia, a que eu pertenço, chamada pelo Thomaz Ribeiro a *fim de conferenciar sobre os negocios de Coimbra*. Eu por falta de dinheiro e por causa da minha garganta, que ha 15 dias me tem torturado, deixei de a acompanhar perdendo esta bella occasião de conhecer o ministro *das Cantigas*. Veremos o que me dizem.

Com referencia ao Julio ahi vai mais essa carta. Vi o que me dizes. O rapaz meu Amigo escreveu ao Pae para elle se dirigir ao Thomaz Ribeiro—logo que chegue a resposta ta comunicarei. O diabo é o pretendente ser o J d'A. No entanto esperemos. Se os regeneradores caissem á volta do Rei era magnifico, porque eu estou com muito medo.

Com referencia ao dinheiro, agradeço-te a boa vontade e os bons conselhos. Eu não me iludo com respeito a estas coisas do futuro; posto que verzejador olho até bem tristemente para a vida lavado completamente de imaginações tolas e prefiro ás *glorias da politica*, se eu as podesse sonhar, um modestissimo emprego na provincia onde possa ler com todo o descanço os meus livros e ser simplesmente um *cidadão honesto*, sem aspirar ao prestigio de Reformador das prisões, como o Dr. M.

Entrei aqui num certo numero de coisas, inexperientemente, fiz despezas, superiores ás minhas anemicas forças, gastei comprando livros e roupas e coisas que meu Pae me não fornecia, alem dos magros 12.000 por mês (este ano e o passado 15.000):—eis a tristissima razão porque me endividei. Ainda assim fiz sempre os meus calculos de financeiro, porque esperava receber este anno do Avelino Fernandes 250\$00 d'um livro de versos, mas o diabo do homem quebrou e eu fiquei a ver navios, com passivo creado com aquella esperanza. Eu ainda não desesperei de

lhos apanhar mas por agora é que é impossível. Por este motivo volto de novo a pedir-te para me arranjares o dinheiro, mandando-me o mais depressa possível para eu me retirar d'aqui, na hypothese de serem os actos só em agosto ou Outubro. Preciso de duzentos mil reis. E não te mando agora a letra com o meu nome porque não tenho neste momento dinheiro para a comprar mas envio-ta amanhã. Eu já tinha fallado neste dinheiro a meu Pae e por isso se quizeres falla com elle. Devo dizer-te que espero do Julio, por mo ter promettido, pelo menos metade. Mas a minha necessidade é neste momento. Já deveria ter escripto ha mais tempo sobre este negocio, mas não tinha coragem. Quiz fallar-te na Pascoa, mas falleceu-me tambem o animo. Eis o caso. Desculpa-me este encomodo e custuso e faz-me mais este favor para poder metter uma rôlha na boca das minhas rapaziadas.

Ahi te mando a minha figura para veres como faz bem a batota de Coimbra. Recomendações á Mana, Pae, pequeno e Manoel.

Maio 15

Teu irm<sup>o</sup> am<sup>o</sup>.  
Antonio

### III

Jose

Por mais que procure não me é possível descobrir a razão porque te não tenho escripto. Em continuas addições chegaria ao fim do anno se hoje me não resolvesse definitivamente. Não te agradeço os parabens que me enviaste porque naturalmente terás de mos dar novamente e reservo-me para agradecel-os d'uma vez só. Como sabes as festas correram esplendidamente. No sarau obtive uma extraordinaria ovação. O Pinheiro Chagas interrompia-me constantemente. Uma grande parte da platêa estava de pé. O Dr. Augusto Rocha no meio do enthusiasmo bradou para uns lentes de direito que lhe fica-

vam ao pé: «E foi aquelle rapaz que vocês reprovaram miseravelmente no 1.º anno!» Mas o meu espanto cresceu de ponto quando vi no momento em que me retirava, o Dr. Assis Teixeira, no palco, á espera de vez para me cumprimentar o que conseguiu no momento em que o Dr. Filomeno com os pulsos de Hercules me levantou no ar Fui cumprimentado por quasi todos os lentes que se achavam no sarau, Governador Civil Visconde d'Almeidinha, que me veio visitar hontem, Conde de Ficalho, um sábio e um litterato distintissimo, Macedo de Papança e outros alem do Pinheiro Chagas e do Eduardo Coelho e Rodrigues da Costa — presidente da comissão da Imprensa de Lisboa.

Acresce a tudo isto que recitei depois de ter fallado um rapaz da Africa que ha-de ser com certeza o maior orador portuguez. É um talento. Causava um effeito surprehendente vê-lo a vallar, preto como a fuligem, com largos cantos na testa conquistando-lhe a carapinha e os olhos de um negro profundo e vivo a fuzillarem-lhe as orbitas.

De resto tudo correu perfeitamente. Os versos estão a imprimir-se num folheto e em breve tos mandarei, muito augmentados e corrigidos.

A Universidade fez uma figura tristissima não concorrendo ao cortejo. Hoje baixou uma portaria do governo louvando os estudantes.

Ora depois de tudo isto que me importam os elogios do Polycarpo, o comprido, ou do Freitas o curto.

Recados á Mena ao Pae e sobrinhos e tu dispoem do

Teu irmão e am.º

Antonio

P. S. Mando-te um jornal. Os outros de Lisboa que tiveram cá *reporters*, afinam a meu respeito pelo mesmo diapasão.

A.

## IV

Mano

Não tenho respondido á tua carta porque desejava acompanhá-la do folheto que hoje te envio. Já poderás examinar (?) essas paginas que escrevi em duas noites, e que me alevantaram muito no conceito do público, como já te contei. Também te mando o folhetim do Conde de Ficalho. Hoje tenciono enviar o folheto á imprensa com excepção da de Ponte de Lima. Essa deixo-a para as *équarrssages* litterarias do Polycarpo que ainda hoje se assombra com a prosa campanuda e ôca do Ferrer Farol que é um médico distincto e um jornalista *phraseur*. Elle sabe-o porque já se deixou de escriptos. Mas os desgraçados nem sabem dar uma tripode (?) valente e vão buscar-a ao guarda roupa d'uma rhetorica trovejante para ferir a gente que os não enxerga.

Mas, mudemos d'assumpto. Sòube por carta do Pae que a Camilla esta muito mal. Tem havido de lá algumas notícias?

Record. á mana e ao Pae do

26 de maio

Teu irmão  
e am<sup>o</sup>  
Antonio

P. S. Esqueci-me de te contar que, na despedida, o Pinheiro Chagas, que foi acompanhado pela Academia e por todas as notabilidade cá da terra, — quando subiu para o comboyo levantou um viva «ao illustre poeta Ant. Feijó» unico rapaz a quem especializou. Já vês que vou caminhando

26 de maio

Teu am  
A.

## V

Meu Pae

Recebi ha dias um vale que me enviou, cuja recepção não accusei ainda por ter andado muitissimo doente sendo-me necessario talvez fazer uma operação. Soube por carta do Manoel que se agravaram os seus padecimentos, o que sinto muito, posto que este tempo me faça acreditar em promptas melhoras. Eu não lhe escrevo agora porque tenho que fazer mas digo-lhe que se quizer d'aqui alguma cousa que mande dizer que será immediatamente satisfeito o seu desejo. Como sabe tenho agora mais despezas do que nos annos anteriores e preciso de dinheiro. É-me necessario pagar adiantadamente ao photographo que vem agora antes da Paschoa, e satisfazer uma conta ao livreiro, achando-me neste momento como S. João no deserto. Valha-me nesta ocasião com o orvalho do ceu mandando-me 4 libras pelo correio. Eu fico a fazer uma oração p.<sup>a</sup> que Deus ponha alguma virtude nesta carta.

Tenho tambem a dizer-lhe que na minha qualidade de Bacharel em leis, preciso de uma casaca para os grandes dias. A Paschoa vem agora e necessito d'uma vestia rica para me apresenta á sombra do Visconde da Aurora.

Eu vou mandal-a fazer agora, mas basta pagar-se depois da Paschoa.

Ca soube do fallecimento da D. Libania e tive immensa pena. O Manoel Malheiro deve estar agoniadissimo. Recomendações ao Manoel e à todos

F.<sup>o</sup> obediente e

C. 1 de março

Antonio

## VIII

Jose

No correio d'hontem devias ter recebido o codigo penal, que me pediste. Não foi possível conseguil-o mais cêdo. Juntamente foi a conta que havia no Melchiades. Tu não tinhas pago o «Portugal contemporaneo»?

Como meu Pae até hoje ainda não teve vagar para me responder, peço-te que lembres o acabamento do mês

Peço-te também o favor de me mandares mais uma libra, porque fui proposto socio do Instituto e tenho brevemente de pagar a joia.

Qnero tambem lembrar-te se estás d'acordo com aquelle contrato que um dia te propuz e que é apenas vantajoso para mim: dar-me uma libra todos os mezes, até que eu me forme, ficando eu de pagar ao cabo a somma total d'essa quantia, para cujo effeito farei o documento que julgares necessario.

Vejo-me em serias difficuldades pelo diabo da posição em que me colloquei.

Se puderes responde-me a essa consulta. O Chaves achou a 2.<sup>a</sup> pergunta e disse que só respondia depois de a ter estudado nos escritores francezes.

Ja sei que o Pimentel foi apanhado na rêde; a *isca* naturalmente foi a vice-presidencia.

É vercade; não assignes a resposta á consulta porque eu disse que mandava a um advogado e quero apresental-a *debaixo d'este aspecto...*

Desculpa estas massadas e manda o

Teu irm e am<sup>o</sup> e Ob  
Ant<sup>o</sup> Feijó

## EM DEMANDA DE COLOCAÇÃO

## IX

Jose

Escrevi-te hontem muito á pressa e por isso não sei já o que te disse. Volto de novo a explicar a minha idéa. Fiz hoje o requerimento ao Barros Gomes pedindo a ajuda de custo e o dinheiro para as despesas de viagem. Não sei porem quando mo darão e por isso, tem paciencia! ve se me podes mandar mais 60\$000 porque na 2.<sup>a</sup> feira tenho de pagar a casaca e a fatiota que já trago no corpo e não sei se receberei dinheiro do ministerio ate esse dia. Fica tambem certo de que me hei de esforçar para ser este o ultimo favor d'esta natureza.

## X

Jose

Venho agora do Tereiro do Paço onde fui fazer o telegrama para o Simões e vou agora escrever-lhe. Aproveitei a ocasião e fui ao Ministerio da Marinha procurar o Chagas pela segunda vez. Da primeira não estava, hoje foi-me impossivel arranjar que um continuo lhe levasse um bilhete meu! Sua Excia. estava invisivel. Aquillo como o resto dos ministerios, a excepção do dos Estrangeiros, é tudo uma procaria indecente — casa e empregados. É o Tribunal d'ahi com officiais ainda mais mal educados, em ponto grande. No dos Estrangeiros não. A casa, que é um palacio da Duqueza de Palmella, ao Calhariz, é magnifica e está luxuosamente mobilada; os empregados, sempre de casaca azul com botões amarelos, e peitilhos mais bem engomados que os meus. são attenciosissimos. A gente chega e elles levantam-se imediatamente, apru-

mam-se como diplomatas — e ficam promptos e ás ordens para fazer qualquer serviço ou prestar quaesquer esclarecimentos.

Mas deixemos isto. Ahi vão noticias que te interessam: o Manoel Bento é com toda a certeza deputado por ahi. Alem de mo affirmarem regeneradores que *bebem do fino* como diz o João affonso, hontem o Alferedo Peixoto, dando-me muitos abraços e muitos protestos de amisade, garantiu-me tambem que o tio era effectivamente proposto por ahi — que já estava decidido.

Mais; Encontrei hontem por acaso á porta da Havaniza, no Chiado, o Conde de Bertandos. Apanhou-me para um canto e pediu-me que lhe contasse o que havia por ahi. Informeio-o convenientemente e elle mostrou-se muito offendido com o procedimento do Machado e do Mimoso, dizendo que ia immediatamente escrever ao Machado. Eu apertei-o por todos os lados, e consegui que o homem me promettesse ir ahi para a inauguração do centro. A maior difficuldade que apresentava era que Vocês o apanhavam e obrigavam a ser presidente o que elle não queria de maneira nenhuma. Disse-lhe que fosse — que lhe garantia que o não forçavam a tomar o penacho. Ficamos nisto, mas como eu desconfiava do homem fui procurar immediatamente o Pindella para que dissesse ao Braamcamp que o obrigasse a ir a Ponte. É bom tambem que lhe escrevas e que lhe peças novamente. Elle não se comprometeu a ir, mas prometeu fazer todo o possível.

Agora uma nota: Fallou me; nem me disse onde morava; nem me perguntou ao que eu tinha vindo; nem me fez o mais ligeiro offerecimento, d'estes que se fazem a toda a gente — mesmo aquelles que pouco se conhece.

Quem me tem aqui obsequiado muitissimo são os Pindellas, d' Ancora, sobretudo porque a este nem sequer lhe tinha fallado. Foi perguntar pelo meu concurso ao Ministerio (elle é não sei que da Direcção Superior dos Consulados) contaram-lhe o caso que me tinha afastado, e o

homem indignou-se e berrou contra aquella leviandade — dizendo que dos concorrentes era eu a melhor aquisição que faziam para o corpo consular. Isto contou-me um segundo official, meu conhecido e affirmou-mo depois o Conde de Sabugosa, que ouviu tambem. Ora isto é para agradecer. E concluindo: os concorrentes ficaram quasi todos reprovados — eram 24 parece-me que passaram 6. Tem por isso mais esperanças de que os concursos sejam muito breve. Recomendações ao Pae e Mana e meninos.

11-6-84

Teu irm am.º  
Antonio

## XI

Jose

Deves ter recebido os sapatos que remetti para a Mana. Não sei se lhe agradarão; mas como os comprei conditionalmente podes devovel-os com as indicações precisas para serem convenientemente substituidos. O feitio é o mais moderno, e não são muito caros.

Sobre politica pouco posso dizer-te. Hontem (dia de S. João) fui jantar a casa do Oliveira Martins. Lá soube o seguinte: Bramcamp vem *infallivelmente* ao Porto no dia immediato áquelle em que se fecharem as camaras (dia 12 de julho). Acompanham-no Jose Luciano, Ant.º Candido, Emygdio, Lobo d'Avila, Montenegros, João Crysostomo, Barros Gomes, e muitos outros trunfos. O Visconde de S. Januario, o papelão que nós conhecemos em Ancora, não vem *porque é militar*. Marianno de Carvalho tambem se mete em copas. Tem muita vontade de acompanhar o novo movimento mas está preso ao Pereira Cardoso por grossas quantias que lhe deve. Foi ele que lhe emprestou as somas necessarias para ser accionista da companhia dos caminhos de ferro. Deu-lhe portanto a febre amarella.

Disse-me tambem o Oliveira Martins que a vinda do Bramcamp não oferecia hoje a menor duvida nem difficuldade, apesar de se esperarem alguns chinfrins arranjados pela gente do Tomaz Lobo. No entanto tomar-se-ão todas as precauções. No Palacio de Crystal, na sala do theatro Gil Vicente haverá depois do *meeting* um banquete de 300 talheres em honra do *venerando*.

O visconde de Aurora veio á Redacção da Provincia e portou-se bem. Apresentou-se como progressista *pur sang* e convidou o Oliveira Martins para ir a Ponte de Lima, com todos os seus amigos politicos, na propaganda que fizerem pelas provincias, em seguida, ao *meeting*, pondo a sua casa á disposição de todos, dizendo que seria caso de abandonar o partido se não lhe fizessem a honra de aceitar o seu offercimento. O Oliveira Martins apesar de o achar monstruoso, gostou muito d'elle. Eu ainda por aqui me demoro alguns dias e sigo depois para casa do Julio. Se quizeres alguma coisa d'aqui, manda no que te possa ser util

teu irmão e am<sup>o</sup> ded<sup>o</sup>

R do Breyer 160  
26-6 85

Antonio

P. S. Cumprimentos a todos.

## XII

Jose

Não me esqueci da encomenda do Pae e tanto que já comprei os tais aparelhos, mas não os tenho mandado porque não sei como hei-de fazer. São de vidro e bastante grandes e por isso receio mandal-os pelo correio. O Julio tem aqui estado e é por causa d'elle que ainda me demoro porque quero ir ao Marco de Canavezes e elle prometteu acompanhar-me, mas por ora ainda não arranjou licença. Hoje partiu ele para Melgaço, em serviço, para levar dinheiro ao Cordão Sanitario. Deve regressar depois

de amanhã e no começo da semana iremos então ao Marco. Agora de politica. Hoje vai o Oliveira Martins á Granja visitar o Bramcamp com o Correia de Barros, Vieira de Castro, Delfim, etc. Quer a todo o risco levar-me tambem para me apresentar ao Venerando, mas eu não vou porque na minha posição não devo manifestar-me nem entrar em tão altas cavalarias. Demais o Nogueira Soares, que tem por mim muita sympathy, é regenerador. O Oliveira Martins chegou a dizer-me que me apresentava ao homem simplesmente como redactor litterario da Provincia; mas isto equivale a uma declaração de fé, porque os jornais ham de dar noticia das pessoas que forem, sem restrições. As côrtes ainda serão adiadas ate ao fim do mes. Ja o foram ate 18, e prorogar-se-ão ate 30 segundo acaba de dizer agora o Correia de Barros. Só depois é que vem a caravana. Sabes a quem se referiu o Bernardino Machado no Parlamento quando acusou os progressistas de solicitarem favores do Governo? Entre outros ao Emygdio Navarro e ao Antonio Candido. De resto, de parte, a parte, parece que tem todos graves culpas no cartorio, o que coloca o Bernardino na posição de engulir as accusação, vendo-se abandonado ate pelos seus correligionarios.

Conheces tambem de nome o antigo deputado regenerador Antonio Gonçalves, o chapeleiro. Teve umas grandes pegas com o Fontes e passou-se para o Correia de Barros. Está aqui a collaborar na Provincia. É um rapaz de um grande merecimento e um erudito em questões economicas. Ouvi-lhe ha dias duas conferencias na Sociedade de Geographia, sobre a nacionalização do trabalho em Portugal, de primeira ordem, e com immensa graça caustica, quando se occupava dos nossos homens publicos.

Recordes á Mana, Pae e pequenos e  
saudades do  
9 de julho

Teu irm amº e obº  
Antonio

## XIII

Jose

Tenho hoje muito que fazer e por isso não te escrevo muito. Vou contar-te apenas o seguinte caso. Oliveira Martins foi á Granja fallar ao Braamcamp por causa do banquete. Quando tratou de determinar os brindes o Oliveira Martins perguntou-lhe se queria que se começasse por um brinde ao Rei. Bramcamp respondeu: *Eu não bebo á saude desse cavalheiro*; e não bebendo eu entendo que ninguem deve beber. Ficou pois assente que S. M. não apanharia saude. Esta resposta do Bramcamp é altamente significativa. Amanhã chega o povo. Depois te contarei. Eu assisto a tudo, mas não officialmente — apenas como *mirone*. Ate hei-de assistir ao jantar, da galeria do Palacio de Crystal. Já arranjei esse negocio. Remetto a papeleta do Cerqueira Lobo, que é optima. Escrevi ao Pae e mandei-lhe os taes aparelhos para os pipos. Avisa-me se os recebeu e manda dizer se elle vai melhor.

Cumprimentos á Mãe e aos pequenos

Teu irmão e am<sup>o</sup>

Antonio

## XIV

Ia-se transtornando o caso. Estavam já destribuidos os convites para a grande reunião do partido e vinda do Braamcamp quando o Jose Luciano se lembrou de fazer asneiras, pondo os pés á parede e não querendo vir. Hontem era uma roda viva d'aqui para a Granja e de lá para aqui. Felizmente está tudo remediado e a grande reunião terá logar sexta feira infallivelmente. Eu não sei bem os pormenores porque só agora aqui cheguei: estive doente da garganta. Ha 15 dias que ando nesta mel-

gueira: um dia bom outro mal. Depois te explicarei o caso meudamente. O Gaspar esteve aqui na redacção da *Provincia*. Fallou a todos os figurões e ja partiu para as Pedras Salgadas. O banquete no Palacio de Crystal é de 300 talheres e custa mil libras! 4 contos e 500 mil reis! Amanhe vou ver se mando a encommenda ao Pae, mas não sei como arranjar o negocio. E grande para ic pelo correio e exigua de mais para o comboyo. Veremos como se arranja a coisa.

Eu no dia 20 parto para Lisboa. Entro a concurso para Secretario de legação, que é no dia 26 segundo dizem. O peor é que não esta lá o Nogueira Soares, e segundo me dizem é examinador o Laranjo, que tem por mim *varia* sympathia. Mas Deus tudo fará pelo melhor. Eu sei bastante. O Julio disse-me que não ia ahí porque levava itinerario certo. Eu creio que ainda não chegou. Hontem pelo menos ainda não tinha vindo.

A referencia do Bernardino era por causa de um abbade. O Ant<sup>o</sup> C. e o Navarro tinham empenhos differentes e tanto pediram a ponto de se zangarem e a coisa dar na vista. Mas a respeito de peditorios o peor é o Jose Luciano. Disse-me agora o Gonçalves, ex-deputado, que se não é sobrinho do Fontes devia sê-lo.

Estimo que o Pae vâ melhor. Eu hontem mandei-lhe uns botões — recebê-os-ia? Recomendações á Mana, ao Pae, e aos pequenos

Teu irmão e am<sup>o</sup>

Ant.<sup>o</sup>

13-7-86.

## XV

Jose

Quando receberes esta carta já deves ter conhecimento de todo o sucedido com a viagem e a pessoa do Braamcamp, pelos extractos minuciosos da «Provincia» e do «Primeiro de Janeiro». Pouco poderei acrescentar. A reu-

não no *Principe Real* esteve imponentissima o theatro estava completamente cheio. O Braamcamp, apesar do seu estado melindroso, fallou durante 3 quartos de hora! Foi a mais completa estopada que tenho apanhado na minha vida. Imagina este sacrificio: estar calado como um pêto, porque toda a gente o ouvia n'um religioso silencio, durante todo aquelle tempo vendo-lhe apenas o movimento dos labios e dos gestos, porque tem a voz completamente sumida. Seguiram-se-lhe os outros oradores pela ordem que verás nos jornais. Poucos d'elles me impressionaram bem: A não ser o Barros Gomes e o Antonio Candido, os outros fallaram de modo pouco invejavel. O Jose Luciano então foi o peor de todos. Tem difficuldade de se exprimir, emperra-se-lhe a língua, titubea e sempre acompanhado de uma gesticulação desgraçada. Elle diz coisas acertadas, lá isso é verdade, mas com uma forma detestavel. O Henrique de Macedo, esse tem verbosidade mas é monotono, excessivamente monotono. O que é, alem de um velhaco de 1ª ordem, é um homem intelligentissimo. Do Navarro tambem não gostei. Tem uma cara impertinente de Doutor ambicioso e sombrio. No seu discurso jogou biscoas a todos os seus correligionarios, especialmente ao Barros Gomes. Não me parece sujeito de *convicções firmes*. Maravilhoso foi o Antonio Candido. Nunca vi uma coisa assim. Extraordinario. É um orador perfeitamente moderno. Instruido solidamente, e sem a minima scentelha de Rhetorica. O Barros Gomes é um homem altamente distincto, de maneiras e figuras. Foi o mais calorosamente recebido. Não é orador mas falla com intimativa e uma certa facilidade de expressão. De resto tudo correu na melhor ordem, e parece que está tudo em caminho de conciliação. O Adriano Machado está meio resovida a ir ao banquete.

Eu fui á estação esperar o Carlos Valbom e o Vicente, mas sem sobrecasaca nem cartola. Vae o *Janeiro* e põe-me lá entre os personagens que foram á espera dos *toiros*. Deixo passar porque aquillo tem pouca significação, e a

emenda dá mais na vista. Hoje não vou ao banquete e portanto fica sem valor a noticia do Janeiro. De mais eu podia estar na estação para qualquer outro fim.

Como está o Pae? Recados á Mama ao Pae e pequenos de

teu irm am<sup>o</sup> e obg<sup>o</sup>  
Antonio

## XVI

Jose

Vou depois de amanhã para Lisboa. Pessoalmente te contarei o que pude aprender dos homens e das coisas neste curto movimento politico a que assisti como espectador. Ouvirás coisas que te espantarão — patifarias monstruosas. No entanto creio que farão alguma coisa, graças á obstinação e vontade de ferro do Oliveira Martins. O Veiga Beirão perguntou-me por ti, fazendo-te os maiores elogios diante do Barros Gomes. É um homem muito sympathico e muito honesto. D'entre os progressistas é dos poucos que não tem relações particulares com o Fontes. Creio que os unicos imaculados, d'entre os maiores de Lisboa, são o Barros Gomes, Antonio Ennes, Veiga Beirão e Antonio Candido. Isto dos que vieram porque ainda ha muitos outros honrados, graças á divina Providencia. Já se ve que não fallei no Braamcamp porque a esse ninguem lhe põe pecha. Outro tambem *puro* é o João Chrisostomo — futuro presidente do Conselho na 1<sup>a</sup> situação progressista. Esse não veio ao Porto, porque sendo militar *em serviço*, para se ausentar de Lisboa tinha de pedir licença ao Snr. Fontes, e elle nem d'estes favores lhe solicita. Demais, se viesse sem licença, sujeitava-se a ter scenas com o Jose Paulino, a quem processou quando ministro. Foi o mesmo motivo que não trouxe o Thomaz Bastos.

Vi o supplemento do *Echo*. Parecia-me conveniente não deixar isso sem resposta porque o pobre do Visconde fica em má posição. De resto o supplemento foi bom para lhe *arreigar* as crenças. Que diz o *Echo*? Barafusta? Ouvi que o T. estava a morrer de companhia com o M. — é verdade?

Não me dizias se o Pae continuava doente.

Interpretei essa omissão pelo lado mais favorável; dize-me porem se me não enganei.

Recados á Mana, Pae e pequenos.

De Lisboa escrevo a dizer onde moro.

Vou depois d'amanhã com o Oliveira Martins, mas podes ainda escrever para aqui.

Teu irmão e am<sup>o</sup>

obg<sup>o</sup>

Antonio

2<sup>a</sup> feira

P. S. Não sei se já te disse que todos os logares vagos de segundos secretarios de legação *ja estão* dados. Arrisco-me por isso a ser classificado inferiormente a varias bestas que eu conheço. Pouco importa, porém, esse caso para ser despachado. Disse-me isto o Barros Gomes.

## XVII

Jose

Como te disse vim para aqui na quarta feira passada. Não tenho escrito porque todos os dias gasto as manhãs no Ministerio dos Estrangeiros aprendendo a fazer officos, notas etc., etc., e as noites emprego-as em repetir os pontos. Fui hontem pela primeira vez passar algum tempo ao Colyseu. Tudo isto quer dizer que estou cheio de colicás. Estes concursos foram abertos *intencionalmente* por não estar cá o Nogueira Soares e sem a sua presença será mais facil a batota. Sabe-se já quem serão os primeiros

classificados. Entre os concorrentes ha figurões ja velhos, estupidos e chefes de familia, como o Barão de Almeirim.

Estou hospedado no Hotel Alliança, no Chiado. Querendo alguma coisa d'aqui, previnam-me. O Azevedo não está em Lisboa. Foi para os Açores. Creio porem que faz segredo d'esta viagem, segundo me disse em carta, e por isso guarda segredo. Ouvi hontem ao Emygdio Navarro, que esteve commigo no Hotel, que o Fontes pediu nova recomposição ministerial, mas que o Rei não lha concedera. Se é verdadeira a noticia é de crêr que a caranguejola se desconjunte — o que já não é sem tempo

O Pae esta bem? Recomendações a todos de

Lisboa  
27-7-85

Teu irmão am° e obg°  
Antonio

## XVIII

Jose

Venho agora do concurso — massadissimo. Desde as 10 horas da manhã ate ás 5 da tarde constantemente a escrever, é esmagador para a cabeça mais forte e para o braço mais robusto. Respondi ao ponto pratico sobre direito maritimo — perfeitamente. O ponto theorico era o seguinte: «ordem e classificação adoptada nos mappas geraes do commercio... Pauta das alfandegas, classificação e critica» — Como podes ver era impossivel responder cabalmente a este ponto, nas circumstancias em que nos achavamos — sem fornecerem estatisticas, nem pautas. Ninguem resolveu o ponto bem. Eu limitei-me a fazer considerações sobre a economia politica nacional, systema colonial e commercial e declarei que só a vista das estatisticas e da pauta poderia responder precisamente ao enunciado, pela impossibilidade de refer tais coisas na memoria.

Isto porem aconteceu a todos. Ninguem respondeu ao ponto theorico.

Veremos o que os homens fazem. Antes do concurso já se dizia quem eram os primeiros e segundos classificados; veremos o que succede.

Ha tempo que te escrevi e não tenho tido resposta. O Pae está melhor?

Recordes a todos. Teu irmão e am<sup>o</sup>. e ob<sup>o</sup>

Hotel Alliança Antonio

ao Chiado

30 de Julho

## XIX

Jose

Hontem, depois do concurso, escrevi-te dando parte do modo como correu o função. Como te disse o caso não correu mal, e, a avaliar pelo que os outros fizeram, só com uma injustiça flagrante poderei ficar reprovado. As *Novidades* quizeram já hoje levantar campanha contra o ponto monstruoso que nos sahiu, que era proprio apenas para verificadores da alfandega. Eu tive mão na contenda porque antes da decisão do juri parece-me extemporanea. Eu não me recomendo a ninguem porque não sei quem são os examinadores — só se nomeam na vespera á noite. É tudo inquisitorial para os profanos. Vou, porem, fazer-me apresentar ao Ministro, e levar ao seu conhecimento que não sou bruto de todo. Elle assiste ás classificações e se quizer favorecer-me poderá faze-los reconsiderar. Quanto ao despacho não me preocupa muito esse caso neste momento. Todos os que concorreram commigo querem ser secretarios de legação. Consulados ha muitos e agora estão vagos bastantes. Mas se elles me aprovarem e me não despacharem os progressistas hão-de fazer-me esse milagre, que assim mo garantiu o Oliveira Martins — dizendo ate diante do Barros Gomes e d'outros que o meu despacho era talvez o unico, sendo com certeza o primeiro que elle pediria ao Governo. E a proposito de Barros Gomes estive ontem com elle, fallei-lhe dos pontos e res-

pondeu-me que tendo-se dedicado aquelles estudos, se fosse ao concurso não era capaz de responder de cór, é claro como elles exigem porque nos recusaram até a pauta das alfandegas.

Se quizeres alguma coisa d'aqui manda, mas com urgencia, porque agora não me demoro muito. Parece que o colera está a chegar. Ja regam as ruas constantemente, e de noite com acido phenico. Lembranças á mana, ao Pae e aos pequenos de

Lisboa  
31-7-85

Teu irmão, am° e ob°  
Ant.°

XX

Jose

Escrevi-te hontem e ante-hontem contando o que se passou no concurso. Cada vez me convenço mais de que devo passar. Não sei quando sera a decisão do jury, mas deve ser breve — o regulamento manda o praso de 8 dias. Estou portanto de partida e por isso venho pedir-te o seguinte favor — queria que me mandasses o mais breve possivel algum dinheiro. Paguei em Coimbra por uma divida de 50 mil reis 85! Fiz roupa e paguei outros *bicos* achando-me por isso reduzido a pequeno numerario. Acresce que o Guerra Junqueiro e o Visconde de Aurora me fizeram encomendas que importam em algumas libras — sem se lembrarem de saber se eu as tinha — Faz-me por isso este obsequio — por conta do *recrutamento* (?)

Recados ao Pae, Mana e pequenos e manda o

teu irm° am°  
Antonio

## XXI

Jose

Segundo acabo de saber no Ministerio dos Estrangeiros fiquei approvedo — com 4 B e 1 E. — Apesar deste ultimo levanto as mãos à Providencia.

Foi uma victoria, attentas as circumstancias.

Todos os logares de legação ja estavam dados e portanto de antemão determinada a classificação de cada um. Ainda me demoro alguns dias para tratar d'alguma coisa sobre o meu despacho.

Tenho esperanças de o conseguir para qualquer ponto do Brazil. Vou logo pedir ao Veiga Beirão para me apresentar ao Montufar Barreiros.

Ha consulados vagos no Brazil e dos actuaes concorrentes ninguem os quer. Vê se me mandas o dinheiro em que te fallei porque estou quasi sem vintem.

Recados a todos

Teu irmão am° e obg°  
Antonio

## XXII

Jose

Sahiram hontem as classificações, como te disse. Não te telegraphiei participando que sahi victorioso da derrocada porque á hora em que o resultado foi conhecido ja o telegrapho ahi estava fechado. Sobre a questão dos pontos creio bem que não houve *embuscada*. As classificações tambem eram esperadas. João Ferrão é deputado regenerador; D. Miguel de Noronha (Paraty) é par do reino progressista — o que ainda é melhor para se conseguir qualquer cousa. O escandalo foi a approvação do

filho do Martens Ferrão — que sobre o ponto theorico não escreveu uma linha reprovando pela 2<sup>a</sup> vez o Conde de S. Mamede, que ainda ha pouco foi louvado no Diario do Governo pelos serviços prestados durante a conferencia de Berlim, onde serviu como 2<sup>o</sup> secretario. É além de um rapaz intelligente, illustrado e estudioso — bacharel em Direito e em Phylosophia pela Universidade de Leipzig. Desgraçadamente não sabia a classificação da pauta, nem os mappas do commercio, e por este facto que depende apenas de *memoria* reprova-se um rapaz com merecimentos e com serviços, aprovando-se o Martens — uma besta pelo completo e pelo quadrado.

De toda esta gente politica os homens que me teem enchido as medidas são o Veiga Beirão e o Barros Gomes. Este último andou hontem a procurar-me para saber o resultado do concurso e enquanto eu ia sabel-o ao Ministerio foi-me esperar para a Redacção das *Novidades*. O Beirão, deu-lhe também para engrajar commigo, e na vespera, de seu motu proprio, foi dizer ao Montufar Barreiros as coisas mais amaveis a meu respeito. Este ao sair do concurso disse ao Vicente Pindella que sahia contrariado por me não poder classificar como merecia. Logo vou procural-o acompanhado com o Beirão para lhe pedir um consulado qualquer. Os examinadores eram os seguintes: Eduardo de Serpa, Silveira de Mota, Cardoso Ave-lino, Consiglieri Pedroso e Montufar Barreiros.

Expedi-te um telegrama pedindo-te para me mandares dinheiro porque estou absolutamente precisado. O dinheiro aqui corre pelas mãos fora quasi imperceptivelmente. Trouxe do Porto 10 libras, e já estou reduzidissimo tendo apenas comprado meia duzia de camisas. Tem paciencia e faz mais este sacrificio pelo

Lisboa 4 d'agosto    Teu irmão e am<sup>o</sup> mt<sup>o</sup> grato  
Antonio

## XXIII

Jose

Recebi hoje o dinheiro que me mandaste. Não precisava de tanto, mas como veio melhor. Tenho talvez de me demorar até sabbado porque até hoje ainda não pude fallar detidamente ao Montufar Barreiros.

O Veiga Beirão, coitado, ja por tres vezes foi commigo ao Ministerio mas ainda o não encontramos disponivel. Vamos hoje a casa delle. Eu vou fazer um cerco ao Ministro, como quem faz um salto á batota. Atiro-lhe às pernas o Bernardo Pindella o Veiga Beirão e o Bernardino Machado todos elles dizendo-lhe de mim coisas extraordinarias. Afinal de contas as *cantigas* que tenho escripto não são completamente inuteis praticamente. Evidentemente é a ellas que devo a consideração que toda esta gente me dá. Ate o Bispo de Bethesaida me convidou para ir jantar com elle ao Hotel Bragança. Abençoadas trovas. Viste o artigo que fiz publicar na Provincia a proposito dos concursos? Parece-me justo. Coisas parecidas com aquellas escrevi eu tambem no meu ponto. Afinal pelo que me dizem creio que os homens não foram *injustos* nas apreciações, se a justiça é uma coisa que depende da opinião de cada um. Os homens avaliaram os concorrentes *unicamente* pelo que escreveram alli, sobre o ponto. O acaso da memoria favoreceu alguns. O João Ferrão, que é deputado, pertenceu a uma comissão, que se occupou de alfandegas, disse portanto mais do que os outros. O outro classificado melhor, D. M. de N., é um excelente rapaz, mas sufficientemente estúpido — segundo a tradição — porque eu apenas fallei com elle 2 vezes. Sabia muito pouco de programa, mas na vespera tinha estudado o ultimo capitulo e antes d'entrar, pediu aquelle ponto ao C. de S. Mamede, que lho emprestou. Leu-o — levava-o de fresco e passou. O Conde de S. Mamede,

incapaz de fixar aquellas cousas, ficou reprovado. Injustiça a havê-la, a aprovação do Martens, que ignorava tudo, segundo se dizia. Adeus. Muito obrigado e muitos cumprimentos a todos.

6 d'agosto.

Teu irmão e am<sup>o</sup> agr<sup>o</sup>

Antonio

#### XXIV

Jose

Cheguei hoje de Lisboa. Mesmo antes de dormir venho dar-te parte do estado em que deixei os meus negocios. Ficaram nas mãos do Bernardino Machado e do Veiga Beirão, a quem devo as mais relevantes finezas. Tenho todas as esperanças de ser despachado breve para uma destas localidades — Maranhão, Sião ou Estado Livre do Congo. Eu não escolhi. O meu sistema de ataque baseia-se n'este principio — *vou para qualquer parte, seja onde for*. No entanto todas as probalidades se inclinam para Sião. A terra é barbara, mas tem vantagem sobre a Africa, como clima e sobre o Brazil, por não ser sujeita aos conflictos que ali são vulgares, o que afasta todos os consules. Demais em Sião, pouco haverá que fazer, e como lá não temos legação o consul tem mais attribuições, mais privilégios e creio que maior ordenado. Não sei quanto é mas não pode ser inferior a 3 contos. Já me disseram porem, que eram mil libras, como nos outros consulados do Oriente. Ora com tal quantia pode viver-se *desembaraçadamente* em qualquer parte do mundo, e de mais a mais com a certeza de ser transferido para a Europa na primeira situação progressista.

Hontem, antes de partir, a minha esperança cresceu, porque o Bernardino veio perguntar-me, de ordem do Bocage, se eu sabia o inglez, sem me dizer para que é que o ministro me mandava fazer tal pergunta. Eu respondi a verdade — que não sabia mas que tratava immediatamente de aprender. Veremos o que fazem. Eu já hoje

escrevi ao Bernardino, que tambem muito me obsequiou, e da melhor vontade. Eu demoro-me aqui alguns dias e em seguida parto para ahi. Muitas lembranças ao Pae, Mana e pequenos de

Porto, Rua do Breyner, 160

9 d'agosto

teu irmão am<sup>o</sup> e

mi<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>

Antonio

XXV

Jose

Apenas recebi a tua carta fui procurar-te as lunetas á rua de St<sup>o</sup> Antonio. Não ha do grau que me indicavas, como verás pelo bilhete do oculista. A escala dos graus não é seguida de 16 em diante. Manda portanto dizer como as queres. Eu no fim da semana tenciono retirar-me indo por Lousada. O Julio está aqui, mas vae para casa depois do dia 13. Logo lhe mostrarei a tua carta. Como viste pelos jornais vagou o consulado de Sião. Por isto já se depreheende que o Montufar Barreiros me não intrujou. Veremos se tambem me não intrujou no resto. Eu apenas vi a noticia escrevi logo ao Beirão e ao Bernardino.

De resto estou resolvido a aceitar qualquer, seja para onde for. Depois de lá estar dentro eu me farei transferir, ajudado pelos nossos amigos. Desejo que todos passem bem e que me recomendes á Mana, Pae e pequenos.

12 — d'Agosto

Teu irmão

am<sup>o</sup> m<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>

Antonio

XXVI

José

Ja deves saber a esta hora que a caranguejola cahiu com grande estrepito. A ultima sessão da camara dos

deputados foi verdadeiramente escandalosa; os dois deputados Castello Branco da maioria correram de punho fechado para o Elvino de Brito chamando-lhe (palavras textuaes) — pulha, sacana e *f da p!* Tumulto enorme, chapéus na cabeça, etc. Hontem ás 4 horas da tarde indo ao Hotel Bragança encontrei a mulher do Jose Luciano e as filhas procurando o marido com uma carta do Rei chamando-o ao Paço. Corri logo ao telegrapho para te dar aquelle grande alegrão e á noite já se confirmava absolutamente a noticia que te transmitti. Por enquanto nada se sabe do novo ministerio. Os indigitados guardam segredo absoluto — transpiram porem os seguintes nomes — Presidencia e Justiça — J. Luciano, Reino — Navarro, Fazenda — Mariano, Obras Publicas — Oliveira Martins, Marinha S. Januario, Estrangeiros — Barrós Gomes. Antes de segunda feira porem o ministerio não poderá estar completamente organizado. Estou a escrever da Redacção das *Novidades*. Agora mesmo chegou aqui o José Luciano, que esteve a conversar connosco, mas nem disse palavra sobre o assumpto. Recolheu para um gabinete com o Navarro. Do que souber avisarei telegraphicamente.

Eu cheguei aqui na 4<sup>a</sup> feira e ainda te não escrevi porque tenho tido o braço direito impossibilitado duma enorme queda pelas escadas da Redacção do *Commercio de Portugal*. Valeu-me o corpo do Lobo d'Avila e os bons musculos do Emydio Navarro, que iam commigo e que me ampararam. Se não são elles esborrachava-me no ultimo patamar. Felizmente não houve consequencias de maior. Agora o consulado. Só hoje é que pude fallar ao Barreiros e isso muito á pressa porque o Bocage estava á espera d'elle para o testamento. Soube porem o essencial — tenho de ordenado 500\$000 + 1.500\$ de gratificação e mais 1 conto de reis para despesas de representação — somma total 3:000\$000 de reis, fora os emolumentos das arrecadações das heranças particulares. Parece-me excelente. É consulado de 1<sup>a</sup> classe, estou portanto na carreira, e o clima é admiravel. Sobre a epocha da partida deixaram-a

ao meu arbitrio mas pedem-me que vá depressa. Disse que o mais cedo que poderia partir era a 5 de Abril nas *Messageries maritimes*.

Não sei ainda quanto me dão nem quanto para as despesas da partida. Tento porem de ir tirar a patente, que importa com sellos e mais verbas 100\$000 aproximadamente. Peço-te por isso que me mandes dinheiro para me ir preparando com fatiotas e farda. Logo que elles me abonem as despesas para a partida reeembolsar-te-ei. Queria que fizesses isto com a maxima brevidade para me retirar o mais depressa possivel. podes mandar-me o dinheiro por intermedio do Banco de Vianna. Cumprimentos ao Pae, mana e pequenos

Hotel Alliança  
ao Chiado

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
mt<sup>o</sup> obgd<sup>o</sup>  
Antonio

P. S. Disse-me agora o Antonio Candido muito em segredo que era certa a entrada do Oliveira Martins. Ouviu-o n'este momento ao Jose Luciano

A.

## XXVII

Jose

Acabo de receber a tua carta e agradeço-te muito as considerações amigas que fazes acerca da minha vida. Eguaes a essas acaba tambem de mas fazer o Correia de Barros e Oliveira Martins que querem a todo o risco eleger-me pae da patria nas primeiras eleições. Logo vou jantar com elles para conversarmos mais á vontade. Em todo o caso porem eu estou resolvido a partir. A viagem não me assusta. O trajecto é tão conhecido que os naufragios são rarissimos. Demais eu posso em dous annos fazer lá algumas economias para vir espatifar pela Europa.

Alem de tudo se teimarem em fazer-me deputado volto quando for occasião. A terra é magnifica e eu dou-me bem em toda a parte. Na Europa não ha actualmente nenhum consulado de 1.<sup>a</sup> classe e é de crer que os progressistas não conservem o escandalo do Havre, nem eu já quero fazer-me pedinchão. O ministério ainda não está organizado. O Jose Luciano trabalhou activamente — é de certo o calix de mais amargo fel que tem saboreado — Todos os boatos são absolutamente infundados. Logo participar te-ei o resultado telegraficamente. O Oliveira Martins não acceitou. Mariano e Emygdio parece-me que *intrigam* ferosmente. Depois conversaremos. Vê se me mandas o dinheiro. Na segunda feira se já tiver ordem, vou tirar patente. Para as camisas manda-me a medida do pescoço, largura d'hombros e comprimento do braço. Demoro-me ainda a semana que vem. Cumprimentos ao Pae e á Mana e aos pequenos

Sabbado.

Teu irmão  
e am<sup>o</sup> ob<sup>o</sup>  
Ant<sup>o</sup>

## XXVIII

Jose

Escrevo-te muito á pressa porque esta o correio a partir. Apenas reçebi a tua carta procurei o Ant<sup>o</sup> Alberto e disse lhe que procurasse o Jose Luciano para o prevenir acerca do Prior de Refoyos. Affirmei-lhe que foi um *padre*, nosso patricio, que me comunicou a noticia. Agora acerca de mim: percorri no ministerio a lista de todos os consulados mas: só encontrei vago Dresde, na Alemanha, com pouco mais de 1 conto d'ordenado. É de segunda classe. Resta-me a hypothese do Havre, mas já resolvi não pedir coisa alguma pelas seguintes razões. O governo creou aquelle consulado para o Visconde de Faria, consul em Paris. Os progressistas ou acabam com o escandalo ou se resolvem a mandar para la um novo empregado, mas

este é com toda a certeza transferido de lá, e quem sabe para onde, apenas os regeneradores subirem ao poder. Por isso não quero. De mais affigura-se-me que esta gente não está muitos annos na governança.

Recebi os 100\$000 que me mandaste e em vista da tua carta suspendi as encomendas para d'aqui a um mez — precisa de prova e é necessario ter relações com os alfaiates. Ainda assim não tenho dinheiro porque a casaca e respectiva calça, com mais um fato que trago vestido absorvem-me 60\$000. Não sei quando me darão o dinheiro no ministerio, nem quanto o Barros Gomes me abonará — Os regeneradores davam 1 conto — *dado*. Vou requerel-o amanhã. No entanto, se poderes muito me obsequiavas mandando-me mais algum porque desejo retirar-me segunda feira para o Porto e não sei se elles me darão ate esse dia. Precisava só dos 60\$000 da fatiota.

O Antonio Alberto que está aqui comigo, vae gov. civil p. Vianna.

Recados a todos...

Antº

## XXIX

Jose

Escrevi te hontem muito á pressa e por isso não sei já o que te disse. Volto de novo a explicar a minha idêa. Fiz hoje o requerimento ao Barros Gomes pedindo a ajuda de custo e o dinheiro para as despesas de viagem. Não sei porem quando mo darão e por isso tem paciencia! vê se me podes mandar mais 60\$000 porque na 2ª feira tenho de pagar a casaca e a fatiota que já trago no corpo e não sei se receberei dinheiro do ministerio ate esse dia. Fica tambem certo de que me hei-de esforçar por ser este o ultimo favor d'esta natureza que te peço. Como te disse os regeneradores *davam dado* 1 conto de reis; estes não sei quanto darão mas pelo menos dizem-me que serão 800\$000. Esta quantia, porem, não tem desconto porque

pelo ministério dos estrangeiros não se fazem adiantamentos. Já me forneceram toda a legislação relativa aos consulados. Mandei fazer as camisas e os sapatos. Apenas estejam promptos irão pelo correio. Eu tive necessidade de comprar umas botas feitas e pediram-me por elas 6:000 rs! É um devorar de dinheiro espantoso. Até os correios da secretaria me comeram 4:500 com um abaixo assinado de parabens.

O Ant.º Alberto foi agora mesmo nomeado Governador Civil para Braga interinamente — Não queria mas o Jose Luciano lavrou agora o decreto mesmo sem o consultar. Lembranças a todos do

24 2-86

teu irmão, am.º  
m.º obg.º  
Antonio

P. S. Lê esse manifesto. Depois dobra-o d'alto a baixo, e lê a primeira parte. É engraçadíssimo!

Ant.º

XXX

Jose

Demoro-me ainda toda esta semana. Quero deixar tudo arranjado para não ter de andar pelas secretarias quando voltar para partir. Já estou cansado destas correrias. A queda dos regeneradores tem-me dificultado o rapido andamento destas cousas porque os novos ministros, nestes primeiros tempos, não tem mãos a medir nem momentos a perder. Só no Sabbado é que pude fallar ao Barros Gomes, depois de ministro. Mas esperei 3 horas! Valha a verdade que os modos como me recebeu compensaram-me do tempo que perdi. Pedi-lhe para me despachar com urgencia o memorial que lhe mandei apresentar, e á noite em S. Carlos, vendo-me na platêa fez-me a alta

fineza de me procurar para me dizer que já tinha satisfeito o meu pedido. Hoje vou remetter ao nosso ministro no Brazil a minha patente para elle solicitar o *execuatur*, se já estiver assignada pelo Rei.

Eu cada vez estou mais contente com o meu consulado. Vou para lá recomendadissimo aos mais altos personagens. Entre as cartas que hei-de levar ha uma da Mulher do Luis de Magalhães para o tio Conde de Aljezur, mordomo mór do Imperador. Alem de tudo isto é muito natural que me acompanhe o Vicente Pindella, se conseguir, como se espera, ser nomeado embaixador para o Brasil.

Recebi o vale que me mandaste. Muito obrigado. Eu já tinha escripto para o Porto a pedil-o ao Lourenço de Magalhães, socio do João Evangelista da Silva Mattos, banqueiro.

Bem podes imaginar como o dinheiro aqui voa das mãos. Só em carros para andar por cascos de rolha a fazer visitas tenho gasto uma verba importantissima.

Tenciono retirar-me d'aqui domingo gordo o mais tardar. Quero fugir do carnaval porque a avaliar pelo dia d'hontem deve ser um verdadeiro inferno. Demoro-me no Porto alguns dias e depois ahi appareço. Lembro-te que mandes fazer a estante com a possivel brevidade. Queria deixar-te os meus livros, postos n'ella por minha mão. O novo governo por cá vae singrando, mas não lhe dou muitos annos de vida. A formação do gabinete foi um simples *arranjo* de pae Fontes, em que Jose Luciano foi comido ou foi feito. Depois te contarei — mas crê que isto é a verdade, colhida por quem *bebe do fino*, como diz o Affonso. No ministerio ha apenas dous homens de boa fé, Barros Gomes e Beirão. Este continua a ser o mais humano que é possivel — é o mesmo homem que conheceste em Ancora. Passeia a pé, falla com toda a gente, tal como quando era simples conservador. Ainda hontem andou a passear commigo na Avenida, e á noite encontrei-o no Chiado com o Goes Pinto.

Já deves ter recebido os sapatos. O Azevedo é que se encarregou de os mandar fazer e de tos remetter. Das camisas encarreguei-me eu e ja estão em meu poder.

Dá muitos recados ao Pae, e pede-lhe que me desculpe não lhe ter escrito, mas aqui o tempo não chega para nada.

Cumprimentos à Mana e pequerruchos especializando entre estes o meu grande amigo Ruy

Lisboa 1-3-86.

Teu irmão e amigo  
 m<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
 Antonio

XXXI

Jose

Estou aqui desde domingo gordo e todos os dias — na vespera de partir. Eis a razão porque te não tenho escrito. E como ainda me demoro alguns dias porque o Luis de Magalhães não me deixa ir embora já, se quizeres alguma coisa previne-me quando quizeres. As tuas camisas tenho-as na mala — só poderão ir comigo. Sobre politica nada te posso dizer. Á vista conversaremos — tenho muitas coisas com que te espantar. Ahi te mando um artigo do Jornal do Commercio para leres esse artigo do Antonio de Serpa. Cumprimentos ao Pae, Mana, pequenos e Ruy

Porto, R. do  
 Breyner, 160

Teu irmão am<sup>o</sup>  
 m<sup>o</sup> ob<sup>o</sup>  
 Antonio

## XXXII

Jose

Soube agora por uma carta do escrivão Freitas que falleceu o pobre Manoel Malheiro; Coitado, bem dizia elle que não durava dois annos! Foi bem triste o presentimento. A noticia recebida de chofre e transmittida com tanta secura fez-me uma impressão profundamente dolorosa, duplicada pelas tristes circumstancias da familia, principalmente da filha.

O Freitas pede-me para recommendar a pretensão do filho ao Correia de Barros, dizendo-me que tu também te interessas pelo seu despacho. Como não sei se isto é sinceramente exacto mando-te essa carta que tu lhe entregarás se assim o entenderes. O Correia de Barros está em Lisboa e eu não quero pedir-lhe mais este favor porque o pobre homem já tras um bolso cheio de memoriaes entregues por mim. Não imaginas como é horrivel ter a gente relações com *peessoas importantes*. É um tiroteio uma constante fuzilaria de pedidos. Eu tenho pretensões em todos os ministerios, e até para uma d'ellas venho tambem pedir o teu auxilio. Consta-me que o Marianno vae reduzir o pessoal das alfandegas de Lisboa e Porto, e eu temo que o Antonio de Mello fique de fora, no quadro dos adidos. Por isso vê se podes escrever ao Antonio Alberto para que elle se empenhe neste negocio, escrevendo ao Marianno. Eu pedi aos redactores do Correio Portugues, e vou hoje escrever ao António Candido e ao Emigdio Navarro; mas quanto mais melhor.

Ate 5.<sup>a</sup> feira ahi appareço e por isso querendo alguma coisa d'aqui, escreve.

Cumprimentos a todos

Porto 20 de  
Março de 1886

Teu irmão am.<sup>o</sup> e obg.<sup>o</sup>  
Antonio

## XXXIII

Jose

Cheguei bem, ainda que sinto na cabeça um peso enorme, como se trouxesse um capacete de chumbo. O Julio estava em Ermezinde e acompanhou-me até ao Porto. Vae ahi na 2.<sup>a</sup> feira pedir-lhes para virem com elle ver a sua casa Nova e eu parecia-me conveniente que aceitasses o convite por causa do Pae.

Felizmente foi falsa a noticia a respeito do Luis de Magalhães, que está de perfeita saude e me acompanha até Lisboa. Foi uma patifaria de algum inimigo de mau gosto, que alarmou a familia a um ponto extremo.

Adeus. Desejo-te muita saúde, á Mana e aos pequenos.

Porto, 17 d'Abril

Teu irmão e am.<sup>o</sup>mt.<sup>o</sup> obg.

Antonio

## XXXIV

(Confidencial)

Jose D'esta carta guarda a maxima reserva no que me diz respeito. Parece-me que navego em maré de felicidades... À 1 hora da tarde fui ao Ministerio para fallar com o director dos consulados Montufar Barreiros. Entrei e disse-me — antes de conversar comigo vá immediatamente fallar ao Nogueira Soares, que estava agora para lhe expedir um telegramma a chamal-o. Fui a correr, e atrapalhado, como podes imaginar. Estava em conferencia com o ministro mas veio logo ao gabinete onde eu o esperava. Recebeu-me com a maior amabilidade bem como o Barros Gomes, mandou-me sentar, e disse-me: — Como sabe vou ser nomeado embaixador para o Brazil.

Ha lá negocios importantissimos a tratar, especialmente no consulado do Rio de Janeiro, onde houve grandes roubos, e tenho necessidade absoluta de inspeccionar todos os outros, onde tambem ha graves irregularidades. Preciso de pessoal para me acompanhar e não tenho nas circunstancias de servir com probidade e intelligencia. Portanto Você vai commigo. Não perde o seu logar — fica sendo sempre consul do Rio Grande do Sul, mas vae servir commigo durante o tempo que eu precisar dos seus serviços. Terá uma gratificação sufficiente para viver á altura do cargo que vae exercer. Mas, note, não o dispenso. Tambem não quero contrariar-o, mas manifesto-lhe vivamente o desejo que tenho de que me acompanhe. Eu disse-lhe logo que sim. Parece-me uma coisa tão extraordinariamente honrosa que ainda julgo isto phantasia. Depois são serviços que me hão de valer de muito, talvez até para arranjar o consulado do Rio de Janeiro. E em summa, aos 26 annos e inexperiente, nomeado para fazer parte da inspecção aos consulados do Brazil, parece-me tudo a quanto se pode aspirar de mais elevado.

A minha nomeação depende, pois, de se arranjar um homem que va gerir o consulado do Rio Grande *interinamente* porque o homem que lá está abandona-o. De forma que dando-se isto só embarco em Maio. Vou na companhia do Embaixador, com o 1.º secretario Conde de Paraty, um 2.º que ainda não está escolhido, e naturalmente com o Dr. Sanctiágo, d'Ancora que vae na mesma commissão commigo.

Às 10 horas da manhã encontrei na Havaneza o Veiga Beirão e fallei-lhe do Freitas com a instancia que podes imaginar. O homem esta apoquentadissimo com empenhos — ha até um protegido da Rainha. Quiz fazer o despacho na anterior 5.ª feira mas o Oliveira Martins, interpoz-se, e elle não sabe o que o ha-de fazer. Vae levar o caso a conselho de ministros. Portanto o Antonio Alberto que aperte de novo, com força. Do conselho de ministros trato eu. O Oliveira Martins, é claro, interpos-se

em favor do Freitas, e vou procural-o para apertar o Barros Gomes.

Elle explicou-me satisfatoriamente a nomeação do abbade de Moreira, muito sentido com o Ayres de Gouveia, que informou mal — mostrou-me ate a carta do Ayres. Disse-me que nem conhecia o Boaventura Vieira.

Cumprimentos a todos — teu irmão e am<sup>o</sup>

Antonio

(Confidencial)

XXXV

Jose

Já depois de ser expedido o meu telegrama e de te ter escripto uma carta, encontrei o Oliveira Martins que me referiu a conversa que teve com o Antonio Alberto. O homem está tambem entalado pela gente de Braga para que seja transferido para ahi um parente do Moura. Pede ao Ministro que despache o Freitas, *mas não podendo ser* que transfira o da Barca. Ora este modo de pedir é contraproducente. Faz o que entenderes. Previño-te, porem, de que não faças uso desta carta nem fales no nome do Oliveira Martins. Compreendes a necessidade da discreção. Elle esta agora aqui comigo na redacção das *Novidades*, muito contente pela noticia que lhe dei da minha conversa com o Nogueira Soares, dizendo-me tambem, que se eu trabalhar por la 2 mezes com cuidado é seguro apanhar o consulado geral do Rio de Janeiro, ou outro qualquer á minha escolha. Vou logo jantar com elle e volto a pedir-lhe pelo Freitas.

Adeus muitas lembranças a todos

19 d'Abril

Teu do C. irmão  
e am<sup>o</sup>

Antonio

P. S. O Vicente Pindellas disse-me tambem que a mulher do José Luciano pedia por um escrivão qual-quer por ahi. Elle tambem tem pedido pelo de Braga, mas prometeu-me não insistir nem fallar mais no caso, é claro, *sob absolutto segredo*, p<sup>a</sup> se não comprometer com os *elleitores*.

A.

### XXXVI

Jose

Está tudo decidido. Parto para o Brazil em Maio, com o Nogueira Soares, e fico a fazer serviço na Legação como consul addido. Descobriu-se hoje o homem para me ir substituir. É um sobrinho de Teixeira de Vasconcellos. Vae ser nomeado chancellor e encarregado interinamente do consulado.

Perguntando-me o Nogueira Soares quanto queria ir ganhar, respondi que deixava isso ao arbítrio de S. Ex<sup>cia</sup>. Declarou-me então que ficava a receber o meu ordenado de consul, menos um terço das despesas de representação, que era para o chancellor, mas em compensação receberia a mais o que fosse necessario para viver com elle, á altura da posição que eu ia ocupar. Que sabia perfeitamente que eu não tinha fortuna, e que portanto não tivesse receio de nada que havia de ir ganhar muito mais do que como simples consul. Depois da inspecção ao consulado geral do Rio seguiremos na inspecção a todos os outros do imperio. Vou portanto fazer uma viagem admiravel — correr todo o Brasil civilisado, na melhor epocha, porque chegamos lá no coração do inverno. Amanhã começo a ir para o Ministério estudar o assumpto com elle. Por isso não volto ahi. Disse-me mais que seria abonada desde já, ou a contar d'amanhã, uma gratificação para me indemnizar das despezas que fizer aqui. Eu vou aproveitar o tempo que me sobejar para me *apurar bem* no Francez. Tenho tambem de fazer a farda, mas para

isso depois de saber o preço, tenciono abrir uma subscrição... pela familia. Diz portantò ao Pae que esteja satisfeito porque poucos mezes me demorarei no Brazil.

Recomenda-me muito ao Pae, Mana e pequerruchos, especialmente ao meu amigo Ruy.

Querendo d'aqui alguma coisa mandem.

20 d'Abril

Teu irmão e  
amº mtº obgº  
Antº

P. S. Como me demoro por aqui vou mudar de Hotel para uma casa d'hospedes; naturalmente para a aquella onde mora o Correia de Barros com a mulher. Por enquanto escreve para o Hotel Alliança.

### XXXVII

Jose

Recebi a tua carta. Ainda não pensei bem sobre o caso. Estou á espera de carta do Pereira Leite e depois pensarei, se a cousa não for muito difficil de conseguir porque os consulados de 2.<sup>a</sup> classe teem sempre numerosos pretendentes visto que se não exigem cursos, nem concursos. No entanto se a cousa fôr possivel aceito. Nas minhas circumstâncias não tenho outro partido a tomar porque conheço bem a tristeza da minha posição. Se tenho de me demorar por cá mais um anno continuo a ser pezado. Embora a tua delicadeza me diga que não, eu conheço perfeitamente o papel que represento. Demais vive-se em toda a parte e meu pae não morrerá de desgosto com a minha ausencia. Dou-lhe talvez um alivio e um descanso aos cadernos em que dormem as verbas das minhas despesas. Agora outro assumpto. Dize-me se precisas ahí de mim para alguma cousa nesta conjunctura electoral, porque não sendo necessario não vou por enquanto.

Estou a fazer um trabalho que contractei com o editor  
Moreira. Recados a todos de

Teu irmão  
e amº miº obg.  
Antº Feijó

## XXXVIII

Jose

Já ante hontem á noite numa carta escripta a correr na redacção das «Novidades», te participava que estava tudo arranjado. Apareceu o homem. E para cumulo o ministro nomeia-o chancellor, de forma que eu fico a receber o meu ordenado de consul, menos uma terça parte das despesas de representação, que me ha de ser compensada por outra forma. Alem de todas as vantagens fico a receber muito maior ordenado, segundo me affirmou o Nogueira Soares. Eu tinha muitos desejos de ir ahi, mas não posso porque o Nogueira Soares, deu-me ordem para não sair de Lisboa, e ir todos os dias ao Ministerio estudar o que elle me indicasse. Principiei hontem. Mandou-me para a repartição de contabilidade com ordem aos empregados de me fornecerem livros e todos os esclarecimentos que eu pedisse. Estive até á 1 hora da tarde — a essa hora mandou-me chamar, sentei-me numa mesa no seu gabinete e disse-me: «inutil seria dizer-lhe que o que vai ouvir é do maximo segredo. Os documentos que se vão ler são absolutamente secretos: conhece-os o ministro, eu, e o empregado que os reuniu. Peço-lhe toda a attenção». Eu fiquei atrapalhado. Eram nem mais nem menos, tudo o que dizia respeito ao roubo do consulado do Rio de Janeiro, que monta a 200 e tantos contos! É uma historia extraordinaria em que aparecem comprometidos nomes até hoje respeitabilíssimos. Fico por aqui para começar a ser discreto... Estive lá á noute, e d'aqui em diante continuaremos no mesmo trabalho.

Portanto não posso ir ahi, o que por um lado estimo. Atterro-me só com a ideia de novas despedidas. Assim a gente vae-se acostumando e evitam-se novas facadas.

Desejo-lhes muita saude e peço muitas lembranças para todos

Teu irmão e am°

mt° obg.

Ant°

P. S. Ainda não soube quanto custava a farda. Logo que o saiba, abro a subscrição

A.

### XXXIX

Jose

Não tenho respondido ás tuas cartas porque ainda não me foi possível saber quanto custam os vestidos para os rapazes. Ando muito atarefado a estudar o processo do roubo no consulado do Rio de Janeiro, para escrever um relatorio sobre o assumpto, para uso particular do Ministro. Trago o tempo todo tomado. Vou para o ministério ás 11 horas e saio ás 5. Amanhã pela manhã hei de ver se posso satisfazer o teu desejo. Sobre o negocio do Freitas só tenho a acrescentar que está tudo como d'antes. O Beirão ainda hontem disse ao Oliveira Martins que preferia fazer-lhe um bispo! Tudo depende do António Alberto. Se elle pedir, como deve, o Freitas é despachado, porque não ha *poder nenhum que possa destruir o pedido de um governador civil para um despacho d'essa ordem.*

O Visconde de S. Jannuario prometteu passar o Julio para o corpo de estado maior, já, se houver vaga, ou na primeira que appareça. Ainda hontem repetiu isto mesmo ao Guerra Junqueiro.

Não sei como appareceu na *Provincia* uma noticia dizendo que eu tinha sido encarregado de fazer uma syn-

dicancia aos consulados do Brazil. Já hoje mandei retificar-a. Eu vou em comissão servir temporariamente na legação do Rio de Janeiro. Ostensivamente é esta a posição em que eu vou, porque a inspecção, e não syndicança, aos consulados é feita pelo Ministro. Era até ridiculo se o Ministro me encarregasse de tal comissão, e é por isso que eu a fiz rectificar.

Já mandei fazer a farda e se ma prepararem para as festas hei-de ir ao baile do Paço. A dificuldade está em arranjar carruagem, que custa por dia, nos festejos 8 libras.

Moro na Calçada de St.<sup>a</sup> Anna, n.º 207. Tenho uma sala para receber; um gabinete para trabalhar; um quarto de cama o outro para banho e para me vestir. Tudo esteirado e tapetado, mobilia estofada e cortinados de reps nas portas e janellas. Tenho dois pratos ao almoço quatro ao jantar, vinho á descripção, menos ao almoço, e tudo isto — por dez tostões por dia. É uma coisa extraordinaria. Parece-me que o dono da casa tem vontade de se arruinar. Muitas lembranças ao Pae, Mana e pequenos, não esquecendo o meu am.º Ruy

Lisboa 1-5-86

Teu irmão e am.º  
mt.º ob.º  
António

## XL

Jose

Os vestidos para os pequenos sem distincção de edades custam desde 4.500 ate 15:000, quer sejam de malha, quer de outro tecido. Não me pareceu, porem, que valha a pena compral-os — a não ser para os mais pequenos. Alem disso devo dizer-te que no Porto custavam muito menos do que aqui. Aguardo, porem, as tuas ordens para cumprir o que me mandares. Eu cada vez estou mais satisfeito com a minha nova collocação. O meu

chefe, o Nogueira Soares, tem por mim a maior simpatia e este homem dando-lhe para proteger alguém *vae ate ás do cabo*. Convida-me varias vezes para ir jantar com elle, e como conhece a minha qualidade de minhoto, mimosêa-me com atacadellas de excelente vinho verde.

Nós só partimos no fim de maio ou primeiros dias de junho. Assisto portanto aos festejos, sem com isto asseverar que os hei de *ver*. As janellas alugam-se por altos preços, as carruagens custam 8 libras por dia, e o governo ve-se afflicto por não saber onde ha de acommodar as pessoas que tem direito a ser convidadas. A cerimonia em S. Domingos que deve ser uma das coisas mais interessantes, não me arrisco a ir vêl-a posto que tenha logar entre os funcionarios superiores do Ministério dos Estrangeiros. Ha de ser uma multidão enorme, capaz de abafar mil touros. Por isso reservo-me só para o baile do Paço e para a toirada que como festa deve ser a melhor coisa. Os bilhetes são offerecidos mas ha apenas 6:000 e já existem mais de 46:000 pedidos!

Faço-te todas estas observações para que vejas, querendo vir cá, aquillo com que podes contar...

De resto é bom que me previnas para eu te arranjar hospedagem, porque os hoteis devem ser carissimos.

Recomenda muito ao Pae e á Mana e manda sempre o

Lisboa, 6 de maio

Teu irmão e am<sup>o</sup>

mt<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>

Ant<sup>o</sup>

P. S. Vou escrever ao Cardoso

XLI

Jose

Não te tenho escripto porque me deixei arrastar no turbilhão das festas, e não havia mãos a medir. O governo, apesar da sua attitude quando opposição, quiz mostrar

que não ficava atrás do velho Fontes na arte sublime de desperdiçar dinheiro. Sem nada ter feito até ao presente perdeu toda a sua popularidade, no poço onde enterrou as suas tradições de *economia e moralidade*. O Rei, chamando-os ao poder n'esta ocasião, quiz vingar-se dos antigos ataques do Marianno e do Navarro obrigando-os á triste figura de lhe lamberem os pés, e encheu-os de notorias desconsiderações. Não os apresentou a nenhuma das personagens estrangeiras que ahí estiveram, e no baile do Paço, na quadrilha d'honra, contra todas as praxes, não dançou o presidente do Conselho, nem a esposa. Ao S. Jannuario não lhe dirigiu na parada uma unica palavra de louvor. Está bem vingado, El-Rei! Estas coisas tomaram tal incremento, que chegou a falar-se de *crise*, e ha muito bom pessimista dentro do partido que assegura que o ministerio não chega a fazer as eleições. Mas deixemos isto. Fallei com o Ant.º Alberto sobre o caso do Freitas; repetiu-me o que tu me tinhas dito, e ficou de se ir entender com o Beirão.

O caso que por ahí corre do *risco* em que estive no Tejo, não prestou para nada. Fui ver o fogo n'um vapor da carreira de Belem e no regresso como o rio estava qualhado de navios e barcos de toda a especie, um outro vapor que passava abalroou com o nosso, lançou um passageiro ao Tejo e ia nos mettendo a pique. Isto, porem, não prestava para nada porque estavamos a poucos metros de terra e a gente não sabe nadar só para se divertir. O Freitas, que ia commigo, é que apanhou um susto monumental, a ponto de ficar *rouco*, de tanto berrar por socorro. Houve cheliques no mulherio, desmaio n'um ecclesiastico, mas não passou d'aqui o grave acontecimento. O Freitas é que contando o caso revestia-o de taes cores, que enchia de panico os ouvintes. La no vapor parecia uma donzella nervosa. Por mais que eu o socegasse depois de ter corrido todo o barco com o machinista, até ao porão, não houve meio e tive de o agarrar porque elle queria atirar-se para um bote que passava e

era certa a queda no rio. Não sei ainda quando partiremos, mas infallivelmente será por todo este mes. Eu pouco me importo com a demora: como me pagam tanto faz estar aqui como na América. O Nogueira Soares disse hontem ao Luis de Magalhães, que o foi visitar que conta faser-me consul geral no Rio dentro de 2 annos. Vou agora com elle, pratico e *inspecciono*, no verão vou ao Rio Grande, e na primeira ocasião sou chamado para tomar conta do consulado geral. Essa primeira occasião ha-de ser breve porque o actual consul está velho e quasi inutilisado.

Cumprimentos a todos — Pae, Mana e Pequenos. Um beijo no amigo Rui e um abraço de

2. de junho

Teu irmão e am.<sup>o</sup>  
mf.<sup>o</sup> obg.<sup>o</sup>  
Antonio

P. S. A proposito: Fiz ontem annos — 27 primaveras

## XLII

Jose

Lisboa 14

Estive hoje, mais de 1 hora, com o Veiga Beirão. Ha muito tempo que o não encontrava e fui procural-o para lhe pedir noticias do despacho do Freitas. Mostrou-me um masso enorme de papeis, contendo cartas memoriaes, telegramas, o diabo! a proposito da vaga de Ponte de Lima. Chovem os pedidos de toda a parte, dos homens mais altamente collocados no partido e o ministro disse-me com toda a franqueza que não sabia como resolver a questão. Se nós nos contentávamos com o despacho do Freitas para qualquer outro lugar, ainda com a condição de ser colocado no Minho, disse me que sanava todas as duvidas e que o libertavamos de uma grande difficuldade. Que era por consideração á *natureza* do nosso pedido,

apresentado como um negocio de familia, o que elle tinha em toda a conta porque lhe mereciamos toda a sympathia, — já teria feito o despacho nomeando o Freitas para um outro lugar e transferindo para ahi *aquelle por quem altos personagens se interessam*. Expuz-lhe de novo a questão. Disse-lhe que nomear o Freitas para outra comarca era para nós completamente indifferente, porque cessava o motivo do nosso empenho — a sustentação da filha do fallecido escrivão, nossa parenta. E nesse tom insisti até final. Depois, disse-me: e se eu não puder de todo em todo nomear o Freitas para Ponte do Lima, vocês zangam-se comigo? Respondi-lhe: eu, não; devo-lhe muitos obséquios para deixar de lhe ser reconhecido: mas meu irmão, talvez. Estive para lhe dizer que rompias com a politica progressista, pedindo immediatamente a tua demissão, mas lembrei-me que isto era uma ameaça, talvez inconveniente nestas alturas, em que elle ainda me affirmava que havia de empregar todos os meios para resolver a *duvida* segundo o nosso empenho. Quando elle me disse que não era justo nomear um rapaz logo para uma comarca como Ponte do Lima (posto que esta circumstancia não fosse bastante para elle se decidir, mas que era com ella que os outros pretendentes lhe argumentavam), disse-lhe eu que o Freitas já era tabellião, circumstancia esta que o homem estimou saber, porque era uma qualidade mais a que podia agarrar-se.

Em suma deu-me muito boas fallas, e eu estou intimamente convencido que se o Ant.<sup>o</sup> Alberto lhe escrever dizendo — é indispensavel que nomeie o Freitas — o despacho não se faz esperar.

O caso do Julio está-se agora apresentando mais difficil do que a principio. Hontem á cautella e a seu pedido, arranjei-lhe mais licença registada. Disseste-me que ias escrever ao Negrellos; eu já lhe tinha escripto tambem, mas não sei se o homem poderá fazer alguma cousa com o S. Januario que é um papelão sem prestimo nenhum.

Ainda não sei quando partimos para o Brazil, mas é de crer que só vamos em Junho. E a este respeito dou-te mais esta noticia: — tenho quasi a certeza de que o Nogueira Soares me vae hospedar em casa d'elle no palacio da Embaixada, que o governo vae alugar por 5 contos á condessa de S. Mamede.

O maroto do alfayate faltou-me com a farda, e não posso, por isso, ir aos festejos; só de calção e meia, mas isso custa caro e é inutil — não serve para outra cousa.

Estou admirado com toda essa gente do *Echo*, e até com o Gaspar. É espantoso! E o pedido do P<sup>e</sup> Luis? É caso para o mandar á fava, quero dizer ao Ant.<sup>o</sup> Roberto Muitos recados ao Pae, Mana e pequenos. Teu irm<sup>o</sup>

Ant<sup>o</sup>

### XLIII

Jose

Parece-me que é excellente a attitude que estas resolvido a tomar perante os senhores chefes da politica progressista nesse districto. De resto isso por ahi corre como por cá — é um reflexo. Nos últimos dias o governo deu uma prova de tal fraqueza e ate de falta de tino que fez indignar toda a gente. Não imaginas o que foi Lisboa durante 3 dias. Correrias successivas de cavallaria pelas ruas, descargas, tiros de revolver, orelhas decepadas, cabeças partidas, o diabo! Ao pé de mim o General Malaquias, de cavallaria, levou duas pranchadas no lombo, verdadeiramente monumentaes. E ante-hontem o governo depois de mil hesitações sempre se resolveu a gazofilar cerca de 300 arruaceiros que mandou para bordo do transporte *Africa*. A desordem como já deves saber pelas gazetas, começou pela simples prisão de um soldado na feira das Amoreiras; mas depois a politica enxertou-se no caso e tornou a contenda mais grave e mais seria, graças á falta de providencias tomadas pelo governo.

Nisto tudo anda a mão do Fontes, que está furioso com o actual governo, tendo-lhe jurado a morte, por causa da demissão do Andrade Corvo, de nosso ministro em Paris. Começam as arruaças para o desprestigiar e tirar-lhe a força de que precisa para fazer a dictadura, e vae-o deixando depois arrastar uma vida miseravel até cahir como da outra vez, sem ter feito nada. Para veres que homens de governo são os nossos amigos, basta que te conte o seguinte. Em Lisboa, os Commissarios de policia, o secretario geral, os administradores e regedores dos bairros, os empregados superiores de todos os ministerios incluindo o da guerra — são provadamente regeneradores, creaturas subservientes do Fontes, e o Governo ainda não teve coragem de fazer uma demissão. O paspalhão do S. Januario inepto e medroso, é um ministro da guerra que não conhece ninguem absolutamente ninguem no exercito, não tendo portanto um unico homem de confiança. E para cumulo, querendo manter a ordem na capital e a disciplina no exercito, mandou chamar o general José Pinheiro e entregou-lhe o commando da 1ª divisão. Ora este general, alias energico e atrevido, é creatura do Fontes, d'alma e coração. Deve-lhe tudo, porque foi quem lhe valeu quando os progressistas o acusaram de ladrão e tentaram perdê-lo para sempre. Já vês que é um homem de toda a confiança...

Deus queira que me engane e que alguma fada benéfica dê coragem e resolução ao Jose Luciano e aos outros ministros, que na noite da desordem no Rocio, estiveram desde as 8 horas da noite até ás 11 para tomarem a resolução que toda a gente pedia e que o bom senso reclamava — mandar retirar a guarda municipal. Guarda para ti estas cousas tristes que eu te conto confidencialmente. Com referencia á minha partida ainda te não posso dizer o dia em que embarcamos, mas creio que será até 23 do corrente. Hontem o Nogueira Soares — foi comigo a um estofador encomendar mobilia para um quarto *para hospedes*, e disse-me que desde que chegasse ao Brazil me

considerava seu hospede para todos os effeitos. Resisti mas respondeu me: quem manda sou eu, que sou o chefe. Posso portanto viver por lá com *largueza* apesar da vida ser carissima. Basta que te diga que mandamos tomar quarto no *Hotel dos Estrangeiros* para onde vamos nos primeiros tempos, e que nos levam a 20:000 por dia, cada pessoa!

Eu fico lá muito bem porque o Nogueira Soares mandou alugar um palacio da Condessa de S. Mamede, fora da cidade. Vae ter carruagem montada e camarofe na Opera, luxos estes exigidos pela colonia portugueza que quer que o seu ministro faça a primeira figura entre o corpo diplomatico. Como poderas imaginar estas coisas ficam por altos preços e só o ministro de Portugal é que lá se permite este luxo. Nenhum dos outros, nem o inglez tem carruagem e assignatura no theatro italiano onde cada lugar de platêa custa um preço exageradissimo.

O maroto do meu alfayate ainda me não concluiu a farda e é por isso que ainda te não mandei a minha effigie, mascarada de marinheiro. Muitos cumprimentos ao Pae, Mana e pequenos com muitos beijos ao Ruy

7 de Junho

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
mt<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
António

P. S. Tambem d'esta vez me esquecia de fallar do F. Esteve hospedado na minha casa e por cá andou gozando o que pode. Eu fui-o esperar á estação, mas depois raras vezes o acompanhava porque elle é d'uma tal mesquinhez que mette dó. Boa gente, mas muito apertadinha. E o que tem mais graça é o J M, que está aqui tambem, a fazer-lhe troça por ser agarrado, elle fez um banze ridiculo no Martinho por achar muito cara a cerveja — 3 vintens a mais que nas outras casas!

Outra coisa: a familia F. — durante 12 ou quinze dias que aqui esteve, do seu corpo só lavava a cara. Devia chegar ahi fresca!

Teu irmão  
A.

## XLIV

Jose

Na ultima carta que te escrevi deixei de te fazer um pedido que há muito tempo trago na mente e que nunca me lembra quando te escrevo. Faço-o agora antes que me torne a esquecer. Desejava que por intermedio do nosso Am<sup>o</sup> João Affonso me mandasses do Porto um pipo de vinho fino ahi para dois cabaços. Queria, porem, que fosse de superior qualidade, porque o meu intento é offerecê-lo lá ao Nogueira Soares, de quem vou ser hospede, como te disse.

Desejava alem d'isto que o pipo chegasse aqui antes do proximo dia 20, porque é quasi certa a nossa partida no dia 23. Por isso que mo remetam pela grande velocidade. Desculpa estas massadas, que eu procurarei recompensar-te pallidamente mandando-te da America algumas latas de goiabada e varios exemplares de papagaios, araras e outras aves exoticas, para divertimento do meu Am<sup>o</sup> Ruy. Muitas lembranças ao Pae, Mana pequenos e João Affonso.

Lisboa 9/6/86

Teu irmão e  
am<sup>o</sup> m<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
Antonio

## XLV

Jose

Muito obrigado por todos os favores que sempre da melhor vontade estás disposto a prestar-me. Recebi hoje a guia do Caminho de ferro para mandar buscar o vinho.

Ha, porem um grande inconveniente que não sei como remedial-o. O pipo foi despachado em pequena velocidade e por isso só chega depois do dia 24. Ora eu conto embarcar na vespera, a 23; tenho de o deixar ficar. Este inconveniente evitava-se se tivessem feito o despacho na grande velocidade. Em vez de custar um cruzado o transporte custava 15 tostões ou 2:000 rs., mas eu poderia leval-o na minha companhia. Assim não sei como resolver a questão. Ignoro ainda os portos em que tocamos. Estejam porém certos de que escreverei de todos elles. De resto podem ficar perfeitamente tranquillos. Viajamos n'um dos melhores vapores da Companhia, que está há um mez em descanso, e n'uma epocha em que o Atlantico é de leite. Partimos no solsticio do verão, epocha em que não há temporaes no oceano.

Recebi uma carta e uns papeis d'um sujeito António Joaquim Gonçalves da Costa, de Navió, dizendo-me que foi meu condiscipulo, etc, etc, e pedindo-me para lhe arranjar a ser despachado escrivão do juizo ordinario de S. Julião do Freixo. Eu não o conheço nem por mais que me esforce consigo ligar o nome á pessoa. Dize-me, porém, se queres que peça pelo homem ou não. A mim custa-me ir *sollicitar* qualquer cousa do Beirão, mas tendo tu empenho n'isso, creio que o homem, para me adoçar a bocca, me fará essa fineza. Hontem estive com elle a conversar mais de meia hora, na rua, mas não me fallou em coisa nenhuma a proposito do Freitas. Pediu me, porem, que apparecesse pelo Ministerio...

Manda-me dizer em quanto importa o vinho. Eu não estou muito abonado mas para isso ainda chegam os meus haveres. Tenho feito enormes despezas. A farda custa-me 180.000 rs. Levo alem disso muito fato, varias sobrecasacas pretas e de cores, rabonas, fracks, etc. O Nogueira Soares foi que me mandou fazer tudo isso. Quer que eu vá *janota*. Achô que me quer casar... Em suma eu vou... muito bonito rapaz, e muito bem albardado. Muitos

cumprimentos ao Pae, Mana e pequenos, com um abraço para o Ruy.

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
mt<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
Antonio

## XLVI

Jose

Em vista do que me dizes na tua ultima carta devolvo-te os papeis do rapaz de S. Julião e escrevo-lhe dizendo-lhe que te procure para tu lhe explicares a razão porque eu não poude acceder ao seu pedido.

Quanto ao Ministro da Justiça estive novamente com elle no Paço da Ajuda, mas não me disse nada acerca do Freitas. Hoje vou despedir-me d'elle e se me fallar em tal, hei de dizer lhe a attitude em que estás, e as difficuldades em que se há de ver o Antonio Alberto. Fizeste muitissimo bem. A politica só serve para te prejudicar e encommodar. Eu no entanto, para accentuar mais a minha divergencia ia-me demittindo: demais a mais estou convencido de que não são capazes de te dar a demissão.

O vinho ainda não chegou — a guia diz que só pode ser procurado depois do dia 24. Metti uma empenhoca ao chefe do trafego, disse-lhe duas amabilidades, elle é um asno com a mania litteraria, e para me ser agradavel fez um telegramma para cada uma das estações ate ao Porto, reclamando a urgencia na remessa da encomenda tal. Veremos se cá chega. De qualquer das formas agradeço te muito o cuidado e a amabilidade do teu offercimento. Ainda não tenho o retrato fardado porque o alfayate só tem prompta a farda amanhã e não sei se o photographo terá tempo de tirar alguns exemplares antes de eu partir. Por isso parece-me que só to poderei mandar do Brazil.

Estive ante-hontem na Ajuda. Fui por ordem do N. Soares despedir-me do Rei. Perdi-me de riso completamente quando chegou a scena esperada. Eu tinha ido

no carro com o Barros Gomes era um dia de assignatura. Estavam os Ministros todos formados, e os dignitarios do Paço. O Rei chegou (sem calembourg), o Barros Gomes disse-lhe qualquer cousa e o Homem dirigiu-se a mim; deu-me a mão a beijar muito estendida para o chão, a fim de obrigar a gente a uma mesura que leva o joelho a terra, e começou a fazer-me perguntas banaes, a que eu respondia — sim e não, meu senhor: mas numa destas respostas pespego-lhe uma data de *Excellencia*. Elle riu-se, eu, perco-me tambem e desato a rir, e elle diz-me muito depressa — estimo que faça boa viagem, e eu escapei-me para me rir á vontade d'aquella scena tão comica. Regalei-me todo de ver como o Mariano dobrava a espinha e o respeito e sabujice com que lhe beijou a mão. Era o mais saliente de todos, por isso mesmo que era o mais pulha.

Adeus. Muitas lembranças a todos do	
Lisboa 19 de	Teu irmão e am <sup>o</sup>
junho	mt <sup>o</sup> obgd <sup>o</sup>
	Antonio

## XLVII

Jose

Estou prestes a embarcar. Tenho aqui alguns amigos que vieram despedir-se de mim, e entre elles o Gaspar de Queiroz Ribeiro e o Azevedo.

Encarrego-os de te levarem noticias minhas. Escrevo de Cabo Verde, da Bahia e de Pernambuco.

Adeus. Não te mandei o passepartout para o retrato porque o não encontrei com dimensões iguaes. Muitas saudades ao Pae, Mana e pequenos. Ate à volta

Lx. 23	Teu irmão
	e am <sup>o</sup>
	Ant. <sup>o</sup>

## XLVIII

A bordo do Wiger, 27-6-86

Jose

Chegamos amanhã a Dakar. Aproveito por isso a ocasião para te mandar noticias minhas, posto que não saiba em que dia passa o paquetê que leva o correio para Lisboa. Desde que embarquei até hoje tenho passado perfeitamente, sem o mais ligeiro encomodo. Isto é um belo hotel fluctuante, um grande hotel de 3 andares, cheio de comodidades e de conforto. Passa-se o tempo da seguinte maneira — as 7 horas da manhã levam aos beliches café e bolacha; ás 9 e meia almoça-se, mas que almoço! é um verdadeiro banquete; a 1 hora *lança-se* (segundo banquete); ás 5 janta-se as 9 e meia cha e torradas, as 11 cama. E nos intervallos que restam desta continua comezaina, — dorme-se; vida de porco bem tratado e feliz.

De resto, para compensar a monotonia ha mulheres bonitas, piano, jogo e boa palestra. Á meza que é numa grande sala onde podem comer 300 pessoas é d'um effeito surprehendente ouvir a palestra geral em variadissimas linguas, fazendo lembrar a sala d'um grande hotel numa cidade cosmopolita.

Nós, o pessoal da Legação, como somos pessoas *comme il faut*, gozamos da consideração geral e tratam-nos com as maximas distincões. Comemos á meza do capitão que é um official da armada franceza, e todos os dias nos obsequieia extremamente offerecendo-nos Champagne, magnificos licores ao *déssert*.

Ja vês que o mar longe de ser uma coisa atterradora, é uma estancia magnifica para a tranquillidade e para a engorda. De resto o enjão é uma coisa que não existe. Foi inventado, como o diabo, para pôr medo aos simples e ás mulheres. Só enjôa quem tem medo. Eu nem dei

por tal. Sahi de Lisboa, um pouco apoquentado com as despedidas a bordo, e triste pela apreensão que nos acomette sempre que vamos entrar no desconhecido e no imprevisto, mas ahi pelas alturas de Belem o jantar opiparo que nos deram, quasi que me consolou de todas as amarguras.

Estimarei muitissimo saber que esta carta serviu para tranquillisar o Pae que deve ficar contente ao saber que o mar não é tão feio como o pintam. Eu não lhe escrevo nem alongo mais esta carta, porque o navio joga bastante e é difficil assentar de mão. Mas desejo muito ter noticias dahi e por isso peço-te que me escrevas desde já, em qualquer ocasião, para apanhar o primeiro paquete. Dirige a carta para o *Rio de Janeiro*, Legação de Portugal.

Como o Pae e assignante pede-lhe que mo remetta regularmente para eu ter noticias da minha *cara patria*.

Dá muitas saudades ao Pae, Mana e pequenos, e tu recebe um abraço de

Teu irmão  
e am° mt° obg°

Recomenda-me a todos os amigos. O Bertianos e o Lourenço Malheiro foram despedir-se de mim a bordo.

A.

P. S. Devemos chegar ao Rio de Janeiro no dia 7 de Julho. Levamos uma marcha de 14 milhas por hora, num mar de leite e vento favorável.

#### XLIX

Jose

Chegamos amanhã ao Rio de Janeiro. É possível que não tenha tempo disponivel para escrever a horas de alcançar o primeiro paquete a partir para a Europa.

Aproveito por isso o dia de hoje para fazer a minha correspondencia começando pela familia.

Não escrevi de Pernambuco nem da Bahia por que não havia nenhum paquete immediato e as cartas chegariam ao mesmo tempo que esta. Como te disse na minha carta anterior ate Dakar tivemos uma viagem magnifica. Os maus dias começaram alli. Não me deixaram desembarcar porque tinha chegado um despacho da Agencia Havas dizendo que tinha rebentado a colera em Portugal. E alli estivemos parados durante seis horas, sob a triste impressão desta noticia, com um calor horroroso. Sahimos ao entardecer debaixo d'uns ameaços de trovoada, que se converteram n'uma verdadeira tempestade durante 7 horas. Não imaginas a imponencia d'este espectáculo, no alto mar, completamente cercados de trovoadas entre relampagos e raios cruzando-se profusamente! Que bello scenario para acalmar os nervos da Sr.<sup>a</sup> D. Emilia Malheiro!

Desde esse dia ate á Bahia tivemos sempre muito mau tempo, ventos e chuvas torenciais. No entanto nunca estivemos em risco apesar de se ter partido uma pa da helice, já muito depois de termos passado o Equador.

Na Bahia desembarcamos, era quasi noite, mas ainda assim vimos a cidade. Vieram a bordo o Pimenta do Cabrão, que está optimo, e um filho do Sebastião. Sahimos para a terra n'um escaler a vapor do Consul que nos fez uma recepção magnifica. Apeamos no Arsenal onde estavam duas carruagens puchadas a duas parelhas de bellos cavallos brancos cada uma e guiadas por cocheiros pretos, *que pára dar gósto á pássageiros* nos andaram mostrando a trote, por toda a cidade. Depois fomos para uma caza onde nos esperava um riquissimo jantar com fructas e doces admiraveis, desconhecidos dos europeus. La foram procurar-me o primo do P.<sup>e</sup> Jose Maria Fiusa e o Joaquim Manso, que me acompanharam depois a pé pela cidade, obsequiando-me distinctamente. Ás dez e meia partimos e até hoje temos tido um tempo magnifico, — dias de lindissimos e admiraveis noites de luar. Devo

dizer-te que nestas alturas o sol se esconde às 6 horas da tarde — estamos no fim do inverno; no entanto dorme-se com as janellas abertas — tal e o frio! Quando regresssei da Bahia para bordo, posto que pouco tivéssemos andado a pe, tive de mudar toda a roupa, porque fiquei completamente encharcado. Eis o inverno por estas paragens!

De resto as costas do Brazil são lindissimas. Pernambuco e a Bahia são duas bellas cidades, principalmente vistas do mar. Mas o que mais admira e impressiona o europeu é a vegetação. Arvores estupendas, d'uma altura extraordinaria, enroscadas e enredadas umas nas outras como elos de serpentes furiosas, arbustos formosissimos, todos corados de flores vermelhas, como sangue d'um bello effeito, olhadas a distancia entre o verde negro das palmeiras e dos coqueiros. Em summa vale a pena supportar os 15 dias de viagem para ver estas coisas, que os homens do velho mundo não são capazes de imaginar.

Apenas recebas esta carta manda noticias minhas ao Pae. Desta vez não escrevo a mais ninguem para ahi, e por isso peço-te que me recomendes a todos os amigos. É verdade: não vi os Moraes, na Bahia.

Dá muitas saudades minhas ao Pae Mana e pequenos, especializando o Ruy a quem mando um abraço.

A bordo do Wiger

NB. 7 de Julho de 1886

Esta carta hei de deital-a no  
correio no Rio de Janeiro.

Teu irmão e am°

mt° obg°

Antonio

L

Jose

Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1886

Como deves saber pela minha ultima carta escrita de bordo cheguei de perfeita saude e até hoje tenho continuado na mesma. Por enquanto o clima é delicioso e a

febre está extincta. Avalio, porem que o verão deve ser horroroso, mas quando elle chegar retiro-me para o Rio Grande ou para Petropolis. As minhas impressões desta terra ficam para outra carta. Não tenho agora tempo para escrever longamente porque passo a vida a aturar visitas e a pagal-as em seguida. Ja fui visitado pelo Amoroso Lima com toda a familia, Cunha Lobato, e por um irmão do Morgado do Peso, tio do Julio de Coura, que é empregado no Consulado, mas que tem fortuna. É um velhinho muito sympatico. A cidade é grande e os arrabaldes são admiraveis.

Amanhã vamos entregar as credenciaes ao Imperador e em seguida installamo-nos no Palacio do Conde de S. Mamede.

De lá te escreverei com mais vagar, contando-te meudamente o que tenho visto e sentido. Dá muitas saudades minhas ao Pae, Mana, Pequenos, e a todos os amigos. Um beijo ao Ruy.

Teu irm<sup>o</sup>  
am<sup>o</sup>  
António

## LI

Jose

Ainda d'esta vez não tenho vagar para te escrever longamente contando-te as minhas impressões d'esta grande cidade. Temos tido muito que fazer e d'aqui em diante ainda mais haverá porque o 2º secretario da Legação parte hoje para Lisboa chamado por um telegramma da familia e não sei se voltará. Fico eu e o Conde de Paraty; mas o conde que é casado e tem filhos, deixou a mulher em Lisboa e por isso é de crêr que apenas se abra o Parlamento, para exercer os seus Direitos de par, fuja tambem para Lisboa. Eu portanto *as esperanças* do Ministro.

Mas deixemos estas considerações para quando houver mais descanso. Esta carta que vae pelo paquete *Equateur* tem por fim unicamente pedir-te que me faças o seguinte favor: Tenho sido gentilissimamente obsequiado pelo Visconde de Amóroso Lima; ainda hoje me mandou pela manhã 40 garrafas de magnifico vinho verde! Para avaliáres o alcance e o valor d'este presente basta dizer-te que desde que cheguei nunca mais passei bem do estomago, vindo depois a descobrir que era do vinho que aqui é todo absolutamente falsificado, apesar de custar, o mais barato, 3:000 cada garrafa.

Estão n'este momento em Portugal 2 filhos do Visconde. É de crer que vão ahi e por isso peço-te que os vas visitar e que os obsequiees o melhor que poderes, dezendo também ao Pae que os vá cumprimentar. Recomenda-me muito á Mana, ao Pae e aos pequenos, especialmente ao Ruy, a quem mando um grande abraço, e a todos os amigos que ainda se lembram de mim.

Deseja-te muita saude o

20-7-86

Teu irmão e  
am<sup>o</sup> m<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>.  
Antonio

## LII

Jose

Tenho andado á espera de um momento de tranquillidade e de socego para te escrever largamente, isento de preocupações e de negocios. Como vejo que é impossivel encontral-o vou aproveitar estes momentos enquanto a campainha não toca annunciando mais uma visita que chega. Desde que chegamos tem sido uma lufa constante, e cada vez será maior porque as questões que o Ministro tem a resolver estão dia a dia a agravar-se mais, por uma pronunciada má vontade do governo brasileiro para com

Portugal. São difficuldades por toda a parte, não sendo as menores aquellas que provem da attitude da colonia portugueza. Por aqui tudo é bonito, menos a gente. Os brasileiros, ciosos da sua independencia ate ao extremo, são duma susceptibilidade infantil, mesmo os homens mais altamente collocados. Os portuguezes na maior parte homens que vieram de Portugal sem educação nem vintem, tristes viajantes de prôa, com chinello de bezerro e chapéu braguez, a quem o acaso enriqueceu, — honrados loucamente pelos nossos governos, são d'um orgulho intratavel e duma pretensão irritante. Vê tu com que gente nós temos de tratar e em que meio hostil nos movemos. A colonia ja o Ministro com a sua rara habilidade conseguiu trazer ao bom caminho; mas agora temos as questões internacionaes e essas é que são o bocado mais duro de roer. Eu tenho uma grande confiança no meu Chefe, mas não tenho nenhuma nem no bom senso nem na justiça dos brasileiros, principalmente tratando-se de coisas portuguezas. Veremos o que elle poderá conseguir.

O paiz é lindissimo. Desde que a gente passa o Equador ate á entrada na bahia do Rio de Janeiro ja os encommodos da viagem são compensados pelos surprehendentes espectaculos de que se goza. Não ha nada mais bello, nem pode imaginar se coisa mais sublime, do que um poente tropical. O horisonte tingem-se de cores vivas e ardentes, as nuvens tomam aspectos verdadeiramente phantásticos, e o disco solar apresenta um aspecto completamente verde — *vert foncé* — quando as aguas do mar teem a côr azul. É phenómeno physico, proveniente da combinação do azul com o amarello, mas é divino. Depois a entrada no Rio de Janeiro é incomparavel. A bahia estende-se por entre môrros talhados a prumo, uns cobertos de verdura, outros calcinados pelo calor, que parecem rebentar do meio das aguas, tranquillias como um lago. É monumental. A entrada do Tejo, apesar de toda a sua beleza, não pode supportar a comparação.

A cidade é feia, acanhada e suja, de ruas tortuosas

como o antigo burgo do Bispo do Porto; mas os arrabaldes são encantadores. É uma série immensa de ruas que bracejam por entre môrros, ladeados de casas de campo e chalets todos com jardins á frente, a que elles chamam xacaras, e que fazem lembrar a nossa formosissima praia da Granja. Ha passeios lindissimos e muito em que a gente se divirta, mas tudo por preços exorbitantes. Aqui não se faz caso do dinheiro — é papel. Para avaliaries d'estas cousas vou contar-te o que me succedeu com o homem que me lava a roupa. Levou-me da primeira vez 15:000 rs; perguntei-lhe — a como é cada camisa? — Para as pessoas de consideração como V. 300 rs. Repliquei: — e para os outros! Resposta: 200 rs! O melhor da festa é que tive de pagar 300 rs. e ainda por cima ficarlhe obrigado por me julgar *pessoa de consideração*. Fazer a barba e cortar o cabello custa 1:000 rs; da-se de gratificação a cada cocheiro pelo mais pequeno serviço 2:500; paga-se por cada garrafa de vinho falsificado 4:500 e 3:000 o mais barato. Um chapéu custa 18:000 umas botas 20:000, preço minimo. E tudo assim por este correr. Perdi em Lisboa no dia do embarque um sobretudo fino, de cobrir a casaca; mandei aqui fazer um outro para o substituir e paguei por elle 85:000 rs! É uma coisa fabulosa. O commercio é todo na cidade velha; e o comércio elegante de tecidos e modas está centralizado na celebrada *Rua do Ouvidor* e outras confluentes. A rua do Ouvidor é estreitissima mas com um aspecto perfeitamente americano — os armarios enormes de todas as cores tamanhos e feitios saem para fora das casas por meio de hastes de ferro, de forma que podem ser visros de qualquer ponto, o que de noite produz um bellissimo effeito. Mas de tudo o que mais me espanta é o extraordinario movimento. É um formigueiro humano, a todo o instante, em summa, a gente é tanta como ahi debaixo das arvores, no passeio, n'um dia de feira, ao meio dia. Está prohibido o transito dos vehiculos, mas ainda assim so se pode andar a passo. N'essa rua o commercio é impor-

tantissimo e as lojas estão fornecidas de tudo o que ha de mais moderno, de mais caro e de mais bonito.

Da sociedade brasileira pouco te posso ainda dizer, porque tenho andado muito retirado dos centros elegantes. Mas faço idêa pelos exemplares que conheço de que ha de ser uma cousa muito curiosa e divertida. Por enquanto os principais brasileiros que conheço são o Imperador, a Imperatriz, a Princeza e o Conde d'Eu.

O Imperador é um homem muitissimo agradável. Quando fomos recebidos, depois da audiência solemne, veio conversar connosco para outra sala, com toda a afeabilidade e lhaneza. Disse-me que conhecia os meus livros de versos e citou-os com muito boas palavras. Os Condes d'Eu esses receberam-nos como dois simples particulares; mandaram-nos sentar e pozeram-se á palestra connosco, como se fossem dois brasileiros quaesquer. Aqui não ha etiqueta nem ceremonial, na maior parte das coisas. E o que resta melhor era que fosse abolido completamente, porque é d'um comico irresistivel.

De resto, a temperatura do paiz por enquanto é deliciosa. Hoje está um dia lindissimo, como os dias limpos e claros do outomno na nossa terra. Tem até havido frio, muito frio. Rara é a noite em que não visto o meu casaco forrado côr de pinhão, com que ahi resisti ao inverno; e devo até acrescentar que trago sempre camisola de lã por conselho dos medicos, e que tenho dois grossos cobertores na cama. Aqui, como já te disse, o peor de tudo é a gente. Dos meus patricios tenho sido visitado e extremamente obsequiado pelo Amoroso Lima e pelo Cunha Lobato. Os outros e creio que deve por ahi haver muitos — ainda me não appareceram, o que francamente me não enche de saudades. Esta gente imagina que deve ser visitada primeiro — querem beija mão com cartas de recommendação. Ora eu tenho alli muitas dentro da minha mala, mas só as entrego em minha casa, quando me vierem procurar.

Houve ate alguns merceeiros ricos e brazonados que

queriam que o Ministro os fosse cumprimentar, antes de ser visitado por elles, e admiram-se muito de que Sua Ex.<sup>cia</sup> não trouxesse cartas de apresentação! Um homem que é portador d'uma credencial do Rei, que o acredita como seu Representante e do Paiz, devia trazer bilhetes de favor, como qualquer caixeiro para estes illustres pançudos commendadores milionarios! De sorte que não tenho tido o raro favor de ser cumprimentado pelos meus queridos compatriotas. Alem d'aquelles que citei com prazer pela sua galhardia, mandou tambem cumprimentar-me *pelo correio* o Carlos Sanhudo, e hontem veio aqui o António Ferreira de Carvalho.

Appareceu-me ante-hontem no Consulado Geral o Antonio Caçador, chegado ha dias, que vem tentar fortuna. É incrível a obcecação d'esta gente que imagina que o dinheiro anda por aqui a pontapés. Sem habilitações de qualidade nenhuma veem-se forçados a trabalhar no primeiro mester que apparece, mal alimentados e vestidos, de forma que servem só para augmentar a contribuição funeraria desta immensa necropole. Tive dó d'elle e arranjei que o Ministro o tomasse por creado, visto que elle sabe alguma coisa da *arte de escudeiro*. Eis aqui está para que um homem vem ao Brasil! Aqui hoje em dia so ha um negocio lucrativo — é a prostituição. Ha mulheres de todos os paizes e de todas as raças, judias, austriacas, hungaras, hespanholas, francezas, em suma — de toda a parte do mundo — e as mais baratas custam 50:000 rs.! Neste genero negociam certos homens chamados , que são rigorosamente punidos, quando descobertos, e vão á Europa buscar navios carregados de *carne* para os lupanares, como antigamente iam á Africa comprar negros para outro genero de trabalho. Algumas destas creaturas chegam a fazer fortuna, e retiram-se então para as suas terras em *graves damas*. Ha dias vi uma no Theatro Lyrico, que trasia 100 contos de reis em brilhantes! Vê la que *trabalhos* para se juntar semelhante somma a 200:000 rs por noite e por freguez!

Esta carta já vae longa de mais; parece um relatório do Conselheiro Arrobás ou um folhetim do Dr. Cunha Belem. Vou por ponto pedindo que me perdoes a massada, se não achares interesse n'estas notas escriptas a correr, interrompidas a todo o instante, no intervallo que me deixam livre as visitas e as notas diplomaticas, em cujas formulas ja sou um eximio praxista.

Se vires o Pedro dize-lhe que os sobrinhos d'elle o Manuel e o outro, estão magnificos, e que são dois bonitos rapazes; dá-lhe tambem um abraço meu, que repetirás a todos os amigos que perguntarem por mim, especializando o João Gomes e o irmão, o P.<sup>e</sup> Pereira Lima, o P.<sup>e</sup> Jose Fiusa, o João Affonso, o Lemos e o filho, etc., etc., etc.

Dá muitas saudades minhas ao Pae, á Mana e aos pequenos, com muitos beijos ao «Ruy de Cá Peidó.»

Peço-te que me escrevas amiudadas vezes, contando-me noticias d'essa nossa *cara patria*, que por aqui serão muito apreciadas. Não te canses a saber quando partem os paquetes. Escreve quando quizeres porque ha correio todas as semanas — ellas cá virão ter por qualquer paquete.

Envia-te um abraço mt<sup>o</sup> affectuoso  
Rio de Janeiro 24 de julho de 1886

Teu irmão e am.<sup>o</sup>  
mt<sup>o</sup> e obg<sup>o</sup>  
Antonio

### LIII

Jose Foi a tua carta a primeira que recebi de Portugal desde que sahi de Lisbôa; podes por isto avaliar a anciedade com que seria esperada. Apesar das muitas occupações que me tomam o tempo tenho sido bastante prodigo em dar noticias minhas — a estranhos e á familia, mas como estou muito longe, aquelles começam a esque-

cer-se de mim. A tua carta não trazia data, nem pelo carimbo do correio se conhece d'onde vinha, mas como fallavas em *aguas*, *banhos* e *Hotel do Padre*, vi logo que estavas em Vizella, o que me causou muito prazer por ver que finalmente te decidiste a uma coisa que ha muito devias ter feito. Agradeço-te muito os conselhos que me mandas, d'accordo com o Dr. Santiago. Eu vinha com ideias de pôr em pratica esses preceitos hygienicos, mas depois de chegar reconheci que eram completamente inequiveis. A Tijuca fica a uma grande distancia da cidade, a hora e meia de caminho; alem d'isso, nenhum dos arrabaldes é invulneravel. Em todos elles ha, no verão, a febre amarella, e todo o anno as febres intermitentes, proprias destes climas. Nestas condições ir viver para a Tijuca era simplesmente augmentar a massada diaria, sem verdadeiras compensações hygienicas. Por enquanto o Ministro ainda não pôz casa, e por isso continuamos a morar no Hotel dos Estrangeiros, no bairro de Botafogo, que é o mais bonito e o mais elegante da cidade. Eu vivo, *em commum*, com o Conde de Paraty, que foi teu contemporaneo em Coimbra e condiscipulo do Gaspar Malheiro. Chamava-se então D. Miguel de Noronha. É de crêr que te recordes d'elle porque era lá muito conhecido. É bom rapaz e damo-nos como velhos amigos. Fazemos juntos as nossas estravagancias, que se resumem em ir todas as noites ao Theatro Francez, e voltar para casa muito pacatamente rindo destas coisas e destas gentes, dentro da nossa carruagem forrada de seda branca. Como o sereno faz mal, o estrangeiro permite d'estes luxos extraordinarios. De resto tenho-me dado bem. Ja vou conhecendo mais gente, mas é toda do mesmo estofo, e por isso continuo a limitar as minhas relações intimas aos secretarios do corpo diplomatico, que são todos rapazes finos e bem educados. Aqui, os habitantes desta cidade, são de 3 especies — doutores, commendadores e coroneis. Rapaz dos 20 aos 30 annos, de luneta e porte serio — é doutor; homem de suissa grisalha ou passa-piôlho — é

commendador; cidadão de bigode ou barba toda — é coronel. Isto é rigorosamente exacto, não imagines que estou fazendo espirito. No entanto, das 3 especies em que se divide o genero humano do Rio de Janeiro, a menos vulgar é a dos commendadores. O que ha mais é coroneis e doutores. Coroneis ha seguramente 3:000, de regimentos imaginarios. E doutores fazem-se desta maneira: Um empregado da Alfandega de Pernambuco, pouco mais de guarda, resolveu formar-se em Leis. Firme n'esta resolução, partiu para a Universidade e em 17 mezes voltou para a sua terra com as cartas de Bacharel authenticas e limpas. Já por isto podés imaginar que não é *blague* o que te disse. É incalculavel a quantidade de *animas* d'esta ordem que por cá exercem a advocacia e a cirurgia ou medecina. Eis a razão das muitas causas perdidas e do grande obituario d'esta Capital.

Mas antes de continuar, porque só agora me lembrou, deixa me fazer-te uma prevenção. Isto é uma terra de intriga e de mexerico — perfeitamente um soalheiro de provincia. Sabz-se tudo e espreita-se tudo. Notam-se as mais pequenas coisas, e toda a gente é desconfiadissima. Portanto se ás vezes contares estas coisas, vê que seja a pessoa que o não refira para cá — d'outra forma terei de partir immediatamente. O Amoroso Lima tem continuado a ser para commigo d'uma extrema amabilidade. É um bom homem, serviçal e honrado. Tem todos os defeitos dos nossos compatriotas ricos, aqui residentes, mas tem aquellas qualidades em compensação. Como é muito paparreta — até se imagina um grande fidalgo porque as suas armas são *as dos Limas* — está um pouco magoado por não lhe terem posto o nome n'uma das ruas d'essa villa, conforme o desejo dos directores do Azylo Camões. No entanto não attribue a culpa ao Antonio Barreto nem ao Mimoso, e julga até que estes não acceitaram a proposta feita á Câmara, por não terem sido elles os da idéa! E disse-me mais, muito desvanecido, que era essa a distincção que elle receberia com mais agrado, porque para

elle era ainda mais significativa que o titulo de Visconde. Isto, porem, não o contes ao Lemos, que é muito tagarella; pode dar á lingua, mandarem dizel-o para cá e chegar aqui a noticia desfigurada. Esta carta já vae muito longa, mas antes de finalizar quero contar-te um caso que te vae assombrar e em que não tenho fallado nas outras cartas. A pessoa que primeiro me visitou no Rio de Janeiro, e que mais distincções e amabilidades me tem feito é o — imagina quem? Doutor Figueiredo de Magalhães! Podes calcular a repugnancia com que eu o recebi pela primeira vez. Hesitei e estava resolvido a *negar-me*, mas o Nogueira Soares aconselhou-me a que o recebesse e o tratasse o melhor possível, visto que era um homem d'uma grande importancia e influencia em toda a colonia portugueza e *perigoso* porque *não tem preconceitos*. Assim foi; mandei-o entrar e fiquei admirado da affabilidade e lhaneza com que me fallou. É um Hercules — grosso e fallador, com uma lingua ainda peor que a do Manoel da Fonte. Desde então quando quer alguma coisa não se entende senão commigo e raro é o dia em que me não chama ao telefone para me dizer qualquer amabilidade ou pedir-me qualquer serviço. Vê tu, que mundo este!

Uma das coisas mais notaveis desta terra, e que está em contradição com o seu caracter de cidade immensamente laboriosa, é o vicio do jogo. Ha dias foram as corridas do Jockey-Club — o grande premio. Estavam 15:000 pessoas e jogaram se em apostas 1:000 (mil) e tantos contos! Só uma *poule* era de 270 contos sendo a entrada a 10:000 reis. É uma coisa phenomenal. Joga tudo — homens e senhoras com uma loucura desenfreada. Eu limitei-me a apostar uma garrafinha de champagne, com umas encantadoras meninas que estavam ao pé de mim. Ganhei, mas paguei — *noblesse oblige*. Ainda tenho mais coisas que te contar mas estou a cabecear com sonno e ja estou a escrever coisas sem nexo e a misturar alhos com bugalhos.

Recommenda-me muito ao Pae, Mana, Pequenos, e

da um abraço ao meu velho e grande amigo Ruy. Lembra-me também aos amigos, e dá sempre noticia tuas ao

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
mt<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>

Rio de Janeiro 4 de agosto

Antonio

LIV

Jose

Andamos com os trabalhos da nossa nova installação, e como o paquete parte amanhã não tenho tempo senão para te dizer que estou de saude e accusar a recepção da tua ultima carta. Com referencia á inspecção dos Consulados n'outro correio fallarei mais detidamente. Podes porem estar socegado porque não a podendo evitar, talvez consiga que o Ministro va também. Conheço perfeitamente os inconvenientes d'essa diligencia, e a celeuma que iria provocar, attendendo a que em todos os Consulados ha gravissimas irregularidades e até alcances importantissimos.

Desejo que as aguas de Vizella te tenham curado completamente, e que todos continuem de saude. Eu por aqui vou vivendo, aborrecido cada vez mais com esta vida do Brasil, no convivio d'uma gente insupportavel, que nos tras n'uma continua irritação. Só aturar os pretendentes a condecorações e cartas de conselho é trabalho para fazer perder a paciencia ao Pae do Ceu. Adeus. Recommenda-me muito ao Pae, Mana, e aos pequenos. Dise ao Ruy que na primeira occasião que tiver portador lhe hei de mandar um macaco do tamanho d'elle. Lembra-me aos amigos e dá sempre noticias ao

Rio de Janeiro 24 d'agosto  
Rua Buarque de Macedo, 13

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
mt<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
Antonio

## LV

Jose

Pelo paquete francez «Senegal» que no dia 6 sae d'este porto para Lisboa respondo ás tuas ultimas cartas. Ainda d'esta vez não posso ser tão extenso como desejava; fica porem na certeza de que não é a preguiça que me obriga a proceder assim — falta-me o tempo inteiramente. De todas as Legações de Portugal esta é a mais trabalhosa. Alem do expediente ordinario da Secretaria e da correspondencia com o Governo Imperial, ha todos os dias um sem numero de officios dos Consulados, pedindo instrucções sobre os incidentes que constantemente se levantam, aos quaes é necessario responder immediatamente apparecendo ás vezes *bicos* difficeis de resolver. Depois acabado o trabalho, quando a gente se prepara para ir dar o seu passeio — *fazer* a Rua do Ouvidor, é raro o dia em que não apparece algum personagem da colonia, que depois de duas horas de horrivel massada, *alardeando* patriotismo, pretende ser comendador de Christo! Ja vêes que depois d'isto a unica coisa que se pode fazer com proveito é tomar um laxante.

A minha posição aqui é, como de Lisboa te communiquei, consul-adido á Legação. O decreto manda-me servir aqui por *conveniencias de serviço*, todo o tempo que o Ministro julgar indispensavel. Quanto á inspecção dos consulados é de crêr que seja eu o encarregado d'esse trabalho, quando se fizer. Por enquanto o Ministro nem pensa nisso porque ainda não teve tempo de se ocupar da questão do Consulado Geral. Quando chegamos tivemos logo duas sentenças do poder judicial contra o Consulado, n'umas questões intentadas pelos serventuarios do Juizo dos Ausentes. É d'essas questões que temos tratado ate agora, procurando conseguir do Governo Imperial a sua resolução pelas vias diplomaticas, porque a sua perda

alem d'um grande prejuizo é uma vergonha para Portugal. Nós temos toda a Justiça, carradas de Justiça, mas aqui os funcionários públicos, desde o mais infimo ao mais elevado, são d'uma corrupção espantosa. Naturalmente só para o próximo inverno (Junho do ano que vem) é que terá logar a inspecção dos consulados.

Até essa data, e logo que o calor aperte, retiro-me para o Rio Grande do Sul. Fujo á febre amarella e livro-me d'esta gente que detesto do fundo d'alma. Alem disso quero ver se posso fazer as minhas economias, para quando voltar. Aqui é totalmente impossivel, por que além da carestia da vida, somos continuamente assaltados com subscrições e beneficios. Uma praga. O Ministro, no mês passado, só em bilhetes de theatro para obras pias e festas de caridade gastou 680\$000 reis! Muitas coisas tinha ainda para te dizer mas não tenho tempo. É hoje dia de grande gala, ha recepção official no Paço de S. Christovão, e d'aqui ate lá é uma jornada. N'estas festanças a minha farda *militar* produz um excellente effeito. Na primeira recepção a que fui, causei sensação. Toda a gente imagina que sou um *adido naval*, e por isso espantam-se do posto que tenho em tão *verdes annos*. As fardas de marinha são quasi eguaes em todo o mundo, e por isso quando passo, os soldados perfilam-se e fazem-me a continencia, a que eu correspondo com *muito garbo marcial*. As taes recepções são uma coisa bem curiosa, mas não me sinto com forças nem espaço para f'as descrever. Digo-te apenas que o Imperador me dirige todas as vezes a mesma pergunta, a que eu respondo inalteravelmente com as mesmas palavras. O Corpo Diplomático forma n'um semi-circulo em redor do salão, pela ordem das antiguidades e das cattergorias, com o Nuncio á frente, e cada ministro com a sua mulher á esquerda e o respectivo pessoal. O Imperador entra e diz uma coisa a cada pessoa, principiando é claro, pelo enviado do Papa. A mim já é sabido: «Tem feito versos Feijó?» — Ao que eu respondo invariavelmente: «Não, meu Senhor». Ora para

isto apanha-se uma tremenda massada e perde-se um dia inteiro, com o jantar ás 9 horas da noite.

Quanto a saude tenho passado bem. Nos primeiros dias andei completamente estonteado e desarranjado do estomago, mas agora passo perfeitamente.

Incomodam-me extremamente os bichos, que são aqui numa abundancia excessiva, e estou com uma grande erupção pelo corpo, mas isto aqui é saude. O clima continua agradável. Ainda não houve grande calor — temos tido uma temperatura excellente, regulando entre 16 e 23 graus centigrados. As noites é que são mais quentes, e n'uma dellas ja *tive a honra* de vestir 4 camisas, por causa do suor. Mas isto foi uma vez apenas, por occasião d'uma grande trovoadá. O peor que tem este clima é o ser excessivamente humido. O sol é sempre calcinante, mas se se levantar uma pedra na rua, a terra está completamente molhada e a fumegar. É isto a causa das grandes doenças que por aqui disimam os habitantes especialmente estrangeiros.

Fiquei admirado do casamento do Abilio com a Emilia. D'elles não me admiro — quem torto nasce . . . mas o Mello queria com uma tranca. Ainda julga que tem pouca familia, o tolo!

E o Alberto Malheiro, como vae? E o Herculano? Tinham-me dito em Lisboa que tambem estava gravemente enfermo. É verdade? Da-lhes muitas lembranças minhas, bem como á Julia. Os livros do Junqueiro devem ser os que estão no masso onde houver um livro intitulado *Memo-rias de Judas*. No entanto se elle não voltar a fallar n'elles não lhos entregues. Eu tenciono ir para a Europa antes do fim do mundo, e então lhos darei pessoalmente; porque, não sei se já te disse, antes de partir, deixei as cousas preparadas para uma transferencia na primeira occasião. Isto por cá é muito bom mas não serve para muitos annos e não tenho paciencia para aturar *brasileiros*. Ha dias, n'uma recepção do Paço perguntei á Condessa de Prozor, mulher do secretario da Russia, se gostava do

Brasil, respondeu-me: «Oh! C'est un beau pays pour la photographie!» Eu faço minha a phrase e a quem me perguntar notícias d'aqui respondo que é um pais excellente para ser visto em panorama, da Europa.

Dize ao Pae que ainda não pude arranjar para o filho do Ribeiro coisa que preste. Se elle porem quizesse ouvir um conselho amigo não vinha para cá. Aqui a vida de caixeiro é vida de negro, e a cidade é um vasto cemiterio, para quem não pode viver com as commodidades precisas. Logo que tenha vagar vou procurar ao Largo da Sé, o teu antigo creado, se porventura ainda não morreu.

Commoveu-me a noticia que me contas do Ruy. Eu também me não esqueço d'elle, que é um dos meus bons amigos. Dá-lhe muitos beijos e dize-lhe que quando fôr grande lhe hei-de dar a *capellinha* com que marco as cartas. E os outros? O Salvato já sabe lêr? E o Aleixo, garoto-mor, ainda é tato? Se por lá tiveres mais vagar do que eu conta-me tudo o que houver occorrido. Não imaginas como por aqui se apreciam as notícias que chegam da patria. Anda a gente sempre á espera do paquete que chega, mas sente-se um grande desgosto quando não trás carta . . .

Lembra-me muito ao Pae, Mana e Pequenos, bem como a todas as pessoas amigas, que não especialiso, porque me não chégaria o papel.

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
obg<sup>o</sup>

Rio de Janeiro 3 de setembro

Antonio

LVI

Jose

Depois de varias pesquisas infructiferas conseguí finalmente descobrir o teu creado. A sua vida tem sido uma continua aventura, cheia de peripecias engraçadas. Jérôme

Daturot em procura de felicidade não peregrinou mais comicamente *no melhor dos mundos possíveis*. E se tivesse algum episodio amoroso, um romance feminino com qualquer deusa Calypso, de Carapinha, era digno d'uma Odisseia superior á do pae do «Jovem Telemaco». Teve momentos infelizes, soffreu acerbas amarguras mas por ultimo encontrou a fortuna que lhe sorriu disfarçada na cogula d'um frade barbadinho. Procurei-o no Largo da Sé n.º 1 mas não morava lá. Era a casa para onde mandava dirigir a correspondencia — ignoravam porem o seu paradeiro actual. Descobri-o por intermédio de um homem da Seara, chamado Barros, antigo caixeiro do Jose Narciso, e hoje rico taberneiro de enxundias vermelhas e barbas floridas. Eis a veridica historia que me contou. Apenas chegou aqui sentiu uma tristeza enorme ao ver-se completamente abandonado n'este grande mundo, pobre lôrpa minhoto, pasmado e enfermo com a nostalgia da sua aldeia... Poz-se a procurar destino e ao cabo de alguns dias conseguiu empregar-se numa fabrica de cerveja. Esteve alli algum tempo, mas o trabalho era muito e o ordenado insignificante. Travou relações com um cocheiro e começou a aprender a arte de governar cavallos, seduzido pelos 70:000 rs d'ordenado mensal com que se pagam os serviços do mais reles official d'esse officio. Porem — oh, desgraça! — no primeiro dia em que pegou nas redeas foi cuspido da bolêa, a carroça passou-lhe sobre o corpo, e foi d'alli em braços para o hospital. Durante 22 dias que esteve em tratamento, começou a dar tratos á bola pensando na sua triste sorte, e lembrou-se ao cabo de graves meditações que não seria de todo mau se depois d'aquella refrega conseguisse ficar empregado no hospital. Podia dar-lhe alguma doença e então já estava no lugar onde ellas se curam. Encasquetou-se-lhe esta idéa na cabeça bronca, applicou todo o seu genio para a realisar e quando lhe deram alta lá ficou empregado como cosinheiro da pharmacia. No fim d'algum tempo era o melhor paladar conhecido para hydrolatos de

tilia e xaropes d'infusão. O ordenado, porem, ainda o não seduzia. Os patrões, verdade, verdade, eram amigos d'elle, tinha vontade de estar de portas a dentro do hospital para o caso de qualquer enfermidade, mas os honorarios eram pequenos, e esta é sempre a questão capital.

Foi deitando as suas vistas e depois de grandes esforços e trabalhos conseguiu que os frades da Ordem do Carmo o tomassem como sacristão! Fui ha dias encontral-o na igreja, guiado pelo tal Barros, de cabeção e batina, com o apagador de lata n'uma das mãos, a apanhar pingos de tocha — e nesta toilette sagrada contou-me a veridica historia das suas aventuras, que me fizeram rir a bandeiras despregadas. Agora está muito bem. Só tem que fazer ate ás dez horas da manhã — varrer, accender as luzes e ajudar á missa. Depois fica livre — vae passear ou palestrar com os frades, que são apenas dois, carunchosos de velhos e pôdres de ricos. Dão-lhe 35:000 rs por mez, cama, meza e roupa lavada, fora as gorgetas das beatas e dos padres que lá vão dizer missa, o que monta a uma somma importante, segundo me affirmou. E por ultimo declarou-me que não regressava á sua terra *sem ir independente*, e pediu-me que te desse *muitas lembranças e saudades para todos*.

Não são tão interessantes nem tão divertidas as informações que me pedes ácerca do sobrinho do João Affonso. Fui procural-o á Rua do Senado, n.º 1, mas tambem não morava la — era a casa que lhe recebia o correio. Obtive as seguintes informações: começou por ser caixeiro, mas era muito apaixonado por theatros e por gazetas: Deu com a cabeça pelas paredes e por ultimo fez-se *comico* (dizia o homem da locanda), e anda com uma companhia ambulante de pobres diabos a representar pela roça. Suppunha que estava agora em Campinas. Sinto não poder mandar ao João Affonso noticias melhores — gostava muito de ser agradavel a esse velho guerrilheiro, boyardo feudal do Paço de Brandara.

Quanto a mim, por aqui vou vivendo menos mal; devo

porem confessar-te que o calor já vae apertando sobremaneira . . . Eu vivo hospedado em casa do Ministro, onde sou tratado com as maiores atenções, e nada me tem faltado até ao presente — nem saude, nem dinheiro. O Ministro tem sido para commigo d'uma grande bizzaria — nem me deixou pagar a despeza durante o tempo em que vivemos no hotel. Apesar de tudo isto conto partir em breve para o Rio Grande, forçado por umas graves questões que se levantaram a proposito d'um roubo d'uma herança e d'um alcance num vice-consulado. A inspecção não será feita por enquanto porque o Ministro sem resolver a questão das penhoras ao consulado e das percentagens aos empregados do juizo, não pode tratar d'esse assumpto. É de crer que eu não possa evitar essa comissão, mas será mais tarde e então já eu terei mais alguma prática do serviço.

No entanto não posso precisar ainda o dia em que partirei, nem mesmo o mez. Pode ser d'um momento para o outro e pode ser muito tarde. Eu porem estimava que fosse o mais breve possivel por dois motivos principaes — a febre amarella que está grassando na Bahia com intensidade, e o excessivo calor, quasi suffocante.

N'este mês não ha um unico dia de sol claro. Está sempre o ceu ennevoado, com nuvens muito grossas, e um ar pezado como chumbo. Felizmente tem havido trovoadas todos os dias de tarde, o que é excelente para refrescar as noites. E são muito bonitas estas trovoadas tropicaes — é de se lhes tirar o chapéu. Quando estalla um trovão parece que se arraza tudo . . .

Como sabes aprecio muito as novidades que me contas todas as vezes que me escreves. Sinto porem que me não tenhas mandado o *Echo* e a *Voz do Lima*, visto que o P<sup>e</sup>. Fiuza se esqueceu. Aqui, as noticias da nossa terra são como ambrosias de deuses. Vê pois se me fazes mais esta fineza pedindo ao Pae que me remetta o *Echo* e ao P<sup>e</sup>. Fiuza a supracitada *Voz*. Comprehendes a razão que me leva a não assignar o *Echo*; não quero que esses tarrozos imaginem que me divirto a lel-os.

A respeito da *Voz do Lima* parece-me uma sancta ingenuidade essa esperança do Fiusa na promessa da collocação do irmão. Que diabo quer elle para o irmão? Fazel-o aspirante da Alfandega? Santo Deus! e para isso é necessário expor-se ás vaias d'essa matilha que cerca o Antonio Roberto? Não basta a sua amisade provada? Que tenha cuidado — podem comer-lhe a isca...

Esta carta já vae longa — é meia noite e estou a cahir com sonno. Recommenda-me muito a todos os amigos, dá um abraço ao Pae, saudades á Mana e aos pequenos, especializando o «Ruy de Ca Peidó» e tu lembra-te sempre do

Teu irmão e am<sup>o</sup> mt<sup>o</sup> obg

Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1886

Antonio

## LVII

Legação de Sua Magestade Fidelissima

Rio de Janeiro 20 de outubro de 1886

Jose

Tivemos hoje um grande correio official; estou cansadissimo e são horas de fechar a mala. Por isso escrevo-te duas palavras apenas e até neste papel para não perder tempo em ir procurar outro. Estou de saude, e conto partir por todo este mês ou no principio do outro para o Rio Grande do Sul. Vae começar o calor e com elle a febre amarella. Alem de ser necessario retirar-me por novas grandes questões a tratar no consulado, a pru-

dencia manda retirar porque a tal molestia não respeita ninguém. Por isso a resposta a esta carta podes dirigir-a para o Rio Grande.

É-me muito facil arranjar collocação para o filho do José Ribeiro. Não me tinha apressado em procural-a por entender que é perigoso manda-lo para cá nesta occasião. Aqui é sempre perigoso porque febre amarella ha todos os dias — mas no verão redobra de intensidade e é raro que quem chega de novo não seja logo atacado. Eu aconselharia a todos os meus patricios que não viessem para aqui. Isto é uma necrópole e o tempo de fazer grandes fortunas passou. Ja toda a gente tem os olhos abertos e acabou o *contrabando da escravatura*, que foi a principal origem das enormes fortunas d'outro tempo. Ja mandei pedir para o Consulado a nota do espolio do Jose Bento de Sousa. No primeiro paquete irá a resposta. Se encontrares o Chico Varella diz-lhe que mandei pedir as informações que elle deseja mas que ate hoje o vice-consul ainda não respondeu. Faze-me o obsequio de lhe dizer isto para que elle não imagine que me esqueci. O Cunha Lobato manda-te muito saudosas recordações. Deu-me há dias no Hotel do Globo um esplendido jantar, isto para ter occasião de me apresentar os seus amigos. Têm-me obsequiado muito, e realmente os amigos a quem elle me apresentou são das melhores coisas que por aqui ha, especialmente um d'elles, Cunha Vasco, que a um talento de primeira ordem junta uma erudição vastissima e variada, especialmente em assuntos phylosophicos. A isto deixa-me acrescentar que é portugues e negociante de café. Parece incrível mas é verdade. Se passares pela Rua do Souto dize á Mãe do Lobato que elle passa bem e que continua moço e sympathico como quando ahi esteve. Elle conta ir para o anno á Europa. Podes-lhe dar esta alegria.

Estimei muito saber que, apesar dos encommodos que soffreste e mais o Pae toda a familia continua bem. Ja me alonguei de mais, e estou com receio que esta carta já não

chegue a tempo. Muitos cumprimentos ao Pae, Mana, Pequenos e Ruy

Um abraço do  
Teu irmão e am<sup>o</sup>  
m. ob.  
Antonio

### LVIII

Jose

Apezar de todas as pressas a carta que te escrevi no dia 20 já não foi a tempo de seguir no «Equateur».

Hoje não corro esse risco de perder o paquete, que sae ás 3 horas da tarde e são apenas 7 da manhã. Mas apezar d'isso também não posso alongar muito a minha prosa porque faz um calor genuinamente tropical. Dormi com as janelas abertas, mas isso não impediu que estivesse toda a noite banhado n'uma copiosa transpiração. Agora chove e está o ceu completamente ennevoadado mas ainda assim o thermometro marca 28 graus centigrados. Sua-se gordura. Passando um papel pela cara fica como se o tivessem mergulhado em azeite. Hontem á noite o thermometro estava a 30, não corria nem uma aragem e trovejava furiosamente. Apezar d'isto tive a coragem de ir ao theatro ver a Lucinda Simões na *Fedora!*

Já vês que sou um homem valente, inuito mais valente do que aquelle celebre senhor de Granada, que de la sahiu com *vinte caballos...* para nada. E no entanto vê tu que coisa inaudita! ainda emagreci: creio até que tenho mais um kilo de manteiga na cachaceira. Mas, fallemos de coisas sérias, porque ja estou a suar como um, como dois bois, digo.

Do consulado ainda me não mandaram resposta do que me perguntavas na tua carta. Aos outros pedidos teus creio já ter respondido. Fica porem certo de que nunca me massas com estas cousas e que estou sempre

às ordens para o que quizeres. Não sei se te disse que temos aqui varios parentes e todos elles menos mal collocados. Segundo os meus conhecimentos genealogicos veio em tempos coloniaes governar o Maranhão um membro da nossa familia, chamado Castro. Este sujeito teve um filho, Barão de Paquetá, que foi casado e com bastantes filhos cujos descendentes vivem hoje aqui na Capital. Um é um medico distincto, adjuncto a uma cadeira na Faculdade de Medicina, outro é o primeiro advogado da Côrte, uma especie de João Malheiro com todos os seus defeitos e qualidades. Ainda ha muitos outros, mas quasi todos do sexo feminino. Vive aqui tambem um irmão do Morgado do Peso, Julio Ernesto de Souza e Castro, com quem já fui jantar uma vez. Consta-me tambem que em S. Paulo vive um tio do Jose d'Abreu — Felis Pereira Coutinho, que é lá nosso agente consular. Dizem-me mais que tem uma certa fortuna, mas que detesta singularmente toda a familia, creio que por antigos odios ao Morgado. Patricios é que ha muitos, contudo conheço ainda muito poucos. O Carlos Sanhudo já veio visitar-me e explicar-me satisfatoriamente o motivo porque me não procurou logo que cheguei. Está completamente escavacado de saude. Encontrei tambem um filho do Luis do Estanco, tambem vigoroso e pittoresco como o Pae. Quem ainda não vi foi o filho do Canudo. Disse-me o Lobato que andava na cobrança. Arranjei com que o Nogueira Soares tomasse o Caçador como creado. Appareceu-me aqui depois de ter servido 15 dias n'um hotel, amarello, estropiado e sem vintem porque o dono da locanda não lhe quiz pagar. O Ministro tomou-o e agora já parece outro. Vestiu-o dos pes ate á cabeça, limpou-o rebocou-o e fardou-o: está um perfeito janota, e ate já mandou dinheiro á mulher. No verão vae para Petropolis, fica livre da febre amarella, e tem a sua fortuna feita, se continua como até agora a agradar ao patrão.

Eu sempre parto para o Rio Grande por todo este mês ou no principio de Novembro, e eu estou morto por isso

— apesar da minha coragem sinto que o calor me debilita espantosamente.

Falleceu ha dias o Visconde de Sistello, irmão do Visconde do Rio Vez. Tendo possuido uma fortuna enorme morreu quasi sem vintem — completamente arruinado, e o irmão o Rio Vez tambem ficou ferido e bem ferido. No entanto as coisas não se passaram como por ahi se dizia attribuindo as causas de fallencia ao roubo dum socio. O tribunal de 1.<sup>a</sup> instancia julgou a fallencia culposa; a Relação declarou que não, mas todo o publico continuou a affirmar que sim. Elle gastava na Europa 40 contos por anno. Vão para ahi muitos *fidalgos* reexportados, que só aqui é que são conhecidos, ignorando-se por la o modo como enriqueceram. Isto fica para conversas futuras. Vou concluir porque estou n'um banho de suor. Para conservar este papel limpo escrevo com a mão direita pousada sobre um papel de mata-borrão.

Antes de concluir, porem, quero dizer-te que costumo ir jantar todas as 4.<sup>as</sup> feiras a casa d'uma das taes nossas parentas netas do Paquetá e que é uma senhora extremamente amavel e attenciosa.

Desejo que todos continuem de saude, completamente restabelecidos. Recomenda-me muito á Mana, Pae e Pequenos, um beijo ao Ruy e um abraço para Ti do

Rio, 24 d'outubro de 86

Teu irmão e am<sup>o</sup> obg  
Ant<sup>o</sup>

LIX

Jose

A importancia do espolio de Jose Bento de Sousa, fallecido em Março de 1885, segundo a nota que me enviaram do consulado geral, foi de 5.101.020 rs.. Desta somma deduzidas as despezas — pagamento de dividas, emolu-

mentos e percentagens — restaram 4.512.837 rs., que foram entregues em 27 de Novembro de 1885, a Victor Julio Mendes (e não Meirelles) d'Oliveira, como procurador de Balhazar Jose de Sousa, pae do fallecido. Convem notar que as sommas referidas são em moeda brasileira.

Creio ter satisfatoriamente respondido a todos os teus pedidos. Começa agora a minha vez de te fazer os meus. Uma familia d'aqui com quem me dou muito bem, deseja obter uma resposta ás perguntas que vão nesse papel incluso. Por intermedio do Jose Pereira Cyrne ou do João Gomes, não será muito difficil saber o que consta nas genealogias acerca d'esses Monteiros e d'esses Barros. Vê pois se com a possivel brevidade consegues que elles respondam a esse questionario.

Parto depois de amanhã para o Rio Grande do Sul. Tenho hoje de concluir as minhas despedidas, e por isso ainda d'esta vez não posso escrever largamente, como desejava. No entanto ainda quero fallar-te do filho do Ribeiro. Só depois de elle cá estar é que se poderá arranjar-lhe uma collocação conveniente, porque, quer como caixeiro, quer como empregado, quem precisar dos seus serviços não pode estar um mês á espera. No proximo paquete mandar-te-ei duas cartas — uma para o Consul Geral outra para o Ministro. O rapaz parte para aqui e apresenta-se immediatamente aos dous, a quem eu o deixo recommendado com empenho. Entendo porem que elle não deve vir por aqui antes d'Abril, a não ser que queira trazer passaporte para a eternidade. Isto é um clima diabólico. Imagina por isto — ha dias, com o sol encoberto, o thermometro marcava 30 graus centigrados; no dia seguinte amanheceu ainda quente, e de subito o termometro desceu a 18 graus: quer dizer — n'um dia suam-se as estopinhas, no outro bate-se o queixo de frio. Felizmente retiro-me antes que a febre se torne epidemica. No Rio Grande, o clima, a respeito do calor, não é muito mais apreciavel, mas tem uma grande superioridade — não é febril.

A resposta a esta carta dirige-a para o *Consulado de Portugal* no Rio Grande do Sul, *Brasil*, sem mais nada alem do meu nome. Vê se para lá me podes remetter o *Echo* e a *Voz do Lima* já que o P.<sup>e</sup> Fiuza não me julga digno de ler a sua prosa.

Recommenda-me muito affectuosamente ao Pae, Mana, e Pequenos, com um beijo ao Ruy e um abraço para ti do

Rio, 3 de Novembro  
de 1886

Teu irmão e am.<sup>o</sup>  
mt.<sup>o</sup> grato  
Antonio

LX

Rio Grande do Sul  
10 de Dezembro

Jose

Cheguei ha 15 dias a esta cidade mas não me tem sido possivel escrever-te por falta de tempo e de paquetes directos. Fui muito bem recebido por esta gente. A bordo foram as pessoas mais gradas da terra, acompanhando-me todos n'um grande prestito ate ao Consulado. Todos os navios surtos no porto, que eram mais de 30, embandeiraram em arco, com as saudações do estylo, e á noite o *Congresso Português D. Luis I.<sup>o</sup>* á frente de 2 mil pessoas, precedidas d'uma musica, com foguetes e fogos de artificio, fizeram-me uma grande manifestação em frente do Consulado. Hei-de arranjar os jornaes da terra para veres as honrarias de que fui victima. A terra não é má de todo. É muito parecida com Viana, vista do Rio, mas é maior do que Braga, talvez. O campo, a *campanha*, como aqui lhe chamam é que é triste e desoladora. É uma planicie extensissima d'areia fina e doirada, sem um morro, sem uma arvore, sem agua nem verdura. A vegetação é d'uma pobreza que consterna. Numa ilha a meia hora de

viagem ha vinho e todas as fructas europeias, mas não presta para nada. Ha-as magnificas vindas de Montevideu, e é isso o que nos vale, apesar do preço exorbitante. Cada pires de morangos custa mil reis; cada pêra 300 rs. cada pecego, idem.

No entanto a vida aqui é muito mais barata do que no Rio, principalmente no que toca a alimentação. Cada kilo de carne magnifica custa 200 ou 240 rs fracos, e ha magnifica vitella e esplendido carneiro. A gente não é má e tem-me obsequiado distintamente. O Amoroso Lima, coitado ate aqui me cobre de finezas. Tem escripto a meio mundo fazendo-me as melhores referencias e recomen-dando-me muito particularmente. No Rio quando me fui despedir d'elle, fez-me a fineza de me declarar que tinha a sua firma á minha disposição — que sacasse sem receio se alguma vez tivesse precisão.

Eu, apesar da febre amarella trouxe algumas saudades do Rio. Dei-me sempre muito bem com o Ministro que me tratava como um irmão mais novo. Tinha por mim attenções verdadeiramente paternaes. Veio a bordo despedir-se de mim com o Consul Geral e todo o pessoal do Consulado e da Legação, e chorou — que bom homem! como se fosse uma creança. Ahi o Barão de Cotegipe, presidente do Conselho, apresentou-me ao deputado por esta cidade, que era meu companheiro de viagem, e que aqui me tem prestado muitos obsequios. Foram tambem despedir-se de mim os filhos do Amoroso, o Cunha Lobato, o Joaquim Jose Cerqueira, de Vimara, o Mattos, genro do Amoroso e muita outra gente com quem fis conhecimento no Rio e que me ficou dispensando amisade e sympathia. A viagem para aqui não é das coisas mais agradaveis, porque o mar é feroz. Eu que não enjoei de Lisboa ate ao Rio, *soffre* ao fim de dois dias, numa prostração comatosa, durante o resto da viagem, quatro dias infinitos! O mar do sul é uma coisa magestosa. Cava-se em buracos profundos onde montanhas, e empina-se em ondas altas como Cordilheiras. Depois

os navios são de fundo chato e de pequeno calado, calhambeques infames ainda de rodas que andam sobre as ondas numa continua farandola. Para cumulo á entrada da barra estivemos perdidos — quer dizer, perdido o navio, porque a gente nunca se afoga tão perto da terra. Quando regressar, ficou-me de lição, prefiro ir por terra, numa viagem incommoda, tomar o transatlantico a Montevideu ou Buenos Aires.

Não posso escrever mais, porque não tenho por enquanto muito tempo disponível. Manda entregar esse papel incluso ao Chico Varella, e dize ao Miguel Lemos que Jose Thomaz d'Aquino tendo endoidecido ha 4 annos, falleceu n'uma casa de Caridade em S. Miguel. Era solteiro mas deixou filhos naturaes. Mandeí pedir para lá a certidão d'obito e brevemente lha remetterei, competentemente legalizada. Dize-lhe porem, que lhe faço este obsequio porque elle tambem me dispensou muitos. Os consules não podem ingerir-se nestas cousas, sem que os pedidos sejam remettidos pela Secretária dos Negocios Estrangeiros. Se quizer fazer uso da certidão deve mandar reconhecer a minha firma a Lisboa á Direcção dos Consulados e Negocios Commerciaes. Sinto muito a doença do Aleixo e faço votos por que melhore em breve, desvanecendo assim as tuas inquietações. Recomenda-me muito ao Pae Mana e Pequenos, com muitos beijos para o Ruy e como está proximo o dia d'anno bom, recomenda-lhe que me faça uma saude *a virar* que eu de ca hei-de corresponder-lhe. Esta carta infelizmente deve chegar ahi depois do Natal; affirmo-te porem, que me não passara despercebida essa noite.

Teu irmão e am<sup>o</sup>

mt<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>

Ant<sup>o</sup>

## LXI

Rio Grande do Sul, 2 de Janeiro

Jose

É natural que á hora da consoada se lembrassem de mim, perguntando: que fará elle neste momento? Vou responder a essa pergunta que eu ouvi distinctamente, apezar da distancia. Na madrugada do dia 24, chamado por um telegrama, parti no caminho de ferro para Pelotas, por causa do assassinato de 2 subditos portuguezes. Assisti ao inquerito policial e ao interrogatorio dos reus, visitei todas as auctoridades e á noite regresssei para aqui. Apesar de prostrado pela massada e pelo excessivo calor, para não estar só e entregue ás minhas tristes lembranças fui para o theatro. Ao voltar quando estava para meter-me na cama veio procurar-me um visinho, negociante portuguez muito rico, a convidar-me para ir cear com elle. Era a unica familia que consoava! Fui, e fiquei agradável e ao mesmo tempo surprehendido. Era a ceia tradicional, a ceia do costume — o bacalhau com grelos, os bolinhos de cabaça menina, os ovos mexidos, e por ultimo o classico vinho verde, quente com mel e assucar, mas o vinho verde genuino, o vinho minhoto, o vinho meu patriocio... Fiquei encantado com o bom homem, e mais ainda quando soube que tudo aquillo tinha sido para me obsequiar. Depois comi e bebi brutalmente, para me esquecer, atravessei a rua e dormi como um porco.

Eis a narração fiel da minha primeira noite de Natal, passada no desterro.

Remetto-te os jornaes que fallaram de mim quando cheguei. Faltam muitos outros mas ainda os não pude obter. A cidade em Clubs e jornaes é de uma fecundidade assustadora.

Mando-te tambem essas cartas para o filho do Ribeiro.

Com ellas poderá obter no Rio de Janeiro a melhor collocação. Devo porem dizer-te que a *melhor collocação* no Rio de Janeiro, para um rapaz que começa é um horror. Não deve partir d'ahi senão no principio de Junho. Casa para onde elle vá não se pode arranjar d'antemão porque quem precisa d'um empregado não pode estar dois mezes á espera d'elle.

Estimo que todos estejam de saude e que o Aleixo já se encontre completamente restabelecido. Recomenda-me muito ao Pae, Mana e Pequenos, um beijo ao Ruy e um abraço para ti do teu

irmão e am<sup>o</sup>  
obg<sup>o</sup>  
Antonio

P. S. Consta-me que vae vagar o Consulado de Schangae, na China. Como já estou farto de atum patriota, vou pedir a minha transferencia, apesar das vantagens que tenho em me demorar por aqui. Quero ver o Oriente enquanto tenho algum sangue na guelra

Ant

## LXII

Rio Grande do Sul  
8 de Janeiro

Jose

Nesta data dirijo ao Ministerio do Reino um officio urgente dando parte do apparecimento do Cholera morbus na cidade de Corumbá. É possivel que esta noticia seja publicada nos jornaes; — não se assustem, porem. Corumbá pertence ao meu districto consular, mas fica mais distante desta cidade do que Lisboa do Rio de Janeiro. Este pais é um mundo. Um officio para o Vice Consul

em Cuyabá, capital da Provincia de Matto Grosso (onde o Cholera appareceu), fechados os portos orientaes, leva 4 mezes a chegar ao seu destino! Por isso, attendendo ás rigorosas medidas sanitarias tomadas pelo Governo Imperial é de crer que o sinistro viajante não venha aquartelar-se por aqui. No entanto, se por fatalidade vier, estou decidido a cumprir o meu dever — fico. E neste caso recorro á intervenção do Borda d'Agua — Deus super omnia! Previno-te contudo que por enquanto não ha motivo para sustos nem apprehensões. Ainda está a centenas de leguas, e n'uma provincia sertaneja sem nenhuma via de communicacão. Quando o governo decretou a nova organizacão judiciaria, o Juiz de Direito de Corumbá só teve conhecimento d'ella 3 annos depois, i. é, na occasião em que foi demittido. O *Diario Official* que lhe enviaram extraviou-se, e o pobre homem só teve noticia do facto no momento em que o telegrapho chegou ao seu destêro.

Vi os *Echos do Lima* e as *Vozes* do mesmo que o Pae me mandou. Ja ha muito que não leio prosa tão divertida. O snr C. que te insulta é perfeitamente um asno, pertencente á numerosa classe dos que são inteiramente chapados. Não creias porem que aquelle C. se possa traduzir por C. O J. de A. nem aquillo era capaz de escrever — este nosso primo entre os chapados é rei. Eminente na batota, sahiu bestiolovista em tudo o mais. Tem a *coceira* de fallar como dizia o Padre Macedo, mas creio que ainda não foi mordido da bertoeja litteraria, que faz erupção no Tarroso. Este C. está virgem nas letras, como todos os mais da familia, incluindo o espirituoso Tinoco. Eu voto mais pelo Padre Jose Silva. Só um ventre capaz de comer rebanhos inteiros e beber por cima de tudo uma vindima do Alto Doiro, poderia produzir aquelle vomito. Manda-os á fava, pastar livremente nas brenhas e mattos bravios — o que elles têm é fome. E á hora do teu jantar lembra-te d'esses biltres de silha na barriga, que ficarás soberanamente vingado! Gostei muito

da tua carta. Esta muito bem escripta, com singeleza e graça. Mas é uma resposta muito espirituosa e muito fina para esses paladares embotados pelo sarro do vinho verde. O que elles precisam é de chicote, mas chicote de pitta embreada, d'estes com que por aqui o *feitor* costuma retalhar o lombo dos escravos. Em summa, cada um dá o que tem, os sobrinhos de Balthazar Feijo não sabem tocar *tambor*, mesmo que seja o *mór*. E as nodoas do seu character não sujam tanto como os pingos de graxa, que os avós d'alguns fidalgos, muito mais conhecidos, vendiam ao balcão d'ignobeis mercearias.

Se não fosse comico hoje em dia discutir origens genealogicas, depois das theorias de Darwin eu poderia mostrar a esses pulhas, rebocados de nobreza suspeita, que enquanto os seus illustres avoengos morriam nas masmorras d'África, como degredados, os ascendentes do pobre Balthazar Feijo tinham a honra de morrer em Alcacer Quibir, batendo-se ao lado de D. Sebastião, como fidalgos de estirpe. Isto posso proval-o. Mas vejo agora que me tenho estendido demasiadamente, e não vale a pena queimar tanta cêra para chamuscar taes defunctos. Relativamente á eleição camararia, não imaginas como ri desapiedadamente ao ver o nome do G. M. na lista dos vereadores! Da esterqueira do suffragio popular não podia sahir mais engraçado tortulho. Pede ao Barbosa que o derreta para pomada alvissima — com *poses de joanna* deve ter uma grande extracção nas pesquisas ruraes...

O procedimento do Francisco Calheiros surprehen-deu-me. Diga-se, porem, a verdade: eu nunca lhe ouvi nenhuma profissão de fé, e sei que no Porto votava sempre com os republicanos a pedido do Arriaga, de quem era muito amigo. Do Alpuim não me admiro: Talvez seja dos de Villa de Punhe, ..

Pelos jornaes que me mandaram soube que o Salvato ja está restabelecido. Dou-te os parabens fazendo votos ao mesmo tempo para que o endiabrado traquinas não

fique com algum defeito na cara. Como d'esta vez não me fallavas no Aleixo, é de crer que ja esteja bom, o que muito estimo. De tudo isto concluo que o meu amigo Ruy é de todos o mais ajuizado e prudente. Dá-lhe um abraço em recompensa.

Para satisfazer o teu desejo vou tirar o retrato. Ja tinha essa tenção e contava mandar-to juntamente com photographias d'esta cidade. A respeito de economias por ora ainda não tenho peculio. No Rio de Janeiro era até impossivel pensar n'isso. No entanto chegava para viver, e bem, nas minhas circunstancias, é claro, com hospedagem principesca... de graça. Por isso nunca me privei de coisa nenhuma. Nos primeiros 8 dias vivi quasi como um anachoreta, como medo da febre amarella. Depois deitei os corninhos de fora, e passado um mez ceava e fazia noitadas como em Coimbra e em Lisboa. A febre tornou-se para mim simplesmente um *papão*. Topei a tudo: corridas, theatros, bailes, jantares, ceias, o diabo. E apesar dos altos preços e das economias progressistas, tambem me não privava de offerecer, com toda a gentileza, no restaurante dos theatros, a minha taça de Champagne gelado a alguma francezita espirituosa e loira, que vinha fisgar a bolsa e os brilhantes de qualquer *Monsieur decoré*. Uma noite cheguei a causar inveja ao Conde de Herneberg (?), personagem comico e sinistro, porque é ao mesmo tempo empresario de pompas funebres (tem o monopolio dos enterros) e amante de todas as *cocottes* que Paris exporta para o Rio. Chega ás vezes a ter dez, hospedadas no mesmo hotel. Não se calcula o que são as ceias d'este homem no meio de todo esse mulherio pittoresco e depravado, ja sexagenario, careca e ventrudo com as faces esbofadas de borrhachão de cerveja. É irmão do Chefe da Policia de Berlim, e tem ganho milhões, que esbanja a rodos com uma prodigalidade de Nababo. É uma das figuras mais typicas do Rio de Janeiro e esta perfeitamente no seu meio, entre uma sociedade anarchica e desvairada, como todas as sociedades novas, onde a

vida é cheia de agitações e de febre, e o dinheiro se atira pela janella fóra, como *papel inutil*.

Por hoje basta de massada. Muitos cumprimentos ao Pae, á Mana, aos pequenos e a todos os amigos.

Um abraço de

Teu irmão e am<sup>o</sup>

mt<sup>o</sup> obgd<sup>o</sup>

António

P. S. Não respondi ao que perguntavas sobre a enteada do Joaquim Pentieiro, porque nada pude saber.

### LXIII

Rio Grande do Sul

7 de Fevereiro

Jose

Ainda d'esta vez não posso enviar-te os retratos promettidos. Tenho tido tantas occupações, ando tão massado com os patriotas e moido com o calor, tão aborrecido com os negocios relativos á administração consular num districto que abrange 2 milhões de kilometros quadrados, e tão agoniado com trovoadas continuas — todos os dias e quasi á mesma hora, — trovoadas ao pé das quaes essas que por ahi estrondeam são simples gemidos da Natureza, — que ainda não tive paciencia nem vagar para ir ao photographo exhibir a minha figura em traje ornamental. Será para outra vez; perdoa mais esta delonga.

Mando-te essa certidão para entregares ao Lemos. Não leva a nota de gratis porque nós não podemos fazer serviço nenhum por *esse preço*; e como tem de ser reconhecido no Ministerio dos Negocios Estrangeiros eu não podia *ostensivamente* fazer esta insignificante generosidade. Dize-lhe isto affirmando-lhe ao mesmo tempo que me não deve nada — seria comico se elle se lembrasse de mandar para os Brazis essa miseria em *moeda fraca*.

Para veres como estas coisas são por aqui mando-te essas... *reflexões jurídicas*, que escrevi no processo de arrecadação de espolio d'um subdito portuguez. As justizas por todos estes Brasis são um verdadeiro pinhal d'Azambuja. Quando ha necessidade de recorrer aos tribunaes é necessario levar numa mão a Lei e na outra um bacamarte. Morreu esse pobre Oliveira Guimarães, que tinha uma fortuna superior a 100 contos de reis e o consulado apenas pode arrecadar 30 e tantos! E ainda por cima vem as autoridades reclamar as taes percentagens, que são uma verdadeira iniquidade. Só ao procurador de causas pela conta apresentada competem mais de 900:000 rs. — isto por fazer dois requerimentos na audiencia! A um advogado por assistir a um inquerito policial que durou dois dias, tive de pagar 500:000 rs! É pasmoso! Toda esta gente exerce a advocacia administrativa d'um modo verdadeiramente escandaloso. É uma corrupção incomparavel — está tudo podre no cerne. Agora mesmo o Promotor Publico (Delegado) acaba de dar uma denuncia contra o juis d'uma comarca visinha por *vender a justiza*. Nem com a lanterna de Diogenes e ao meio dia se encontra um homem honesto. Por isso vivo muito retirado, dentro da minha repartição e com os meus empregados. Dou-me bem com toda a gente, mas fujo de intimidade. É melhor viver aborrecido do que em contacto com leprosos. É triste, muito triste, tudo isto por aqui. Mas em todo o Imperio os costumes são os mesmos. Eu passo a minha vida da seguinte maneira. Almoço, dou o meu passeio, e vou para a repartição. Ás quatro horas da tarde fecho-a e vou para o jardim com um engenheiro turco, que se tomou d'amisade por mim, e que me faz muito boa companhia. É um excentrico de força. Aborrece singularmente todos os turcos, e quando quer dizer que alguém é bruto tem sempre esta expressão — *estupide comme un turc!* Esta aqui para dirigir umas obras que vão fazer-se na Barra. Formou-se em Paris e tem viajado Seca e Meca. Uma das suas originalidades mais pito-

rescas é não fallar lingua nenhuma. Esqueceu completamente o turco, o aleinão e o inglez, e vae em bom caminho de esquecer o francez porque já o mistura muito bem com o portuguez que por aqui se falla. E por cima de tudo — é christão!

Às seis horas da tarde ou 7 vou jantar com o meu chancellor, que é um excelente rapaz e muito bom companheiro. E á noite, as 10 horas, aparece-me o deputado da Provincia que é a melhor coisa que tenho encontrado pelos Brasis, advogado d'um grande talento e d'um grande character — unica perola n'este monturo — e depois do nosso passeio junto á Bahia, vamos para um *Stadt* (especie de café, allemão), tomar refrescos e dar á lingua ate á meia noite.

E assim decorrem por aqui os meus dias, monotona-mente. O Ministro está tambem furioso em Petropolis. Escreveu-me ha dias uma carta dizendo-me que está cansado de aturar os *patriotas* e morto por atirar com os aparelhos ao ar...

Que bella ideia se me transferissem para a China, ou para qualquer outro pais onde não vigorem as ordenações do Reino! Ate breve. Muitas lembranças ao Pae, Mana e pequenos, especialmente ao Ruy

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
obg<sup>o</sup>  
Ant<sup>o</sup>

LXIV

Rio Grande do Sul  
26 de Fevereiro

Jose

São injustas as accusações que me diriges na tua carta de 10 de Janeiro, que neste momento recebi. É verdade que tomei posse do Consulado no dia 17 de Novembro do anno findo, como é verdade tambem que escrevi

no primeiro paquete que d'aqui seguiu para o Rio de Janeiro com malas para a Europa. Se a carta se extraviou ou o paquete teve demora em partir, a culpa não é minha. Tenho escripto em todos os paquetes, ás vezes duas linhas apenas, é certo, mas nunca deixo de cumprir este dever. D'aqui não ha paquetes todos os oito dias, como do Rio de Janeiro. Passam-se ás vezes quinze dias e mais sem haver meio de communicacão, porque rara é a viagem em que os vapores não encalham ficando ás vezes uma semana á espera que vão os rebocadores arrancal-os dos baixios. A viagem é feita pela costa, quasi sempre á vista de terra, tocando em todos os portos, motivo porque se torna perigosa e demorada. Mas a todos estes inconvenientes é preciso acrescentar a irregularidade em que é feito o serviço do correio. Tem-se-me extraviado uma porção de cartas importantes, algumas dirigidas ao Bernardo Pindella, e ate as contas do trimestre findo remetidas para o Ministerio, o que me causou grande incomodo para enviar segunda via. Dadas estas explicações, mudemos de assumpto. Em primeiro logar quero pedir-te o seguinte favor: Podes remeter-me se por ventura existir, qualquer *Manual de Processo Commercial*? Imagina as difficuldades em que me vi para organizar e julgar um processo de ratificacão de protesto e termo de abandono d'um navio que naufragou proximo d'aqui, tendo apenas como auxiliares um empregado de 70 annos, já cachetico, e o Chanceller que entendia tanto da poda como eu. Enfim, a coisa lá foi e o caso é que produziu os seus effeitos, o que me leva a crer que estava em ordem. Agarrei-me ao Codigo Commercial e atirei-me ao oceano. Naturalmente ficou uma obra engraçada quanto ás formalidades externas, mas como não era asnatico em tudo o mais, pouco cuidado me deu visto que não sou escrivão nem advogado. Porem resalvo todas estas coisas a respeito da sentença que ficou um brinco. Por sinal que começava assim. Visto estes autos etc. Considerando, etc.

Tenho recebido todos os numeros do *Echo* remettidos por meu Pae, bem como os da *Voz*. Mas dá-se a este respeito uma coisa engraçada: com uma letra desconhecida enviaram-me d'ahi todos os numeros do *Echo* em que vem publicada alguma coisa a teu respeito. Comprehendes esta malvadez pequenina. Algum patife que saboreou os insultos e lembrou-se de mim para me não poupar o sabor d'essa delicada *gourmandise* a alguns milhares de leguas de distancia. Quem será o biltre? a este proposito cheguei a escrever um artigo para mandar publicar na *Voz do Lima*; pensei porem que era melhor não fazer caso de semelhante besta, quem quer que seja.

Passaram por aqui as festas do Carnaval com muito ruido, muitas cavalgadas, muitos bailes, muita agua e muitos estalos; mas apesar de todo este esplendor lembraram-me com saudade as danças da casa da eschola com o Palhinhas de par marcante! Traço curioso: o Carnaval aqui ainda não acabou, dura ate amanhã inclusivamente. Anda tudo transtornado, como vês. Bailes de mascaras no primeiro domingo da Quaresma! bisnagas na quarta feira de cinza! Que diria o Reverendo Prior?! Aqui não ha religião absolutamente nenhuma. Nunca ninguem vae á missa nem se confessa, mesmo na hora da Morte. No dia seguinte ao da minha chegada fui visitar o vigario da freguezia, Monsenhor Viras, como auctoridade ecclesiastica da cidade. Ficou espantado por ver que ainda havia no mundo pessoas que ligavam importancia aos Padres!

Queria escrever mais largamente mas não tenho tempo. Enquanto não conseguir organizar a administração consular em todo este districto a meu cargo, que é enorme, vejo-me assoberbado com trabalho. Calcula o que será ter que attender a 10 funcionarios, meus subordinados, em partes muito distantes, e continuamente a levantar questões e a crear difficuldades. Será para outro paquete. Dize ao Pae que eu não lhe tenho escripto a elle por este motivo, e por que considero estas cartas que te

dirijo como circulares para a Família. Muitas lembranças á Mana, Pae, pequenos e um abraço ao Ruy do

Teu irmão am<sup>o</sup> mt<sup>o</sup> ob  
Antonio

P. S. O Visconde d'Amoroso parte para ahi no paquete *Gironde* a 16 de Março.

### LXV

Consulado de Portugal 16-3-87

Ha 15 dias que estamos completamente bloqueados. Um nordeste cortante, agitando as areias da barra entupiu o canal impedindo as embarcações de entrar e de sair. Dentro da bahia estão 5 vapores e fora, no mar largo, 11 navios á espera de 15 palmos d'agua para poderem navegar. Por este motivo não tenho recebido noticias nem tenho podido escrever. Se não fosse o telegrapho podiamos dizer que estavamos absolutamente isolados do mundo. Pela fronteira estão as comunicações interrompidas pelo cordão sanitario, por causa do cholera, que felizmente esta a declinar; pelo oceano as areias formam outro cordão muito mais difficil de transpor. Eis em duas palavras a situação triste da provincia e especialmente d'esta cidade, que é hoje um burgo em liquidação, tendo ja sido florescente e rica.

Quanto a mim continuo vivendo menos mal, mas muito aborrecido e com ameaços d'uma doença grave. É nem mais nem menos do que a molestia que tu tens — pedra na bexiga. Comecei a notar todas as manhãs certo deposito nas urinas; fui immediatamente consultar um medico, mulato extraordinariamente talentoso que me disse sem mais rebuço — é uma tendencia a formação de calculos. Não imagines que me assustei. Perguntei-lhe

imediatamente qual o meio de evitar semelhantes pedras. Escreveu-me n'um papel o regimen a seguir, e cá estou em uso copioso de aguas de Vidago, que por signal me custam a 6:000 a duzia . . . de meias garrafas! Aconselhou-me tambem exercicios constantes e violentos, especialmente grandes caminhadas a cavallo. Dou-te portanto a agradavel noticia de que vou sem demora entregar o meu corpo ás quedas e á equitação. Seja tudo pelo divino amor de Deus, que teve a pouca vergonha de inventar calculos na bexiga, como se não fosse bastante a bexiga que Elle nos faz constantemente. É um ratão este bom Deus. Creou-nos para nos desfrutar. Mas em compensação tambem o hei de troçar com bisnagadas d'agua de Vidago . . . Creio que já te contei na minha carta anterior alguma cousa do entrudo por aqui — entrudo de cauda, como os pachás do oriente. O ultimo dia de baile e brincadeiras pela rua foi o primeiro domingo da quaresma, que aqui chamam o *domingo da pinhata*. São curiosos estes factos por cá, mas a mim deixaram-me uma triste recordação — uma rica sobrecasaca preta, forrada de seda, das officinas do Rannier, — preço de 94:000 rs, completamente estragada. Sahi a dar o meu passeio, ricamente encadernado dentro d'ella, na melhor das despreocupações, quando de repente sou surpreendido, em plena rua por um bando de meninas inglezas e allemãs, armadas de bisnagas, grandes como repuxos, e não te digo nada: bengala para um lado, cartola para o outro, apertão d'aqui, beliscão d'acolá, deixaram-me como um pintainho a sahir do ovo — completamente encharcado! Infelizmente n'esta incruenta lucta sahiu gravemente ferida a minha rica sobrecasaca do Rannier, que era uma obra prima! O chapéu deixei-o logo no Chapeleiro, em troca d'outro por 16 mil reis! Mas a sobrecasaca é que me ficou atravancada no coração! Fui tambem a um baile exclusivamente de allemães, n'um club chamado *Germania*. É uma coisa curiosissima. Nos jardins do Club havia uma kermess burlesca, com anuncios pomposos á frente de barracas mysteriosas.

Uma das barracas era uma photographia instantanea para as mascaras se retratarem mas acontecia que todos os meninos que se lembravam de ir *poser* deante da machina, sahiam de lá corridos á gargalhada — os retratos sahiam todos com cabeças de burros. Em summa, uma festa perfeitamente original, com varias representações em pleno baile, — exhibição de *marionettes*, musicas chinezas, exercicios de tropa, o diabo! ate ás 7 horas da manhã. Mas o que mais me espantou foi o seguinte: no buffete havia uma grande mesa admiravelmente bem posta, coberta de bellas iguarias e magnificosinhos; ás tres horas da manhã, deu-me o apetite, fui ao salão, convidei uma senhora, e fomos cear. Ao lado de cada prato havia um *menu*. Escolhi os acepipes e entrei por elles dentro com gana, convenientemente regados com excellente Mouton-Rotschild e Champagne. No fim levantei-me, dei o meu braço á senhora e levei-a para o salão. Imagina, porem, o meu pasmo, quando no outro dia recebi do restaurante do Club a conta da ceia! Paga-se tudo o que se come! Malditos tentos! A coisa é contudo muito bem feita — lá não se pede dinheiro a ninguem; toma-se nota, e envia-se a conta a casa. Desnecessario será dizer-te, tambem, que depois das horas da manhã, não havia allemão que não estivesse bebado de cerveja — costumes de uma terra em que ninguem repara. Na Alemanha e na Inglaterra é um caracteristico das pessoas bem educadas — entortar todos os dias.

Esta o papel a acabar e por isso vou pôr ponto, pedindo-te ainda um favor. Alem do *Manual de Processo Commercial* queria tambem o *Manual dos Tabelliães*, ou coisa parecida com isto. Podes mandarm'os? Recomenda-me muito ao Pae, Mana, Pequenos, Ruy e amigos

Um abraço de  
teu irmão e amº ob  
Antonio

P. S. A noticia da cholera n'esta provincia é falsa. Não passou de Matto Grosso e lá mesmo já acabou. Agora vamos entrar no inverno e por isso o mal está conjurado.

Ant<sup>o</sup>

LXVI

Rio Grande do Sul  
20 d'Abril

Jose

Com intervallo de 10 dias apenas chegaram aqui as tuas cartas de 15 de Fevereiro e 9 de Março. Se ás vezes não indico a data das que vão chegando é porque a correspondencia enorme a que tenho de dar expediente todos os paquetes acumula-se-me por tal forma que muitas vezes nem tenho tempo de as reler. Asseguro-te porem, que nenhuma tem ficado sem resposta. Senti muito a noticia da doença do Pae e da Mana e calculo bem o que tudo isso te deve ter apoquentado, mormente com o teu genio apprehensivo. Do Pae felizmente já tenho melhores noticias pelos jornaes e espero que a Mana tambem melhorará depressa se tomar a resolução de se tratar com cuidado. Essas doenças no começo são faceis de debelar. Quanto aos rapazes acredito que já devem estar restabelecidos porque as doenças em rapazes *vão como vêm*.

Muito obrigado pela tua opinião acerca do meu *arra-soado* juridico. Não foi com muito apetite que me entreguei a tão árduo trabalho, como podes imaginar; mas os deveres do meu cargo como curador dos órfãos e ausentes forçam-me a perpetrar d'esses attentados. De resto a coisa não me pareceu muito difficil, principalmente sabendo onde se encontram as disposições legaes que regulam os differentes casos. Não imagines, porem, que todos os dias tenho de me entregar a tão divertidas cogitações. Se tal

acontecasse pedia a minha demissão immediatamente. Mantenho pela prosa dos autos e pelos respeitáveis monumentos onde se conservam as Leis, o mesmo santo horror e o mesmo singular aborrecimento. Não julgues que estou a fazer *blagues*, fallo com a maior sinceridade. Foi para fugir á jurisprudencia que procurei esta carreira e é ainda para lhê fugir completamente que vou pedir a minha remoção do Brasil — Unico país onde os consules se veem mais vezes forçados a investir com as Leis. Não é porque eu me julgue incompetente para estudar e escrever sobre assumptos em que o Antonio Roberto é eminente; o meu horror, quase odio, provem d'um singular feitiço do meu espirito. Foi para conservar um certo geito artistico com que a Natureza me dotou — raro, mesmo nas pequenissimas proporções em que o possuo — que me sujeitei a andar por ahi tanto tempo soffrendo privações e desventuras, dobrando ate muitas vezes o meu orgulho; foi para não matar completamente em mim, com a aridez dos autos, a impressionabilidade especial do meu temperamento, que sendo á minha constante tortura, é ao mesmo tempo a causa das minhas mais vivas e mais duradouras alegrias. Infelizmente meu Pae, a quem tanto estimo e venero, não comprehendia estas coisas, e tomava como preguiça e desleixo, o que era apenas uma fatalidade organica. Nem toda a gente avalia o que é o tormento da imaginação que nunca repousa (?); e ninguem calcula o que eu trabalhei por ahi, mesmo no meio d'aquella despreocupação que eu affectava. Quantas vezes chorei de raiva e de impotencia quando desesperava de encontrar forma justa e verdadeira para as ideias que tinha na mente! Ninguem acredita, mas isto ainda agora me acontece com frequencia. Explicando assim o meu horror pelas Leis e pelos Codigos não fecho este meu assumpto sem te fallar na Legislação brasileira, respeitavel matrona por quem te mostras interessado. A Lei civil são ainda as Ordenações Philippinas. Codigos tem apenas o criminal, que não é mal feito, segundo me quis parecer, pelos principios scien-

tíficos em que se baseia, mas muito defeituoso porque deixa aos juizes uma grande liberdade interpretativa. O seu defeito está exactamente na sua maxima virtude — a extrema generalisação. Quanto ao mais, especialmente o processo civil e orphanologico, é uma baralhada extraordinaria onde representam papeis importantes o Correia Telles, o homem das *Primeiras Linhas*, o Lobão, o Grande Lobão das Aguas, e outros varões não menos illustres. Depois agravada esta confusão com a anarchia legislativa que aqui reina — porque todo o mundo faz leis, ate os presidentes das Provincias com as respectivas assembleias — vem a grande cópia dos praxistas brasileiros, e por ultimo ninguem se entende na balburdia geral.

Hei-de ver se obtenho o Codigo Criminal, porque é a unica coisa que vale a pena ler, a quem gosta, é claro. Ha tambem *Codigo Commercial*.

Aqui no Consulado nada consta ácerca do tal sujeito em que me fallas: João da Costa Correia Fontes. É possível contudo que se possa descobrir alguma coisa, mas eu é que me não encarrego d'esse trabalho sem primeiro me dizeses se tens n'isto algum empenho. Não o tendo, aconselha as pessoas interessadas que requeiram ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, porque de lá vem depois ordem para eu me incumbir d'esse serviço. Os consules não podem encarregar-se de proceder a investigações d'esta natureza sem que lhes sejam ordenadas pelo Ministerio. No entanto, se o empenho é teu dispenso as formalidades e dou-lhe immediato cumprimento. Para ti e para alguns amigos ponho de parte as formalidades; para os outros não porque ellas têm duas vantagens: cumpro a lei e lanço as despesas á conta do Ministerio. Nos consulados não se pode fazer nenhum serviço gratuito: — todo o dinheiro que entra no cofre é representado em estampilhas inutilisadas; e não imaginas alem do incommodo as *peças* que d'ahi me teem pregado *varios conhecidos*. Pelo resultado (?) das eleições vê-se clara-

mente a decadencia a que tão depressa chegou o fidalgo das P. e mais o primo das C. A. O ultimo numero do Echo, que meu Pae me enviou, ja vinha encolhido como o Chiquinho d'Aguiar! Tanto poder, tantas vanglorias, tantos prestigios — pulvis estis! (não sei se o latim vae perfeito; dou a tradução — sois pó!).

Contentou me esse optimo resultado, mas a lista geral dos deputados da Nação causou-me um profundo desgosto. Os regeneradores elegeram a sua melhor gente, mesmo dos novos partidarios, alguns como o Rodrigues dos Santos (dep. por acumulação) são rapazes de muito valor; mas os progressistas arranjaram uma colecção de palermas verdadeiramente lamentavel. Orçam todos pelo V. da T., que felizmente foi derrotado; e digo felizmente porque esse pae da patria iria envergonhar o pae... d'elle. Com certeza que esse menino não passava sem botar a sua falla. Um outro dos novos eleitos, Oliveira Martins, é um ex-caixeiro de mercearia, que se mettu a litterato, casou com uma mulher rica, e desempenhava em Coimbra um papel identico ao do Rosalino Candido do «Jovem Ancião». E assim por ahi adiante. Vejo que o José Luciano não tem força para resistir ás influencias locais, e é pena porque tinha muito por onde escolher. Entre os novos candidatos, que o José Luciano não conseguiu fazer eleger, havia um rapaz Açoriano, dos seus 35 annos d'idade, Aristides Moreira da Motta, advogado na Ilha de S. Miguel, que é o talento mais poderoso, a inteligencia mais privilegiada que eu tenho conhecido, dispondo alem de tudo d'uma facilidade de expressão notabilissima. Tive realmente pena de que não fosse eleito, e estou convencido que se o Fontes fosse vivo, com a camara actual, o Jose Luciano não se aguentava dois mezes. Está o papel a acabar e por isso termino. Vou um pouco melhor dos meus incommodos, graças ao tratamento a que me entreguei. O medico suppõe agora que a causa do mal provem do abuso da cerveja, que já supprimi completamente. Imagina que em varios mezes



não bebi outra cousa. Mesmo ás comidas era a minha unica bebida, visto que o vinho é mau e caro. Mas alem das comidas, como o calor foi grande, entregava-me pelo dia adiante a essa bebida com bastante brutalidade, e como quasi toda tem muito acido sallyclico, ia-me estragando os rins. Agora não bebo coisa nenhuma á excepção de vinho de Bordeus muito fraco, cortado com agua de Vidago ou de Vichy. Felizmente tenho aqui um medico muito meu amigo e que me trata com uma extrema dedicação. Como não me leva dinheiro mandei pedir ao Julio que me mandasse algumas duzias de garrafas de vinho do Porto, muito fino, para o presentear. Sabes quanto leva um medico por cada visita? Nunca menos de 10:000 rs se o doente é pobre!

Adeus. Muitos cumprimentos ao Pae, Mana e pequenos; um abraço ao Ruy e lembranças aos amigos, incluindo o João Gomes e o Fiuza, do

Teu irmão amigo e  
obgº  
Antonio

P. S. Desculpa a grande porcaria d'esta carta que foi escripta muito á pressa. É a decima segunda que hoje escrevo. Mereço perdão.

Teu  
Antonio

LXVII

Rio Grande do Sul  
18 de Junho

Jose

O paquete que tinha de partir para o Rio de Janeiro no dia 20, não sei por que motivo extraordinario apressou a viagem para amanhã e apanhou-me de surpresa, motivo porque não posso responder minuciosamente ás tuas ul-

mas cartas. Não tenho tido um único momento de descanso nestes ultimos tempos. Levantaram-se em varios pontos das provincias da minha jurisdicção varias questões e conflictos que me teem assoberbado. Tive de suspender o Vice-Consul na cidade de *Desterro*, e a organização dos documentos para justificar o meu acto e pedir a demissão do respectivo funcionario, teem-me feito escrever resmas de papel. Hei de por força sahir-me bem, mas quero varrer a minha testada de forma a não deixar duvidas sobre a justiça do meu procedimento. No entanto, á cautella não fiz coisa nenhuma sem consultar o Nogueira Soares, e tudo tem tido o seu mais decidido apoio. Portanto a questão não offerece a minima duvida porque elle ha-de sustental-a; alem d'isso eu tenho no Ministerio as melhores informações. Já recebi pela Direcção Politica o mais rasgado e o mais honroso elogio; e tenho conseguido coisas do Ministro que nunca os meus antecessores puderam obter. Entre ellas ordem no Consulado do Rio de Janeiro para me abonarem todos os saques que fizer em qualquer difficuldade de dinheiro — visto que o consulado pouco rende.

De forma que todas estas coisas só me dão trabalho, e mais nada. Tenho a consciencia que hão de redundar em meu louvor. O Vice-Consul no *Desterro* era um patife e desobedeceu-me n'uma ordem que eu lhe tinha transmitido, ordem que a seu turno eu tinha recebido do Ministro.

Tive noticia pelos jornaes d'ahi do começo do incendio que houve na tua casa. Como não passou de começo, bom foi, e dou-te os parabens, posto que o susto não devia ser pequeno. Estimo muito saber que o Pae vae em bom caminho de restabelecimento. Eu vou passando menos mal. Aconselha-o a que tome as aguas de Friedrichs Haller — é o unico remedio contra as pedreiras em que a natureza transforma os nossos rins. Toma-as tambem, misturando-as, passados 15 dias, com as de Carlsbad, Vidago ou Vichy nada fazem contra a causa da molestia. Derretem as pedras, mas não curam a origem

do mal. O Freitas que leia o Thompson e que indique a forma do tratamento. É o maior especialista em molestias das vias urinarias. Nesta data receberás 4 retratos que te envio. Para guerreiro honorario has de confessar que tenho um bello ar marcial. Um d'elles é para ti; outro para o Pae; outro para o P<sup>e</sup>. Ant<sup>o</sup> Pereira Lima; outro para o João Gomes. Posto que estes ultimos tenham sido para commigo d'uma ingratidão inqualificavel eu não posso nunca esquecer-me da boa e sincera amisade que sempre me dispensaram. Muitas lembranças á Mana, a quem desejo melhoras, ao Pae, pequenos, Ruy e amigos

Teu irmão mi<sup>o</sup> am<sup>o</sup>  
Antonio

## LXVIII

Consulado de Portugal

3 de Setembro

Jose

Depois da carta que escrevi acompanhando o meu retrato não tornei a dar noticias minhas porque tenho estado bastante doente. Agora mesmo, quasi de todo restabelecido, ainda de tempos a tempos sinto vestigios da grave enfermidade que me colheu inesperadamente. Andei perfeitamente bom durante muito tempo, mas de repente, sem symptomas nem indicios anteriores, fui assaltado brutalmente por um encommodo atroz. Não sei bem o que foi; o que sei é que entre outras coisas estive ameaçado d'uma congestão cerebral, a ponto de ficar com o crystallino dos olhos vermelho como a baeta com que se atrahem as abelhas. Felizmente não me faltaram soccorros, e estou muito reconhecido para com a principal gente da terra, nacionaes e estrangeiros, que á porfia me dispensaram os maiores obsequios. Logo que a noticia se espalhou na cidade encheu-se-me a casa de gente e

às 8 horas da manhã tinha á cabeceira todos os medicos d'aqui. Não sei como me não mataram, porque ja um é de sobra para alimentar os açougues da Morte. Mas imagina tu qual o meu espanto ao ver entrar um homem desconhecido, vêsgo e ruivo, e sem mais tir-te nê m guar-te, tomar-me o pulso, descobrir-me e examinar-me attentamente sem pronunciar uma palavra, sem fazer caso das pessoas que estavam presentes. Era um medico italiano, uma grande celebridade, que estava a bordo d'um navio surto no porto, para seguir para Montevideu, onde tinha sido chamado para fazer uma operação. Chama-se Dr Zavrerthal e é professor de clinica na Universidade de Roma. Foi um redactor d'um jornal que sabendo da chegada do sabio foi buscal-o a bordo, e sem o conhecer conseguiu trazel-o. Homem rude e sacudido pareceu-me uma excellente pessoa, e tão excellente que me não levou dinheiro, tendo tido a audacia de desaprovar o tratamento indicado por um dos medicos presentes. Hei de fazel-o commendador de Christo, porque os italianos pellam-se por estas honrarias.

Por isto que te conto e por outras macacões que tenho tido ja ves que o clima é um pouco hostil á minha compleção. Apesar do frio que aqui faz, frio de bater o queixo, dei-me muito melhor no Rio de Janeiro. Contudo é falso que eu tenha pedido directamente ao Ministro *melhoria* de posição. Mandei lhe fallar, é certo, pelo Luis de Magalhães, na minha transferencia, primeiro para Nova York e depois para a Eurcpa. Agora é que lhe vou escrever directamente, dirigindo ao mesmo tempo uma circular a todos os meus amigos para que intercedam por mim junto do Ministro. Se estiveres em boas relações com os politicos desses sitios, e quizerem fallar-lhes n'isso não sera mau de todo, especialmente ao Conde de Bertandos, que é meu amigo. Quantos mais melhor. Eu não faço indicação de terra — qualquer consulado me serve, sendo na Europa. Se me demorasse por aqui tinha decerto melhor futuro, mas ja estou aborrecido de aturar

os nossos compatriotas, que são insuportaveis. A questão de Santa Catharina esta decidida. O Governo aprovou tudo quanto fis: demittiu o Vice-Consul e supprimiu o Vice-Consulado. Agora a coisa vae limitar-se a grande celeuma levantada pelos 75 portuguezes de la, mas de que eu não farei o minimo caso. Folgo com a noticia que me dás de teres mudado de casa, mas deploro que o Pae continue renitente na sua teimosia de ficar no Pinheiro. É inêxplicavel esse amor pelos ratos e taboas velhas. Enfim espero em Deus que o Julio consiga convencel-o n'um impeto de eloquencia militar. Ao Julio tambem enviei o meu retrato de capitão honorario, mas desde que lhe pedi um pipo de vinho fino nunca mais me respondeu, apesar das repetidas cartas que lhe tenho escripto. Vê tu que singular malandro: não me manda o vinho não por causa do preço que elle lhe custa -- sei bem que é generoso; procede assim só por causa do trabalho que lhe vae causar o engarrafamento e a remessa!

Desde que te enviei o meu retrato ate hoje só recebi uma carta tua datada de 19 de Julho. É de crer que me tenhas escripto mais porque não costumas ser tão relapso em dar noticias, mas é tambem possivel que as cartas se tanham perdido nos ultimos naufragios do mes de Julho. Só no temporal do dia 11 sossobraram 30 embarcações nas costas desta provincia, entre as quais dois vapores da companhia de navegação, trazendo um delles 150 pessoas a bordo, não se salvando uma unica. O *Rio Agra* trazia correspondencia da Europa e é por isso de suppor que viessem lá cartas para mim. Mando-te essas vistas figurando os pontos principaes d'esta cidade, para que vejas que isto não e nenhuma aldêa em que se ande de tanga. Eu moro numa rua que deita sobre o caes (estampa n° 6) Remetto-te tambem esses jornaes que falam de mim e essas duas cartas escriptas ao Luis de Magalhães relativas á minha transferencia.

Não posso hoje escrever mais porque parte amanhã para o Rio de Janeiro o Chanceller deste consulado, trans-

ferido para Pernambuco, e tenho por isso muito trabalho oficial a despachar. Desejo que todos continuem de saúde e que tirem muito proveito das Caldas. Recomendações ao Pae, Mana e pequerruchos, especializando o meu grande amigo Ruy de quem sempre me lembro com muita saudade. Um abraço de

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
obg  
Ant<sup>o</sup>

## LXIX

Rio Grande do Sul, 30 de Novembro

Jose

São 11 horas da noite e o termometro que ali tenho em frente, proximo da janella escancarada, marca 29 graus centigrados. Comprehendes por isto o sacrificio que é necessario fazer para não faltar á obrigação de dar noticias á familia, ao menos duas vezes por mês. Este *introito* quer dizer que desta feita vou ser muito mais breve que prolixo, visto que é impossivel estar muitos segundos vergado sobre a meza e com a cabeça ao pé da luz — a mão esquerda agitando o leque e a direita deslizando sobre mata-borrão para não ensopar o papel de suor. Uf! que é de tirar bifes das costas! Felizmente o barometro baixa consideravelmente e é de crer que lá para as 4 da madrugada refresque com alguma tempestade de fazer tremer a casa.

Ha muito tempo que não tenho noticias tuas nem do Pae, que ha muito cessou de me enviar as *Vozes do Padre Fiuza* esse grande e excellente amigo a quem já escrevi varias vezes sem ter obtido a fineza d'uma resposta. Quanto a mim agora passo melhor de saúde

podendo mesmo dizer que estou completamente bom. Parece que me dou melhor com o calor do que com o frio. Espero contudo não me demorar por aqui muito tempo porque conto que o Barros Gomes me transfira para Gibraltar, visto que morreu o Jose ? e elle assim me tinha promettido. O diabo é eu não estar em Lisboa n'este momento, porque lá tenho a certeza de que obtinha o Consulado de Gibraltar sem grande difficuldade.

Daqui nada te posso contar. Continuo a manter as melhores relações com o Lima Torres, de quem já te fallei na minha carta anterior. É um excelente rapaz, muito parecido com o irmão d'ahi, e um excelente amigo e companheiro. Alem de tudo isto é como o irmão um bello character, gozando por isso de grande conceito e sympathias.

Peço te que digas ao João Gomes que me desculpe ainda não ter respondido á sua carta, mas as minhas muitas occupações, agora que estou sem Chanceller, e o excessivo calor não me tem deixado um momento de lazer.

Dize-lhe tambem que me não esqueci d'aquelle caso do Azevedo da Bemposta. Os papeis tem andado de mão em mão por todos os advogados da provincia senão não ha por onde lhe pequem. A questão esta completamente prescripta e bem prescripta. No entanto, para o fazeres damnar, dize-lhe que a herança do Barão de S. Roque, n'esta provincia, faz hoje parte da fortuna do Conselheiro Maciel, de Pelotas, e montava essa herança, naquelle tempo a cerca de 800 contos de reis! O Barão tinha-a vendido ao Pae do Azevedo por 100:000 rs! E o Pae do Azevedo fica-se com os papeis em casa e não trata de inquirir o que havia! Cáfila de animaes!

Em resumo: que se contente com a gloria de ter possuido 800 contos em prespectiva!

Ainda me não passou da ideia o pobre Manuel da Fonte. Vê-se a final que não era tão pulha como , porque ainda tinha vergonha. E a viuva? Consola-se?

Não posso escrever mais. Estou abrazado. Muitas

saudades ao Pae Mana e pequenos, com um grande abraço ao amigo Ruy.

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
mi<sup>o</sup> grato  
António

## LXX

Rio Grande do Sul, 1 de Janeiro

Jose

Muito boas festas de Natal e excelentes entradas de Anno Novo é o que do coração e do exilio te deseja o teu irmão desterrado. Peço-te que transmittas ao Pae e á Mana estes meus sinceros cumprimentos e que dês abraços e beijos aos pequenos — unicas prendas (?) que d'aqui lhes posso mandar. Apesar dos convites que tive para as festas do Natal e Anno Novo comprehendes bem que foram para mim um tanto tristes. Não me faltou nem o polvo, nem o bacalhau, nem os ovos mexidos, nem o vinho quente com mel — bello e excellente vinho de Basto que um nosso patricio me proporcionou. Mas isto não é bastante para alvoroçar um coração triste e mortificado por anno e meio de desterro. Veremos se agora me transferem. Conto ser removido, mas não sei ainda para que terra ou para que pais. O Nogueira Soares quer que eu vá para Pernambuco, mas eu prefiro a Europa ou a America do Norte. De Brasil estou cheio até aos olhos, apezar de Portugal não ter nas terras de Santa Cruz consul que tenha sido mais estimado. O Nogueira Soares dizia-me o seguinte n'uma carta que ha dias me escreveu, em resposta a uma em que eu lhe pedia que sollicitasse do Barros Gomes a minha transferencia para Gibraltar:

*«Como seu verdadeiro amigo desejo que seja transferido para Gibraltar. É uma regalada Conesia que lhe deixará livre todo ou quasi todo o tempo e não lhe cau-*

sará o menor desgosto. Por isso lhe communiquei pelo telegrapho que o logar estava vago logo que dessa vacatura tive conhecimento. Mas como Ministro no Rio não posso apoiar ou sollicitar a sua transferencia para Gibraltar. Julgo da maxima conveniencia publica que o Feijó seja agora transferido para Pernambuco, depois para a Bahia e mais tarde para o Rio. É necessario que os nossos compatriotas saibam que não se acabou ainda em Portugal a raça dos consules dignos a todos os respeitoes. Transcrevo textualmente, para veres, pelo conceito que de mim faz o meu chefe, o modo como tenho procedido. Não te mando a propria carta por que trata de outros assumptos relativos ao officio, e receio que se extravie. Guardo estes documentos que são preciosos. Veremos no entanto, o que os meus amigos conseguem. Eu gastei 100:000 rs em telegrammas e escrevi uma especie de circular ao Navarro, Beirão, Barros Gomes, Oliveira Martins, Junqueiro, etc. No entanto tenho poucas esperanças porque a ausencia e a distancia são as melhores esponjas para apagar as lembranças do coração.

Felizmente por enquanto gozo saude, apesar do excessivo calor. Estamos em pleno verão. Para escrever esta carta estou com um lenço atado na testa para embeber o suor e com um papel mata borrão aparando a agua que destilo da mão. No entanto dou-me bem com isto. Mandei fazer uma roupa de seda crua e ando pelas ruas de leque como um japonês.

Muitas lembranças a todos, cumprimentos aos amigos, um abraço para o Ruy e outro para ti do

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
mt<sup>o</sup> grato  
Antonio

P. S. Desejo presentear algumas pessoas d'aqui que me teem obsequiado, principalmente o medico que me

tratou. Por varias vezes pedi ao Julio que me mandasse um pipo de vinho do Porto. Ate hoje nem resposta nem mandado. Dirijo-me portanto a ti que estas sempre prompto para aturar as minhas estopadas. Podes incumbir d'este serviço o nosso amigo João Affonso. A remessa para aqui é simplicissima. Qualquer casa exportadora do Porto se incumbe desse serviço. Desejava tambem que me mandasses algum peixe — um salmão por exemplo, se fosse possivel, e umas lampreias. De tudo isto creio que se encarregará de bom grado o João Affonso, mandando-me com a encomenda a respectiva nota de despesa, porque devo declarar-te que é só com esta condição que aceito a remessa d'estas coisas. Desculpa estas massadas do teu

irmão e am<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
Antonio

## LXXI

Jose

Acabo de receber um telegramma do Barros Gomes perguntando se quero ser transferido para Pernambuco. Apesar das estuchas que lhe metti e do pedido que lhe fiz directamente parece que não sou desta vez removido para a Europa. Respondi: *Desejava qualquer longe Brasil*. Como quer que seja, para qualquer canto que me arremessem, estou resolvido a ir fazer uma visita aos patrios lares dentro de seis mezes. Depois, *Deus super omnia*.

O consulado de Gibraltar era uma maravilha. Sem trabalho e sem subditos de S. M. Fidelissima, passaria ahi a minha vida, com passeios intermitentes á nossa terra, sem ter quem me causasse o minimo desgosto. Assim não sei ainda por quanto tempo terei de comer o pão negro do exilio por estas paragens brasileiras.

Queria escrever-te uma carta muito longa mas não

tenho hoje cabeça nem vagar. Ficará para occasião mais propicia.

Recommenda-me ao Pae, Mana, Pequenos, Ruy e mais amigos. Um abraço do

27/1/88

teu irmão e am<sup>o</sup>  
obg<sup>o</sup>  
Antonio

LXXII

N<sup>o</sup>. 1

20 de Fevereiro

Jose

Inclusa remetto a resposta à carta que me escreveste recommendando o negocio do meu condiscipulo Cordeiro da Cunha — individuo de quem não conservo a minima lembrança. Estou mesmo convencido que nunca vi semelhante *varão*. Não me admira porem que tal succeda, porque quase todos os rapazes que vem para aqui trabalhar me apresentam cartas de *meus condiscipulos*. É um nunca acabar. Em summa isto nada faz ao caso logo que tu desejavas servir o Marinho. Estas coisas porem so expressamente proibidas por lei. Não posso ingerir-me nestes negocios a requerimento ou pedido particular. Estas coisas devem ser sollicitadas ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros porque estão sujeitos ao pagamento de emolumentos que constituem receita do Estado. Digo-te estas coisas porque todas as vezes que não tiveres verdadeiro empenho te desculpares com os importunos evitando-me a mim as massadas inherentes. D'ahi e de toda a parte onde tenho conhecidos chovem-me as cartas com pedidos de igual natureza — uns pedem certidões de obito, outros pedem notas de heranças, etc. etc., um verdadeiro inferno em que tenho dispendido muito dinheiro, porque tenho de entrar em cofre com as importancias dos sellos. Assim

quando alguém te pedir qualquer coisa d'estas, não tendo empenho, previne-me porque adopto a resolução de não responder. Mas deixemos isto e vamos ao que importa. Nada sei ainda ácerca da minha transferencia. Além do telegramma que recebi do Ministro e em que te fallei na minha carta só recebi uma carta do Lobo d'Avila dizendo que o Barros Gomes não faria nada sem ouvir o G. Junqueiro e o Oliveira Martins. Se quando receberes esta carta ainda o negocio não estiver decidido, peço-te que se o resultado da campanha for bem succedido mo communiques por um telegramma que eu prometto indemnizar-te com algumas latas de goiabada (doce de tijolo).

A respeito da saude passo agora sem novidade apesar do intensissimo calor. Ha uns mezes que não chove e troveja todos os dias com 30 graus centigrados á sombra. Depois da minha ultima doença fiquei soffrendo bastante do estomago mas estou completamente curado. O meu medico, — um mulato muito intelligente formado em Paris, — lavou-me o estomago duas vezes com o aparelho de Fauché e fiquei completamente fino. Custa um bocado a tal operação porque é necessário metter um tubo de borracha pelo exophago mas os resultados são excellentes. Vale por todos os medicamentos conhecidos, e o encommodo não dura mais de dois minutos. A lavagem faz-se com qualquer agua mineral por um processo baseado na theoria do siphão. De resto nada de interessante. Passou o Carnaval com o mesmo ruido do anno passado e o infallivel prolongamento até ao 1.º domingo da Quaresma. Mando-te um jornal para veres que isto por aqui não é o deserto da Arabia.

D'hoje em diante dou uma numeração ás minhas cartas, além da data, para facilmente descobrires as que se extraviarem. Peço-te que faças o mesmo. Recomenda-me muito ao Pae, Mana e pequenos com um grande abraço ao meu amigo Ruy

Teu irmão

mfº amº e obº

Antonio

Vid carta a seguir (a 2.<sup>a</sup> a que se refere a de 20 de feve e tambem com essa data)

Nº 2

LXXIII

Jose

Na ultima carta que te escrevi esqueci-me de te fallar no filho do Ribeiro. Envio-te essa carta que elle ha tempos me escreveu para a mostrares ao pae. O rapas, como vês, não esta contente. É como todos os que vem sem caixa de pinho e chinellos de couro cru. Imaginou que chegar ao Brasil e ser rico era *obra de um momento* como nas cartas de namoro. Parece que está com tenções de se ir embora brevemente e talvez seja melhor. Um belo dia declarou me que estava resolvido a vir para aqui, *para a minha companhia*. Vê tu que calamidade se tal desgraça me acontecesse. Não tinha absolutamente nada em que occupar o porque de mais a mais não tem habilitações nenhuma como podes ver pela carta inclusa. No Brasil não ha necessidade de caixeiros nem de guarda livros. Ha-os por ahi aos pontapés, e rapazes que fallam e escrevem três ou quatro linguas. O que por cá se precisa é de braços para a lavoura. Para os trabalhadores do campo o Brasil é ainda um El-Dorado. Para tudo o mais é peor que a Europa. Creio portanto que o mais prudente que o Jose Ribeiro tem a fazer é mandal-o retirar, se o rapaz não tem pachorra para se sujeitar ao genero de trabalho para que tem habilitações. Eu tenho-lhe feito tudo quanto tenho podido. Nenhum rapaz vem para o Rio com as recommendações que elle trouxe e com as que d'aqui lhe tenho enviado. Mas que diabo se ha de fazer d'elle, se o ladrão não sabe coisa nenhuma?

Remetto-te essa collecção de vistas d'esta cidade, para completar as que em tempo te offereci. Numa d'ellas vae a minha casa perfeitamente visivel. Ja podes avaliar

que a terra não é completamente má, o que esta é n'uma decadencia commercial verdadeiramente lamentavel como toda a provincia.

Adeus. Recommenda-me muito ao Pae, Mana, pequenos e Ruy, e aceita um abraço do teu irmão e am<sup>o</sup> mi<sup>o</sup> ob<sup>o</sup>

R. Grande 25 de Fevereiro (1888) Antonio

## LXXIV

20 de Fevereiro

Jose

Só hoje posso responder á carta em que me recomendavas a protecção do meu antigo condiscipulo Jose Cordeiro da Cunha Guimarães, relativa á supposta herança d'um tio fallecido em Pelotas. Pedi informações para lá por intermédio do Vice-Consul, mas nada ali consta a tal respeito, o que leva a crêr que há engano nas indicações enviadas d'ahi, porque se o homem falleceu com grande fortuna devia haver *lembrança* na memoria d'algúem. O Vice-Consul que é um homem honestíssimo, e que habita em Pelotas ha mais de 20 annos, declarou-me que nunca tinha ouvido fallar em semelhante individuo. Deço-te portanto que communique este facto ao nosso amigo Marinho, de Bertianos para elle o transmittir ao Cordeiro da Cunha a quem não escrevo directamente pelas minhas muitas occupações.

Dispõe sempre com toda a franqueza do que é teu

Irmão mi<sup>o</sup> amigo

e obg<sup>o</sup>

Antonio

P. S. Peça muitos cumprimentos para toda a familia,  
não esquecendo o Ruy

A

(Esta carta tem a seguinte apostilla escrita atravessada) Am<sup>o</sup> Marinho: Aqui tem a resposta que tive de meu irmão. Depois de a ler e de a mandar a Braga querendo peça o favor de m'a devolver

J Castro Feijo

LXXV

N<sup>o</sup> 3

Jose

Acabo de receber a tua carta de 25 de Janeiro a que respondo immediatamente para aproveitar o paquete que vae d'aqui a duas horas para o Rio de Janeiro.

Começo por te dar os parabens pelo resultado do teu concurso. Não sei a classificação que obtiveste, mas qualquer que seja é caso para felicitações porque esta história de concursos é uma leria em que quasi sempre ficam primeiros os que deveriam ser os ultimos. Permite-me no entanto que a este respeito te dê um conselho de irmão e amigo já *experimentado*. Foge de ser empregado público. Não há calamidade maior. Vê o que está succedendo commigo e ainda tu ignoras *meja missa*. São insupportaveis estes senhores burocratas das secretarias quando se poem a legislar e a fazer asneiras. Se puderes evitar esse escolho, fazes muito bem. Do contrário terás de te arrepender, como me tem acontecido a mim. Fallemos agora da minha transferencia. Já debes ter conhecimento pelas minhas cartas anteriores do telegrama que me dirigiu o Barros Gomes e da resposta que lhe dei. A minha

questão não é de promoção nem de melhoria de vencimentos; é de ir para a Europa — ficar mais perto da família e dos meus amigos. De resto a minha transferencia para Pernambuco não era nenhum favor visto que foi exigida pelo Nogueira Soares, que a isso foi levado pela muita amizade que me dedica. Como o estado actual do câmbio, quasi ao par, a vida vai tornar-se-me um pouco difficil, e o Nogueira Soares tendo conhecimento d'isto queria *melhorar me* a posição no que toca a vencimentos. No entanto, como meu amigo que é, diz-me sempre que me esforce por obter Gibraltar — *a mais regalada cinezura que se conhece*. Esta portanto a coisa n'estes termos, o que me poem n'um estado de irritação e desalento verdadeiramente lamentáveis. Constou-me por um telegrama da *Nacion* de Buenos Ayres que o Junqueiro ia ser nomeado plenipotenciario para as Republicas do Rio da Prata e que o Consulado de Montevideu ia ser elevado a 1.<sup>a</sup> classe. Se assim é a não ser para Gibraltar preferia a tudo ir para Montevideu, onde o clima é como o da Europa e a vida agradabilissima. Se ainda chegar a tempo esta carta e for *impossivel* a minha transferencia para Gibraltar, talvez não fosse de todo em todo mau lembrar esta ideia ao Barros Gomes. Consulta no entanto a este respeito o Luis de Magalhães a quem podes dirigir-te com toda a franqueza sem receio de encontrar a recusa e o *abotoamento* do O Martins. Quanto a este não estranhes o modo como te recebeu. É assim sempre mesmo com os mais intimos. Ao Luis de Magalhães podes escrever, se o julgares conveniente, dando á carta a seguinte direcção: Porto — Moreira da Maia, Quinta do Mosteiro de S. Salvador. É de crer porém que tal coisa não seja precisa porque quando esta carta te chegar ás mãos a contradação ja deve estar decidida. Devo no entanto dizer te que Brasil por Brasil é preferível estar aqui, onde já conheço toda a gente e onde sou muito bem tratado. Pernambuco é já uma grande cidade mas está sob os trópicos e além das febres especiais dos climas quentes tem

o terrível *beriberi*. Ponho ponto porque está um calor insupportavel — 35 graus á sombra. Já se não sua — desfila-se.

Muitas lembranças ao Pae, Mana e pequenos, especializando o Ruy

1 de Março

teu irmão e am<sup>o</sup>

mt<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>

Antonio

LXXVI

N<sup>o</sup> 4

20 d'Abril

Jose

Acabo de receber a tua carta (n<sup>o</sup> 1). Muito obrigado por todos os trabalhos que te tenho dado, e pelo salmão e vinho que me remetteste, apesar de não ter chegado ainda. Se por desgraça o negociante incumbido de fazer a remessa teve a má idéa de enviar as encommendas pela barca «Bedmor» está tudo perdido porque arribou ao Rio de Janeiro em tal estado que teve de ser abandonada.

Quanto á minha transferencia já perdi a esperança completamente. O Vicente Pindella, que está em Lisboa, assim mo deu a entender n'uma carta que ha dias me escreveu. Paciencia. O que não perdi as esperanças é de me retirar no proximo mêz de Junho, porque em ultima analyse peço a demissão Do Barros Gomes não solicito mais coisa nenhuma, e vou escrever a todos os meus amigos dizendo-lhe que deixem o homem em paz. O Nogueira Soares dizia-me ha dias que se *eu ficasse no Brasil* tencionava propor-me para Inspector consular, porque eu era o unico consul *competente e em quem tinha confiança*.

Declarei-lhe que nas suas mãos *entregava o meu espirito*, na certeza porem de que eu não pedia mais nada ao Barros Gomes, e de que não queria por coisa nenhuma continuar aqui. Alem de tudo com o cambio actual, quase no par, e com tendencias para alta, não posso viver na devida altura. Ja dispendi tudo quanto tinha economisado. A vida é carissima em todo o Brasil e o preço das coisas não oscila com as oscilações cambiaes. Ora como um cambio ao par, com descontos para a caixa de aposentações (4 %), direitos de mercê, sello, etc, etc, tenho de me ver apertado se continuar por aqui. Portanto em Agosto o mais tardar, conta commigo ahi. Brevemente te mandarei uma lista dos funcionarios consulares com indicações das differentes dotações.

Vi ha dias uma noticia de ter partido para a Africa teu cunhado Julio *com sua Esposa*. Pois o Julinho casou? Como esses meninos me envergonham a mim que já estou quasi solteirão! No entanto Deus me conserve assim muito tempo, como pretendo e *todos havemos mister*. E como vae o pobre do Alberto Malheiro? Melhorou? Deve por ahi haver grandes novidades e eu começo a sentir a nostalgia profunda e invencível de voltar aos penantes. Ate Agosto. Recomenda-me muito ao Pae, Mana, Pequenos, e dous abraços um para ti o outro para o Ruy do

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
obg<sup>o</sup>  
Antonio

(Tem a nota: Recebida a 27 de maio  
Respondida a 30)

## LXXVII

nº 5 — 24 de maio

Jose

Esta um frio horrivel. Mal posso segurar a pena para escrever. Enquanto por ahi a primavera se expande o o inverno ataca-nos por aqui com todo o seu cortejo de rheumatismos e pneumonias. Imagina o frio intenso que faz por esta simples circumstancia. Estamos em plena estação theatral. Temos companhia lirica, uma companhia melhor do que as melhores que costumam cantar no Porto. Pois no theatro, com enchentes enormes, a gente permanece embrulhado nos seus mais fortes agasalhos e bate o queixo como se estivesse na rua. Um horror!

Não te tenho podido escrever porque com a chegada do novo Chancellor tive de proceder a inventario de todos os valores da Chancellaria e isto tomou-me absolutamente o tempo. Como podes calcular pouco tenho agora que fazer porque todo o trabalho interno da Repartição esta a cargo d'esse funcionario, o que me consola um pouco das minhas tristezas e amarguras. Contando ao Nogueira Soares a resolução em que estava de me retirar na hypothese de não ser transferido para a Europa, escreveu-me elle uma carta descompondo-me e dizendo-me que *em nome da amizade paternal que desinteressadamente me consagrava*, me ordenava que aguardasse os acontecimentos e que não fizesse tolices. Que com mais um anno de serviço tinha direito a seis meses de licença com todos os vencimentos — licença que segundo a praxe podia conceder-se por outro tanto tempo. Que em um anno o mundo dava muitas voltas e que se eu ficasse no Brasil e passasse a nova lei de reforma da Secretaria, estava resol-

vido a propor-me para o logar de Inspector, insistindo pela minha nomeação porque em sua consciencia julgava que nenhum outro melhor do que eu se desempenhava d'essas funcções. Terminava dizendo-me que se tivesse necessidade de dinheiro sacase francamente sobre elle porque a sua bolsa estava sempre á minha disposição. Em vista d'isto escrevi lhe declarando que *aguardaria aqui os acontecimentos*. Compreendes bem que a tudo eu preferiria Gibraltar não só por estar a algumas horas de Lisboa como por não ter nada que fazer. É necessario pois acceitarmos o Jesuita Barros Gomes como elle é.

Recebi os conhecimentos relativos ao vinho e ao salmão que me mandaste. Infelizmente commetteram o erro de o mandar em navio de vela e Deus sabe quando cá chegará. Não vinha porem a conta e peço-te licença para exigir que m'a remettas, sob pena de me privares de te fazer novas encommendas. Li num numero da Voz do Padre Fiuza — esse ingrato — que a mana estava gravemente enferma. Fiquei muito aprehensivo com a noticia mas como a tua carta era de data superior e não se referia a esse triste acontecimento, conto que a doença já esteja debelada ou que não fosse caso de maior. Acho que fazes muito bem em te retirar para Vianna, onde melhor podes educar os rapazes. Ao Dae vou escrever pedindo lhe que te acompanhe para Vianna porque não me parece conveniente que elle fique sòzinho no Pinheiro. É de crer que elle sinta alguma relutancia em deixar a terra onde nós nascemos, porque — fallo-te com franqueza — apertou-se-me o coração ao ler a noticia da tua retirada — Só no desterro é que a gente aprecia bem o amor instinctivo pelo musgo (?) da nossa terra. Será para mim uma dor intensissima chegar a Ponte de Lima e não encontrar ninguém da familia no nosso velho pardieiro abandonado. Tudo se acaba e desaparece á medida que vamos caminhando em annos e em desilusões. Mas deixemos estas coisas tristes, não revolvamos a poeira do passado que nos envolve o coração com terra das sepulturas que-

ridas. Por aqui nada de novo que te possa interessar. Decretou-se a abolição do elemento servil, e a pesar da desgraça em que ficou muita gente houve grandes festas com foguetorio e musicas.

A politica por ahi, graças ao descaramento dos governantes, parece que continuará navegando sem perigo de naufragio. Deus mande neste fim de século um vento de morte e de ruina que d'uma vez acabe com os deputados e com o sufragio universal. E d'ahi que noticias me dás? Que diabo foi que aconteceu ao filho do Espichado, que os jornaes denominam *o nosso desditoso patricio*? E o Alberto Malheiro? E o Lemos e o João Gomes? Dahi ninguém me escreve e tu poucas novidades me contas. Acredita que leio tudo o que diz respeito á nossa terreola com uma fé quasi religiosa. O Padre Pereira Lima que de tempos a tempos me escrevia suspendeu completamente as suas epistolas e seccou-se-me por isso a unica fonte de noticias que tinha. E o conego Jose Silva? Quantas vezes de novo tem mandado virar as casacas? E o mano Alexandre, o sacristão da revista? Enche-te de pachorra e escreve-me uma carta muito comprida, como o interior do jornal. Vi tambem n'um jornal que morreu o Costodio de Labrujó. Coitado, pouco descansou depois dos trabalhos que levou com a educação dos filhos? E o Jose que faz nos Arcos? Advoga? é feliz?

Que faz por ahi o Joaquim d'Azevedo do Sobral? Ainda quer ser consul?

Dize tambem ao Dr. Freitas, que a sua fama já chegou aqui, e mais longe ainda. Tenho lido relações e noticias de umas maravilhas hypnoticas nos jornaes de Buenos Ayres. Assevera-lhe também que quando eu ahi chegar serei um excellente exemplar para as suas experiencias. Já fis prodigios numa sociedade de *espiritistas*, que com phenomenos rigorosamente scientificos assombram o publico como se fossem coisas sobrenaturaes.

Esta carta já vae longa e o frio gela-me as mãos. Recommenda-me pois ao Pae, Mana, Pequenos, especiali-

zando o grande amigo Ruy, e a todos os demais amigos.  
Abraça-te o

Teu irmão e am<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
Antonio

(Tem a nota: R a 22 e resp. a 24 de junho)

(4<sup>o</sup>)

(Escrevi novamente em 24 de Setembro)

(5<sup>o</sup>)

LXXVIII

N.<sup>o</sup> 6

Jose

Escrevo-te muito á pressa para aproveitar o paquete que sae d'aqui a algumas horas. Vi n'um jornal que já tinhas tomado posse do cargo para que foste nomeado. É de crer por isso que ja estejas vivendo em Vianna, mas estou com grande receio de que o Pae te não quizesse acompanhar. Vou escrever-lhe na primeira occasião a ver se consigo convencê-lo.

De mim pouco tenho que te dizer. Recebi apenas uma carta do Bernardo Pindella, que fallou ao Ministro na minha transferencia. Diz-me o que eu já sei — que o Ministro teima em mandar outro para Gibraltar. Acrescenta porem que esta disposto a conceder-me uma licença tão depressa lha sollicite. Grandissimo favor!

Teria de pagar a viagem para Lisboa á minha custa, 600\$000 rs. aproximadamente, e com a alta do cambio que ha seis mezes se mantem extraordinariamente não disponho dos recursos indispensaveis, muito embora me concedesse a licença com todo o ordenado e despesas de representação.

Não sei por isso o que deva fazer. Vou pensar maduramente no caso e tomar uma resolução definitiva. O tal Ministro, que tão meu amigo se dizia, sahiu-me como todos os outros — apenas boas palavras e nada mais.

Por hoje fico por aqui, Desejo que todos estejam de saude, e com muitas recomendações para o Pae, Mana e Pequenos, especializando o Ruy, abraça-te o

teu irmão e am<sup>o</sup>  
Ant<sup>o</sup>

Rio Grande 7 de junho.

Participo-te que no dia 1 d'este mês fis annos. Vou envelhecendo mas conservando o cabello, graças a Deus e ao sub-borato de soda.

A.

(Tem a nota: Recebida em outubro)

## LXXIX

N.º 7 — 10 de Setembro de 1888

Jose

Ha muito tempo que não tenho recebido noticias tuas e não sei se deva attribuir este facto aos constantes extravios do correio, se a doença ou a qualquer coisa peor. Estas postas internacionaes são um inferno. Rara é a carta que recebo da Europa sem a fazerem viajar pelo menos até à capital da Provincia. As minhas tem succedido outro tanto. Não sei onde vão parar. O Luis de Magalhães queixa-se de que não recebe noticias minhas, tu queixas-te, toda a gente se queixa, e eu sempre a escrever regularmente, muitas vezes ate com sacrificio, porque tudo se acumula nas vespervas de paquete. Enfim seja

tudo pelo amor de Deus e em desconto dos meus peccados! Finalmente recebi o vinho e o peixe, mas custou. O navio chegou com uma viagem demoradissima fazendo agua a cheio de avarias. Parte do peixe devido a agua salgada, que atacou as latas, chegou estragado. Felizmente o vinho appareceu em bom estado, e era excellente. Beijo-te as mãos por este beneficio. Fazer cair neste deserto onde apenas se bebe fuchsina e acido sallysilico, é milagre tamanho como o fez o bem conhecido barbaças de que falla a Biblia! Bem podia eu esperar pela generosidade e fraterno amor do nosso mano Julio! Ainda a estas horas estaria a humedecer com a lingua sequiosa as paredes torradas do ceu da bocca. Ja nem se lembra de mim; nunca me respondeu a uma carta, nem sequer a dizer se tinha recebido o meu retrato. Não me admira, são assim todos os espiritos altruistas. Quando se poem a amar a humanidade com a abnegação que faz arriscar a vida, o primeiro dever é o esquecimento da familia, e — *les absents ont tort.*

Mas deixemos o Julio, que se não lembra de mim, e fallemos de nós. Espero que te tenhas dado perfeitamente em Vianna, e que afastado completamente da politica e dos politiquetes d'aldeia possas tirar da advocacia proventos qua nunca obterias em Ponte de Lima. O peor é a teimosia renitente do nosso Pae. Effectivamente não convem nem é bonito para nós que elle continue no Pinheiro. Mas como demovel-o? Só arrasando aquelle velho e saudoso palacete. Doutra forma creio bem que não sahirá de lá; e arrasado elle receio ainda que se vá refugiar em Mujães. Assim teremos de andar a perseguil-o de camartello em punho, destruindo esses padrões onde os nossos illustres avoengos, passaram a vida a fazer não menos illustres digestões. É problema difficil para o qual não encontro soluçào. Vou preparar uma epistola cheia de argumentos e de supplicas a ver se consigo reduzir a sua obstinaçào.

De mim pouco posso contar-te. Vivo aborrecidissimo

e apoquentadissimo. De mais a mais o cambio está pela hora da morte e com os descontos que soffro para caixa de aposentações, direitos de mercê, sello, etc, etc, etc., fora o alluguer da casa, creados, etc — estou reduzido a pouco mais de 500.000 rs por mês. — o que não chega sem ser muito esticado.

Escrevi ao Nogueira Soares expondo-lhe a minha situação mais uma vez. Elle diz-me sempre: — «aguenta-se ate junho e não se apoquente; precisando de dinheiro saque sobre mim com toda a franqueza; pagará quando estiver em melhor situação.» Comprehando porém, que não devo abusar da amisade d'aquelle santissimo homem — o melhor de todos quantos tenho conhecido. Nunca vi tão grande bondade e dedicação alliada a tão grande character e a tão elevado espirito de justiça. Escrevi-lhe por isso dizendo-lhe que precisava urgentemente de sair d'aqui; que não saccava sobre elle por coisa nenhuma porque não queria empenhar-me no serviço da patria, — a cara patria; e propunha-lhe como remedio mandar-me fazer qualquer serviço ou desempenhar qualquer commissão. É de crer que elle me mande partir para o Rio, porque está ou vae ficar sem secretario. Lá ao menos poderei respirar algum tempo mais livremente, passando melhor o resto dos mezes, que me faltam para acabar os meus 3 annos de serviço, que expiram em 23 de Junho de 1889. Desnecessario sera dizer-te que hei de preparar as coisas de forma a poder embarcar n'esse dia, ainda que seja no mais reles calhambeque que faz a travessia do Atlantico. Estou cheio de America até aos olhos; farto de tanta porcaria, de tanta demanda, de tanta chicana, de tanta pulhice. Para me limpar, ao pôr os pes em Lisbõa preciso d'um banho com toda a agua de Labarraque que houver nas pharmacias. E posto em Lisboa eu as cantarei ao Barros Gomes; eu lhe perguntarei pelas promessas que me fazia expontaneamente quando me levava para casa no carro d'elle. Ao menos hade houver um desabafo, que fará morrer de susto todas as filhas de Maria, se por ventura

me ouvirem. Hei de procural-o na sacristia do Loreto, na missa das 7, e lá, deante do Cura, é que eu hei de ensinar o beatissimo Ministro. De saude tambem não tenho passado bem, posto que o meu mal seja mais do espirito do que do corpo.

Fico por aqui porque já vae longa de mais esta carta. Vou registral-a a ver se assim te chega ás mãos, porque não sei a que attribuir o teu silencio. Recommenda-me muito ao Pae, Mana, pequenos, especializando o Ruy (ainda se lembra de mim?), e ao G. Junqueiro.

Um abraço do

teu irmão e amigo  
muito grato  
Antonio

LXXX

(Tem a nota Recebida a 12 de outubro  
Respondida a 13 do mesmo).

(n.º 6)

LXXXI

N.º 10

Rio Grande 26 de Setembro.

Jose

Um compatriota nosso residente nas proximidades desta cidade escreveu-me a carta inclusa pedindo-me esclarecimentos sobre essa trapalhada de heranças, de bastardos, de sogros, do diabo. Respondi-lhe que ignorava como estas coisas se faziam *lá* porque nunca tinha advogado, mas que para lhe ser agradavel ia consultar

um irmão que era mestre no assumpto. Tem pois paciência e n'um momento de folga manda-me os esclarecimentos que o homem pede.

Por aqui nada de novo que te interesse. No intuito de matar o meu aborrecimento e suavisar esta gestação de nove mezes que ainda me faltam para concluir o meu exilio vou qualquer dia passear pelo Rio da Prata — a Montevideu a Buenos Ayres, já se vê por conta do governo. Arranjou-me este bico d'obra o Nogueira Soares que contiua a ser o meu mais dedicado e desinteressado amigo. Aguardo apenas as instrucções precisas para me desempenhar da *Missão* de que sou encarregado contando partir depois de meados de outubro. Isto porem é por ora *meio segredo* porque elle prefere levar-me para o Rio de Janeiro como Secretario, e se puder arranjar meio decente para colorir o arranjo fica prejudicada a tal viajata, pelo menos em parte. Como quer que seja, de qualquer parte recebe rás noticias minhas, se estes mares terriveis me não tragem. Estou hoje muito atarefado e por isso não te escrevo mais longamente. Muitas lembranças a todos e um abraço ao Ruy.

Teu irmão e am°  
 mt° obg°.  
 Antonio

LXXXII

N.º 11

José

Não tens razão para te queixar de mim e muito menos o Julio e o Pae que *nunca* me escreveram. Para contigo o delinquente não sou eu. Tenho-te escripto sempre com toda a regularidade e a prova e que esta carta é a n.º 11 e vae em resposta a uma tua que é apenas n.º 5. O culpado é o correio; não és só tu que te queixas, sou eu e

todas as pessoas com quem mantenho correspondência. As cartas vão d'aqui misturadas para o Rio de Janeiro, e lá na separação e baldeações é que se dão os extravios segundo supponho. Uma carta que escrevi ao Nogueira Soares em Junho, só em setembro lhe chegou ás mãos. Foi a Lisboa e ao Marco de Canavezes! Elle mandou-me o envelope para eu ver a odissêa que tinha percorrido essa epistola. Estimei muito as noticias que me dás de todos os nossos. Eu se não estou completamente bom, tambem não estou muito mal. Varias apoquentações e contínuas preocupações tem-me torturado bastante o espirito e enfraquecido o corpo, a ponto de me achar — não te espantes! quasi anemico! Para que não julgues que é *blague*, de Montevideu mandar-te-hei um retrato; poderás então apreciar a minha magreza e elegancia. Hoje mando-te essa tirada ha dois mezes. N'essa ocasião ainda eu estava *Opiparo!* Vae tambem um outro exemplar para dares ao G. Junqueiro, com um grande abraço. No dia 2 de Novembro embarco para o Rio da Prata; de lá darei frequentes noticias. Deixarei algumas linhas em todos os portos onde o paquete tocar. Tenho agora muitas occupações e por isso não te escrevo mais. Já por varias vezes te fallei nas excellencias do vinho e do escabeche, com os meus sinceros reconhecimentos. Delle, agora, *já nem memoria existe!* Muitas lembranças á Mana, Pae, pequeruchos e Ruy.

Teu irmão e am<sup>o</sup> mt<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
Antonio

22 de Outubro de 1888

## LXXXII

Montevideu  
6 de Novembro  
de 1888

Jose

Escrevo-te de Montevideu onde cheguei no dia tres, depois de dois dias de uma viagem horrorosa em que apenas pude tomar um caldo de gallinha e beber alguns calices de vinho do Porto. Imagina tu por isto como são pacificos os mares do sul — eu que não enjoei de Lisboa ate ao Rio! Em suma cá estou, e agora o resto da viagem é toda feita em rios. Das terras por onde passar irei dando noticias. Peço-te porem que não tenhas pena de mim porque só para ver Montevideu vale o sacrificio de dois mezes de enjôo. O Ramalho disse que Montevideu é a cidade mais bonita do mundo. Eu não conheço o mundo mas juro nas palavras do Ramalho. Estou assombrado. Espanta a actividade e o progresso d'esta gente. Para te contar as minhas impressões terei de escrever cadernos de papel e não me sobra o tempo nesta ancia de ver tudo. Digo-te apenas que é uma terra onde não ha mulheres feias. Todas formosissimas! Se aqui me demorasse uns mezes, apezar das minhas theorias *solteiraticas*, teria por força de cahir na tolice do matrimonio. E depois que graça, que elegancia, que toilettes! é da gente ficar embasbacada.

À noite desfilha toda pela *calle 25 de mayo*, e se passa alguma mais phenomenalmente bella e a gente se não pode conter e solta alguma exclamação de espanto, é contar que a dama se volta gentilmente para dizer com um olhar capaz de derreter os botões do collete: *Gracias caballero!* Em summa são tão bellas, e tantas, que sahem dos theatros (onde tem logares especiaes e reservados) no meio

de duas fillas de soldados, porque a gente pode perder a transmontana e fugir com alguma. Não posso escrever mais. Lembranças a todos e ao Ruy

Teu irmão  
Antonio

LXXXIII

Corrientes, 30 de Novembro de 1888.

Jose

Escrevo-te de Corrientes, Republica Argentina, de bordo do *Diamantino*, em caminho de Matto Grosso. D'aquí a 3 dias estarei na Capital do Paraguay, se o calor me não derreter de todo. De lá te escreverei. De Buenos Ayres, onde estive 8 dias não pude escrever-te porque não tive um momento de meu. Fui lá tratado como um principe. O nosso Ministro, Sousa Lobo, apenas cheguei convidou-me para ir comer todos os dias a casa d'elle e no dia seguinte deu-me um banquete esplendido, a que assistiu o Duque de Lucignani, ministro de Italia, e os Barões de Salzberg e Wenensinger, ministros de Austria e Allemanha. Tive tambem um grande almoço que me offereceu o redactor do primeiro jornal da Republica D. Manuel Lainez, deputado e millionario. Já ves que vou passando a vida o melhor que posso, e na volta já tenho convite para 3 banquetes em casa dos 3 citados personagens. Em Montevideu o nosso compatriota commendador Vieira deu-me tambem um jantar, a que assistiu entre outros figurões, o Ministro das *Relaciones Exteriores*. Em summa, tenho sido melhor tratado que o neto do Imperador, Duque de Saxe, tenente da Armada que por lá andou tambem ao mesmo tempo, e com quem varias vezes *cervejei* e andei em excursões nocturnas fazendo o

periplo das *filles de joie*. Finda a minha viagem, serei transferido para Pernambuco, e a 23 de Junho *infallivelmente* embarco-me para a Europa. Recommenda-me muito a todos, Pae Mana e pequenos, um beijo ao Ruy.

Teu irmão e amigo obg.  
Antonio

## LXXXIV

Março, 11 (1889) Rio Grande do Sul

Jose

Cá estou finalmente, de volta da minha longa e fatigante viagem a Matto Grosso. Gosei sempre saude, apesar dos calores excessivos que tive de supportar — desde 30 a 42 graus centigrados! Andei mês e meio dentro d'uma verdadeira fornalha, mas portei-me galhardamente. Só na capital do Paraguay é que me succedeu o fracasso de desmaiar na occasião em que me sentava á mesa no *corredor* do Hotel Hispano Americano. Felizmente os companheiros de viagem socorreram-me a tempo cobrindo-me a cabeça de gelo e atacando-me neve para o buxo, de forma que uma hora depois estava alegremente bebendo Champagne, como se não tivesse havido nada. Fora d'isso, que foi produzido pelo calor, nada mais tive de maior e aqui me encontro de novo gordo e contente. Fui recebido com as festas mais sumptuosas. Nunca consul nenhum de Portugal no Brazil se gaba d'uma recepção como a que me fizeram. Pelo jornal que te remetto verás que não exagero. Só faltou a tropa para me dar por um momento a illusão de que eu era... o imperador. Os catraeiros ate lavaram o caes no logar onde devia ser o desembarque. Foi uma festa de tal ordem que cheguei a fazer a triste figura de *botar lagrima*. Devo porem

dizer-te, para avaliares bem o que isto foi, que não eram só os portuguezes que me acclamavam, era toda a gente da terra, incluindo as autoridades, que me acompanharam até á porta de casa, reproduzindo-se á noite a mesma scena, com musicas discursos e foguetorio, o diabo!

Não sei ainda quando irei para Pernambuco, porque tenho ordem de fazer *escala pelo Rio de Janeiro* e alli a febre amarella e as perniciosas estão fazendo horríveis estragos. Morrem 300 pessoas por dia e d'estas 20 ou 30 fulminadas repentinamente. A epidemia apresentou-se com um character assolador, tendo já invadido quasi todas as cidades do littoral. Aqui mesmo já tivemos uns 20 casos, quasi todos fataes. Felizmente, pelas condicções especiaes d'esta cidade não se desenvolveu. Esses casos foram todos em emigrantes que trasiam o germen do Rio de Janeiro. Em gente da cidade ainda não houve caso nenhum, e é de crer que não haja, por estarmos, além de tudo a entrar no inverno. Digo-te estas coisas para te não assustares ao leres nos jornaes a declaração de haver febre amarella neste porto. Fui eu quem mandei comunicação ao Ministerio do Reino. Para maior segurança, porem, vou continuar as inspecções, seguindo para Jaguarão no primeiro paquete. Se encontrares o João Gomes dize-lhe que encontrei em Matto Grosso um parente d'elle — Gonçalo Christovão, irmão do Egas Moniz, da Casa do Bonjardim, no Porto. Deu-me por signal dois bailes, para me obsequiar — com 41 graus centigrados de temperatura. A noite de Natal passei-a em casa d'uma senhora muito amiga da mulher do Guerra Junqueiro, casada com um portuguez Mendes Gonçalves. La fallamos muito de Vianna entre o bacalhau e vinho do Porto. Vê lá como o mundo é pequeno! Não ha lugar onde não apareçam conhecidos, ou conhecidos de um conhecido. Pois nota bem que estive n'uma cidade que fica muito mais perto do Pará do que de Buenos Ayres! A carta vaé comprida e tinha por enquanto muito que escrever. Em

Julho conto seguir para a Europa. Recommenda-me muito ao Pae, Mana, Pequenos, Ruy e Junqueiro.

Um abraço do teu irmão e amigo

Antonio

(Tem a nota: Respondi a 16 de abril n° 8)

LXXXV

R. Grande, 4 d'Agosto

Jose

Ha já não sei quantos mezes que não recebo noticias tuas, nem do Pae, nem do Julio, nem dos amigos, nem da Patria. Imaginaste naturalmente, que tendo findado os meus tres annos de exilio, estou a marchar a cada momento em deinandia dos saudosos penates. Assim devia ser na verdade, se ainda d'esta vez o destino não quizesse confirmar aquella verdade da Antiga Sabedoria que dis que o *rabo da raposa é o peor de esfollar*. Ao vir do Porto Alegre, termo da minha viagem de inspecção aos postos consulares, adoeci gravemente e estive *de môlho* entre lençoes dias sem conto, dias terriveis . . .

Ao principio os medicos, amigos dedicados que eram, por signal, imaginavam que a molestia era *apenas uma tremenda constipação*. Mas os symptomas foram-se complicando cada vez mais, parecendo ás vezes de pneumonia ou pleuresia, sendo a final de contas os inicios d'uma *congestão pulmonar*, simples, diziam os médicos, mas bem complicada me parecia a mim. Com vesicatórios no peito e muitos oxidos de antimonio no buxo, consegui arribar sem consequencias de maior, mas confesso-te francamente que me lembrei muitas vezes do pobre Manuel, e que pensei muito convencido que também tinha chegado

para mim *le commensement de la fin*. D'esta feita porem escapei, mas sahi da cama como uma linguça do fumeiro. Valeu-me muito para o bom exito os cuidados e desvellos da senhora do meu chanceller, que me foi dedicada enfermeira. Era tão bôa creatura que só parecia lisboeta em ignorar absolutamente os mais simples preceitos da arte culinaria . . . Mas esta falta era compensada pelo excellente cosinheiro do Hotel de Paris, que á força de assado á ingleza me tem restituído parte das carnes e das cores. Felismente não me cahiu o cabello, e continuo sem o menor vestigio de calvicie, o que te deve causar um certo ferro. De tudo isto, como podes ver, deriva-se que estou completamente curado, conservando apenas como vestigio da doença uma certa rouquidão que deve passar com a mudança de clima. Por este motivo embarco para o Rio de Janeiro, onde me demorarei algum tempo com o Ministro, que todas as semanas me telegrapha a saber de mim. Continuo a dever os mais altos favores a este homem que me tem sido o mais desvelado e paternal amigo. Apenas soube da doença, telegraphou-me pondo o seu credito e a sua bolsa á minha disposição, autorisando-me a saccar sobre elle ou sobre o Consulado Geral sem limitar quantia, *tudo o que quizesse*. A proposito da minha administração, dirigiu-me o seguinte officio, que transcrevo textualmente, por saber que te deve ser muito agradável.

Legação de S. M. Fidelissima. Rio de Janeiro 1.º de Julho de 1889. Illmº Snr. Tendo V Sª de deixar brevemente esse posto consular, eu julgo do meu dever manifestar-lhe por esta occasião, a viva e plena satisfação com que observei o zêlo, a intelligência e o tacto com que V. Sª desempenhou cerca de 3 annos as funcções do seu cargo. Comprazo-me na esperanza de que, no exercicio do cargo, que o governo de S. M. se dignou de lhe confiar V. Sª continuará a honrar o bom nome portuguez. Não perderei qualquer occasião oportuna de me congratular com o governo de S. M. pela acertada escolha que fez de V Sª para Consul de Portugal n'este Imperio, onde temos valio-

sos interesses que só podem ser convenientemente defendidos ou acautelados por funcionários que possuam em tão elevado grau como V S<sup>a</sup>. os sentimentos da dignidade propria e da dignidade nacional. Deus guarde V S<sup>a</sup>  
(a) D. G. Nogueira Soares »

Creio que ninguem poderá apresentar mais elevada *fé de officio*. Vou pedir-lhe autorisação para fazer deste documento o uso que quizer, e hei de mostral-o em Lisboa ao nosso bom amigo Barros Gomes, ao lembrar-lhe o negocio de Gibraltar. Desnecessario é pedir te que não *faças público* este officio, não só por não estar por enquanto autorizado a mostral-o, como porque não gosto de fazer alarde com estas coisas. Como talvez tenhas lido nos jornaes, em Porto Alegre fui objecto das mais altas demonstrações d'apreço. Os nossos compatriotas vieram esperar-me num vapor especial, a legua e meia de distância, já se vê com as competentes musicas e foguetes. Encontraram-me com o vapor em que eu ia ás 7 horas da manhã. Atracaram e levaram-me ao collo para bordo do vapor em que vinham onde havia um almoço que lhes custou um conto de reis. Como aquellas horas era impossivel comer, andaram comigo a passear pelo rio Guoly, só desembarcando de pois de fartos e satisfeitos. Ao saltar no caes depois do viverio do estylo e dos foguetes vi-me seriamente atrapalhado com tantos cumprimentos. Fui acompanhado ao Hotel por uma multidão enorme, etc, etc. Na noite seguinte, *armados* de balões venezianos e bandeiras com os nomes de todas as cidades portuguezas e de Ponte de Lima, em número superior a dois mil, com musicas e foguetes vieram cumprimentar-me ao Hotel, que previamente mandaram embandeirar, iluminando a praça em frente com focos de luz electrica. Ahí, ja se vê, tive de deitar discurso, *soltar o verbo ás massas*. Nunca imaginei na minha vida que me veria uma vez obrigado a fallar deante de tanta gente e d'uma *janella abaixo*. Os homens queriam matar-me com festas. Tinham ainda preparado um grande banquete no Hotel e um pic-nic nos

arrabaldes da cidade, mas eu retirei-me logo porque já me sentia muito doente. Fora isto pagaram a hospedagem do Hotel e não me deixaram gastar um vintem. Ate mandaram fazer fardas para os cocheiros, coisa que por aqui não é la muito usada. Em summa receberam-me principescamente, e só ficaram desgostosos por não poderem com a minha *rapida retirada* gastar metade do dinheiro que tinham para festas. Brava gente, que é essa nossa por aqui. Rimo-nos d'elles por lá, e não calculamos o amor que elles nos tem, nem o valor nem a importancia de que dispoem. Tudo o que ha de bom por aqui é feito por elles.

Ja vae muito comprida esta carta, e em vesperas de viagem não disponho de muito tempo. Se Deus quizer, breve te darei um abraço. Conto demorar-me pouco tempo em Pernambuco, onde sou forçado a estar *pelo menos 15 dias*, para tomar posse do consulado. Sempre é melhor ir com ordenado de Pernambuco do que com o d'aqui, mormente porque não tenho um ceutil de economias. Em compensação tenho vivido bem e tenho feito melhor figura do que todos os meus antecessores e collegas do Imperio. De cá nada te posso contar. O attentado contra o Imperador já é velho. Posso no entanto asseverar-te que foi uma triste e ridicula farçada de que a gente agora se ri. Foi um *coup de théâtre*, preparado para justificar as medidas repressivas contra os republicanos.

Logo que chegar ao Rio darei noticias minhas.

Recomenda-me muito ao Pae, Mana, pequenos e Ruy, bem como a todos os amigos, com um abraço para o Guerra.

Teu irmão e amigo obg.º

Antonio

## LXXXVI

Rio Grande do Sul, 7 de Setembro (1889)

Jose

Cheguei ha dias do Rio Grande, ainda meio adoentado, e com grande espanto meu não encontrei aqui na Legação cartas nem noticias tuas. Para onde me tens escripto? Não sei ainda quando partirei para Pernambuco porque o Nogueira Soares deseja que eu me demore aqui alguns dias. La porem não fenciono demorar-me, porque vou d'aqui dirigir o requerimento a pedir a licença a que tenho direito. Logo que o faça escrever-te-hei para que digas ao Junqueiro ou a outro qualquer que recomende *urgencia* ao Barros Gomes. Sinto-me cançado e aborrecido — preciso de tomar um banho de sol da minha terra. É natural, havendo quarentenas, que vá desembarcar a Vigo ou a qualquer porto d'Inglaterra porque não me sujeito a esse infame captiveiro. Como quer que seja pelo telegrapho communicarei a minha chegada para que me tenhas preparado um almoço ou jantar succulento.

Ahi vae o menu :

## POTAGE

Papas de farinha

## RELEVÉ

Bacalhau com troços

## ENTRÉES

Polvo com arroz

Bacalhau assado

Pasteis do dito

Carneiro assado

## RÔTI

Lombo de porco com batatas

## DESSERT

Fructas do tempo e papas de Coura

## VINS

Verde, tanto quanto baste para embebedar todo  
um convento de franciscanos.

Como vês, esta antecipação do *menu*, que recomendo aos cuidados da Mana Emilia, revela claramente as grandes saudades de que me sinto cheio pela nossa formidável cosinha. Convidarás também o Julio para assistir — desejo ter companheiros na indigestão a que me proponho. Terei uma grande magoa, maior talvez que a de nosso Pae, se já for encontrar demolido o palacio em que nascemos... Mas essa magua será compensada pela ausencia da Snr<sup>a</sup> Maria phenomeno tão alto de estupidez, que só o nosso tio abbade podia descobrir. Porque, em summa achar uma creatura d'aquellas é muito mais difficil do que encontrar o caminho das Indias. Hei-de propor-lhe o habito de Christo.

Pelo tom d'esta carta escripta a brincar, vês que só a idea de que *parto breve* me deixa alegre e satisfeito como uma creança a quem deram uma caixa de soldados de chumbo. Como o Ruy ha de ficar contente, se esse meu amiguinho ainda se lembrar de mim como eu me lembro d'elle.

Em summa até breve. Podes escrever-me para Pernambuco. Muitas saudades ao Pae, Mana, pequenos, amigos, e um abraço de teu irmão

e amigo obg<sup>o</sup>  
Antonio

## LXXXVII

Rio de Janeiro, 5 d'Outubro  
Legação de S. M. F.

Jose

Recebi finalmente noticias tuas pela carta que me dirigiste para aqui. Fiquei espantado com o que me dizias. Como é possível que desde Março ate agora não tenhas tido carta minha? Só deixei de escrever durante o periodo em que estive doente. Não fui na verdade muito assiduo no tempo em que andei em viagem, mas nunca deixei de escrever uma vez por mês. Lembro-me ate que de Jaguaraõ te escrevi uma longa carta fallando-te, entre outras coisas, do Mattos irmão do Pedro e do Alexandre, da Administração. Contava-te que esse patricio desejava ser nomeado Vice-Consul, e *muchas historias mas*. Escrevi depois ao chegar ao Rio Grande; só deixei de escrever depois de regressar de Porto Alegre, porque ja vinha doentissimo. Escrevi-te ainda antes de sahir do Rio Grande, e logo que aqui cheguei. Como explicar tantos e tão repetidos extravios? Enfim asseguro-te que a culpa não foi minha. Em vista do que disse é natural que as tuas cartas tenham levado o mesmo destino, porque ha muitos mezes que não recebia nenhuma. Parto na proxima semana para Pernambuco. De la envio o officio a pedir a licença, e escrever-te-hei para que faças alguém insistir por ella na Secretaria, e por que ma comuniquem telegraphicamente a fim de me demorar o menos tempo em Pernambuco. Ainda assim talvez só possa seguir nos fins de Novembro, *se tudo andar ligeiro*.

Agora, espanta-te! Sabes quem me apareceu aqui no domingo passado? O Miguel d'Abreu! Esta casado, proprietario e negociante proximo da cidade de Cantagallo. Tinha tambem a pretensão de ser Vice-Consul

mas também a este não pude satisfazer o apetite. Jantou comigo, e passou o dia fazendo-me perguntas e pedindo notícias. Parece que os irmãos não são muito solícitos em lhe dar informações. O pobre rapaz ignorava tudo o que se tem passado por ahi, depois de 14 annos. Veio também visitar-me um Barreto, da Casa do Soalheiro, e o Manoel de Brito... enfim, toda a nobreza. Quem nunca pude descobrir foi o Mello. O filho do Ribeiro veio procurar-me *uma vez*, e como não me encontrou em casa, não appareceu mais; pois o patrão disse me a mim que lhe dava licença para isso, sempre que lha pedisse. Acaba o papel acaba a massada. Muitas lembranças a todos e um abraço ao amigo Ruy: teu irmão am<sup>o</sup>, obg<sup>o</sup>

Ant<sup>o</sup>

LXXXVIII

Pernambuco. 16 de novembro (1889)

Jose

Acabo de receber a tua carta de 27 de Outubro, dia em que cheguei a esta cidade de regresso do Rio.

Eram os meus maiores desejos poder estar ahi no Natal, mas creio que não posso realisal-os porque o Chanceller que ha de vir tomar conta do Consulado não pode chegar aqui antes de 15 de Dezembro. Não sei também se os acontecimentos que ontem tiveram logar no Rio de Janeiro farão retardar a minha viagem. Em todo o caso empenhar-me-ei para partir para ahi o mais breve possível, mesmo porque me não dou n'estas paragens. Isto é uma cidade bastante grande, talvez como o Porto; mas faz um calor aborrecidissimo por não haver durante a noite abaixamento sensível de temperatura. Vivo fora da cidade, n'uma estação de Caminho de ferro, mas ainda assim as noites são insupportaveis; deita-se a gente a

suar e acorda banhado num lago. Alem d'isto a alimentação é pessima e o vinho defestavel. Quasi que até hoje me tenho alimentado exclusivamente de ovos crus e leite gelado, bebendo cerveja. Eu podia partir, mesmo sem licença do Barros Gomes porque o N. Soares ma concedia, mas não quero entregar o Consulado se não a funcionario que seja da carreira, para andar por ahi descaçado. Doutra forma eu continuaria a ser o *responsavel*, e não me parece prudente, mormente tendo como agora em cofre mais de cem contos de reis *sob a minha imediata responsabilidade*. O peor é se não conseguem suffocar a Revolução Republicana que hontem rebentou no Rio. Então não sei o que será de mim. Do Brasil sei que vae ser a desgraça, porque com a Republica virá o desmembramento do país. Na Bahia as tropas, ao terem noticia da Revolução, sahiram á rua aclamando o Imperador, sob o comando d'um irmão do Marechal Deodoro, que é o principal cabecilha da Revolução no Rio de Janeiro! Esta o papel a acabar e eu derretido de calor. Recomenda-me muito a todos e dispõe do teu irmão e amigo obrigado

Antonio

LXXXIX

R. Grande, 5 d'Abril. (1889)

Em vespera de partir para uma outra *viagem de inspecção* pelas cidades d'esta provincia escrevo-te duas palavras muito á pressa. Estou optimo e a febre amarella passou sem me *fazer mozza*. No Rio está também a declinar. Logo que desapareça de todo parto para lá com destino a Pernambuco. Antes d'isso porem dar-te-ei noticias. Deve chegar brevemente ahi o nosso compatriota Joaquim Fernandes Moreira Vianna, que se retira do Salto Oriental para fixar residencia n'essa cidade. É um velho muito estimavel e poderosamente rico (30 contos de

reis de renda). Prestou-me relevantes serviços quando passei n'aquella cidade, onde exercia o cargo de Vice-Consul. É alem de tudo Pae d'um dos mais importantes negociantes desta cidade, o Commendador Miguel Fernandes Moreira, que é meu particular amigo, e que me tem cummulado de obsequios. Peço-te pois que o procures e lhe dispenses todas as atenções e serviços que pudieses, pelo que te ficarei extremamente obrigado. O intuito que o demove a retirar-se para a Patria, depois de velho, é para casar uma filha com um dos Coutos Viannas, com quem está compromettida, ha 12 annos, creio. Sem tempo para mais recommenda-me muito á Mana, Pae, pequenos, Ruy, e G. Junqueiro.

teu irmão e am<sup>o</sup>  
obg<sup>o</sup>  
Antonio

## XC

Duas cartas que devem ser de 1885.

A primeira está datada. A outra deve ser immediatamente anterior.

(Devem referir-se á sua nomeação para Consul e não á sua transferencia)

Jose

Acabo agora de receber uma carta do B. Machado que quasi me dá a certeza de ser nomeado logo que o Ministro faça despachos no corpo consular. Termina por isto — «Estou em Famalicão onde espero receber a noticia da sua nomeação. Tenho o maximo prazer em ter contribuido para que façam justiça aos seus merecimentos». Isto parece-me claro. Demais hoje, tambem recebi uma carta do Bernardo Pindella dizendo-me que d'aqui por alguns dias *espera dar-me uma noticia agradavel*. Por-

tanto parece-me que o negocio está perfeitamente encami-  
nhado. Por fim metti senhoras no negocio. A Esposa do  
Luis de Magalhães escreveu para Lisboa pedindo á mãe  
que se empenhasse decididamente neste negocio. Pare-  
ce-me que vamos ter ocasião de dar um sopapo n'essa  
canalha.

Ja fui trocar as tuas lunetas. Não tas mando porque  
tenciono partir para ahi na proxima 4ª feira. Irei juntar-me  
em Famalicão ao Bernardino, que vae para Coura, Arcos  
e Barca, onde naturalmente terei de o acompanhar. Reca-  
dos á Mana, Pae e Pequenos

Teu irmão  
amº e d  
Antº

16-8-850

XCI

Jose

Remetti as lunetas pelo correio de hoje. São de  
20 graus. 42, como indicavas, são perfeita vidraça.  
Segundo a eschala que me apresentaram o nº. 20 é o que  
se aproximava mais do nº. 23 que pediste na primeira carta.  
Não servindo podes devovel-as. O Julio foi hoje para  
Louzada, á festa da Aparecida. Eu tenciono ir-me  
embora na proxima 2.ª feira. Acerca do que me dizes na  
tua carta sobre o meu despacho, o Julio no genero trunfo  
parece-me que apenas trato o e a este é inutil  
mettel-o em qualquer negocio. Eu tenho escripto ao Ber-  
nardino, lembrando-lhe o caso. Hoje escrevi de novo ao  
Bernardo Pindella para que fallasse repetidas vezes de  
mim ao Bocage. Veremos o que fazem. Cumprimentos  
a todos.

teu irmão amº e obgº  
Antonio

Porto 14

## ENTRE BRASIL E ESTOCOLMO

XCII

Abril, 5

Jose

No dia em que recebi a tua carta soube pelo Navarro que o Ministerio preparava uma recomposição, na qual o Arroyo passaria para a Justiça, o Lopo para o reino, ficando o Serpa com a guerra e entrando o Vilhena para a Marinha. Asseverou-me em reserva a veracidade do facto, que n'alguns circulos começava a correr. N'estas circumstancias não dei cumprimento ao que me ordenavas na tua carta, porque o Lopo não estava disposto a fazer mais despachos antes das eleições, e eu tinha a certeza de obter o teu despacho se o Arroyo passasse para a Justiça, dispensando a intervenção do Jose Malheiro, o que me parecia um triumpho mais completo. Disse-te ahi que por motivos particulares não faria pedido nenhum ao Arroyo. Mudei porem de tenção porque tendo-me encontrado com elle poucos dias depois de aqui chegar mostrou-me *tantos desejos de me ser agradavel*, que fiquei com ella *ferrada*. Tinha a convicção de te fazer uma bella surpresa e por isso não te escrevi ate hoje. Infelizmente os meus planos malograram-se. A recomposição vae fazer-se talvez no principio da mesma, mas o Arroyo não passa para a Justiça. Vão crear *para elle* o Ministerio da Instrucção Publica porque o rapaz não dá rego na marinha, e a Armada parece disposta a exigir a sua demissão?

Em vista d'isto resolvi-me a escrever ao Jose Malheiro, o que faço n'esta data, dirigindo-lhe a carta que por copia te remeto. Aguardo a resposta para manobrar como me parecer mais conveniente. Não sei porem se o Lopo se humanisará. Creio que só faz tres nomeações d'esta natureza — a do Paço que se *passou com serviços*, a do

Rodrigues Ramos concunhado do Arroyo e a do (sic) Forjas de Sampaio, sobrinho do Serpa Pimentel. Apesar de tudo vou tentar porque o Navarro esta disposto a ser-me agradável, e eu vou dizer-lhe que tu és *progressista d'elle*. De resto não ha nenhuma scisão no partido. As desavenças provocadas pela eleição de Lisboa estão quasi serenadas. Parece no entanto que o Jose Luciano deixando-se arrastar pelo Mariano *se afastou* do poder, por que a alliança com os republicanos foi uma coisa escandalosa, e por que o Rei no jantar aos marroquinos tinha pedido ao J. Luciano que entrasse em qualquer acordo com os regeneradores para bater os republicanos. Foi d'este pedido que nasceram as candidaturas patrioticas, lançadas pelo Navarro, mas depois o J. Luciano *revirou* e sahiram as trapalhadas que conheces.

De mim pouco te posso dizer. Creio porem que ficarei na Europa. Aonde ainda não sei.

Desejo que todos estejam de saude. Eu tenho passado bastante encomodado com a exacerbação da minha velha bronchite e com as continuas preocupações de que me vejo cercado.

Dize a teu cunhado Julio que tenho todas as esperanças de lhe obter a transferencia que deseja.

A tua flanella vou despachal-a amanhã.

Lembranças muito affectuosas a todos do

Teu irmão  
e amigo obg<sup>o</sup>  
Antonio

XCIII

Abril 7.

Jose

Disseram-me agora que com a lei da imprensa e outros decretos dictatoriaes foi publicada a nova reforma judicial. Vou lê-la ao Ministerio dos Estrangeiros porque os

jornaes da manhã ainda não fazem menção. Não sei se a reforma é a do Maço; se é, segundo te ouvi dizer só se consideram candidatos á magistratura judicial, os agentes do Ministerio Publico que tiverem uns tantos annos de serviço, — e neste caso estamos ambos redondamente comidos, e eu mais uma vez edificado sobre a *amisade e promessas* dos politicos. Não dispondo a gente de votos e influencia local, ou não se passando com armas e eleitores, é inutil contar com quem quer que seja. Resolvo-me por isso a não mais encomodar o proximo, retirando-me profundamente arrependido da carta que escrevi ao Jose Malheiro porque nas circumstancias actuaes é certamente inutil.

Dize-me no entanto, se dentro da lei, ainda se pode pedir alguma cousa porque então ainda tentarei algum esforço. A proposito d'isto peço-te o obsequio de mandares dizer ao Sousa dos telegraphos que solicitei com todo o empenho a sua promoção, mas que não tenho a menor confiança no resultado do meu pedido, e que isso se empenhe de todas as formas que lhe forem possiveis. O proprio Arroyo, mandado para a instrucção publica é capaz de me fallar na transferencia de teu cunhado Julio.

teu irmão  
am<sup>o</sup>. obgd<sup>o</sup>.  
Antonio

## XCIV

Lisboa, 28 de Maio

Jose

Não te tenho escripto por que estava á espera que o Jose Malheiro conseguisse fallar no teu negocio ao Lopo. Fallou-lhe hontem. O Lopo disse-lhe que não podia satisfazer o seu empenho se tu não tivesses o tempo neces-

sario para a promoção, segundo o disposto no decreto dictatorial, porque não se atrevia assim a derogar o que tinha feito. O Jose Malheiro empenhou-se vivamente e tem o melhor desejo de te servir. Segundo o que o Jose Malheiro me referiu, tendo tu os taes annos de serviço, o Lopo faz o despacho, nas condições em que tu queres. Fallo com elle todos os dias e conheço que esta penalizado por não conseguir o que esperava. É bom rapaz e teu amigo, bem mais que os conselheiros Páris e quejandos.

Ao Paçô não pedi nada do que me dizias, depois do *fiasco* que fez na sua estreia. Foi uma coisa monumental. Não digas porem esta minha opinião porque sou amigo d'elle. Nunca vi uma coisa assim. Medonho.

Mandei-te as luvas que me pediste. Ficaram boas. Dizias de 5 pontos. Ora de 5 pontos são para creança. Mandei por isso as mais pequenas que se fazem para *senhora*. Dou-te os sentimentos pela morte do Dr. Meneses que devia ter penalizado a Mana. Pena foi que não tivesse feito testamento. Parto d'aqui no sabbado em direcção a Lousada e de lá para Ponte de Lima, com escala por ahi. Levo a *palavra* do Hintze de que serei nomeado para Stockolmo (como pedi) no principio do anno economico. Foi uma campanha. O pai mandou-me dizer que já tinha concertado o Palacio. Se quizeres alguma coisa escreve na volta do correio. Recommendações á Mana e pequenos

Teu irmão e am<sup>o</sup>  
Ant<sup>o</sup>

NB

O Jose Malheiro está no Hotel Central. Se achares bem escreve-lhe a agradecer ou dar quaesquer esclarecimentos,

## XCV

Lisboa, 23 d'Abril

Jose

Recebi uma carta amabilissima do Jose Reimão. Diz-me que *fará tudo quanto possa em teu beneficio porque te estima muitissimo pela tua intelligencia; que já solicitou a tua promoção e despacho para Juis do Tribunal Administrativo d'esse districto, e que este assumpto e outros de gravidade o trarão brevemente a Lisboa, e termina dizendo: Podes crer que hei de fazer quanto possivel para reparar as injustiças que os amigos a quem tanto serviu, lhe fizeram.*

Um d'estes dias te mando a carta. Preciso d'ella para mostrar ao Navarro, que tem estado ausente em Luso. Chegou ha dois dias mas ainda o não apanhei de geito para lhe fallar. É por este motivo que não tenho respondido ás perguntas que me fizeste, porque a resposta positiva so a pode dar o Lopo, e ninguem *para elle* como o Navarro. Divergem as opiniões sobre a duvida relativo ao augmento dos honorarios. Dizem uns que não abrange os agentes do Ministerio Publico, dizem outros que sim, e entre estes esta o Paçô, cuja opinião no assumpto deve ter algum pezo. Incumbirei porem o Navarro de saber o que pensa o Lopo. Não estranhes porem a demora, bem sabes que estes sujeitos nem sempre estão d'hora e nem sempre se teem á mão.

Do meu negocio nada tento por ora a acrescentar. Apenas boas esperanças, firmadas na opinião do Barreiros que todos os dias me diz *que me não encommode com o caso, que não terei de voltar para o Brasil.* Espreita por aí quando vem o Jose Malheiro e diz-me pelo telegrapho, porque foi tão amavel que o quero ir esperar á Estação.

Escreve-lhe hoje a agradecer-lhe.

Estimei saber que a flanela ficou á tua vontade. Quanto ao preço... já esta paga no logista. Querendo mais alguma coisa é só dizel-o. Não sou la muito prompto em cumprir as encommendas, mas cumpro-as.

Por aqui já começou o calor, e alem das camaras abertas nada ha de novo. A opposição tem maioria na Camara dos pares por enquanto, mas tudo isto não passa de fogo de vistas, porque os progressistas, inhibidos de voltar ao poder n'estes tempos mais proximos, não teem empenho nenhum em derrubar o Governo. De resto tudo socegado e em paz. Ha *apenas* o negocio do emprestimo, que é da maior gravidade. Recomeda-me ao Junqueiro e diz-lhe que ate agora ainda nenhum jornal foi processado, mas que já abaixaram o tom. Sobre o processo do *Globo*, o delegado retirou a consulta feita ao Procurador, e nada promoveu ate hoje. Fez um certo escandalo a noticia da tal consulta feita ao Procurador pela publicidade que os jornaes deram ao caso. O Delegado perguntava se na satyra do Junqueiro havia insulto ao Rei. É um cumulo a consulta, e maior seria a resposta, se o homensinho a não refira.

Recomendações á Mana, Pae e Pequenos.

amº e obgº  
Teu irmão  
Antonio

XCVI

Lisboa, 6 de Maio (1890)

Jose

Começo por te felicitar pela victoria do Salvato. A avaliar pelo que elle sabia ha dois meses calculo as

colicas que terias. Estimei muito esse resultado, não tanto pela importancia, como por me mostrar que o pequeno se decidiu a estudar alguma cousa. Nunca o julguei *incapaz* como imaginavas, mas parecia-me com geito de vadio incorrigivel. Felizmente enganei-me. Estive hontem á noite com o Navarro, que vinha de casa do Lopo. Tinha-lhe lembrado o teu pedido no dia anterior e trouxe-me finalmente uma resposta clara e precisa. O Jose Malheiro pediu ao Lopo, e com empenho ao que parece. O Lopo porem esta compromettido *politicamente* com o delegado de Armamar, não podendo por isso acceder aos desejos do Jose Malheiro. No estado em que vejo o negocio, apesar d'esta resposta, não me parece caso perdido se o José Malheiro insistir. Falla-lhe n'isto, contando-lhe mesmo o que te mando dizer. Remetto-te a carta d'elle. Pedi ao Julio de Vilhena a transferencia de teu cunhado por intermédio d'alguns amigos, e puz-lhe á perna o Paçô. Prometteu mas está-se demorando. Veremos o que se arranja. Não imaginas como me vejo atrapalhado. O João Gomes tambem me pede a transferencia para uma capital de districto. Capacitam-se de que *posso* muito e eu nem com uma gata pelo rabo. Se tivesse por tras de mim 200 votos assevero-te que então podia alguma coisa. Assim só posso arranjar pretensões onde não haja pela prôa politicos influentes. De mim não ha nada. Parece-me que vou desistir de Barcelona porque o Conde de Casal Ribeiro sustenta a todo o transe o actual consul, um hespanhol millionario. Vou voltar-me para a Suecia, pedindo a creação d'um Consulado de 1.<sup>a</sup> classe em Stockolmo e em Copenhague. Fallei com o Rei. Recebeu-me o mais amavelmente que é possivel e esteve a *ouvir me historias do Brasil*, mais de 20 minutos. Disse-me que *não havia de voltar para o Brasil* porque elle se empenhava n'isso. Que sabia que eu que tinha prestado bons serviços e que procuraria remediar as injustiças que me fizeram. Pareceu-me um bom rapaz muito tímido. Estava tão acanhado a principio que eu é que

parecia o Rei. Tratou-me admiravelmente. So faltou dar-me um abraço.

Recomenda-me á Mana, Pae e pequenos e amigos.

Teu irmão e amigo obgº

Antonio

## XCVII

Junho, 27

Jose

Não tenho respondido á tua carta de 5, porque desejava saber primeiro quem seria nomeado governador civil de Vianna. Li hontem no *Primeiro de Janeiro* o nome do Jose Novaes, mas nos jornaes de Lisboa dava se como nomeado o Jose Malheiro. Seja quem fôr, não quero demorar mais tempo a minha resposta, e na esperança de que o nomeado seja o Jose Malheiro, previno-te de que lhe escrevo hoje lembrando a tua pretensão e a sua promessa. Não tenho confiança nenhuma no resultado d'esta *diligencia*, mas pouco se perde se não for atendido — uma folha de papel e uma estampilha. Não me espantou a terrivel narração das tuas graves enfermidades; estou acostumado a ouvir as tuas lamentações constantes a esse respeito, e não acredito nas opiniões scientificas do Doutor Meira, que me mandou tomar oleo de bacalhau, a mim, gordo e cevado como um porco em Janeiro. No entanto se a causa dos teus padecimentos é o excesso de trabalho, o que me não custa a crer, aconselha-te o simples bom senso a que sacrifiques a tua saude ao futuro dos teus filhos, que são homens e poderão trabalhar se quizerem. Tens-te privado de todas as comodidades, de todos os prazeres da vida (se os ha), só para que os teus filhos quando morreres, fiquem com mais alguns contos

de reis. Ora esses principios são absolutamente inadmissíveis, mesmo em face da Religião. O dever dos Paes estende-se naturalmente ate á abnegação, mas deve parar no sacrificio. Todos temos direito á vida. Ora tu privas te de tudo. Lembro-me muito bem de te ver em Ponte de Lima a trabalhar como um moiro, durante o inverno, com as mão inchadas de frieiras e um frio de rachar, tendo deante de ti um fogão apagado, que não accendias porque a lenha era cara... Seria um nunca acabar se quizessem recordar-te os exageros a que te arrasta um excessivo amor paternal. Peço-te apenas licença para te lembrar as frequentes bronchites de que soffres todos os invernos. Pois apesar d'isso, conservas-te n'uma casa sem o menor conforto, onde o vento e o frio penetra por todos os lados, sem *coisa nenhuma* para corrigir as agruras da estação. Só desejava que visitasses estes países e que visses as casas dos pobres. Ficavas com inveja. Portanto, muda de vida immediatamente, se a queres conservar. D'outra forma matas-te, e este facto não é o mais próprio para garantir o futuro dos teus filhos.

Em tudo o que levo dito não vejas a menor sombra de censura; são altamente louvaveis os teus sentimentos, mas parecem me falsos, e é por isso que eu tomei a deliberação de me espraiair n'esta comprida homilia. É o desejo que tenho de te ver alegre e satisfeito que me leva a dizer estas coisas, e por isso estou seguro que os não tomarás em mau sentido.

Com referênciã ao Julio nada tenho a acrescentar. É d'um egoismo sem limites. Pedi-lhe que me mandassé 50 garrafas de vinho do Porto, coisa que aqui se não encontra capaz. Raras vezes me permitto o luxo de beber vinho às comidas porque não presta e é mais caro do que no Brazil. Não querendo porem massar muito a paciencia do Julio, dizia-lhe que fosse escolher o vinho aos armazens Burmester, e que este se incumbisse de o remetter. Ha dois mezes, e até hoje nem resposta. Escrevi por isso ao Luis de Magalhães, que é *um estranho*, e que não vive

no Porto mas que vae lá immediatamente para cumprir o meu pedido. Desejo saber noticias tuas e de todos, e manda-me dizer se o Jose Reimão te fallou n'alguma coisa. Escreve-lhe hoje. Lembranças á Mana, Pae e pequenos.

Teu irm.  
amigo e obg  
Antonio

P. S. O Junqueiro está ahi?

### XCVIII

Ponte de Lima, 15 de Julho (1890?)

Jose

Estamos a uma distancia tão curta e eu tenho andado com uma preguiça tão grande para escrever epistolas, que só me resolvo a fazer o sacrificio de perpetrar aquellas que reputo indispensaveis. Tal agora, como dizia o Conde de Valenças. Ouvi dizer ao Pae que estavas de partida para Mondaris e não quero deixar-te seguir sem te dar noticias minhas, apesar de tencionar ir ahi antes da tua partida, talvez ate acompanhar o Pae que esta quasi resolvido a acompanhar-te.

O meu negocio parece-me irrevogavelmente resolvido. A licença acabou-se-me no dia 4 deste mês, officiei ao Hintze a pedir prorogação por mais um mês e mandou-me ã. Esta com isto a ganhar tempo por causa da *lei de meios*, e eu com o caso não me ralo porque continuo na boa vida, *sem me suspenderem os viveres*. D'aqui nada de novo. Apenas correu ou corre ainda que viraste a casaca. Na assembleia, segundo me contaram o Jose d'Abreu, que me não falla, dando a nova, acrescentou: Vejam o Catão! Dobrou a espinha ao Governador Civil! Alem d'isto que

para ti talvez não seja nova — ha apenas o casamento do J. P. com a C. E., que foi para a Igreja com uma flor de laranjeira de 5 mezes e tanto. D'aqui a quatro desfolha-se com toda a certeza. O prestito sahiu de Arrabalde ás 6 horas da tarde. E a J. P. levou as filhas para assistirem áquelle espectáculo da nora.

De resto tudo velho. Recommendei a Candida Aguiar ao Chico Calheiros mas parece que o que ella queria é impossivel n'esta occasião.

Acerca do teu cunhado Julio já elle te contou decerto o que ha. Não sei o que hei de fazer. O nosso irmão Julio está nas Pedras Salgadas. O meu amigo Tabellião de Lisboa sempre lhe arranjou mais dois mezes de licença.

Manda dizer o dia certo em que partes. A Mana tambem vae?

Muitas lembranças do Pae e do Azevedo que está aqui ao pé de mim. Os meus cumprimentos á Mana e pequenos

Teu irmão  
amigo e obg.º  
Antonio

## XCIX

P<sup>te</sup> de Lima, 2.<sup>a</sup> feira

Confidencial

Jose

Fui jantar a Bertlandos no dia em que o Conde, de regresso do Porto, esteve contigo em Vianna. Conversamos de politica, de administradores do concelho, e do *substituto do Governo Civil*, que é para elle uma questão capital. A Condessa *consentiu* em que elle acceitasse o cargo muito contrariada, e só com a promessa de se retirarem em Janeiro para Lisboa. É o Conde de opinião de que só tu o podes *substituir* convenientemente, mas

estava hesitante na forma de apresentar ao tio a tua promoção a Juis. Tivemos a este respeito um dialogo interessante, e ficou então resolvido a fazer ao tio um pedido formal, dizendo ao mesmo tempo ao Antonio Candido que és tu o unico substituto em quem tem confiança, instando ardentemente pela tua promoção a Juis. Isto passou-se no sabbado á noite, com o apoio da Condessa, que se inclina a defender calorosamente tudo o que a possa conservar tranquilla em Lisboa, e por consequencia a tua candidatura. Parecendo-me que estas noticias te deveriam interessar comecei por ellas esta carta mesmo antes de pedir noticias tuas e do pequeno que está doente — fim principal para que hoje te escrevo.

Por aqui ha tambem algumas novidades. Os regeneradores estão todos *escabriados* uns com os outros. O Molheiro Reymão é para o Jose d'Abreu — *um reles garoto* e o João Mimoso *um pulha*. Ha dias o mesmo Jose com o Mano Francisco mandaram fazer um arresto ao Canudo, por causa duma divida do filho morto ha pouco. Uma vergonha.

Ja debes saber tambem que morreu o sogro do Chico Calheiros e que deixou á filha Condessa a bagatela de 500 contos em numeros redondos! Ve tu que riquissimo sogro!

Peço-te o obsequio de me mandares com a maior brevidade que poderes todas as cartas que ahi chegarem para mim. A demora na remessa d'uma d'ellas já me causou um transtorno que podia ser importante. Tem paciencia por mais esta massada. Recommenda-me á Mana e pequenos e dá noticias do doente. Muitas lembranças do Pae que está bom

Teu irmão e  
am<sup>o</sup> obg  
Antonio

## C

Lisboa, 9 de Setembro

Jose

Cheguei hontem de Setubal onde fui para me demorar algum tempo e tomar banhos do mar, mas tive de retirar-me immediatamente por causa do calor e da ignominia do Hotel. Antes, estive em Cintra, mas tambem não gostei. Tudo isto e a doença aguda do estomago que me teve alguns dias de cama, junto de uma terrivel malandrice, não me tem deixado responder á tua carta. Estou aqui pelos cabellos, mas não quero afastar-me muito porque o Ministerio está talvez por um fio, e quero ver se não cae sem o meu decreto ser assinado. Está feito ha muito tempo, mas a doença do Rei tem addiado a assinatura, e é o diabo se o Hintze cae, antes de ele se restabelecer. Estive ha dias na Pena, e soube que ainda não se podia dizer livre de perigo. Teve um typho, e estive bem mal. Felizmente agora vae melhor. O Sabugosa arranjava-me a que elle, *mesmo doente* assignasse o meu decreto. Mas como se havia de dizer ao Hintze que o entregasse para aquelle fim sem se lhe dar a entender que receavamos que elle cahisse? Assim continuo esperando . . .

Amanhã ou depois vou estar um dia a Cascaes com o Bernardo, e se por la houver fresco, mudo-me. Aqui tem estado um calor asphixiante n'estes ultimos tempos.

Sabes ha quanto tempo teu cunhado Julio me pediu para lhe arranjar a transferencia. Conheces também os esforços que para isso tenho empregado. Pois bem: ha dias encontrei um homem intimo do F. Costa, director do Ministerio da Marinha, e fui lá com elle dar-lhe um assalto. F. Costa mostrou-se disposto a acceder ao pedido e manda á respectiva secção procurar os papeis do Julio. Com grande espanto meu não existiam lá. O rapaz ainda não

tinha requerido! Parece incrível que não soubesse que era esta coisa o primeiro passo a dar. Telegrapei-lhe que mandasse o requerimento. Mandou-mo a mim. Lá o fui levar á Secretaria e voltei a fallar com o F. Costa, que depois de examinar o *caso* me disse que aquella transferencia era da exclusiva competencia do Governador Geral; que o Governo só pode ingerir-se nesse assumpto, depois dos professores terem tres annos de serviço, e sob boas informações do Governador alludido. Que elle fora nomeado pelo governo, *excepcionalmente*, quando se creou aquelle districto africano, juntamente com todos os demais empregados. De maneira que tenho andado a perder o meu tempo por *ignorancia da lei*. É de notar que os proprios interessados a não conhecem. O F. Costa prometteu-me no entanto fallar com o Ministro e fazer-lhe *alguma coisa*, como recomendar-lo particularmente ao Governador *indicando-o* para ser transferido como elle deseja. Portanto que vá estendendo as suas licenças enquanto puder, ate que passe esta *trovoada* do Tratado.

Recommenda-me muito á Mana e pequenos e ao Pae, quando lhe escreveres. Dispõe do

Teu irmão  
e amº obrgº  
Antonio

CI

Lisboa, 18 de Setembro

Jose

No meio da agitação e tumultos d'estes ultimos dias, não tenho tido um momento de tranquillidade para te escrever. O Ministerio cahiu um pouco tarde. A sua persistencia em conservar-se no poder trouxe esta especie de anarchia que por ahi campêa a solta nas ruas. A policia

dá tiros por qualquer coisa, exacerbada pelas provocações dos populares que apanhando alguns isolados dão-lhes pancada como em centeio verde. É de crer porem que tudo isto serene dentro de pouco e que o novo Ministerio consiga metter nos eixos as rodas destravadas da caranguejola nacional. Parece egoismo fallar de mim n'esta altura, mas a caridade bem entendida começa por nós. O Hintze não me roeu a corda. O meu decreto, lavrado em 22 d'Agosto foi hontem as 11 da noite assignado pelo Rei, segundo me mandou dizer em telegramma o camarista de semana. Não tenho por isso razão *particular* para me queixar do *decahido*. Portou-se bem melhor que o meu querido amigo Barros Gomes, e estou com dó d'elle porque cahiu desgraçadamente. Se o tratado era deploravel, o *livro Branco* é muitissimo peor. Vê-se por elle que os apregoados talentos do Barjona não passavam d'uma sophisteria universitaria, excellente para estender estudantes no 2.º anno de direito. É uma verdadeira lastima. O Rei que tem estado muitissimo doente, só no domingo passado é que teve conhecimento do que se passava e recahiu. As Rainhas ouviram por sua vez os Conselheiros d'Estado, chorando. Toda a gente no Paço parece que é terrivelmente contraria ao tratado. O Rei negou a recomposição e vae amanhã ouvir os principaes homens de todos os partidos. Não se sabe por isso quem será o Ministerio, mas a versão mais autorizada, por que a ouvi a pessoas competentes, é que a Presidencia e Estrangeiros será confiada ao Martens Ferrão, a guerra ao João Chrisostomo, o reino ao Casal Ribeiro, a Fazenda a Oliveira Martins, a Marinha a Antonio Ennes, as Obras Publicas ao Thomaz Ribeiro, e a Instrucção ao Bocage. De todos estes porem o que é seguro é o João Crysostomo. Antes de sabbado porem nada se saberá de definitivo. O Lopo deixa em testamento *mil e tantos despachos!*

As desordens nas ruas tem continuado posto que sem a gravidade das primeiras. Ainda assim hontem, depois de alguns ataques entre a policia e populares, uma com-

panhia da guarda municipal deu uma descarga contra o Café Martinho. Felismente não houve desgraças, mas houve susto para tres regimentos. O Junqueiro estava lá, e disse-me que debaixo d'uma mesa, onde se queriam esconder mais de 30 pessoas, tinha havido um verdadeiro *meeting de medo*. A este proposito disse hoje taes coisas na Camara que o Presidente retirou-lhe a palavra. A sessão de segunda feira é que foi monumental. Nunca vi coisa assim! Era tal a excitação de toda a gente e a impressão causada pelas manifestações das ruas, que o Manoel d'Assumpção chegou a fazer chorar. Ao Oliveira Martins cahiam-lhe as lagrimas pela cara abaixo e eu tambem senti *tremor a passarinha*. E no entanto, o pobre do Assumpção se dissesse aquilo n'outro momento, toda a gente se desatava a rir. Em fim houve de tudo. Desde os *puchões d'orelhas* que o Padre Brandão deu no Serpa Pinto, até á sua proclamação como *benemerito da patria*. Veremos o que sae de tudo isto. Espero agora o apparecimento do novo ministerio para pedir mais licença ao meu novo chefe.

A carta já vae longa e eu vou ainda ver o que vae por ahi. Recebeste uma que te escrevi ha dias? Recomenda-me á Mana, Pae e pequenos e dá noticias ao

teu irmão e amigo

obg

Antonio

## XCII

Lisboa, 21. (esta carta deve ser anterior as que imediatamente a precedem?)

Jose

Só hontem cheguei aqui. Aproveitando a companhia do Chico Maia demorei-me em Coimbra alguns dias, a

recordar coisas e casos passados. Estou no Hotel Borges para onde me poderás escrever. Por ora, quer dizer por estes primeiros dias, é-me impossível tratar das duas encomendas por que cheguei aqui no *momento psychologico*. O Hintze vae crear uns poucos de consulados na Europa. para anichar os amigos dos amigos. Ja estão todos promettidos mas é possível que eu consiga desanichar algum. Estou mettendo mãos á obra.

A Idra está mais que morta e as noticias do conflito inglês já não irritam ninguem furiosamente.

Portanto, a meu vêr, ministerio de *pedra e cal*.

Recommenda-me a quem dirás que *pode perder as esperanças na hydra*

Teu irmão  
am<sup>o</sup> e ob<sup>o</sup>  
Antonio

### CIII

Lisboa, 29 de Setembro

Jose

Já tinha dado alguns passos por causa da tua pretensão, antes de receber a tua ultima carta. Infelizmente a *minha influencia* nada vale na actual conjunctura. As pessoas das minhas relações que podiam pedir efficazmente, retiraram-se pouco depois de declarada a crise. O Navarro foi para Luso, o Paçô para o Porto, e os outros todos *não se dignariam* de certo a attender ao pedido d'um pobre diabo que nem sequer dispõe do seu voto. As arcadas e os corredores das secretarias estão sempre atulhadas de *paes da patria* que n'este desfazer de feira procuram consolidar a sua influencia á custa dos favores ministeriaes. Não

imaginas o que isto tem sido. Um verdadeiro assalto. O Lopo então parece que fez coisas extraordinarias. Cria nada menos de 28 comarcas novas, e parece que ainda não chegam para contentar os pretendentes. A tua promoção a Juiz só o Jose Malheiro a poderia conseguir porque o Lopo continua a asseverar *que não pretere ninguem*, que fez apenas dois despachos d'essa natureza — o do Paçô, que não era grandemente escandaloso, e o outro por exigencia do Serpa. Lerias, como bem podes comprehender. A nomeação para Delegado ahí está feita em favor do Pimentel *há tempos já*, segundo dis, e o João Mimoso que está aqui não larga o Ministro da Justiça. Eis aqui as tristes noticias que posso dar a teu respeito. Não sei o que o Jose Malheiro por seu lado terá conseguido, posteriormente aos *meus trabalhos*. A gente do Paço que me podia auxiliar está toda fora, e o Rei anda bastante doente. A mim mesmo me custou a segurar o meu despacho. Á ultima hora o Visconde de Paço d'Arcos queria por força o Consulado de Stockolmo para o irmão que de simples Chanceller, sem curso superior nem concurso, passou a Consul de 1.<sup>a</sup> classe em Zamzibar, sendo ao mesmo tempo posto na disponibilidade, encarregado em seguida de Inspeccionar os Consulados na America, com ordenados pingues! E ainda assim não ficou satisfeito; queria um Consulado na Europa para quando acabasse a inspecção. Valeu-me a *regia protecção*. O Hintze disse ao Paço d'Arcos que era um compromisso com El-Rei, e que portanto elle se recusaria a nomear outro que não fosse eu. Empregou todos os meios. Chegou ate a intrigar-me com o Hintze, dizendo-lhe que era eu o autor de varios artigos violentos publicados no *Tempo* contra elle. Vê que miseraveis. Isto desceu por aqui mais baixo que lama das ruas. Faz pena e mette nojo. O Firmino foi promovido a Juiz. Podes dar-lhe os parabens. Não pude saber no entanto para onde vae. O Francisco Freitas, filho do Escrivão Freitas, tambem apanha o lugar de escrivão não sei aonde. Lá vae finalmente cazar a Mari-

quinhas do Ó. Tenciono partir para ahi dentro de poucos dias. Recomenda-me á Mana e aos pequenos.

Teu irmão e am°  
obg°.  
Antonio

#### CIV

José

Tenciono partir d'aqui segunda ou terça feira. Tenho-me demorado porque o Nogueira Soares desejava levar-me com elle para a Suissa, como Secretario, durante as negociações da questão de Lourenço Marques. Não queria porem fallar ao Ministro porque sabia que estava compromettido a nomear um filho do Conde da Guarda, secretario a servir no Ministerio. É de crer no entanto que o rapaz faça *exigencias de dinheiro*, e neste caso, deante da hesitação do Bocage, o Nogueira Soares formulará o seu pedido. Como o caso porem se demora eu vou partindo para Paris, onde esperarei as ordens do Nogueira Soares. D'isto porem guarda o maior segredo. Hontem o Navarro deu-me uma esplendida ceia em casa d'elle. A amabilidade é de tal ordem que chego a não poder explica-la... E se visses a carta que escreveu a convidar-me? Sei que elle sympathisa commigo, conheço que é meu amigo, mas o Oliveira Martins e o Gonçalves, indo lá, fizeram *amende honorable*, depois de tudo o que disseram d'elle. Não digas a ninguem estas minhas considerações, porque eu sou muito reconhecido ao Navarro, e n'este mundo ja me desenganei que o melhor é *conhecer as coisas e os homens e calar*.

Desejo que continues de perfeitissima saude, no gozo d'essas tuas incomportaveis *enfermidades*, de certo agravadas com este pavoroso frio que está fazendo.

O Conde de Bertandos com quem jantei ha dias fallou-me de ti, dizendo-me que tinha o maior empenho em

te ser agradável, mas que não encontrava *nicho* em que podesse metter te, nas condições que tu desejas. De *primeiros officiais* estão as secretarias cheias, e quando apparece alguma vaga, move-se logo toda a alta politicagem. Eu lembrei-lhe que te fizesse secretario geral. Apparecendo a vaga, farias concurso, e estava prompto. Convir-te-ha isto? Escreve-lhe e falla lhe claramente, por que elle tem o maior empenho em te servir. Se queres alguma cousa d'aqui ou d'esses mundos, escreve na volta do correio. Arranji em segunda mão uma pellica de principe. Deve chegar aqui amanhã. Mas custa a bagatella de 15 libras, *em segunda mão* ou antes em *segundo corpo!*

Muitas lembranças ao Pae Mana e pequenos do

Sabbado

teu irmão

obg

Antº

## CV

Moreira da Maia, 26 d'outubro

Jose

Depois da ultima carta que te escrevi de Lisboa até que me retirei de lá fiquei sempre em *vespera de partir*, motivo por que te não escrevi novamente. Foi aquella infindavel e laboriosissima crise que me demorou em Lisboa até segunda feira passada. Tinha-se-me acabado a licença e como depois de transferido, a minha situação complicava um pouco a forma da licença, o Ministro demissionario, depois de me ter concedido mais um mez, disse-me que era melhor não me utilizar d'ella e esperar pelo novo Ministro, que podia pôr obstaculos a que me fossem pagos os vencimentos. Fiquei portanto á espera do novo Ministro, que todos os dias se anunciava, até que finalmente o João Chrysostomo conseguiu arranjar

gabinete, marinhando por entre as intrigas e obstaculos que de toda a parte lhe surgiam. Arranjei as minhas cousas e parti para aqui, a fim de me despedir do Luis de Magalhães, que vae breve para o Douro, e seguir immediatamente para ahi. Infelizmente, apenas chegado ao Porto, appareceu-me uma inflamação na bocca, tão forte e tão incommodativa, que estou desde terça feira ate hoje unicamente alimentado a leite e ovos quentes, porque não posso comer nem fallar — o que é muito peor. Hoje sinto-me melhor, mas o medico disse-me que talvez me seja preciso cortar um pedaço de carne da face esquerda... arroz. De politica nada ou pouco mais de nada te posso dizer. Não sei se o Jose Malheiro Reymão ja se demittiu; é natural que o faça, e nesse caso, ouvi que seria nomeado para o substituir o Gaspar Malheiro. Que te parece? Julgo que o Antonio Candido se estende com esta nomeação. Do testamento, nada te posso referir alem do que te disse na minha carta. O Lopo continua a dizer que não faz nomeações *das taes*, mas ellas la appareceram, e a pedido ou exigencia do Serpa, o responsavel é elle, que é Ministro da Justiça. Podes crêr que me esforcei o mais que pude para ver se conseguia o teu desejo mas não tenho forças para tal empreza. Alem de tudo, tua situação de agente junto d'um Tribunal administrativo, ainda mais difficulta o caso, porque dizem todos, *nem sequer é delegado!* e não ha meio de os convencer da verdade, quer dizer, eu não tinha *meio* de os convencer da verdade; qualquer influente em vespas de eleições arranjava tudo sem difficuldade. Amanhã ou depois, se continuar melhor, vou para o Porto e de lá para Ponte, passando por ahi. Vou despedir-me do Pae e arranjar as malas, porque devo partir por todo o mez de Novembro. Virei depois estar uns dias comtigo e acabar de arranjar as minhas cousas. recommenda-me á Mana e pequenos

Teu irmão e am<sup>o</sup> obg<sup>o</sup>  
Antonio

## CVI

Ponte de Lima, 19-11-90

Jose

Só recebi a tua carta á meia noite, quando voltei do Outeiro, onde fui jantar. De maneira que áquella hora e com o *calor* que trazia ao ler as primeiras palavras da tua carta-*enterra-se amanhã*, imaginei que era o teu *porco*, quando me sahiu o pobre velhinho meu amigo! Tinha na verdade desejo de ir assistir ao enterro, mas como estou em vespas de retirada, vi-me forçado a desistir d'esse empenho. Peço-te que me digas quem é a familia d'ahi a quem devo dar os pesames. De politica, nada. Parece-me apenas que o Bertianos *dá com os burros n'agua*, na questão dos administradores. O que eu queria era que elle te fizesse juis. O João Gomes vae a Lisboa qualquer dia e como o Bertianos lhe fallou no *teu negocio*, disse-me que vae dizer ao Antº Candido, que se querem fazer politica tu es o unico governador civil possivel em substituição do Bertianos.

N'uma carta que recebi hoje pergunta o Luis de Magalhães se recebi por teu intermedio uma duzia de camisolas e seroulas que para ahi te mandou. Peço-te que me digas alguma coisa a este respeito para minha tranquillidade. O Pae foi para a Guarda, e eu conto sahir d'aqui no sabbado, o mais tardar. Recommenda-me á Mana e pequenos

Teu irmão  
amigo e obgº  
Antonio

## CVII

Dezembro, 5

Jose

Transtornou-se o negocio de Bristol. Era uma *tramoia* combinada entre o Consul e o sogro. Logo que descobriram que o Bocage não accitava a pouca vergonha, desistiram da licença. Ahi te contarei tudo pelo meudo Parto hoje para Condeixa e de lá para ahi. Passo cá o Natal e por isso vou comer os pastelinhos onde quizerem. Muitas lembranças á Mana e aos pequenos do

Teu irmão  
Antº

## CVIII

Confidencial  
O Tempo Hotel Borges  
Redacção. Rua Serpa Pinto 45, 1º. Lisboa

Jose

Parece-me que d'esta feita está tudo perdido. Apesar das informações do Barreiros, o Ministro passou por cima de tudo, e nomeou para Bristol o Consul de Demerara, que entrou na carreira em Dezembro, e mais dois, um d'elles novo, para os consulados que creou, quasi de repente, porque até na secretaria se ignoravam as suas intenções. Num dia fez-se tudo. Cheguei um pouco tarde mas ainda não desanimei. Amanhã o Carlos Lobo d'Avila, o Bernardo e o Conde de Sabugosa — intimos do Rei — vão pedir-lhe que interponha a sua vontade em favor da injustiça que me fizeram, e é de crêr que o Ministro, deante de tal protector, crie mais um Consulado, já que creou

dois. Isto porem é tudo absolutamente confidencial. O Carlos é que teve esta idêa depois d'uma conferencia que teve com o João Franco, que desejava muito servir o Carlos mas que estava muito comprometido com o Luis , Consul na California. E aqui tens o que é, neste pequenino quadro, a vida d'um empregado publico De nada vale tomar as coisas a serio porque ninguem faz caso d'isso. Qualquer dia te mandarei a flanella. Por ora ando muito atarefado e preocupado com a minha vida. Isto que te refiro é para *todos* absolutamente confidencial. Recomenda-me á Mana e a todos.

Teu irmão am° obg°  
Antonio

## CIX

Lisboa, 23

Jose

Cheguei no Sabbado passado encontrando tudo isto n'um verdadeiro deserto. Não se encontra ninguem conhecido, está peor que Ponte de Lima. Estou morto por me retirar mas não o poderei fazer antes do fim. Receando a queda do Hintze, tenho-o apertado pela nomeação, que felizmente está feita segundo me disseram ha dias na Secretaria. Falta-me apenas a assignatura do Rei, que certamente não porá obstaculos...

Infelizmente estes dias não tenho podido tratar de coisa nenhuma por motivo de doença. Estive e estou com uma gastro-interite ligeira, mas ainda assim sufficiente para me encommodar. Recommenda-me á Mana e pequenos

Teu irmão e am° obg°  
(Hotel Borges) Ant°

## CIX

Madrid 22 de Janeiro (1891)

Jose

Cheguei esta manhã de Lisboa, com o Paçô Vieira e o Marianno de Carvalho que seguiu hoje mesmo para Paris. Não sei ainda os dias que me demorarei aqui, mas creio que não serão muitos porque me parece que não vale a pena perder tempo com as madrilenas. Pelo que tenho visto posso já assegurar-te que a *Capital das Hespanhas* nem como tamanho nem como belleza se pode comparar a Lisbôa. Daqui sigo para Paris. Do frio nem te fallo. Começo a acreditar que é uma *blague* das gazetas. Sahi ás 9 da manhã sem sobretudo, nem camisola. . .

Desejo-te saude e peço-te que me recomendes ao Pae e á Mana. Podes escrever-me para *Paris* — Consulat Général de Portugal

Teu irmão amigo ob.  
Antonio

P. S. Recommenda-me ao Guerra Junqueiro

## CX

Berlim, em 4 de Marco 1891

Jose

Começou agora a nevar copiosamente e por isso aproveito este momento de prisão para te dar noticias minhas, já que o não pude fazer de Bruxellas, onde estive apenas 4 dias. De todas as cidades que tenho visto é aquella que

eu preferiria para viver. Lindissima como Paris, mas muito mais pequena e por isso mais *confortavel*. Berlim é enorme, tem quasi dois milhões d'habitantes, e é sump-tuosa nas edificações. Parece que ha só palacios edifica-dos todos no gosto da Renascença. Até os bairros pobres são exteriormente luxuosos. Não tem porem nenhum *cachet* especial. Para ser como Paris falta-lhe apenas a ruidosa alegria dos *boulevards*. Berlim é grave o que não impede que haja mais mulheres pelas ruas á *procura de macho* do que em Paris. A diferença é que estas fingem de serias, e as outras atacam a gente sem preambulos. Em Paris entra-se n'um cafe depois da meia noite e é tudo *ruido e pagode*. Aqui a essa hora os cafes estão atulhados de femeas, altivas e serias a lerem jornaes... E é tudo.

Depois de amanhã parto para Copenhague e dentro de poucos dias estarei em Stockolmo. Não me demoro aqui porque não sei uma unica palavra d'allemao e vejo-me a cada instante seriamente atrapalhado para me tirar de difficuldades. Felismente os allemães são bem mais amaveis do que os francezes e encontrei alguns no caminho de ferro que fallavam francês e que me guiaram *no movimento da estação*, conduzindo-me ate ao Hotel. Tenho pena de não saber allemão porque desejava *estudar* Berlim mais a fundo. Hoje vi o Imperador e deu se a este respeito uma coisa curiosa. Depois d'almoço fui passear para a Avenida das Tílias (under der den linden), e vi ao longo d'uma das ruas lateraes, duas grandes filas de povo acotovelando-se para se chegar á frente. Como não sabia o que era nem podia perguntar aos policias, metti-me na multidão e esperei. D'alli por meia hora passava o Imperador dentro d'uma carruagem descoberta, embrulhado n'uma grande pellica e com um formidavel capacete na cabeça. A multidão descobria-se toda (alguns milhares de pessoas) e gritava vivas ao seu monarcha com uma satisfação e alegria verdadeiramente espantosa. O Imperador, um bello e grande rapaz, d'olhos azues cheios de

altivês, correspondia militarmente, como um triumphador. Disseram-me depois que o espectáculo se repetia todos os dias. Sempre que o Imperador sae, o *bom povo de Berlim* vae esperal-o ao caminho para o saudar. Ainda ha-de dar brado no mundo este bello rapaz. Tem o retrato por toda a parte. N'uma loja vi a photographia d'elle e da mulher, com as caras unidas e abraçados um ao outro; por baixo estava escripta em allemão esta legenda: *o nosso querido par imperial*. Vou acabar. Recomen-da-me ao Pae, Mana, pequenos Junqueiro e mais ami-gos. Um abraço do

teu irmão e am<sup>o</sup> d<sup>o</sup>  
Antonio

## CXI

Stockholmo, 11 de Março (1891)

Jose

Cheguei no dia 9, e trouxe commigo um tempo magnifico. Ceu sem nuvens, sol deslumbrante e 11 graus centigrados... abaixo de zero. Mas, a respeito de frio, ahi por Vianna sente-se muito mais. Dentro de casa, nos cafés, nos theatros e nos restaurantes ha sempre uma temperatura agradável, e na rua as pellicas resguardam perfeitamente. Basta dizer-te que quasi toda a gente anda em carro descoberto e de preferencia em trenó, que é muito mais suave. Tudo é branco — as ruas, as casas, as arvores, etc. A neve cobre todas as coisas com uma espessa camada de assucar, mas a cidade é lindissima e o verão está á porta. Esperava encontrar aqui cartas tuas e dos amigos. Achei apenas jornaes. Vê se escreves amiudadas vezes. Recommen-da-me á Mana, Pae e pequenos. Um abraço ao Junqueiro.

Teu irmão  
Antonio

## CXII

Stockolmo, 25 de março (1891)

Jose

Acabo de receber a tua carta de 18. Já me tardava ver letras tuas. Enfim chegaram e com boas noticias de todos, o que deveras estimei. Eu continuo satisfeito com a minha sorte. Dou-me bem no clima e a gente é boa. O diabo é a lingua, e enquanto que não consigo aprendê-la, tenho, como é natural, de me aborrecer grandemente. Na alta sociedade quasi toda a gente falla mau frances, mas nem sempre posso estar em contacto com essa gente.

Tenho necessidade de tomar uma boa doze de *Benzoato de Littina*; bebe-se por aqui muito espirito e estou com receio dos meus rins. Ainda não chegou aqui a medicina do Burgraeve e por isso peço-te o obsequio de me mandares duas caixas pelo correio, com a possivel brevidade. Em compensação, pelo primeiro navio que d'aquí sahir para Vianna, enviar-te-ei qualquer lembrança de Stockholmo. Ha por aqui coisas formosissimas, especialmente em louças e *antiguidade*. Se o Junqueiro se apanhava aqui arruinava-se em dois mezes. Hontem vi n'um ourives o copo de prata lavrada por onde bebia a *Cervicia* de que falla Tacito um grande senhor godo, contemporaneo de Atila. É enorme e admiravel. Custa apenas 500:000 rs.!

Não encontrei na mala o meu chapéu de baile. Deixaria-o ahi por acaso? E se tal succedeu não poderás enviar-mo pelo correio? Poupava assim esses dois mil reis. Recommenda-me á Mana, Pae e Pequenos. Sei que o Junqueiro está em Freixo e sei o que elle foi fazer a Hespanha com o Luis de Magalhães. Não está comprometido no movimento

Teu irmão amg.  
Antonio

## CXIII

Stockholmo, sabbado d'Alleluia

Jose

Como esta carta vae chegar a Vianna depois da Paschoa, começo por te dar as boas-festas e o *Pax Domini* para a tua casa e para todos os teus. O snr. Jose Bernardo da Silva, empregado no correio d'essa cidade, pessoa com quem mantive unicamente as relações provenientes d'alguns sellos que lhe comprei, escreveu-me uma carta pedindo-me para lhe mandar d'esta cidade coisas verdadeiramente extraordinarias. Nada mais e nada menos do que diversas e variadas qualidades de sellos, desde 1855 ate ao presente! Imagina o homensinho que não tenho por aqui outra coisa em que matar o tempo. Os sellos actuaes, vou mandar-lhos por uma questão de delicadeza, mas os outros, *tó rola!* Teria que metter empenhos e andar em bolandas, porque a mania dos colleccionadores tambem chegou á Scandinavia. Deves alguns obsequios ao snr. Bernardo? é ao menos pessoa da tua sympathia? Enfim, nem só o snr Bernardo é massador; tambem eu soffro d'esse mal. Ainda ha dias te escrevi pedindo-te um milhão de coisas, e já hoje venho com nova empreitada. Faz-me muita falta um livro que deixei, atado a *7 cordas*, num desses innumeraveis pacotes, cuja confecção me fez suar, como Jesus nas Oliveiras, o melhor do meu sangue. Chama-se o livro *Le Dragon Impérial*, de Judith Walter, em oitava, encadernado com lombada de chagrín preto. Estou a concluir um trabalho para o qual me é absolutamente indispensavel consultar um capitulo d'esse livro. Se tiveres a pachorra de o procurar, obsequieias-me; se te faltar o animo, tambem nos não zangamos. Peço-te apenas que mo mandes dizer na volta do correio, para o fazer vir de Paris o mais depressa possivel. Communica-me

tambem a chegada do Junqueiro. Tenho um pedido de *bric-à-brac* a fazer-lhe: *um candieiro de tres bicos*, d'aquelles que se usavam em Coimbra, mas grande, o maior que hover. É para o Souto Mayor. Lembranças á Mana e a todos

Teu irm.  
amigo obg.  
Antonio

## CXIV

Stockholmo, 12 d'Abril

Jose

Acabo de receber as duas caixas de Benzoato de Littina; o dictionario ainda me não chegou ás mãos, mas sei que está no correio. Muito obrigado por tudo. Falta apenas o Dragão Imperial, de Judith Walter, que te pedi com o maior empenho. Sei que é necessaria uma grande pachorra para o encontrar; por isso repito, se não estiveres disposto a procural-o manda-me dizer com toda a franqueza na volta do correio. Querendo d'aqui alguma coisa exotica, não tens mais nada a fazer se não manifestar o teu desejo. Pelo primeiro navio que d'aqui sahir para Vianna, em *recompensa* de tantos trabalhos enviar-te ei qualquer curiosidade da Scandinavia.

Por aqui continuo a passar maravilhosamente, pelo que toca a saude. O clima é admiravel — conserva, como as vinagreiras. Lembra-te porem que n'esta altura do ano, em pleno Abril, os fogões ainda funcionam de dia e de noite com toda a actividade. É uma consolação a gente dormir sem cobertores quando lá fora está tudo coberto de neve. Os dias são lindissimos, raras vezes o sol aparece encoberto, e o ar é tão puro e tão vivo, que quando bate no nariz dos transeuntes é mesmo como uma *navalha de barba*. Apesar de todos estes encantos, vivo por

enquanto singularmente aborrecido, porque da lingua sei apenas meia duzia de palavras soltas para dizer á creada, que de resto me comprehende perfeitamente por gestos. O que mais me tortura são os jantares para que me convidam. É bebedeira certa. Tenho a cabeça forte, e o meu *tirocinio* de Coimbra habilita-me a resistir a *grandes massas alcoolicas*, mas ainda assim, se conservo a cabeça no seu lugar, as pernas franqueiam por vezes, e se ao voltar para casa não encontro tipoia, *cambaleio* o meu bocado. Nos jantares quasi que se não conversa, — bebe-se. Começa o festim, por um brinde do dono da casa, saudando os convivas e agradecendo-lhes a sua presença, logo depois da sopa. Antes d'isto toda a gente já tem bebido com o hors d'œuvre um grande calix d'aguardente da Noruega. Depois, durante todo o jantar ninguem pode beber *sem parceiro*, quer dizer, sem saudar alguém, dizendo apenas esta palavra *scol*, e olhando para a pessoa a quem nos dirigimos. É de elementar polidez *pagar immediatamente a visita* e beber *com todas as pessoas* presentes, excepto com os donos da casa. Se *cometter esta falta* é obrigado a beber 7 ou 14 calis, conforme a saudação foi feita ao dono ou dona da casa. No fim o conviva que está á esquerda d'elles levanta-se e faz um pequeno *spich* em nome de todos agradecendo os donos da casa, e bebe todo o mundo a virar. Ao café, imagine o estado dos convivas, embora bebam pouco de cada vez. Mas não finda aqui. Com o café servem-se licores e as saudes continuam. O sueco nunca bebe sem brindar alguém. O convite para jantar, quasi sempre implica convite para ceia. Ate lá *beberrica-se* continuamente, e na ceia, a mesma scena do jantar. Um horror! Recommenda-me muito a todos

Teu irmão amigo ob  
Antonio

## CXV

Stockholmo, 23 d'abril

Jose

Regressei hoje de Copenhague onde fui mandado pelo Hintze para cumprimentar o Rei Cristiano pelo seu aniversario natalicio. Fazia 76 annos d'edade, e com maneiras de homem novo, recebeu de pé, fallando a toda a gente, os cumprimentos do corpo diplomatico e de todas as corporações da cidade, desde a uma ás 5 horas da tarde. Depois foi jantar com os filhos e á noite, ás 9 horas, apresentou-se no baile, onde conversou com toda a gente, dançando todas as marcas, quadrilhas, walsas, galopes e *castillon*, com um *entrain* e uma *allure* de rapaz de 20 annos! Causou-me isto tal espanto que ainda não vim a mim, e é por isso que começo esta carta por te contar tal phenomeno. É de fazer corar de vergonha a nossa triste mocidade!

Aproveitei a oportunidade da minha ida a Copenhague para adiantar as negociações do tratado do commercio, e estou contentissimo, por que consegui fazer aceitar o projecto com todas as condições impostas pelo nosso Governo. É a minha primeira obra *diplomatica* e espero sahir-me bem d'ella. O Ministerio dos Estrangeiros *está inteiramente* d'accordo; falta a opinião do da Fazenda e da Camara do Commercio, mas creio que não poem novos obstaculos.

O dinheiro é que é pouco. Gasta-se todo, e mais que fôra. Dá-se commigo esta singular anomalia: ganhava mais em vida do Soto Maior, quando exercia o cargo interinamente. Agora que o exerço definitivamente, ganho menos. Que te parece d'esta? Já reclamei, mas ainda não fui attendido. Vou escrever ao Carlos. Viste nos jornaes de certo que lhe arranjei a gran-crus da Estrella

Polar. Pois foi tambem uma lança em Africa. Nos ultimos annos este governo recusou ao Soto Maior todos os pedidos d'essa ordem. Aqui são muito difficeis no que respeita a condecorações, e na Dinamarca ainda mais. La só se concedem em recompensa de serviços reaes e verdadeiros. De saude pouco bem. Não tenho absolutamente nada, a não ser *mais cabello*, posto que cheio de brancas. Tenho envelhecido a olhos vistos, devido de certo ás preocupações de toda a especie que me tem apouquentado ha 3 annos a esta parte.

Por aqui faz agora bom tempo e vou aproveitá-lo para recommençar o meu tratamento preventivo. Estimei as noticias que me das da tua saude e dos teus a quem muito me faço lembrado. Se te for prestavel para alguma cousa, fica ás tuas ordens

o teu irmão  
e amigo  
Antonio

## CXVI

Stockholmo, 26 d'Abril

Jose

Acabo de receber a tua carta de 20. Veio pelo *Sud-Express* e por isso chegou mais rapidamente. Muito obrigado por tudo. Infelizmente perdeu-se o Terrivel *Dragão* porque até estas horas ainda não tive o gosto de lhe por a vista em cima. Sinto o trabalho que te dei, trabalho perdido de mais a mais. O *Dragão* era o mesmo. Judith Walter, Judith Gauthier e Judith Mendes, são tres nomes distinctos da mesma formosa e intelligente creatura. Walter foi o pseudonymo que adoptou para o primeiro livro; como teve um grande successo, passou a assignar-se

Gauthier que era o nome do Pae, o grande escriptor; Depois casou-se com Catulle Mendès; mais tarde divorciou-se, porque elle a abandonou por uma amante ridicula e voltou a usar o nome de familia. Eis a historia da minha confusão. O diabo é que o livro me faz uma falta extraordinaria. Enfim, resignemo-nos. Ha dias escrevi uma carta ao Chico Malheiro, tambem por causa d'outro livro. Não sei se elle a recebeu, porque ainda me não respondeu. Mas ainda que se tenha extraviado, não me atrevo a dar-te outra massada igual, mormente porque tu rejeitas altivamente a modesta recompensa com que eu queria galardoar tanta massada. Mas que dirias tu a um bello presunto, não de porco, mas de salmão, d'um bello salmão rubicundo e saboroso como um manjar celestial? De mais a mais é coisa que nunca os teus lábios gozaram... Apesar da tua revolta, irá pelo primeiro navio, se não como recompensa, como *offerta de cliente*. Folguei com a noticia que me dás dos nossos. O Julio deve estar satisfeito, porque agora pode dizer-se que esta em casa, na sua casa adorada e fria como uma geleira. Ainda assim quem ma dera... para a vender! Recommenda-me á Mana, Pae, pequenos e amigos

Teu do C  
irmão e amigo obg<sup>o</sup>  
Antonio

P. S. Não ponho nos sobrescriptos das cartas *Docteur*, porque este titulo, fora de Portugal só se dá aos medicos.

CXVII

Maio, 6

Jose

Com esta carta e a titulo de curiosidade, remetto-te o meu retrato em *toilette boreal*. Faltam-me só as galochas,

que deixei á porta do photographo, para ficar um urso perfeito. Ainda ha 15 dias andava assim pelas ruas, de resto como toda a gente. Agora a temperatura está mais doce, mas chove todos os dias, o que é d'um aborrecimento mortal. A primavera é horrivel n'estes paizes. Dias enormes, — anoitece depois das 9 horas — ventanias e chuvas um horror. Felizmente Junho está á porta e começa então a grande vida. O verão é esperado pelos suecos como a ancia d'um noivo pelo dia do noivado. São preparativos por toda a parte. Aqui pouca gente se preocupa pelo dia d'amanhã. Todos se divertem e fazem dividas, uns aos outros, o que é uma compensação. Os costumes, apesar de originaes, são extramamente simples e ha uma grande harmonia entre todas as classes. Ha dias andava á passeiar com o Soto Maior, quando ao voltar d'uma esquina, encontramos dois sujeitos vestidos como quaesquer burguezes, e inteiramente desconhecidos para mim. Vi logo porem que eram personagens, porque o Soto Maior desceu do passeio e parou com o chapéu na mão. Então um d'elles, o mais alto, tambem descoberto, dirigiu-se a elle, e disse-lhe — *Comment ça va, mon cher ami?* Imagina o meu espanto quando ouvi o Soto Maior responder — *Merci, Sire!* Era o Rei Oscar, que andava a passeiar, como qualquer simples mortal. Dias antes fui convidado por um pintor para visitar o seu atelier. Quando sahia de casa d'elle, com um sujeito que me tinha acompanhado, encontrei um rapaz subindo as escadas a quatro e quatro, com o chapéu p'ra nuca, e um cigarro ao canto da boca: era o principe Eugenio que ia cavaquear com o Pintor. Nem no Brazil o Imperador se democratizava por tal forma. E no entanto, talvez por isto mesmo, tanto o Rei como a Familia Real são estimadissimos por toda a gente. Ainda a proposito d'este assumpto, costumes suecos, vou contar-te uma historia engraçadissima que é o prato do dia em toda a parte. A 1ª actris do theatro Dramatico, uma lindissima mulher, casada com um collega de grande merecimento, *raptou* ha poucos dias um conde

de 22 annos (aqui d'esta idade são considerados creanças), official da Guarda Real. Grande escandalo, etc., etc. Mas o melhor da festa é o seguinte. A actriz *raptou* o Conde para se fazer *condessa*; mas como para isto era necessario previo divorcio, mandou emissarios ao marido propondo-lho amigavelmente. Vae o marido, que é um pulha ao que parece, declara que não requer o divorcio sem que lhe deem 100:000 coroas (nada menos de 25 contos de reis), e como elle é o offendido, a mulher tinha de pagar ou voltar para a companhia d'elle. Uma tia do Conde, velha e riquissima beata, para salvar a moralidade da Familia, mandou os 25 contos ao homem que por seu lado acceitou reconhecido e requereu o divorcio. Estavam as coisas n'este pé, quando surge lá do fundo da Scandinavia, um irmão do Conde, Conde tambem e militar, declarando que o irmão Conde Roseu não pode casar com a actriz porque ella foi em tempos *sua amante* e apresenta *provas evidentes*, como cartas compromettedoras, etc. etc. Assim que sabe da intervenção fraterna, a actriz escapa-se com o seu *pombinho*, e ninguem sabe onde param, nem como a final se descalçará esta embrulhada, que parece um romance. O novo Conde quis salvar o irmão do *atoleiro*, mas não o salva da *deserção*, da *perda dos 25 contos*, do escandalo e da actriz, que naturalmente o não larga e que tem artes para o entontecer.

Não achas que é uma historia divertida? Isto pode dar-te uma ideia da moralidade do paiz.

Recommenda-me muito á Mana, Pae Julio, pequenos e Junqueiro

Teu do C  
irm e amigo obg  
Antonio

## CXIX

Stockholmo, 29 de maio

Recebi hoje a tua carta de 23, com outra que me mandaste vinda do Brazil. Muito obrigado.

Estimei do coração as noticias que me dás de ti e de todos. O Julio nunca se dignou escrever-me, pus por isso *ponto definitivo* na minha correspondencia com elle.

Muitos cumprimentos a todos

Teu irmão, am<sup>o</sup>  
e obg  
Antonio

## CXX

Março, 20

Jose

A morte do Soto Maior e as suas consequencias — liquidação do espolio, arranjo do archivo, questões com os credores, etc. — não me tem deixado um instante de meu e, o que é peor, tem-me posto a cabeça ás aranhas. E vou ainda em meio!

É esta a razão por que te não tenho escripto. A minha correspondencia tem-se limitado ao estrictamente necessario. Imagina que só para o Ministerio tenho dirigido desde que cheguei 50 officios e mais de 20 telegramas cifrados! Pois no meio d'esta azafama veio-me surprehender um numero do *Lima* onde se me jogava uma larcha por demais offensiva, n'uma biographia do Lemos, que era evidentemente escripta ou pelo menos inspirada por elle. Ripostei immediatamente, como deves ter visto, não com a furia que o caso pedia porque os ardores juvenis já vão passando e se tratava d'um velho que foi

meu mestre. O *Lima* deu explicações, que não explicavam nada, mas que eram notoriamente amáveis para commigo e dei-me por satisfeito. O Lemos porem não devia ter consentido ou inspirado tal coisa. Por mais que procure não atino com a explicação. Tive ha dias uma carta do Julio que me deu noticias tuas e dos teus. Estimo que continues a passar melhor dos teus encommodos. Eu agora vou bem, mas ainda e sempre em tratamento. Ainda tenho para um anno.

Dá muitas lembranças minhas á Mana e aos pequenos e disppõe do

teu irmão e amigo  
Antonio

### CXXI

Stockholmo, 11 de junho

Jose

Se tens um momento de vagar, e te não falta a paciencia, obsequeias-me respondendo-me com a maior brevidade possivel á seguinte consulta:

O Visconde de Soto Maior, morreu sem herdeiros forçados, nem parentes conhecidos, a não serem alguns primos remotos; deixou um filho natural, que não reconheceu, e que portanto está fóra da questão. Fez testamento nomeando executor testamentario, a quem encarregou de vender e liquidar tudo quanto possuia na casa onde morava, para pagar as suas dividas e distribuir o resto pelos pobres, caso sobejasse. O que deixou não chega para pagar mais de 50% aos credores. Sei que o Visconde possuia propriedades ou fóros em Souzel, d'onde era Alcaide-mor, pelas quaes ha quem offereça um conto de reis. O Visconde porem não menciona taes bens no testamento, e segundo este documento a auctoridade do

testamenteiro não se estende além do que o fallecido possuía *na casa onde morava*. Pergunto: A quem compete a venda d'esses bens? A quem devem dirigir-se os respectivos credores? O Consulado entregou tudo, visto que o fallecido deixou testamento, e não tem competencia para liquidar heranças em Portugal. Já expus este caso ao Governo, mas até hoje nem resposta nem mandado. Peço-te pois o obsequio de me esclareceres sobre este caso. Desejo que continues melhor, se não de todo restabelecido, cumprimenta a Mana e os pequenos a quem muito me recommendo. Dispõem do

Teu irmão e amigo  
Antonio

## CXII

Stockholmo, 3 d'Agosto

Jose

Não sei se já te agradeçi a resposta á minha ultima consulta porque tenho andado muito occupado nos ultimos tempos. Estou negociando dous tratados de commercio, com a Dinamarca e com a Suecia e isto obriga-me a correrias por diversas repartições, a consultas de estatísticas e outras tarefas ainda mais desagradaveis. Se ainda te não agradeçi, agradeço-te agora, pedindo desculpa da demora. Estive em Copenhague onde fui para representar o Governo nas *nupcias de prata* do Principe herdeiro. Regressei hontem para assistir á abertura do Congresso dos Americanistas, de que sou membro por parte do nosso Governo. Já ando cançado de festas e contradanças. É um trabalho mais fatigante do que o de carpinteiro. Em Copenhague houve festas interessantes, sobretudo para mim. Nunca vi tantos principes juntos. Além dos

do país, que são innumeraveis, havia o Czarwiltz, o Principe Henrique da Prussia, o Rei da Suecia, o Principe Jeorge da Grecia, um Principe Oriental, com um sequito luzido, irmão do Rei de Sião. Numa ceia no palacio Real, este principe veio ao pé de mim e disse-me a seguinte phrase: *Bebo a sua saude, como representante do povo europeu de quem primeiro se ouviu fallar no Oriente!* Comoveu-me por tal forma esta phrase, no meio das nossas mizerias actuaes que tive um desejo louco de lhe dar um beijo. Nenhum Principe europeu era capaz de ser mais amavel! Isto devia contar-se nas gazetas porque consola a gente. Recebi ha dias uma carta muito amavel do Ruy. Respondo-lhe ao teu cuidado. A carta que peço para lhe entregares, vae fechada porque leva *contrabando*.

Elle deu-me boas noticias de ti e de todos o que esti-meí. Lembranças a Mana e aos pequenos do

teu irmão  
e am<sup>o</sup> ob.  
Antonio

## CXXIII

Agosto, 3

Jose

Estou para te escrever novamente, imaginando que se tivessem aggravado os teus padecimentos, quando hontem recebi a tua carta de 26. Vejo que d'esta vez o caso foi mais serio do que eu imaginava, mesmo dando o devido desconto á habitual exaggeração com que costumás fallar das tuas doenças, a maior parte filhas da vida sedentaria a que te votaste. Felizmente como o temporal passou só me restá felicitar-te cordealmente, e para evitares novos accidentes insistir na ideia da minha carta anterior, que tu erradamente interpretaste ou que eu traduzi mal. Continuo a dizer que precisas de mudar de vida,

rodeando-te de mais algum conforto e bem estar. Não quer isto dizer que deves augmentar os pratos da tua meza, que é ate forte em excesso, ou agravar sensivelmente as tuas despezas. Vivias em Ponte de Lima exactamente como em Vianna, e no entretanto a tua receita augmentou porque estou convencido de que os lucros da advocacia não diminuíram, visto que os lavradores, como tu dizes, continuam a procurar-te. Parecia-me, portanto, convenientissimo que mudasses quanto antes de caza, embora tenhas de pagar um aluguer mais subido. Ja n'ella apanhaste duas ou tres bronchites, que te devem predispôr facilmente para no proximo inverno receberes a visita d'algunha impertinente pneumonia. Ora a tua caza é uma excellente fabrica de constipações, com o seu feitio de corredor por onde o vento esfusia á vontade, de qualquer lado que sopra. A sala de meza e o teu escriptorio são duas perfeitas tinas de immersão, que nem mesmo com a collocação de fogões poderás corrigir de esses defeitos. Dada a tua tendencia para apanhar constipações e bronchites, deves pôr estufas em caza para onde te mudes. Ficas assim ao abrigo d'essas enfermidades a que és achacado. É necessario abandonar esse principio de que o lume em caza faz mal. Desgraçada d'esta gente se tal coisa fosse verdadeira, e o frio d'aqui não tem comparação com o nosso. Ninguem sae á rua sem se aquecer primeiro, sem tomar uma *provisão de callor* sufficiente para resistir por algumas horas na rua a uma temperatura que oscilla de 11 a 40 graus centigrados abaixo de zero e vento capaz de fazer cahir as orelhas. Com algumas duzias de mil reis, *por uma vez*, podes esteirar ou tapetar o teu escriptorio, a tua salla de meza e o teu quarto de dormir, e feitas estas reformas, com que não sobrecarregarás em extremo o teu orçamento, verás como vives livre d'essa peste de bronchites e como trabalhas com mais prazer. Já vêes, portanto, que eu te não aconselhava a grandes gastos, nem te considerava um *avaro* como pensaste. O que tu tens é falta de methodo. Com mais

*algum systema* até talvez podesses reduzir as despesas diárias. O Luis de Magalhães, que e o homem mais *arranjado* que eu conheço, e com quem eu tenho tomado excellentes lições, viveu durante quatro annos com 1 conto e duzentos mil reis por anno, pagando aluguer de casa «no Porto» tendo duas creadas e um escudeiro, e não recebendo da mãe, que é furreta, nem um ceitil de mais. Tinha tres filhas para aggravar a situação, e não fez de dividas nem um *real*, ate que a Mae vendo o excellent administrador que elle era, lhe deu ha pouco tempo a quinta de Moreira, que actualmente apenas lhe produz liquido 600\$000. Enquanto que elle na sua situação de homem casado e pae de filhos, vivia d'esta forma, o irmão solteiro, a quem a mãe dava uma somma equal, morria aos 26 annos deixando 25 contos de dividas!

Estou convencido de que, quando a gente chega a ter um certo rendimento, tudo depende *de methodo*. Na minha viagem estive um mez em Paris, 8 dias em Madrid, 8 dias em Bruxellas, 8 dias em Berlim e tres dias em Copenhague; comprei varias coisas de que precisava, mandei fazer fato em Londres (p<sup>a</sup> me apresentar janota), comprei uma pellica em Bruxellas, apeei-me sempre nos primeiros hoteis, vi tudo, fui a toda a parte, almocei uma vez no Bignon (por 56 francos, melhor que o Imperador de todos os Brazis), jantei uma vez no *Café Anglais* outra na *Maison d'Or*, e juntando a tudo isto o preço das passagens, sempre em trens de luxo (excepto de Bruxellas a Berlim) — gastei 607\$455 reis, sem um real de mais ou de menos, extravagancias e noitadas *compris*. Conto isto como um prodigio; e se tivesse um companheiro que se deixasse guiar por mim gastava menos um terço, porque duas pessoas, nos grandes restaurantes, comem pelo mesmo preço d'uma só.

São as lições do Luis de Magalhães que me aproveitaram.

Mas voltando ao teu caso. Parecia-me tambem que se mudasses de regimen passarias muito melhor. Esse

systema de trabalhar em cima das refeições é tudo quanto ha de peor. Se te habituares a por a pé cedo, de forma que ás 7 horas estivesse vestido e prompto, um copo de leite coriado com agua de Vidago ou das Pedras Salgadas, mantinha-te perfeitamente ate ás 10 horas, hora do almoço. Tinhas assim 3 horas de trabalho sem inconveniente. Almoçavas depois, ligeiramente é claro — cafe, ovos, um peixe ou um bife e manteiga. Podias então sem transtorno continuar a trabalhar ou ir para o tribunal. Tomavas qualquer coisa ao voltar, podendo trabalhar em seguida ou dar consultas querendo, ate á hora do jantar. Depois um passeio comprido, muito comprido, dois dedos de palestra na Assemblêa e ás 10 horas e meia, cama. Verias como as tuas doenças desappareciam de vez. Ponto é que tu queiras !

O Jose Malheiro não me respondeu; não estranho porem porque a carta não tinha resposta, como é claro. A resposta é despachar-te, ou dizer que não foi possível depois de empregados os meios. Devo dizer-te que não tenho fé nenhuma no bom resultado do nosso empenho, *ainda d'esta vez*. Essa gente da política é d'um egoismo feroz; só com mira n'algum interesse, eleitoral pelo menos, se consegue obter qualquer coisa. Sabes isto melhor do que eu. Quanto a escrever ao Navarro e ao Carlos não tenho duvida nenhuma, mas tenho a certeza de que me não attendem. *São politicos* como os outros, e no meio das suas preoccupações, *carta lida é carta esquecida*, e passe por lá muito bem. O Navarro encarregou-me de lhe mandar varias informações da minha viagem e d'aqui. Logo que cheguei escrevi-lhe uma carta de 21 folhas de papel! nem um bilhete me mandou a dizer cá recebi... E no entretanto obsequiou-me em Lisboa, offereceu-me uma ceia nas vespersas de partir, etc., coisas que elle nunca faz a ninguem. O Carlos escreveu-me uma vez, a agradecer-me os parabens que eu enviei ao Pae quando foi feito Ministro. Tinha-lhe dito que em quanto o Pae fosse Ministro *nada lhe pediria para mim*. Pedia-lhe só

que em qualquer reforma, promoção ou movimento, tivesse os olhos postos em mim... Mas *tu* não es *eu*, e por consequencia não ponho duvida em escrever-lhe. Parece-me, porem, que só devo fazel-o depois que o Jose Rey-mão diga alguma coisa. Fariamos assim *convergir as forças d'ataque*, e eu poderia dizer que a tua pretensão era apoiada pelo Governador Civil de Vianna. Enfim, dirás o que te parecer.

Eu tencionava ir ahi brevemente, quer dizer para o principio do anno que vem, se antes a *degringolade* me não obrigar a partir immediatamente. Isto aqui não *rende* quasi nada. Desde Abril até hoje, tudo aproveitado não excede muito a 540 mil reis. D'aqui ate ao fim do anno pode render outro tanto; ora para tres contos de reis, dotação do consulado, faltam apenas dois, que o Governo pagará, *se puder*.

Basta de massada. Recommenda-me a todos

Teu ir. am. ob.

Anto

#### CXXIV

Setembro, 2

Jose

Ha muito tempo que não tenho noticias tuas; não sei se obtiveste bom resultado das aguas das Pedras Salgadas, ou se por infelicidade peoraste dos teus padecimentos. Espero por isso a cada instante carta tua, mas os dias succedem-se e o correio tras-me apenas jornaes.

Se tiveres vagar e a tua saude to permittir peço-te o obsequio de me dizeres a tua opinião sobre o seguinte ponto de direito internacional privado. O Visconde de Soto Maior, Ministro acreditado aqui e na Dinamarca, teve um filho natural em Copenhague, que é hoje official

da Armada dinamarqueza. Deseja elle reconhecê-lo e quer que eu como *notario publico* lhe faça o auto de perfilhação. Tenho porem uma grande duvida a este respeito. Gozando o Visconde, como diplomata, do privilegio da *exterritorialidade*, o filho, se acceitar a perfilhação, perde a sua actual naturalidade, para adquirir a do Pae, ou pode continuar a ser dinamarquez, apesar de não ter o direito de opção, por ser filho d'um Ministro ao serviço do seu pais? Parece-me o caso um tanto delicado e por isso não quero metter mãos á obra sem consultar os mestres. Os livros nada me dizem, porque, como ves, trata-se d'uma hypothese especialissima. D'aqui nada de novo, apenas que começou o inverno...

Recommenda-me ao Pae, Mana, pequenos e amigos.

Teu irmão  
amigo e obg<sup>o</sup>  
Antonio

Stockholmo, 6 de setembro

Mana Emilia

Li hontem n'um jornal d'essa localidade que o Pae estava gravemente enfermo. Telegrapei immediatamente ao Jose, mas são passadas 28 horas e ainda não obtive resposta... Avaliando a inquietação em que estou, aqui tão longe da patria, bem podiam ter a caridade de me responder sem demora. Mas nem cartas, nem telegrammas. Venho por isso pedir-lhe encarecidamente que pelo telegrapho e pelo correio me dê ameudadas noticias do Pae, enquanto eu por aqui tristemente vou fazendo votos pelas suas melhoras. Vou agora telegraphar ao Freitas; talvez como medico e como estranho me responda immediatamente. Não quero encoimodal-a muito com as minhas lamentações, mas antes de concluir sempre lhe rogo que diga a meus irmãos que as noticias d'elles são sempre:

desejadas e bem recebidas. Desculpe-me este desabafo, e com os meus agradecimentos antecipados, creia-me sempre com toda a consideração e respeito

Seu irmão e amigo  
Creado e Obg.<sup>mo</sup>  
Antonio

## CXXV

Setembro, 9

Jose

Depois de ter escripto á Mana lamentando-me da falta de noticias, na situação angustiosa que podes imaginar, recebi o teu telegramma, assignado Feijó o que me fez suppor que não era teu, visto que o Lima dava apenas noticia da chegada da Mana, o que ainda mais me affligia. A minha primeira idéa foi partir; o laconismo do teu telegramma não me deixou a menor esperança. Fiz chamar o Vice-Consul e corri a casa do Soto Maior, mas o Vice-Consul tinha partido com licença para banhos, e quando eu me dispunha a entregar a Chancellaria ao Consul Brasileiro, recebi um bilhete do Ministerio dos Negocios Estrangeiros pedindo-me uma visita para o dia seguinte *sobre negocios de serviços*, e um aviso para despachar um navio para São Thomé! Passam-se mezes em que ninguem me procura mas a fatalidade perseguia-me. Resolvi-me por isso a esperar resposta ao telegramma que dirigi ao Freitas. Chegou hontem de manhã; desolador como o teu, mas deixando entrever alguma esperança. Conhecendo a enfermidade, e sabendo a sua gravidade, mudei de resolução, porque de certo em dez dias (oito pelo menos), necessarios para chegar ahi, ou as melhoras se acentuavam, ou então a minha viagem torna-se duplamente dolorosa. Hoje recebi o teu telegramma, expedido

hontem. Não me desfez a esperança que me trouxe o telegramma do Freitas, mas em nada a augmentou, e por aqui continuo na mais triste e afflictiva situação, sem ter ninguem com quem desabafar na nossa lingua. O Soto Maior está velho e quasi imbecil. Adeus, manda sempre noticias em carta e pelo telegrapho, como puderes.

Teu irmão  
amigo e òbgº  
Antonio

## CXXVI

Setembro, 12

Jose

Depois da tua carta de 4, recebida no dia 10, e telegramma do dia 8, chegado aqui ás 8 horas da manhã do dia 9, não tive mais noticias o que me leva a crêr que a enfermidade continua no mesmo estado agudo. Compreendendo bem o teu estado de espirito e as difficuldades e embaraços em que te deves encontrar; mas a minha situação, a tão longa distancia, sosinho, sem noticias e sem amigos, n'uma incerteza constante, não é coisa para invejar, e se tivesses tempo e cabeça para pensar n'ella talvez me telegraphasses mais ameudadas vezes.

Antes de receber a tua carta, como o Freitas me dizia qual a doença do Pae, e sabendo da epidemia que ahi reina, adivinhei que foi a maldita *influenza* mal curada ou desprezada pelo lamentavel abandono a que o Pae voluntariamente se entregou. Emfim, que se lhe ha-de fazer? Deus o melhore depressa, e nos poupe d'uma grande desgraça.

Pela falta de noticias começo tambem a suppor que tenhas adoecido. Diz o ditado que um mal nunca vem só, e todas estas idéas põe-me n'um estado que não poderei

supportar por muito tempo, e se a doença do Pae se demora, sempre com a mesma gravidade, qualquer dia appareço ahi inesperadamente. Muitas lembranças a todos do

teu irmão  
e amigo obg<sup>o</sup>  
Antonio

Stockholmo, 18 Sbro 1891

Mana;

Muito obrigado pela sua carta do dia 13, que recebi agora. O ultimo telegramma do Jose e um outro posterior do Freitas tranquillizaram-me completamente. Não pode porem avaliar a triste situação em que me vi n'estes ultimos 15 dias; perdoe-me por isso as lamentações da minha carta anterior; eu não podia adivinhar o motivo porque me não davam noticias expondo-me a recebê-las pelos jornaes.

Vejo com magua que os nossos velhos palacios do Pinheiro estão transformados em hospitaes, ainda que pelo tom da sua carta alimento a esperança de que a doença do Jose não seja coisa de gravidade. Pela minha parte agradeço-lhe reconhecidissimo os cuidados que tem dispensado a meu Pae, que ainda é feliz por ter na familia quem o trate com dedicação e carinho. Eu, se adoecer por aqui, estou destinado a receber os serviços de qualquer irmã de caridade, que no intervallo dos remedios me fará leituras da Biblia para me converter ao protestantismo. Não va porem assustar-se com esta prespectiva; estou, graças a Deus, são como um pero, e como com appetite de elephante. Veja por isso se inventa algum novo pastelinho para a noite de Natal, em que espero encontrar-os a todos com saude e alegria. Sempre que tiver vagar peço-lhe que dê noticias dos doentes, não se esque-

cendo tambem do pobre Padre Manoel, que segundo uma carta do Jose, estava tambem muito mal.

Recommende-me muito ao Pae, Jose, Julio e pequenos e dê sempre as suas ordens, ao que é com toda a consideração e respeito

seu irmão amigo  
e mtº obgº  
Antonio

## CXXVIII

Setembro, 22

Jose

Está um frio de rachar, e como os fogões ainda se não accenderam e as janellas ainda não estão calafetadas, é com bastante sacrificio que hoje respondo á tua carta de 16, chegada n'este momento. Gastou seis dias na viagem, naturalmente porque expedida d'ahi na vespera do *sud-express*, que parte de Lisboa duas vezes por semana. Em trem ordinario não pode gastar menos de 8 dias, porque só de Paris aqui, em expresso, gasta 3 dias. Portanto, a minha carta de 9 chegou depressa porque apanhou o *sud-express*; o que não sei explicar é a demora na do dia 2 que mandei pôr no correio apenas a escrevi. Como ha muitos dias não tenho tido noticias d'ahi, ia hoje telegraphar para saber se havia alguma novidade quando recebi a tua carta. Avalio bem os trabalhos e torturas que deves ter passado, mas o que não tem remedio remediado está. Logo que ahi chegar vou esforçar-me ainda por convencer o Pae a abandonar o solar do Pinheiro, se continuar na sua insistencia que já parece teimosia infantil, estou resolvido a tomar medidas extremas: untar de petroleo o solar e, como Nero do Capitolio, assistir de casa do Pisão, não sem algumas lembranças saudosas, ao incendio do *escriptorio* onde apanhei os primeiros e

unicos bolos da minha vida! Verás que não é simples declamação. Tenho na cabeça uma leiva de socialista, e para fugir a alguns incommodos artigos do Codigo Penal, começarei pelo solar os meus exercicios incendiarios. Mas deixemos isto. Folgo com a noticia do teu restabelecimento e com as melhoras do Pae. N'essa enfermidade se o derrame não é purulento (o que logo seria conhecido) o restabelecimento é certo, embora as consequencias sejam duradouras e ás vezes funestas. Mas este caso dá-se quasi exclusivamente com a gente moça. Portanto, tende paciencia, e vede se o obrigaes a tomar os remedios. Parece incrivel uma tal repugnancia! E o Padre Manuel, melhorou?

Agradeço as tuas informações juridicas, ácerca do meu caso. O advogado João Tavares de Medeiros (conheces?) esteve aqui de passagem, vindo do Congresso Penal de Christiania e disse-me que era um caso *complicadissimo*. Faz-me tal susto, que eu resolvi, para evitar duvidas, dizer ao Soto Maior, que consulte particularmente o Ministro dos Negocios Estrangeiros da Dinamarca e d'esta forma desfazem-se todos os inconvenientes. Já viste o Antonio Lisboa? Escrevi-lhe logo que soube da sua chegada mas não me respondeu. Coitado teve umas ferias bem tristes... Peço-te que dê noticias ameadadas do Pae e de todos, a quem muito me faço lembrado

Teu irmão e  
amigo mtº obgº  
Antonio

CXXVIII

Setembro, 29

Jose

Como as más noticias correm depressa a tua carta de 20 chegou aqui em 5 dias! Telegraphei-te immediata-

mente. Da resposta vejo que a Mana está melhor mas que o Pae continua mal, o que me põe n'uma situação deploravel. Comprehendo que não tenhas tempo para escrever longas cartas, nem cabeça para pensar em tudo, mas duas palavras apenas *está melhor ou peor* n'um simples bilhete postal todos os dias, seriam bastantes para mim e ate o Salvato podia encarregar-se d'esse trabalho, ou o Julio, se o seu egoismo lhe permittisse esse ligeiro encommodo. Desde o começo da doença do Pae não recebi dahi noticias, a não ser duas cartas tuas, que não fossem provocadas por mim. Ora isto não é justo — duas palavras apenas n'um bilhete postal, não me parece coisa muito penosa.

Estimo do coração, que esta carta va encontrar o Pae melhor e a Mana já restabelecida, Que Deus se amerceie de nós... Desculpa estes desabafos e dá noticias tuas e de todos ao

Teu irmão  
amigo e obg<sup>o</sup>  
Antonio

## CXXIX

3 d'outubro

Jose

Recebi hontem uma carta do Freitas. Remetto-fa para que a leias ao Pae se por felicidade o seu estado ja lhe permite ouvir as queixas do medico. Talvez que ellas juntas ás nossas, consigam adoçar-lhe um pouco a sua inexplicavel teimosia. Deus se amerceie de nós e o melhore depressa. Ainda não respondi ao Freitas, tão desorientado e envergonhado fiquei com o que elle diz. Rogo-te

encarecidamente que mandes noticias. Ha mais de 8 dias que não recebo cartas tuas. Lembranças a todos do

Teu irmão  
amigo e obg<sup>o</sup>  
Antonio

CXXX

Outubro, 16

Jose

Tem-me faltado a paz d'espírito necessaria para responder á tua carta, recebida ha dois dias. O telegramma com a triste noticia chegou aqui no dia 8 pela manhã. Não preciso de te dizer a magua que me causou, tanto mais profunda quanto inesperada. Apesar das tuas apreensões manifestadas na ultima carta, apesar das noticias desoladoras do Freitas, onde a minha illusão via um pouco o despeito do medico que se vê desobedecido e maltratado até — nunca me convenci d'este tristissimo desenlace. A circumstancia mesmo do nosso Pae se recusar a tomar medicamentos me fazia suppor que o seu estado não era ainda desesperado, porque o naufrago amarra-se a todas as tabuas de salvação. Convalescente da pleurysia, da qual nunca imaginei que escapasse, alimentava a esperança de que a sua robustez o salvasse d'uma enfermidade que me parecia menos grave. Enganei-me infelizmente nos meus vaticinios, e a minha magua é muitissimo maior por não ter partido. Não chegaria a tempo de o encontrar com vida, a julgar pela data em que recebi a carta do Freitas, mas evitava este isolamento em que me vejo nesta grande dor da minha vida. Não imaginas a situação em que me encontro. Ha oito dias que não vejo ninguem — o Soto Maior esta doente e os simples conhecidos deixam o seu bilhete á entrada da porta. Recebo apenas duas vezes por dia a visita da creada que me vem dar o

comer e com a qual não posso fallar porque sei apenas dizer na sua lingua as coisas indispensaveis para não morrer de fome. A isto ajunta a surdez quasi completa do ouvido esquerdo, devido não sei a quê, e perturbações constantes na vista, de que estou soffrendo ha muito tempo e que me causam serias apreensões, e poderás fazer uma idêa aproximada da situação em que me encontro. A vida é uma coisa bem triste mas a gente não pode consolar-se da morte d'aquelles que veneramos. Nosso Pae podia ainda viver muitos annos, como tu dizes, se não fosse a sua obstinação em viver privado de todas as commodidades, sem ter necessidade d'isso. Mas quem sabe? Prendiam-no muitas recordações á velha casa do Pinheiro e talvez que o seu abandono o matasse mais depressa. Causava-nos um grande desgosto a situação em que voluntariamente se collocou. Mas se reflectirmos bem devemos abençoar essa obstinação intransigente que não sedia a rogos nem a razões. D'essa força de vontade, d'essa tenacidade manifesta em todos os seus propositos, que constituia o fundo do seu character é que derivaram as suas grandes virtudes. Sem ella não se teria devotado por nós até ao sacrificio, ou teria desanimado antes de ver coroados os seus esforços. Só uma vontade heroica era capaz de realisar os prodigios que elle fez com tão insignificante fortuna. Tenho necessidade de desabafar com alguém, de dizer como foi honrado e nobre o bom Pae que perdemos. Perdoa-me por isso se estou a avivar as tuas maguas, contando-te as minhas. Á distancia a que me encontrava e na situação em que me vi, não tendo meio nenhum de alliviar o meu coração de filho reconhecido para com o Pae que tantos sacrificios fez por mim, telegraphiei-te pedindo-te que em meu nome distribuisses em esmolos cincoenta mil reis os quaes te remetteria por uma letra. Logo que sahir de casa irei a um banco compral-a. Procedendo assim, não fiz a injustiça de suppor que não tinhas essa quantia ou que te faria falta. A minha idêa era outra. Desejo que esse dinheiro

saia do meu bolso, que seja *ganho por mim*. Não te disse que fizesses essa distribuição caladamente porque tinha a certeza de que tu adivinharias os meus sentimentos. Não disponho de muito dinheiro n'esta occasião, mas esse pequeno sacrificio consola-me um pouco. Se for do teu agrado, peço-te que me guardes com todo o cuidado o tinteiro de louça que o Pae guardava na sua escrivaninha. Desejo conservar essa recordação, já que nem sequer ficamos com um retrato d'elle. Isto, repito, se for do teu agrado, quer dizer se o não desejares para ti, porque é a ti que elle deve pertencer. Não posso escrever mais. Escreve-me tu e dá-me noticias mais detalhadas da sua morte e dos seus ultimos momentos.

Um abraço para todos do

teu irmão  
amigo e obg<sup>o</sup>.  
Antonio

P. S. (Confidencial)

Desejo responder ao Freitas mas não quero fazelo sem que me digas se o seu procedimento foi em tudo caritativo e conveniente.

Antonio

CXXXI

Sabbado 17

Jose

Acabo de receber a tua carta do dia 10. Pela minha anterior poderás perfeitamente deduzir a resposta. Essa idéa de distribuir as esmolas no cemiterio, com missa, causar-me-ia um profundissimo desgosto, pondo-me a par de qualquer merceeiro ignobil sem a menor delicadeza de sentimentos. Mas eu tinha de antemão a certeza de que tu não permitirias tal cousa e foi por isso que no meu telegramma te não dei indicações mais precisas. Concordo em que a distribuição seja feita pelo Prior, que é um homem de bem. Recommenda-lhe no entanto que ouça o

Padre Ant<sup>o</sup> Pereira, que é meu amigo, e conhece talvez melhor os verdadeiros pobres. Desejo que em primeiro logar sejam contemplados os visinhos. Logo que sahir de casa, como te disse, irei comprar a lettra para te remetter. Não o tenho feito ainda porque só hontem sahi de casa mas de noite. Não tenho tido coragem de ir á rua de dia, porque aqui o lucto é andar de gravata e casaca branca. Não ha periodo de recolhimento e pouco se importa esta gente com os que vão.

Tenho recebido cumprimentos e telegrammas das pessoas das minhas relações de Lisboa e Porto, ate do meu Chefe, C. de Valbom; mas nem um unico patricio, alguns dos quaes tenho servido e favorecido em occasiões difficeis, se lembrou ainda de me mandar um simples cartão, exceptuando o Conde de Aurora, ou antes a mulher, porque a letra do cartão é de mulher. Desejo por isso saber se o João Pereira do Cabrão, se apresentou ahi, como devia. Sempre disposto a massacrar-me com pedidos, ainda não teve duas linhas para me escrever. Pois dois dias depois do fallecimento de nosso Pae ainda eu recebia uma carta d'elle pedindo-me que valesse ao filho no exame de habilitação na Escola do Exercito. Tenho lá dois professores que são meus amigos dedicadissimos. Deixaram-o passar no 2<sup>o</sup>. anno dizendo-lhe passa pela *tangente* por ser primo do Feijó. Pois o Pae sabe d'isso e ainda se não deliberou a mandar-me um bilhete. Mas não é só elle. Ha outros e eu cá os espero.

Dizia-te que tencionava ir ahi no Natal, e effectivamente esses eram os meus desejos. Agora não sei o que farei. No entanto preciso de sahir algum tempo d'aqui, para tomar ar, e ou em Dezembro ou em Janeiro (no fim) conto sahir d'aqui.

Agradeço os cumprimentos da Mana e do Julio, e retribuo-os affectuosamente

Teu irmão  
am<sup>o</sup> e obg<sup>o</sup>  
Antonio

CXXXII

Outubro, 30

Jose

Ha muito que não recebo noticias tuas, mas não tenho estranhado porque desde que principiou o inverno cessaram os expressos e as cartas gastam oito ou nove dias a chegar aqui. Com esta carta remetto-te uma letra sobre Londres, que podes descontar em qualquer banco, do valor de 10 libras esterlinas o que ao cambio do dia prefaz a quantia de 53:000 rs. Se houver porem qualquer differença, proveniente da oscillação cambial, avisa-me para regularisar a *operação*. A letra é pagavel em oiro, ou em papel pelo cambio official.

De mim pouco tenho que te contar. Continuo mal do ouvido e parece que com uma doença que se não é grave, é pelo menos difficilima de curar. Estou entregue a um grande especialista, mas ainda não descobriu a doença. Dos olhos não vou peor — as perturbações são periodicas e passam se ás vezes muitos dias sem sentir nada. Mas tenho graves apprehensões porque a todo o instante me lembro de nosso Pae

Recommenda-me á Mana e aos pequenos

Teu irmão  
amigo e obg<sup>o</sup>  
Ant<sup>o</sup>

CXXXIII

Novembro, 1

Jose

Acabo de receber as tuas cartas de 24 d'outubro. Hontem remetti-te uma letra de 10 libras sobre Londres e quanto á distribuição d'este dinheiro ficamos perfeitamente

d'accordo. Nada tenho a acrescentar. Não me expliquei convenientemente quando me referi á falta de cumprimentos recebidos de Ponte de Lima. Effectivamente as pessoas, conhecidas ou indifferentes que se inscreveram em casa ou na egreja, estão perfeitamente desobrigadas para comigo. Mas os amigos, os intimos, aquelles a quem eu tenho telegraphado quando lhes morre algum parente, ou escripto cartas muito affectuosas — tinham obrigação de me pagar na mesma moeda. Assim é que de Ponte de Lima esperava receber carta ou telegrammas ou melhor, noto agora que me não tenham escripto ou telegraphado o Conde de Calheiros, o Antº Lisboa e o João Gomes (a D. Maria da Gloria não se esqueceu). Quanto aos gazetilheiros, o nosso mais profundo despreso. O Joaquim Lemos que costumava mandar-me o *Lima* ha muito que me suspendeu a remessa, talvez de proposito para que eu não visse a mesquinhez com que noticiou o fallecimento do nosso Pae. Paciencia. Cá os espero, a todos. Mesmo para os mais altamente collocados, chega ás vezes a maré de um pobre diabo como eu. E não fallemos mais nisto. Do meu estado ja hontem te fallei, continuo na mesma. Não posso attribuir isto ao clima, porque se sente aqui menos frio do que ahi. Desde meados d'outubro que já estamos calafetados. Hoje, dia de todos os santos está um dia resplandecente. Tenciono ausentar-me d'aqui no fim de Dezembro, depois do Natal. Muitas lembranças á Mana e aos pequenos e um abraço de teu irmão e amigo e obgº

Antº



## CXXXIV

Novembro, 16

Jose

Já te expliquei n'uma das minhas cartas anteriores o motivo porque presisti em te mandar a letra. Sei perfeitamente que estás habilitado para desenvolver essa somma e muito mais, mas eu desejava que as esmolas fossem distribuidas com dinheiro *ganho por mim* e enviado d'aqui. Relativamente á administração e partilha dos bens deixados por nosso Pae nada acrescento ao que te disse o Julio — tens da minha parte carta branca para fazeres o que julgares melhor. Nada entendo d'esses assumptos, e a minha vida sempre *no exilio*, não me permite dedicar-me a elles. Creio que te deixei em tempo uma *procuração bastante*, para administrar, vender, etc., etc. Se ainda está válida, muito bem, se não está mando-te outra, enviando-me tu a respectiva minuta se for preciso. Com relação ao campo de Goães agrada-me a noticia que me dás; mas devo dizer-te que o primitivo comprador tinha entregue por conta uma quantia, duzentos mil reis, creio, como signal. Segundo o Codigo (perdôa se digo asneira) o homem perdeu o direito a esse dinheiro ou a essa parte d'elle, por não ultimar o contracto no tempo competente; eu porem não quero de maneira nenhuma prevalecer-me d'esse direito, e se venderes o campo a outro peço-te que restituas o dinheiro ao primeiro comprador, que não sei quem é, mas que supponho algum pobre lavrador da freguezia. Exige-lhe apenas o pagamento das pensões. Para nós acima da Lei, que é muitas vezes barbara, está a Equidade, e o pobre homem se não comprou o campo é porque não arranjou dinheiro para isso. Estou convencido que a este respeito pensas como eu e por isso *não ponho mais na carta*.

Com referencia á reforma dos Estrangeiros nada te posso dizer que tu ignores n'este momento. Eu fico como estava, apenas com a expectativa de ser em breve Encarregado de Negocios, o que com mais algum dinheiro me dá todas as honras de Chefe de Missão. Sempre é melhor do que ficar toda a vida Consul. Ainda não conheço a reforma, mas creio que com os cortes que fizeram, em nada me podiam mais favorecer. De resto eu não quero sahir d'aqui, porque, ainda que ande com duas lanternas em cada mão por todo o mundo não encontro Consulado melhor, porque não tenho nada que fazer nem cidade mais bonita, nem mais commodidades por tão pouco dinheiro. Como te disse nada pedi ao Valbom para o não por em embaraços. Disse-lhe apenas que desejava ficar aqui, porque sempre foi minha idêa ser o *successor* do *Soto Maior*. Como Encarregado de Negocios entro para o *rang* dos Ministros; e como Consul, mesmo Geral, ate os secretarios da legação gozavam de consideração superior. Nada me importam estas coisas de vaidade, mas sendo Encarregado de Negocios não me sera muito difficil, mais tarde, em melhores circumstancias pecuniarias, fazer-me nomear *outra coisa*.

Assim fico sendo o mesmo que era o Mateus Barbosa ou irmão que ahi chamavam Embaixador em Constantinopla quando elle era apenas *Encarregado de Negocios e sem vencimentos*.

Não sei ainda quando irei. Naturalmente no fim de Janeiro. Desejo passar aqui o inverno por varias razões; a primeira, e a principal, é que começo a fallar a língua um pouquinho, e portanto, se saio agora d'aqui, quando regressar tenho de voltar ao *abc*, e com mais tres mezes devo fallar com desembaraço. Ler e escrever... nem com mais dois annos! A segunda razão — não te rias — é para me livrar d'esse horrivel frio de Vianna do Castello e d'esse inverno chuvoso de Portugal. Nunca aqui tive os pés frios, a não ser n'alguns dias do outomno. Hontem cahiu a primeira nevada mas o termometro ainda não

desceu a zero. Todo o mez d'outubro esteve lindissimo. Sol resplandecente e 7 graus de calor. Depois do Natal não chove mais. Sempre sol e ceu claro. De resto todo o agazalho e todo o conforto. As casas são admiravelmente aquecidas por um processo engenhoso e altamente economico. Ha termometros em todas as salas e corredores, e os creados são tão peritos nesta arte, que conservam todo o dia e toda a noite a mesma temperatura, a gosto do patrão. Eu contento-me com 17 graus — o que me permite estar em casa com uma roupa de verão e dormir apenas com um ligeiro edredon. À rua não se vae sem se ver o termometro que todas as casas tem ao ar livre, e conforme a temperatura e o vento, assim se sae de sobretudo ou de pellica, de galochas e cara tapada, etc. etc. As casas tem duas ordens de vidraças, que são minuciosamente calafetadas como os navios e duas ordens de portas. Em summa não se sente sombra de frio. E no entanto é grande. Quando aqui cheguei em Março o halito que expellia pelo naris gelava immediatamente e crystalisava como um vidrilho. Quanto ao meu ouvido não vou melhor. O medico não sabe o que é e eu vou abandonal-o porque me parece um explorador. Desconfio que seja catarro, porque o tenho sempre na garganta, desde que em Novembro do anno passado tive essa formosa inflamação para que — Meira receitava Êmulsao de Scott.

Recommenda-me á Mana e aos pequenos

Teu irmão e amigo  
Anto

P. S. O Jose Malheiro nunca me respondeu nem mandou pesames. Entre os papeis de nosso Pae que elle guardava no presepio, no escriptorio, existem alguns documentos genealogicos interessantes e até de valor historico, como a petição d'um nosso avô ao Rei sollicitando uma indemnisação pelas despesas que fez com a viagem

do filho a Alcacer Kibir, onde morreu etc., etc. Lembro-te isto para que não deixes perder essas coisas que se não valem dinheiro são honrosas para nós.

teu  
Antº

P. S. Ainda a este respeito, vou contar-te uma descoberta que fiz. Em repetidas buscas que fiz na Bibl. de Lisboa, descobri um manuscrito do Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha com a genealogia dos *Feijós Correias, de Ponte de Lima*. Vae até ao 15º avo e é bastante minuciosa. Desnecessario será dizer-te que a copiei.

CXXXV

Novembro 19

Jose

Recebi hoje o «Diario do Governo» com a reforma dos Estrangeiros. No meio d'uma grande carnificina escapei são e salvo graças a um § unico que o Carlos lá metteu. Como te disse não lhe pedi coisa nenhuma, e o que tem mais graça é que escrevendo-lhe ha dias para lhe pedir informações sobre a reforma, emitia a minha opinião a respeito de Stockholmo e da minha situação, dizendo lhe para que fizesse de mim o que quizesse, — e vae elle responde-me que tudo o que eu dizia era *o que estava feito precisamente*. Vejo que é amigo sincero, porque de mim não pode esperar o menor favor. E accusam-o de falso, vê como são as coisas. Naturalmente exigem que seja amigo de toda a gente! Fico por enquanto na situação em que estou, apenas com mais 100:000 reis d'ordenado, se bem comprehendi a lei; mas á morte do Soto fico com 3:600\$000 e se obtiver a promoção a 1º official, o que espero, porque tenho serviços extraordinarios, se não já na 1ª occasião, fico com 3:900\$000,



era tarde, e aqui estou desde então tossindo como um  
(?) Quanto às minhas graves preocupações nada tem que ver com ellas a imaginação. Nunca tive medo de morrer e a idêa de deixar este mundo d'um instante para o outro nem sequer exerce a menor influencia sobre o meu apetite. Não me parece que a vida seja uma coisa tão boa que valha a pena choral-a. Do que eu tenho medo é de estar doente ou ficar inutilizado, porque não sei ainda se nessas condicções terei força precisa para por ponto final. Ora a minha doença de ouvido não é coisa de que se morra, nem que me impeça de trabalhar e diverti-me, se não augmentar. Pode trazer como consequencia a surdez. Mas, que diabo! o Ant.<sup>o</sup> de Magalhães era surdo e nem por isso os seus patricios *deixam de querer* levantar-lhe uma estátua. Mas os olhos? Posso muitissimo bem ficar cego. Não temos por ventura razões de sobra para fundamentar esta apreensão? Ora é para estas eventualidades que eu quero segurar a minha vida por dez annos. Creio porem que na minha carta anterior me não expliquei bem. O que eu pretendo é fazer um seguro *para mim*, não morrendo dentro de dez annos. Seria ridiculo se eu soffresse todas as torturas do celibato para me preocupar com o futuro dos meus herdeiros. Creio mesmo que se os tivesse *bem legitimos* lhes não daria essa honra. Cada qual que se arranje conforme puder; a vida são dois dias e não vale a pena a gente agoniar-se.

Não conheço porem detalhadamente os estatutos e regulamentos da Companhia. Vou escrever para New-York a pedir esclarecimentos.

Quanto aos teus filhos, vejo pelas noticias que me dás que como Papá és do genero chamado lamecha, extremamente inclinado á ternura. Em primeiro logar não me parece sufficiente o simples ensaio d'alguns mezes para avaliar do aproveitamento do Salvato, que sem habitos d'estudo nem uso de pensar, não poderia em tão pouco tempo mostrar qualquer progresso. Quanto á alimentação pergunto-te só: conheces algum rapaz que ao voltar do

collegio não diga que lá se morre de fome? É sempre a mesma palinodia, mas os paes *inclinam-se á ternura*, coitadinho do menino, e deixam-no ficar em casa onde, por todos os motivos não pode aproveitar. Eu não tenho a tua opinião sobre a capacidade do Salvato, mas mesmo que eu me engane, e tu tenhas razão, para aprender linguas — portugues e frances — não é preciso ter intelligencia nenhuma, basta um pouquinho de memoria, coisa que todas as creanças teem. Conheço individuos incapazes de fazerem um juízo, por mais simples que seja, e que fallam 3 ou 4 linguas. Conheço mais: o filho do riquissimo banqueiro do Rio, Gryce, de 20 e tantos annos de idade, pediu-me um dia muito intrigado se eu lhe dava uma copia para uma carta de parabens que elle queria escrever ao futuro sogro (era noivo, o animal) no dia dos seus annos. Pois este sujeito que não tinha idéas para escrever uma carta tão simples — fallava e escrevia 7 linguas! Era conhecido mesmo por esta singularidade. Como diabo é que o Salvato não poderá aprender o francês? Enfim, continuo a aconselhar-te o collegio, e não tenhas medo que elle morra de fome, *porque nunca tal aconteceu* apesar do clamor de todos os collegiaes contra a alimentação. Demais, se elle frequenta as mesmas aulas com o Aleixo, e este sabe mais do que elle, convem separal-os immediatamente porque isto é desmoralizador. Logo que o rapaz tenha um bocado de tino e pense na sua situação, desgosta-se por completo, e depois não ha obrigar-o a pegar n'um livro. Foi o que succedeu com o Alfredo e o Ant.<sup>o</sup> Lisboa. Estudavam juntos sempre. O Ant.<sup>o</sup> aprendia as lições n'uma hora. O Alfredo não podia fazer o mesmo. Consequencias que tu conheces. Não me parece indispensavel que o Salvato seja doutor, mas é preciso que elle aprenda alguma coisa, sobretudo linguas. Se eu tivesse aprendido o ingles não me tinha visto nas dificuldades por que tenho passado. Espero porem que não morrerai sem o fallar. No sueco ja arranho menos mal, mas nem podes imaginar como é difficil. Basta dizer-se

que tem casos como o latim e que a construcção é toda transposta. No entanto já fallo melhor que o Soto Maior. Quero dizer não posso *conversar* n'essa lingua, mas sei dizer tudo o que quero e comprehendo tudo o que me dizem.

Para veres o aspecto dessa lingua escripta, mando-te esse convite para um casamento que recebi ha tempos e que encontrei agora aqui sobre a mesa — por accaso.

Quanto á reforma, continuo nas mesmas ideias. Não obtendo collocação muito perto acho que deves abandonar a carreira. Por muitos motivos, mas um sobretudo deve ter para ti grande peso: tens a certeza de que te nomeiam juis apenas completos o tempo necessario? E preciso todo o cuidado com os senhores que não tem consideração senão pelos trunfos eleitoraes. O merito e a honestidade são coisas para elles sem valor. Li por alto a reforma, e não faço idéa exacta do seu alcance, porque não sou entendido na materia. Se porem o seu valor intrinseco corre parellas com o seu valor litterario, a reforma deve ser lamentavel. Nunca vi nada tão mal escripto e ate com tantas calinadas. Parece do Arroyo ou do João Franco. Vi por lá trechos d'ouro como este: o numero de comarcas será o mesmo enquanto não for modificado. Isto equivale a dizer: o tempo esta bom enquanto não chove. Esse Moraes Carvalho sempre o tive na conta d'um insignificante não sei porem se estou em erro no meu juizo. Ainda o considero porem abaixo do Arroyo e do João Franco.

Ja vae longa esta carta e a tosse apoquentame de rijo. Desejo-te saude e boas festas. Lembranças a todos do

teu irm e ob.

Antonio

## CXXXVII

Janeiro 15

Jose

Sinto deveras os teus encommodos e faços votos para que esta carta te encontre inteiramente restabelecido. Eu ainda continuo doente. Creio que alem da bronchite *choquei* a influenza e sinto-me debilitadissimo. O medico para me fortalecer receitou-me *arsenico*, mas pensando que eu era um bruto como os suecos, deu-me uma tal doze que me envenenou e estive durante dois dias muito encommodado. Foi o accaso que me salvou. Tive uma sincope deante d'um official que veio visitar-me. Quando me reanimei contei-lhe que no dia anterior, á noite tinha tido duas quasi a seguir. Vae elle e diz-me: tem voce muitas coisas pintadas no seu quarto de dormir? Respondei-lhe que não, que tinha apenas pendurado no tecto um guardasol chinez, vermelho e azul, de cujo cabo pende uma lampada. Diz-me elle, talvez seja d'isso; n'essas pinturas costuma haver arsenico e um dos symptomas do envenenamento pelo arsenico é o desfallecimento egual ao que V. teve. E eis como descobri o caso, que não era do guardasol, mas da droga que o medico me receitou. Suspendi a terrivel bebida e as syncopes desapareceram immediatamente. Ora aqui tens os brutos em cujas mãos uma pessoa entrega a sua vida. Não me admira por isso a divergencia entre o Freitas e o Meira a teu respeito. Para mim o Meira não era capaz de inventar a polvora e por isso eu decidia-me pelo Freitas eu chamava-os ambos a capitulo e convidava-os a porem-se d'accordo pelo bom nome da sciencia que professam. Mas se tu hesitas entre os dois, n'esse caso, a respeito do vinho que debes usar, adopta a politica de Luis Philippe — o *juste milieu*. O verde é acido, o maduro alcoolico — bebe colares. Nem é tão acido como o verde nem tão alcoolico como o

maduro, e talvez te faça bem. Ensaia e trata da vida, que é o principal. Eu tenciono partir no proximo Fevereiro. Ainda não sei porem como farei a viagem, porque isso depende do meu estado de saude. A influencia tem feito aqui terriveis estragos. Felizmente o frio chegou e com elle parece ter melhorado o estado sanitario. Lembraças a todos e dá noticias a teu irm am obg

Antonio

CXXXVIII

Lisboa, 12 de março

Jose

Cheguei hontem de Paris pelo sud-express, ainda doente. O medico mandou-me partir, dizendo-me que só o sol da minha terra poderia curar-me. A minha doença, não fallando na enfermidade da garganta que felizmente é accidental, reduz-se a uma simples *mas profunda* perturbação nervosa, causada por mil razões — desgostos, isolamento, clima, sobreescitação intellectual d'excessivas leituras, etc., etc. De forma que todos os meus receios se desvaneceram, e só com os ares da Patria, apesar do mau tempo já me sinto melhor. Dentro de poucos dias ahi estarei, com esperança de chegar inteiramente bom. Muitas lembranças de todos e até á semana

(Hotel Borges)

Teu irmão amigo  
e obg°  
Antonio

## CXXXIX

Lisboa, 19 de Março

Jose

Muito obrigado pela tua carta e pelos teus offercimentos. Ainda não tenho dia marcado para a partida porque a minha garganta não quer curar-se de todo. Estou ameaçado de ficar com uma amygdalite chronica. Alem d'isso tenho medo que ainda esteja muito frio por ahi, e eu preciso immenso de sol e de calor. Não demorei no entanto muito tempo por aqui. A minha doença é causada pelo mesmo motivo que produz as tuas colicas e a tua pedra na bexiga — a diatese arthritica. Em mim, a mudança de clima, a alimentação quasi exclusivamente composta de *salaisons* e o alcool que é indispensavel ingerir antes e depois de comer, produzia-me a tal erupção hepatica, que primeiro me atacou os bronchios e agora a garganta tendo-me coberto o corpo de papulas vermelhas como um siphylitico.

Felizmente vou melhor mas não me curarei radicalmente sem uma estação d'aguas. Até breve. Lembranças á Mana e pequenos.

Teu obg  
irmão am de  
Antonio

P. S. Não repares n'este papel *todo liró*. Foi um presente que me deram.

CXL

Lisboa, 30 de março

Jose

Ja sabia pelo Zé Triste que o teu silencio não provinha de falta de saude porque me disse que ao sahir de Vianna tinhas ficado completamente bom. Eu estou com muita vontade de ir ahi, mas como me encontro muito melhor não quero interromper o tratamento para me ir meter nas maos do Moura que ha tempos me receitou emulsão de Scott. Estou-me tratando com o meu melhor amigo, contemporaneo e antigo companheiro de casa, com uma efficacia e resultados extraordinarios. Mas quem descobriu a minha molestia, não foi elle, nem o sueco, nem o medico em Paris, — foi o Queiroz Velloso. Demoro-me por este motivo ainda algum tempo. Espero porem estar dentro de pouco em condições de ir ver a semana Santa a Ponte de Lima.

D'aqui nada te posso contar. Deito-me ás 11 horas regularmente e não tenho ido a nenhum centro de palestra. Imagina tu que só hontem é que fallei ao Ministro dos Estrangeiros. Mas *a vida de Lisboa* nenhuma alteração soffreu. Os theatros estão sempre atulhados, ha mais carros particulares ainda, e ate mulheres mais bonitas e novas (casas?) caras segundo dizem... Estive duas vezes com o O. Martins, mas nada me disse da situação nem eu lhe perguntei. Muitas lembranças a todos e até breve

Teu irmão am<sup>o</sup>  
Ant<sup>o</sup>

P. S. O Julio escreveu-me ha dias offerecendo-me a sua casa. Respondi-lhe immediatamente, mas já lhe não

conhecia a letra porque ha um anno que me não dava noticias, nem mesmo quando afflicto lhas pedia por telegramma.

## CXLI

Berlim, *den* 21 de Outubro 1894

Jose

No instante em que partia para Copenhague recebi uma carta da Julia Malheiro, datada de Braga, pedindo-me para recommendar ao Bernardo Pindella uma petição que ella dirigia ao Ministerio da Guerra sollicitando uma pensão, com o fundamento na morte do irmão *de doença* adquirida no Cordão Sanitario. Perdi a carta com as pressas da partida e não posso por isso responder-lhe directamente. Rogo-te por isso o obsequio de lhe dizeres que eu não posso satisfazer o seu desejo. Tenho pedido tantas cousas ao Bernardo que não posso nem devo encommoal-o mais. É abusar. Alem de tudo a pretensão da Julia não tem o menor cabimento. Em todo o caso podes dizer-lhe que como eu chego a Lisbôa brevemente verei se por qualquer modo posso favorecer o seu desejo. O nobre Herculano é que me parece um *reverendissimo pulha* mas ha-de ouvil-as bonitas da minha bocca.

Vim a Berlim para ver o Vicente Pindella. Cheguei hontem e parto amanhã para Londres. O Vicente tem-me obsequiado da maneira mais captivante.

Muitas lembranças á Mana e pequenos

Teu irmão e am°  
Antonio

## CXLII

Dezembro, 25

Jose

Dia de Natal. Desejo-te muito boas festas e a toda a familia. As minhas não foram boas nem alegres. A repetição dos mesmos padecimentos com uma regularidade periodica d'eclipse, começa a inquietar-me seriamente porque já não sei que formula hei-de adoptar para os combater. Estou saturado de drogas; o estomago já se resente e o formidavel appetite que sempre tive e que me tem salvado principia a faltar-me. Em summa, seja o que Deus quizer. Sei que estás restabelecido dos teus encommodos porque li ha tempos na Aurora do Lima a noticia do teu reaparecimento no tribunal. Não tenho escripto por ter andado muito occupado e preocupado com mil coisas. Demorei-me muito tempo em Copenhague para apresentar a minha credencial e depois de chegar aqui não tenho tido um instante de meu, com visitas e apresentações officiaes. Alem d'isto agora não me falta trabalho. Estão iniciadas as negociações para um tratado de commercio com a Diuamarca e como é o primeiro trabalho d'este genero em que me vejo envolvido sou obrigado a estudar a serio para não fazer fiasco. Affigura-se-me porem que não chego a resultado satisfatorio. Isto em confidencia.

Boas festas, pois, e muitas lembranças a Mana e aos pequenos

Teu irmão e amigo  
Antonio

Carta de Jose d'Azevedo a que ha referencia nas cartas ao sobrinho Ruy

Hotel Parque

Gerez

Gerez 15 de junho

Meu caro Feijó

Aqui estou n'uma mandria de pagão amante do Campo: tomo as aguas, soffro-lhe os effeitos e perdi o appetite.

Eis a minha historia.

Travei a minha mandriice para escrever a carta que me pede. Deus lhe ponha a virtude.

Não sei ainda quando irei.

Os meus respeitos a sua mulher e minha Senhora

Seu am obg

J Azevedo

CORRESPONDENCIA DIRIGIDA  
PELO DR. ANTONIO DE CASTRO FEIJÓ A SEU  
SOBRINHO RUI DE MENEZES DE CASTRO FEIJÓ

Stockholmo, 11 de Maio

Meu caro Ruy

A filha do Severiano, prevalecendo-se de uma lei do Governo Provisorio, mandou-me dizer que desejava remir o foro de 8.400 reis que me paga d'um quintal sito no Cruzeiro, á entrada da rua que tem o nosso nome. Sou forçado pelas disposições da referida lei a acceder ao seu desejo, o que bem me custa porque esse foro é tudo quanto possuo em Ponte de Lima. Antes porem de proceder á remissão preciso de saber onde está o titulo do foro e quais as suas condições. Rogo-te por isso o favor de te informares sem demora a este respeito e de me esclareceres sobre o caso.

Ha immenso tempo que não tenho noticias de teu tio, e nada sei do que vai por ahi e pelo país. Conta-me o que souberes. Como vai a Francisca e o Antoninho? Nós vamos indo menos mal, com a graça de Deus. Tenciono partir amanhã ou depois para Copenhague, mas com pouca demora — alguns dias apenas. Lembranças de todos nós para ti e para todos, do

Teu tio e amigo  
Antonio

P. S. Como vai a Maria Guilhermina?

Stockholmo, 16 de maio (carta tarjada)

Meu Caro Ruy

Muito obrigado pela tua carta de 26 a que só agora respondo por ter tido muito que fazer. Folguei muito com as noticias do tio Julio, a quem infelizmente ainda não pude tambem escrever.

Li hoje nos jornais a noticia da morte do Henriques da Silva. Fez-me immensa pena. Manda-me dizer como se chama a viuva e onde mora, e se deixou filhos, como se chamam e onde moram. Isto porem com a maior brevidade, na volta do correio podendo ser. Dize tambem se queres que te recomende. Está ahi um Governador civil, o Prego, de quem sou muito amigo

Recordes da tia e um abraço do

teu tio e amigo  
Antonio

(estamp<sup>a</sup> de D. Carlos marca do correio 19-Jul-09)

Sobrescrito: Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Snr.

Ruy de Menezes de Castro Feijó  
Estudante do 5<sup>o</sup> anno juridico  
Arco do Bispo  
Coimbra

Cintra, 18 de Julho

Meu Caro Ruy

Ahi vai a carta que recebi do Jose de Azevedo. Entras a acto com todos os matadores. O unico que te falta, e que é tambem essencial, talvez seja saber alguma coisa. . . Trata por isso de te preparar o melhor que puderes, em-

bora toda essa sabedoria, 24 horas depois do acto, não sirva para coisa nenhuma. Recebi as sebetas. Não agradei ao portador porque este, deixando-me um bilhete, não me indicou a morada. Não ha por ahi outras sebetas de Direito Internacional Publico? Estas que me mandaste, como todos os trabalhos dos nossos lentes, são um vasto repositório de opiniões alheias. Referem tudo quanto os outros dizem, mas até hoje ainda lá não encontrei uma unica opinião original e propria. De resto muito mal escritas e muito maçadoras. Antes o *Palito Metrico*.  
Lembranças nossas

Teu tio e amigo  
Antonio

Carta que acompanha esta

Lisboa, 26 de Julho de 1909

Exm<sup>o</sup> e meu querido amigo

Depois de receber a carta com que V. Ex<sup>a</sup> me honrou só agora posso escrever-lhe.

Desculpe-me.

Tive intima satisfação em recommendar seu sobrinho, que conheço do Porto e é muito sympathico.

Congratulo-me com V. Ex<sup>a</sup> pela approvação delle e faço votos por que imite os bellos exemplos que tem na familia paterna.

Muito desejo que V. Ex<sup>a</sup> e Sua Exm<sup>a</sup> Esposa e os seus filhinhos gozem ahi do melhor bem estar.

Dê-me V. Ex<sup>a</sup> a honra de me considerar sempre com a maior consideração e a mais distincta estima

De V. Ex<sup>a</sup>  
amigo admirador  
e cr<sup>do</sup> ob<sup>mo</sup>  
P<sup>to</sup> Osorio

*Avenida Palace*

Lisbonne, le 2 de maio de 1909

Meu Caro Ruy

Estou sem noticias tuas nem do Aleixo. Onde está elle e como está? Fez a asneira de ficar em Vianna? Voltamos ha dias do Estoril para aqui. Encontrei o Lencastre e pedi-lhe noticias d'elle. Disse-me que o Aleixo estava bastante mal; que podia curar-se, sem duvida, mas que era preciso um tratamento serio, cuidadoso e prolongado. É preciso que elle vá para um sanatorio porque só lá se podem tratar essas doenças convenientemente.

Dá noticias. Lembra-me ao Luis Martins, Eugenio de Castro e Gayo.

Lembranças de todos nós p<sup>a</sup> ti

Teu tio e amigo  
Antonio

*Avenida Palace*

Lisbonne, le 12 de Julho de 1909

Meu Caro Ruy

Tenho relações com o Pinto Osorio mas não devo pedir-lhe nada. De viva voz te disse o motivo do meu escrupulo. Disto porem guarda toda a reserva. Vou porem obter-te uma recommendação do Sotto Mayor que é sogro d'um filho do Jose de Azevedo, nas condições que desejas. Se esse não for possivel, recorrerei ao Conde de Agueda. Não sabia que o Salvato tinha mais um filho. Esse, Deus o faça feliz! Do Aleixo não tenho

tido noticias, mas estou com apprehensões sobre o seu estado, que já era grave quando aqui estive,  
Lembranças de todos nós e um abraço do

teu tio e amigo  
Antonio

Avenida Pallace

Lisbonne 13 de Julho de 1909

Meu caro Ruy

O Jose de Azevedo por intermedio de quem contava obter a recommendação do Sotto Mayor para o Guilherme Moreira está no Gerez. Escrevi-lhe para lá, mas na duvida escrevi tambem para Aveiro ao Conde de Agueda.

Verei tambem se indirectamente posso arranjar uma recommendação do Pinto Osorio. Vamos amanhã para Cintra passar uns dias. De lá iremos para casa do Luis de Magalhães.

Lembranças de todos

Teu tio e am<sup>o</sup>  
Antonio

Casa de Vilar

Lousada

Janeiro 24

O Telmo não precisava de intermediario para me pedir qualquer coisa. Elle deve saber que me seria muito agradavel servi-lo. Infelizmente esta sua pretensão parece-me difficil, senão impossivel. Se a gratificação lhe foi suspensa em 1907 é porque decerto não estava no orçamento, e nestas condições nenhum ministro pode ordenar o seu pagamento, visto que para isso é indispensavel o *visto* da Contabilidade e o empregado incumbido desse

serviço recusa-o a todos os pagamentos que não forem estritamente legais. É como vêes caso para tratar de viva voz e não por escripto. Quando for a Lisboa verei o que se pode conseguir a esse respeito.

Por cá todos bons, mas muito frio. Lembranças de todos

Teu tio e amigo  
Antonio

Lisboa, 28 de Junho

Meu caro Ruy

O teu amigo Patena ou Calix veio aqui. Como me não encontrou deixou a tua carta e um bilhete de visita, mas sem indicação de morada de forma que não pude procural-o. O concurso ja se realizou e o rapaz ficou approved. Era isso o essencial. Foi o proprio Lisboa que me veio dar a noticia como verás pelo bilhete incluso. Quando quizeres que te recommende ao Padre Dias, avisa-me, mas debes fazê-lo com alguma antecipação. Para a Cadeira de Direito Commercial não sei quem são os lentes, mas indica-me o nome d'elles e as pessoas a quem devo pedir que te recommendem.

Lembranças de todos nós e um abraço do

teu tio amigo  
Antonio

Cartão (a lapis)

P<sup>a</sup> o Dr. Antonio Feijó

Antonio Maria Vieira Lisboa (impresso)

Juis da Relação (impresso)

Lisboa R. Conde de Redondo 2 r/c

Cumprimenta e diz que o rapaz ficou approved  
Participa ao Rui

Cintra, 16 de Julho

Hotel Netto

Meu Caro Ruy

Vimos aqui passar alguns dias, antes de partirmos para o Minho, mas hontem apanhamos um frio de rachar.

Antes de sair de Lisboa deixei o Araujo Lima encarregado de pedir ao Pinto Osorio *em meu nome* (sempre me decidi a fazel-o, mas com que sacrificio!) uma recommendação para o Guilherme Moreira. Não podia dizer ao P<sup>e</sup> Lima que o fizesse em nome d'elle porque o Pinto Osorio, estando eu em Lisboa havia de reparar que eu me não dirigisse a elle. Estou de mais a mais convencido de que neste momento a minha recommendação para o Pinto Osorio é das mais efficazes por certas gentilezas que lhe fiz recentemente.

O Conde de Agueda tambem escreveu ao Moreira, como verás pela carta inclusa, e o P<sup>e</sup> Lima vae tambem arranjar outra recommendação. Se todas estas escoras não são sufficientes, só Nossa Senhora da Conceição, que é padroeira do Reino, te poderá valer. O Sotto Mayor (Candido) é amigo do Araujo Lima. Vou tambem falar-lhe. Lembranças nossas

Teu tio e am<sup>o</sup>  
Antonio

Cintra, 23 de Julho de 1909

Meu Caro Ruy

Muitos parabens e um grande abraço.

Manda-me dizer que tal se portou o homem para eu saber a quem e como devo agradecer.

Não ha por ahi nenhuma publicação, — sebentas dissertações etc. — sobre Direito Internacional Publico? Desejava tê-la. Os pequenos tem estado doentes e é por isso que ainda me conservo aqui.

Recados de todos

Teu do C  
Antonio

Stockholmo, 31 de maio (1907)

Meu Caro Ruy

Muito obrigado pela tua carta de 22 chegada hontem. Já escrevi á viuva do Henriques da Silva; a morte do marido fez-me immensa pena. As novidades politicas que me dás ja eram velhas para mim. Em todo o caso apreciei-as porque me deram uma ideia do que por ahi se passa a tal respeito. Pensa-se mal. Só quem não conhece o nosso monarcha é que pode de boa fé acreditar na existencia de conspirações palacianas. Só faz aquillo que entende e quer, e até põe uma certa ostentação em fazer sempre o contrario d'aquillo que lhe dizem ou aconselham as pessoas que o publico imagina que lhe são mais favoritas. Quanto ao caso do Schöter tambem estás em erro. Lê o Codigo, que debes ter ahi á mão. A qualidade de cidadão portugûês, perdida por qualquer motivo, pode readquirir-se, entre outras mais, pela naturalisação ficando-se de novo portugûês authentico. *Readquire-se* uma qualidade que já se tinha antes, que era innata e não uma qualidade nova como a de *portugûês naturalizado*. Essa é que adquirem os que *nunca tinham sido portugûeses*. Eu não tenho o Codigo Civil, ha muitos annos mesmo que lhe não ponho a mão pelo lombo, mas ia jurar que é isto a doutrina que lá está. Fico as tuas ordens para te recommendar quando quizeres

Teu tio e am<sup>o</sup>  
Antonio

Stokolm, 1 de Julho

Meu Caro Ruy

Acabo de receber a tua carta, não sei de quando porque não trasia data. O Delegado é inteiramente doido, e essa historia que me contas bastava para o demonstrar, se ainda fossem necessarios novos argumentos. Lamento porem que o acontecimento se tivesse dado contigo. Preferia que nem tu nem o tio Julio andassem envolvidos em scenas dessa natureza. Por mais razões que a gente tenha as apreciações divergem sempre, uns são por Pedro outros são por Paulo, e o resultado é que tanto um como outro Apostolo, ficam em muito má situação. No teu caso tinha respondido ao Delegado com o maximo desprezo, — *cela va sans dire* — mas de forma a não provocar conflicto. Bastava dizer-lhe quanto era para estranhar que um homem com quem tinhas as relações cortadas se dirigisse a ti daquella forma e que um magistrado como elle pudesse suppor que uma pessoa bem educada se servisse daquele meio para provocar quem quer que fosse. Sei muito bem que as boas respostas não acodem sempre no momento opportuno; só é facil — *l'esprit de l'escalier* — ; mas a repetição da scena á porta do Tribunal *podia e devia* ter sido evitada. Tenho pena que ella se desse. Tudo isso não serve senão para aggravar o conflicto com o Delegado, e tornar talvez mais difficil a sua retirada d'ahi. Era-me talvez possivel obter-lo d'este Ministro da Justiça o que o Campos Henriques não pôde conseguir dos seus amigos progressistas. Estava até para lhe escrever sobre o caso. Esperava apenas para o fazer resposta a um telegramma que lhe dirigi. Agora depois desse conflicto em que tu e teu tio andaram envolvidos — conflicto que se presta aos mais variados commentarios — estou absolutamente inhibido de me intrometer no negocio. Muitos cumprimentos nossos para ti; á Mãe Lembranças affectuosas

de todos nós para o tio Julio e para o Aleixo e beijos  
para ti dos pequenos. Recados á Francisca

Teu tio e am<sup>o</sup>  
Antonio

Moreira, 17 de Março

Meu Caro Ruy

Ja sabes o que se passou com o teu telegramma e o motivo do nosso desencontro. É possivel que o Porto seja a Praça Nova, mas eu passei lá varias vezes das 3 ás 5 e não logrei vêr-te nem tu a mim.

Sobre o Delegado o unico conselho que daqui posso dar-te é que lhe não batas. Manda-o aquela parte, em nome de todos nós para ver se ele vai mais depressa. É doido. A Camara devia representar ao Governo contra esse funcionario que tais mostras está dando de desarranjo mental. Estou admirado que me não tenham mandando os ultimos numeros do Jornal de Lousada — da Vida Nova que eu lhes pedi com insistencia. Escrevi ao Antoninho, vamos a ver se sou melhor succedido.

Tencionamos partir na proxima 3<sup>a</sup> feira. Domingo vem aqui os Mendonças. Gostava muito de vos vêr tambem, assim como o Aleixo e o Salvato

Recados nossos para todos

Teu tio e am<sup>o</sup>  
Antonio

Avenida Palace 7 de Julho de 1909

Meu Caro Ruy

Não respondi ao teu telegramma porque estive ausente em Cintra e no Estoril. Inutil dizer-te que tive um grande

prazer com a boa nova. Recebe um abraço de parabens. Manda dizer se queres que te recomende a alguém, e quando, mas escreve com antecipação para não haver algum contratempo com as cartas.

Andamos aqui muito ocupados em procurar uma creada para os pequenos. A que tinhamos vai casar apesar de velha e feia. Não te esqueças de me arranjar uma colecção das lições de Direito Internacional Publico e Privado que de ahi nas respectivas cadeiras. Desejo muito ver o *estado* em que por ahi se encontra este ramo da minha especialidade.

Saudades nossas e um abraço do

teu tio e amigo  
Antonio

*Quinta do Mosteiro*

*Moreira da Maia* 8 de Março de 1910

Julio

O telegramma do Ruy que te remetto incluso, foi expedido de Lousada ás 11 horas da manhã. Era muito problematico, apesar da nota de urgente que chegasse aqui a horas de eu partir para o Porto e de estar lá ás 3 da tarde. Mas se chegasse a tempo de eu tomar o comboyo ou de arranjar carro que me levasse, em que sitio no Porto deveriamos encontrar-nos? Daqui para o Porto só ha comboyo as 11 1/2 da manhã e ás 5 da tarde; de carro leva quasi uma hora a chegar e nem sempre se encontra aqui, sendo preciso manda-lo vir. Calculas bem o tempo que é preciso para isso. Portanto, para um encontro d'estes é preciso prevenir de vespera. O telegramma chegou aqui pouco depois da uma, a estação é distante, exige proprio; mas eu só o recebi ás 6 horas da tarde ao regressar do Porto, *onde estive desde o meio dia*. Ape-

sar disso não vi o Ruy, nem admira porque o Porto é grande. Não sei o que elle queria. Portanto avisa para aqui, mas com antecipação, sendo preciso que eu va ao Porto. Rogo-te o favor de mandares as malas sem demora porque ha vapor no dia 14 do corrente. Deves dirigi-las para a Estação da Alfandega e mandar-me para aqui a respectiva guia em carta registada, ou então envia-la ao Snr Klaus H Jervell, consul da Noruega, Largo do Terreiro da Alfandega, n.º 4.

Era prudente que mandasses ata-las bem com cordas ou com arames porque a bordo tratam essas coisas com brutalidade. Ainda ate hoje não recebi os jornais que te mandei pedir.

Logo vou ao Porto, vamos a ver se por acaso encontrarei o Ruy

Muitas saudades de todos nós e um abraço do

teu irmão, am<sup>o</sup> e ob  
Antonio

Stockholmo, 8 de Julho

Meu Caro Ruy

O pobre do João Arnoso lá se foi! Fez-me immensa pena. Estou consternadissimo, porque não sei como o Paé poderá restabelecer-se d'esse terrivel golpe.

Como não sei quando fazes acto, e não é conveniente que as recommendações sejam feitas muito antecipadamente, pedi ao Luis de Magalhães para te recomendar, directamente ou por intermédio do Franco, no momento em que tu o prevenires. Em vista d'isto quando fôr chegada a occasião, escreve-lhe para a Secretaria dos Estrangeiros, dizendo-lhe que por *ordem* de meu tio Antonio tomas a liberdade de lhe lembrar que fazes acto tal dia e que são teus examinadores fulano e cicrano etc. etc.

Quanto ao Calixto, está o diabo. Conheço-o muito bem. Era uma cavalgada que no meu tempo passava a vida a correr atrás do *Principio do Justo* despedindo coices pelo caminho a torto e a direito. D'antes era grande amigo do Vaz Preto, mas o Vaz Preto morreu e agora não sei quem possa convir. Ao Padua não escrevo nem peço coisa nenhuma. Estou com elle nas melhores relações; mas é pessoa a quem se fazem favores e não a quem se peçam. Não convirá d'empenho ao Calixto o Basilio? Enfim, vê se descobres alguma coisa e previne-me.

teu tio e amigo  
Antonio

P. S. Não sei nada do tio Julio

*Casa de Vilar*      3 de Fevereiro de 1909  
*Lousada*              Meu Caro Ruy

Tencionava partir d'aqui amanhã, quinta feira, pelo tramwai da 1/40 para tomar o rápido em S. Bento ás 5 horas da tarde. Os pequenos ficam ainda alguns dias enquanto não arranjamos instalação no Estoril. Eu e tua tia estamos na intenção de parar em Coimbra. Faz-me por isso o favor de me tomar um ou dois quartos no melhor hotel d'ahi, mas não digas a ninguem, absolutamente a ninguem, que eu que chego. Desejo fazer uma surpresa a alguns amigos que ainda por ahi me restam. Lembranças de todos nós e um abraço do

Teu tio e amigo  
Antonio

Lisboa, 24 de Junho

Ruy

Recebi ambas as tuas cartas e escrevi logo de Lisboa recommendando o teu Custodio. Creio que o Lisboa, neste momento, está ahi em Coimbra: em todo o caso a minha carta ha-de chegar-lhe ás mãos e tenho a certeza que elle fará pelo teu amigo tudo o que for compativel com o espiricto recto do mais perfeito homem de bem que eu tenho conhecido. Agradeço o cuidado que manifestas por tua tia e por nós todos, a quem as molestias não têm poupado, desde que deixamos o Estoril. Adoeceu primeiro o Tony com varicella; depois a pequenita; depois a mãe com grippe, depois eu, que estive varios dias de cama, depois tornou a mãe a adoecer com novo accesso de grippe, e assim temos andado na mão dos medicos e dos boticarios. Causam-me pena as noticias que me dás do Aleixo, tanto mais, que estou convencido que se elle continua em Vianna está perdido. O Lencastre disse-me que o seu estado era grave, embora não fosse incuravel; mas já tinha uma caverna e precisava de um tratamento rigoroso com uma assistencia medica continua, repouso absoluto e cuidados excepcionaes. É por isso — deves estar lembrado — que eu lhe dizia que não fosse para Vianna. Receava que chegando lá não quizesse mais sair. Não me enganei infelizmente. Nós vamos talvez muito breve para o Bussaco. De lá para casa do Luis de Magalhães e depois para Villar em preparativos de viagem para a Suecia. Saudades de todos nos

Teu tio e am<sup>o</sup> do coração  
Antonio

Cintra 27 de Julho de 1909

Meu Caro Ruy

Não tenho podido responder ás tuas cartas por ter andado muito preocupado. Tive toda a familia doente e mais a governanta que foi preciso substituir rapidamente. Apesar disso mandei pedir ao Pinto Osorio recommendação para o Guilherme Moreira e escrevi ao P<sup>e</sup> Dias uma carta muito calorosa.

A tua admiração pelas poderosas *cunhas* com que te amparei no acto de Direito Commercial, fez-me rir. És como aquelles valentes que se borraram pelas calças no momento do perigo mas que depois começam a berrar que não tinham medo nenhum, que faziam, que aconteciam, etc.

E' que ja te não lembras da carta que me escreveste a pedir uma *cunha*, e na qual me dizias que estavas com muito receio porque dessa cadeira estavam dependentes outras, e tudo isto num tom que parecia que estavas já a... sujar as calças. Não precisavas de te desculpar. O facto de não saberes nada ou saberes pouco dessas burrundangas não te diminue nada na minha estima. Eu tambem não sabia nada, e algum resto dessa sciencia que me ficou de ouvido tratei logo de a esquecer para hygiene do meu espirito. Nada tens que te envergonhar. Parabens mais uma vez, e um abraço com lembranças de todos nós, do teu tio e am<sup>o</sup>

Antonio

Stockholmo, 22 de Maio

Meu Caro Ruy

Muito obrigado pela tua carta. Vou melhor. Sahi hoje pela primeira vez, mas não sei se estas melhoras são

definitivas. Conheço o manuscripto com a genealogia dos Castros a que te referes. Tenho d'elle uma copia, tirada de outra que tem o tio Julio. O original debes entrega-lo ao Salvato, que é a elle a quem pertence como chefe da Familia. De Feijós sei apenas o que vem no Cannaes Castello Branco, que é pouco, e em mais algumas genealogias manuscritas, das quais a mais completa é a que está na Bibliotheca Publica de Lisboa e de que é auctor o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha. Em nenhuma dellas se diz a proveniencia exacta do primeiro Feijó que veio para a casa de Correlhã. Só num manuscripto existente ahí na casa de St<sup>o</sup> Ovidio é que se faz uma referencia clara á origem hespanhola d'esses Feijos, dizendo-se que o marido de D. Ignez Garcia Luiz Corrêa Feijó (aliás Alvaro) pertencia á illustre casa dos Feijós em Galliza. Sobre estes Feijós da Galliza sei muitas coisas mas nunca me foi possivel entronca-las nos Feijos da Correlhã embora tudo me leve a suppor que são os mesmos. Sejam porem os mesmos ou não o que não é licito a nós e usar d'armas differentes daquellas que usaram os nossos avós e que são as que estão na casa da Correlhã porque os Feijós d'essa casa ao naturalisarem-se portugueses e ao receberem cartas de nobresa dos Reis de Portugal tomaram as armas que lhes foram concedidas. Essas armas são as que te remetto, copiadas d'uma copia exacta que mandei fazer e que conservo aqui como preciosa reliquia. A indicação do Villas Boas é evidentemente erronea. Onde escreve *faixas* devia escrever *bandas*. Confundiu Feijos com Feyos. Se quizeres uma prova pede ao Visconde da Torre uma copia das armas dos Feyos. Verás que são *Faixas*. Mas isto são coisas inuteis. As *nossas armas* são as que estão na *nossa casa* — esculpidas ou pintadas numa epoca em que se sabia d'isto mais do que agora e em que ninguem tinha direito de phantasiar sobre estes assumptos. Portanto os nossos Feijós são esses que se exprimem heraldicamente com bandas vermelhas perfiladas d'ouro em campo azul. Como nem tu nem eu

somos o representante dessa Família, podemos perfeitamente ajuntar a esse apellido outros. É o que eu fiz. Como me chamo apenas Castro Feijó, substitui os *Correias* por *Castros* para simplificar. São as armas que uso no papel, nas pratas da mesa e nos botões das fardas dos creados. A simplificação foi por comodidade e economia. As gravuras são assim muito mais baratas. Tu podes ao emblema de Feijó e Castro ajuntar os nomes de tua mãe e pôr no centro do escudo o *anel* dos Menezes. Era isto o que eu faria no teu caso. — Não sei quem é esse Feijó que veio para Vianna no tempo de D. João v; mas pelos outros apellidos deve pertencer a uma familia illustre que ainda existe em Lisboa de *Feijós Barretos* sobre um dos quais escreveu o Pinheiro Chagas um elogio historico. Alem de Feijós Barretos, ha tambem *Alves Feijós* um dos quais foi Bispo de Bragança, e Madureiras Feijós, senhores do Morgado de Prova (?) e de que ja se falla no Nobiliario do Conde D. Pedro. Havia tambem em Lisboa uma Senhora chamada Canuto Feijó, ha ainda um relojoeiro d'esse nome e o dono dum café. Nos Açores ha uma familia de Moniz Feijó, e no Brasil muitos individuos d'esse nome dos quais o mais illustre foi o P<sup>e</sup> Antonio Feijó, Regente do Imperio na menoridade de D. Pedro II e o Barão de St<sup>a</sup> Isabel, lente de medicina. Os Feijós de Galliza descendem de S. Rosendo, e este apellido, segundo uma lenda antiquissima, provem d'uma phrase latina d'um velho codice em que se descreve o combate de D. Tibaldo, Conde de Galliza e neto de S. Rosendo, contra 6 mouros em Freixo de Espada á Cinta, terra que elle fundou em commemoração desse feito. O Conde D. Tibaldo, diz o codice, *fez so — fac solus* — contra seis. D'ahi, *corrupto vocabulo*, veio *fassolus* e de *fassolus* Feijó. Esta-se mesmo a ver a genuina derivação philologica... Isto é como vês uma lenda engendrada. O nome provem duma fava que ha na Galliza chamada Feixó. Deram este nome a alguém por alcunha, e esse alguém adoptou-o, como ainda hoje suc-

cede. Mas esta carta ja vai muito longa e estas coisas deslindam-se melhor em conversa. Folgo com as boas novas que me dás de todos, para quem nós enviamos muitas lembranças.

Recebe um abraço do teu tio e amigo  
Antonio

Stockholmo, 5 de Sbro de 1911

Meu Caro Ruy

Ao regressar aqui esta tarde encontrei o teu telegramma. Fiquei profundamente impressionado com a dolorosa noticia. Apesar do telegramma alarmante do Salvato não tinha ainda perdido as esperanças. Enganei-me infelizmente. A morte é sempre triste, mas quando nos surprehende em plena mocidade não ha para ella consolação nem allivio. Avalio a vossa mágua e a dor da tua mãe tão rudemente alcançada de martyrios. Diz-lhe toda a minha magua e todo o meu profundo sentimento.

No telegramma que ha pouco dirigi ao Salvato pedindo-lhe que mandasse pôr uma coroa no caixão para que o meu nome não faltasse neste ultimo preito d'estima e amisade. Deus queira que chegasse a tempo.

Abraço tua Mãe, teu Irmão e o Tio Julio

Teu do coração  
Antonio

Lix<sup>a</sup> 20 d'Abril

Ruy

Recebi a tua carta, o cartão e o jornal. Muito obrigado. Não valia a pena o trabalho que tiveste. Manda

dizer se queres que te recomende a mais alguém. Deves procurar o Henriques da Silva e pedir-lhe que se interesse por ti.

Teu tio mt<sup>o</sup> amigo  
Antonio

Cintra, 30 de Julho

Meu Caro Ruy

Acabo de receber o teu telegramma. Venho com a maior satisfação dar-te os parabens e um grande abraço.

Enfim!

Recados nossos e até á vista

Teu tio e am<sup>o</sup>  
Antonio

Stockholmo, 27 de Dez de 1912

Meu Caro Ruy

Recebi agora a tua carta de boas-festas, que muito agradeço e retribuo em nome de nós todos com votos sinceros d'anno novo prospero e feliz.

Como não fazes a menor referencia a diversos pedidos que te dirigi em cartas anteriores imagino que ellas se extraviaram ou que alguém propositadamente as subtrahiu ao seu legitimo destino. Numa dellas accusava a recepção do livro de genealogias e dava-te a minha opinião sobre o auctor que não é certamente o Cardeal Saraiva. Noutra pedia-te que me disseses se o famoso foro tinha laudemio, e de quanto no caso affirmativo, assim como se era exacto que a lei relativa a remissões dava ao directo senhorio o direito de se fazer pagar com terrenos pertencentes ao proprio fôro.

Por ultimo pedia-te tambem que me disseses se te era possivel obter do Jose Cirne informações genealogicas sobre os *Antas*, do Paço d'Antas de Rubiães em Paredes de Coura. Ahi ficam renovados os pedidos, que d'esta vez vou expedir em carta registada, com recommendação de que me digas apenas num simples postal se ella te chegou ás mãos. Se em devido tempo não receber o postal, farei logo aqui a devida reclamação, em virtude da qual ou me apresentam a carta ou me darão uma inddmnisiação de 25:000 reis.

Não sei tambem se o tio Julio tem recebido noticias minhas. Essa demora contínua em responder deixa-me sempre perplexo no destino das cartas.

Sinto os encommodos da tua Mãe e faço votos para que ella se restabeleça depressa.

Mando uma carta inclusa ao tio, e dá noticias da Francisca de quem sempre me lembro com muita pena.

Boas-festas, anno felis. Affectuosas lembranças de todos, e um abraço do

Teu tio m amigo  
Antonio

Cintra, 28 de Julho

Meu Caro Ruy

Ahi vae a resposta do Pinto Osorio. Manda dizer se é preciso mais alguma ajuda para a passagem d'esse ultimo Rubicon.

Tembranças nossas

Teu tio e amº  
Antº

(Acompanha uma carta de P. O. datada de 27 de Julho de 1909 a dizer que o recomendou o R. ao ; sem outro interesse)

(Outra carta a que se faz referencia)

*Hotel do Parque*  
Gerez

Gerez 15 de Julho

Meu Caro Feijó

Aqui estou n'uma mandriice de pagão amante do campo: tomo aguas, soffro-lhe os effeitos e perdi o appetite. Eis a m<sup>a</sup> historia.

Travei a minha mandriice p<sup>a</sup> escrever a carta que me pede. Deus lhe ponha a virtude.

Não sei ainda quando irei. Os meus respeitos a sua Mulher e m<sup>a</sup> Senhora

Seu am<sup>o</sup>  
J. Azevedo.

Stockholmo, 28 de Dez<sup>o</sup> de 1915

Com os meus agradecimentos pela tua carta a que não tenho podido responder, envio-te as boas festas e os melhores desejos d'um anno feliz. Tua tia e os pequenos compartilham dos mesmos sentimentos, apesar de andarem todos absorvidos com as festas da *arvore* e as respectivas danças em roda d'ella, que duram desde a noite de Natal até ao dia de Reis. O vinho quente e as rabadadas são substituidos aqui por muitos ingredientes ainda mais indigestos, insupportaveis para estomagos encanecidos. Conservo-me por isso alheio a todas essas extravagancias culinarias preferindo alimentar-me de saudades e recordações. Consigo d'essa forma enlevar o espirito e furtar-me a indigestões. Como nesta epoca tenho muito que escrever, vejo-me obrigado a ser curto. Muitos votos de prosperidades e venturas, mas a sua intimidade absolve-os da concisão. Lembranças de nós todos. Um abraço do

Teu Tio e amigo  
Antonio

Stockholmo, 27 de Março

Meu Caro Ruy

Ao regressar de Copenhague, onde me demorei mais tempo do que esperava encontrei aqui a tua carta a que não respondi logo por ter andado muito ocupado. Não enviei para Viana a teu irmão o modelo para o agradecimento porque era já muito tarde. De resto é uma coisa simples, de que se encontram a cada passo formulas em todos os jornaes. Tive muita satisfação com as noticias que me dás do tio Julio que ha immenso tempo me não escreve. Tive um grande desgosto, por ocasião do fallecimento de teu Pae, que Deus haja, com a indelicadeza do Prior de Ponte de Lima em publicar o telegramma que lhe enviei, recommendando-lhe que distribuisse 30 mil reis aos pobres. Nunca fiz coisas d'estas ostensivamente. A elle prior, varias outras vezes tenho incumbido de missões identicas; desempenhou-se sempre d'ellas discretamente. Não comprehendí o motivo porque procedeu agora de modo diverso. Está em tão má consciencia que nem mesmo me acusou a recepção do dinheiro que lhe enviei no dia immediato — Quanto ao Br., deixa fallar os heraldistas de Vianna; as armas são como as do meu sinete. É assim que estão na casa da Correlhã, e foi assim que mas desenhou o *Figueiredo da Guerra*, d'acordo com o *Pereira Cyrne*, que agora é de outra opinião. O Villas Boas está errado e o Sanches de Baena é um burro.

Perguntas-me quando volto a Portugal? Não sei ainda. É tão difficil viajar com creanças, e tão custoso deixa-las sóas. Por ora nada tenho resolvido.

Recados a tua tia

Teu tio amigo  
Antonio

DUAS CARTAS PARA O PINTOR MARQUES  
GUIMARÃES, ANTIGO PROF. DA ESCOLA  
DE BELLAS ARTES, FALECIDO NO BRASIL

Ponte de Lima, 3 d'Agosto

Meu Caro Amigo

Está quasi impresso o *Cancioneiro Chines*. Faltamos apenas a capa. Quando voltei de casa do Luis de Magalhães procurei-o duas vezes mas não tive o prazer de o encontrar porque estava ausente em Lousada. Encarreguei depois o Magalhães da *Livraria Universal* para o procurar e pedir-lhe as informações que ficou de me dar. Creio que o Magalhães não deu passo nenhum a este respeito e por isso tomei a deliberação de lhe escrever pedindo-lhe o obsequio de mandar a resposta ao Exmº Snr João Dinis, director de uma typographia na rua de Entreparedes (creio que se chama assim) proximo de S. Lazaro. É lá onde se imprime o livro e elle já espera a sua resposta. Teria um grande prazer se o meu pobre cancionero podesse ser honrado com um desenho seu. Não quero porem roubar-lhe o tempo ou força-lo a fazer coisas que lhe desagradem no seu gosto artistico.

Desculpe esta massada e disponha do que é

Seu amigo obgdº  
e sincero admirador  
Antº Feijó

Ponte do Lima, 7 d'Agosto

Meu Caro Amº

Não recebi nenhuma das cartas a que se refere. No regresso de Moreira da Maia demorei-me no Porto dois

dias — precisamente aquelles em que se tinha retirado para o campo. Escrevi depois ao Magalhães para o procurar. Vejo pela sua carta que ninguem se lhe dirigiu. Em todo o caso a demora em nada me prejudicou, visto que me concede a fineza de illuminar a Capa do *Cancioneiro* com um desenho que deve ser primoroso, a avaliar pela descripção que d'elle me faz. Não posso porem elucidar-lhe as duvidas que me apresenta. Não sei de que côr é o \_\_\_\_\_, nem aqui tenho meios de o saber. Sei unicamente que é um *corvo marinho* vulgar nos mares da China. O título em chinez tambem não sei como se ha-de arranjar porque só em Lisboa, segundo creio, na Academia Real das Sciencias é que existe um diccionario. Creio alem de tudo que não ha em chinez a palavra *Cancioneiro* mas isso pouco importava porque substituiu-se por outro que significasse o mesmo, como livro de versos (*chi-king*) ou qualquer outra cousa. Deixo portanto tudo á sua inteira deliberação. Na segunda feira parto para ahí e procura-lo-ei immediatamente. Não imagina a satisfação que me causou saber que sempre se tinha resolvido a fazer me a capa. Agradeço-lhe reconhecidissimo. Disponha sempre do que é

Seu amigo  
admirador mi<sup>o</sup> grato  
A. Feijó

## CARTAS A MANUEL DA SILVA GAIO

Stockholmo, 5 de Junho de 1902

Meu Querido e Velho Amigo

Respondo já á tua carta chegada ha poucos minutos para acalmar os sobressaltos do teu coração. Não estou nadã melindrado contigo, e das tuas faltas, se algumas cometteste, a unica ponderosa e séria é a de supores que eu me pudesse sangar contigo por tão pouco. A gente desde que chega a uma certa idade não faz *novos amigos*; não se devem por isso desperdiçar os que temos — tantos a morte nos tem levado já!! Recebe por isso com os meus agradecimentos um grande abraço de parabens e com elle os meus votos de venturas e alegrias. Tambem já entrei na categoria de «Pae de familia» e asseguro-te que essa felicidade legitima para mim inédita, não foi a menos viva entre as mais vivas, e é concerteza a mais duradoura de todas. D'assumtos literarios pouco posso dizer-te. Desinteressei-me por completo de todo esse cosmopolitismo convencional e oco, por onde aliás passei muito de longe para me entregar de todo á minha arte. Estou preparando um livro muito tranquilamente e sem pressas. Talvez seja dentro de um mês, talvez nunca. *attendant*, vou publicar brevemente uma 2.<sup>a</sup> edição do *Cancioneiro Chinês*. Ja está composta. Falta apenas fazer a impressão. Leva algumas poesias novas, uma a servir de prefácio e outra no fim para dar uma ideia da poesia epica chinêsa. O resto do livro foi limpo e escovado cuidadosamente para lhe tirar o pó de 10 anos d'existencia. Ficou mais transparente, mas tive um trabalho insano. Mas a minha probidade exigia-o. Nesse livro so é meu a expressão. Procurei por isso aperfeiçoa-la o mais possível, tornando-a translucida como a porcelana antiga para que melhor se adquasse ao assumpto.

E tu que fazes? Que fim levou o Eugenio, que já me não manda os livros, nem me dá novas da sua existência? Teria ao menos recebido os pesames que lhe mandei pela morte do Filho? Fico-me por aqui. Lembra-me a todos os amigos, e apresenta os meus respeitos a tua Esposa, minha Senhora. Minha mulher agradece os teus cumprimentos, e eu mando te um abraço e muitos beijos para a tua filhinha

Teu do C.  
amigo velho  
Feijó

Stockolmo, 28 de Dez. de 1906

Meu caro Manuel

Muito boas festas de Natal e Ano Novo, com todas as prosperidades e venturas que os Deuses podem conceder-nos, e muitos agradecimentos pela remessa do teu livro, que li com tanta curiosidade como satisfação. Ha muito que e teu esquecimento me tinha votado a um immerecido abandono. O offerecimento dos Novos Poemas foi-me por isso duplamente agradavel — ao espirito e ao coração. A gente desde que chega a uma certa idade não faz novos amigos; vae perdendo os que tem. Imagina portanto a minha satisfação ao encontrar de novo no meu caminho um daqueles que eu julgava transviado! Recebe por isso os meus agradecimentos e as minhas felicitações. Estes Poemas pareceram-me os melhores da tua obra poetica, tanto pela elevação do pensamento como pela perfeição da technica. Não te esqueças de mim sempre que poderes mandar-me presentes d'esta natureza, Grande abraço do

teu velho am<sup>o</sup> e adm<sup>or</sup>  
Ant<sup>o</sup> Feijó

Meu caro Manuel,

Venho agradecer a tua carta, profundamente reconhecido. Não contava com essa consolação. Se tens faltas para comigo, não são menores as minhas para contigo. Abraço-te por isso de todo o coração e cheio de reconhecimento pela parte que tomas no meu grande infortunio

Teu velho e muito amigo  
Antº Feijó

Stockholmo, 28 de Dezembro de 1916

Meu caro Manuel,

Muito obrigado pelo offerecimento do teu pesame. É sempre grato receber provas de simpatia de amigos velhos, mas mais ainda quando se está naquella idade em que já se não podem substituir por outras aquellas que se vão perdendo. No estado de alma em que me encontro essas provas de simpatia avolumam-se e tomam um valor excepcional sensibilizando-me profundamente, tanto mais que ja são poucos os que se lembram de mim. Avalias por isso a satisfação com que recebi o teu livro, de que os jornais já me tinham dado noticia, e o prazer soffrego com que o li. Os jornais não me enganaram na recepção que lhe fizeram. Elogios merecidos. Nem as preocupações em que vivo, nem os limites de uma carta me permitem justificar as felicitações que te envio, com um grande abraço de muito agradecimento

Teu do C.  
amº velho e adºr  
Ant Feijó



de  
16649



